

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

Além do rural: os vínculos topo-biofílicos na interação visitantes e paisagem rural em Itu/SP

VERA LÚCIA DOS SANTOS

Orientadora: Profa. Dra. Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado

Tese de Doutorado elaborada junto ao Curso de Pós-Graduação em Geografia - Área de Concentração em Organização do Espaço, para obtenção do Título de Doutor em Geografia

Rio Claro
2005

910h Santos, Vera Lúcia dos
S237a Além do rural: os vínculos topo-biofílicos na interação
visitantes e paisagem rural em Itu/SP / Vera Lúcia dos
Santos. – Rio Claro : [s.n.], 2005
255 f. : il., figs., tabs., fots.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Orientador: Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado

1. Geografia humana. 2. Biofilia. 3. Topofilia. 4. Cognição.
5. Campo. 6. Cidade. I. Título.

DEDICO....

A Deus, o Criador;
Aos meus Antepassados,
Raiz da minha existência;
A minha Família
(Aparecido, Neuza e
Luciana), meu Alicerce;
A Lucy Marion, minha Luz;
Ao Eduardo, meu Amor;
Aos amigos, minha força;

Aos Sujeitos desta
História.....

sem eles ela não
seria
Escrita...

AGRADECIMENTOS

Quando nasce um desejo, uma aspiração em nosso âmago, o Universo imediatamente começa a preparar situações para nos levar à concretização dos nossos planos. Assim, ao longo dessa caminhada, vários foram os momentos, as situações, as pessoas que vieram colaborar na realização dessa Tese, seja com uma simples palavra, com discussões acerca da pesquisa, com a indicação de bibliografias, um aperto de mão ou a simples presença, muitos contribuíram com a realização desse sonho. Desta forma, ele é resultado não apenas das minhas inquietações e reflexões, mas da amizade, do carinho e compreensão, da paciência e do apoio de cada pessoa que me acompanhou nessa jornada, deixando, certamente, um pouquinho de si mesma registrado nas linhas que se seguem....A todos, **Muito Obrigada...**

Em especial agradeço,

Aos meus pais Aparecido e Neuza, pelo apoio constante, confiança, amor e por me ensinarem a valorizar e amar as pequenas coisas, acreditando sempre nas pessoas e num futuro melhor;

A Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, pela orientação sempre presente, pela amizade, pela empatia, por acreditar em mim desde a nossa primeira conversa em setembro de 1996 e compartilhar todo o seu conhecimento e maturidade científica com humildade e ética. É muito mais que orientadora, um exemplo de Mestre a ser seguido;

A minha irmã e amiga Luciana, pelo apoio, companheirismo, dedicação, paciência com as minhas constantes mudanças de humor, por me ajudar na digitação do trabalho, me acompanhar nos trabalhos de campo.... pela presença constante em minha vida;

Ao Eduardo Ikeda, muito mais que namorado... um amigo e companheiro sempre presente; por me acompanhar pacientemente em alguns trabalhos de campo a fim de fazer as fotos, pelo apoio, pela presença e carinho;

Ao Prof. Dr. Ângelo Martins de Souza Jr. pela amizade, empréstimo de material e, acima de tudo, por ter instigado em nós o tema dessa pesquisa, iniciado por ele no seu doutoramento;

Aos funcionários da Biblioteca e da Pós-Graduação pelo atendimento sempre tão eficiente e prestativo: Eliana, Valéria, Nilza, Moema, Vera, Sueli, Célia, João e em especial a Josimeire (Meire) e Mônica, por serem, acima de tudo, grandes amigas;

Ao Thiago Salomão Azevedo pela amizade e apoio na elaboração das figuras e organização da ilustração (capa) do trabalho;

A Marisa Merli Antonio, pela revisão deste texto.

Aos amigos próximos: Cristiane Reis, Fernanda Lobo, Gabriel Abraão, Fátima, Flávia e os distantes, mas sempre presentes: Fátima Gomes, Marta Ferreira, Inês Bachendorff, Fernando Xavier dos Santos, Jéferson dos Santos, Sandra Lúcia Videira;

Aos colegas da Pós-Graduação, em especial Renata Barrocas, Luciene Risso, Rosane Balsan, Rubens Hardt;

À Direção do Curso de Geografia-PUC/Campinas, Damaris Puga de Moraes, e à Coordenadora do Curso de Turismo- FAJ/Jaguariúna, Márcia Pinto Lima, pelo apoio, amizade, compreensão e torcida...

A todos os meus colegas de trabalho nas duas instituições que leciono (PUC-Campinas e FAJ-Jaguariúna): Larissa Bombardi, Lucas Melgaço, Rui Campos, Paulo José, Miro Plácido, Paulo Tremacoldi; em especial a Valéria Bastelli Pagnan pela amizade e por ter escrito o abstract e a Juleusa Turra, pelo empréstimo de bibliografia e troca de idéias;

Aos proprietários da Fazenda do Chocolate, Luiz Hacker; Camping e Pousada Fazenda das Pedras, Rita Maria, e da Fazenda Pirahy, João Pacheco, que gentilmente aceitaram a pesquisa e contribuíram em todos os momentos, sem nenhuma restrição ao desenvolvimento da mesma;

Às funcionárias das propriedades alvo de estudo: Estela (Fazenda Pirahy), Regina (Fazenda do Chocolate) e Sueli (Camping das Pedras), por me acompanharem na propriedade, prestarem esclarecimentos sobre algumas dúvidas e fornecerem a agenda dos passeios, facilitando o trabalho de campo;

Ao CNPq, pela concessão da Bolsa de Pesquisa, que nos dois primeiros anos de desenvolvimento dessa pesquisa permitiu que ela caminhasse...;

A todos os meus professores, sem exceção, pois cada um deles contribuiu para a minha formação e por me fazer acreditar que aprender e ensinar Geografia é gratificante;

Aos meus alunos dos Cursos de Geografia e Turismo (PUC-Campinas) e Turismo (FAJ-Jaguariúna) pelas discussões e amizade que me estimulam a aprender sempre mais...

“É tipicamente humano a totalidade e a riqueza da experiência. Quando estas qualidades são perdidas em meio à agitação da vida cotidiana, vamos procurá-las em outro lugar. Quando você reduziu a quase nada os compromissos com a sociedade, colocou sua mente treinada e extremamente ativa em um vácuo insuportável. Está é a essência da questão: para preencher este vácuo, você descobriu a tendência de unir-se à natureza”.

Uma carta a Thoreau (WILSON, 2002, p. 21)

RESUMO

A presente pesquisa tem como preocupação principal compreender as manifestações topo-biofílicas que ocorrem na interação visitantes e paisagem rural, tendo como área de estudo três propriedades rurais no município de Itu/SP, sendo as seguintes: Fazenda do Chocolate, Camping e Pousada Fazenda das Pedras e Fazenda Pirahy. Duas questões permearam seu desenvolvimento: “Há um vínculo que motiva as pessoas a ter contato com áreas ditas naturais, em especial, as paisagens rurais? Se há esse vínculo, como compreendê-lo?” Para tanto se adotou a pesquisa qualitativa e a análise categorial, identificando que os motivos pela escolha do campo estão impregnados de topofilia – elo afetivo entre as pessoas e os lugares físicos, e biofilia – afetividade emocional inata dos seres humanos para com as demais espécies. A pesquisa também conclui que memes – unidade básica promotora da replicação cultural humana, relacionados à paisagem rural como algo mítico e natural, tiveram sucesso como replicadores na conduta humana relacionada ao campo.

Palavras-chave: biofilia, topofilia, paisagem rural, meme, visitantes

ABSTRACT

The main concern of this research is to understand the topobiophilia manifestations that occur in the interaction between visitors and rural landscape. They were studied on three farms located in Itu city, São Paulo state - Fazenda do Chocolate, Camping e Pousada Fazenda das Pedras and Fazenda Pirahy. Two questions permeated its development : “Is there a bond motivating people to be in contact with areas considered as natural ones, particularly, rural settings? If there is, how to comprehend it?” For that, qualitative research and category analysis were accomplished, pointing out that the reasons for choosing rural landscapes are full of topophilia – affective bond between people and physical settings, and biophilia – emotional affectiveness innate to human beings towards the other species. This research also concludes that memes – basic unit for human cultural multiplication - related to rural setting as something mythical and natural had success as replicants on human behavior towards country areas.

Keywords: biophilia, topophilia, rural landscape, meme, visitors

ÍNDICE

LISTA DE TABELAS.....	iii
LISTA DE QUADROS	v
LISTA DE FIGURAS	v
LISTA DE FOTOS.....	vi
Uma pequena introdução	01
CAPÍTULO 1 - A trajetória humana no mundo natural: do <i>Homo</i>	
<i>habilis</i> ao <i>Homo sapiens</i>	04
A natureza humana e as novas dimensões na interação homem e meio ambiente.....	04
A natureza experienciada: da topofilia à biofilia/biofobia.....	18
O (re)encontro com a paisagem rural.....	49
CAPÍTULO 2 - Itu e as propriedades rurais: o passado	
e o presente	61
O passado e a vocação caipira.....	61
O presente e a tendência turística.....	69
A paisagem geográfica e o pólo turístico regional.....	71
As propriedades rurais: as fazendas centenárias e o (re) encontro com o rural.....	80
Fazenda da Serra ou Fazenda do Chocolate	83
Camping e Pousada Fazenda das Pedras	89
Fazenda Pirahy	95
CAPÍTULO 3 - A busca da paisagem rural: simples passeio?	103
A Realização da Pesquisa	104
Propósito e Objetivos	106
Definições Conceituais e Operacionais	108
Procedimentos da Pesquisa.....	115
Caracterização dos Sujeitos.....	115
Instrumento de Medida.....	122

Coleta de Dados.....	124
Resultados e Discussões	124
Manifestações Topofílicas.....	125
Manifestações biofílicas/biofóbicas	187
CAPÍTULO 4- Biofilia, Topofilia e Paisagem Rural	236
Palavras Finais.....	245
Bibliografia	246
Anexos.....	255

LISTA DE TABELAS

Página

TABELA

1. Distribuição dos sujeitos por grupo e por sexo (n=20)	116
2. Distribuição dos sujeitos por grupo e por faixa etária (n=20)	117
3. Distribuição dos sujeitos por grupo e por grau de escolaridade	118
4. Distribuição dos sujeitos por grupo e por ocupação profissional (n=20)....	119
5. Distribuição dos sujeitos por grupo e por cidade/local de moradia (n=20)	120
6. Distribuição dos sujeitos por grupo e por tempo de moradia nas cidades de origem (n=20).....	121
7. Distribuição dos sujeitos por grupo e frequência das visitas (n=20).....	121
8. Distribuição dos sujeitos por grupo e frequência a outras propriedades (n=20)	122
9. Lugar de infância (n=20).....	125
10. Lugares secretos (n=20)	128
11. Tipos de lugares secretos	129
12. Lembranças de infância (n=20).....	131
13. Significado da lembrança (n=20).....	135
14. Motivos da escolha pelo campo (n=20)).....	139
15. Componentes paisagísticos valorizados (n=20).....	143
16. Valores afetivos (n=20).....	146
17. Lugar ideal(n=20)	150
18. Descrição do lugar ideal (n=20).....	153

19. Identidade da paisagem rural (n=20)	157
20. Significado atribuído a paisagem (n=20)	161
21. Valores afetivos (n=20).....	165
22. Manifestações tofóbicas (n=20)	168
23. Lugares preferidos (n=20).....	172
24. Satisfação com o lugar (n=20)	175
25. Frequência das categorias relativas às manifestações topofílicas (tabela 09-24)	186
26. Valor afetivo (n=20).....	188
27. Vínculos com outros animais (n=20)	189
28. Vínculos com insetos, aranha, escorpião (n=20)	193
29. Vínculos com as flores (n=20)	197
30. Vínculos com os pássaros (n=20)	200
31. Vínculos com as árvores	202
32. Vínculos com os rios (n=20)	206
33. Vínculos com sapos, cobras, insetos (n=20)	208
34. Sentimentos em relação a entrar na mata, ao fazer a trilha (n=20)	211
35. Valor atribuído ao contato com a mata (n=20)	214
36. Responsabilidade diante das espécies em extinção (n=20).....	217
37. Valor atribuído às espécies vivas (n=20)	221
38. Vínculos entre o campo e a saúde (n=20)	224
39. Frequência das tipologias biofílicas (tabelas 26-38).....	233

LISTA DE QUADROS

QUADROS	Página
1. Tipologia de Valores Biofílicos.....	34
2. Associados da Prótur	80

LISTA DE FIGURA

FIGURA	Página
1. Localização da área de estudo	62
2. Mapa Geomorfológico do município de Itu/SP.....	73
3. Mapa Altimétrico do município de Itu/SP.....	74
4. Localização das propriedades pertencentes à ASTUR.....	77
5. Localização das propriedades alvo do estudo.....	82

LISTA DE FOTOS

FOTOS	Página
1. Casa-sede da Fazenda do Chocolate.....	84
2. Produtos à venda (antiga senzala) – Fazenda do Chocolate.....	85
3. Antiguidades à mostra – (antiga senzala).....	85
4. Entrada da Antiga Senzala.....	86
5. Entrada da Capela de São Roque ao fundo	88
6. Entrada do Camping das Pedras	92
7. Área destinada aos campistas	92
8. Piscina com toboágua destinada aos visitantes.....	93
9. Área dos chalés para visitantes.....	94
10. Aspectos da Paisagem	94
11. Vista da paisagem com os matacões	95
12. Casa-sede da Fazenda Pirahy	96
13. Tachos de cobre utilizados para furo.....	97
14. Tonéis utilizados para a produção da pinga pirahy	98
15. Varanda da Fazenda Pirahy	99
16. Cavalo preparado para a cavalgada	101
17. Vista das pastagens da Fazenda Pirahy	101



Uma pequena Introdução

A sociedade em que vivemos nos impõe algumas questões que não podem mais ser negligenciadas, a fim de que a ciência não cometa o maior dos pecados: produzir o avanço tecnológico, mas não dispô-lo à melhoria da qualidade de vida em todos os seus aspectos. Hoje, sem sombra de dúvidas, vivenciamos as crises com certa angústia, pois é nítido que a atual ideologia econômica, posta como verdade absoluta a todos os povos de “fazer cada vez mais, com rapidez cada vez maior”, não contribui, absolutamente, nem para a felicidade, nem para o significado da vida.

Como as ciências sociais analisam esta questão? Certamente, cada qual sob o seu prisma, procuram entendê-la mais profundamente, seja com uma abordagem mais economicista, seja pelo viés antropológico, todos procuram entender os avanços alcançados e os novos rumos a serem tomados.

No que tange à Geografia, muito se avançou nas últimas décadas; olhares humanistas buscam entender cada vez com maior profundidade os homens e seus sentimentos, atitudes e valores inerentes à espécie humana para, a partir daí, compreender a organização espacial. Em cada pesquisa, uma nova descoberta e significativas contribuições que nos trazem novos argumentos em relação à importância desta abordagem para o avanço da ciência geográfica. Desde os precursores como Dardel (1952), Lynch (1960), Wright (1977), Lowenthal (1961), Tuan (1980, 1983), até os trabalhos mais recentes de pesquisadores brasileiros como Machado (1988, 1996, 1997, 2005), Oliveira (1977, 1983, 1996), Amorim Filho (1996), Souza Jr.(2001), há uma busca incansável por compreender novas aberturas e perspectivas no campo da percepção e cognição geográficas.

É nesse contexto que foi desenvolvida a presente pesquisa: num primeiro momento colaborar para o avanço dos estudos já desenvolvidos e, fundamentalmente, compreender os motivos que levam as pessoas a terem contato com o meio natural, no caso, o turismo no espaço rural, tendo como área de estudo algumas propriedades localizadas no município de Itu – SP. Parte-se do pressuposto de que não é apenas a vida estressante dos centros urbanos que motiva esta busca, mas atributos inerentes à natureza biológica e cultural. Entendê-los nos dará a clara dimensão de toda a dinâmica existente no espaço geográfico, bem como elementos para compreendermos a profundidade da atual crise ambiental que,

como afirma Machado (2003), é uma crise de percepção, embora haja sinais claros de uma mudança positiva de postura.

Neste caso, concordamos plenamente com Ward e Dubos (1973) ao afirmarem que é possível a mudança, mas ela não requer apenas uma revolução intelectual, tão pouco não é exacerbando os aspectos negativos da nossa conduta diante da natureza que a atingiremos. Serão necessárias convicções positivas e uma verdadeira revolução emocional para que a eficiência econômica, a equidade social e a prudência ecológica sejam, realmente, complementares e não excludentes, sejam realidade e não teoria.

Esta pesquisa desenvolve-se em quatro capítulos. No primeiro discute-se a trajetória humana no mundo natural, considerando que somos um produto desta evolução, mas que não podemos deixar de considerar a evolução cultural que a acompanha lado a lado, às vezes parecendo até possuir uma certa autonomia. Assim, escrever sobre a natureza humana nos impõe a complexidade tanto da natureza biológica como da cultural. Como arcabouço teórico para as discussões, nos apoiamos em Dubos (1974), Wilson (1997, 1999, 2002), Machado (1995, 2005), Claval (1999), Dawkins (1979) e Souza Jr (2001). Nesta etapa da pesquisa também discutimos a Natureza de forma experienciada, pautando-se fundamentalmente nos conceitos de **topofilia** proposto por Tuan (1980, 1983), **biofilia** e **biofobia** discutidos amplamente por Wilson (2002), e na pesquisa de Machado (1988), quando estudou a Serra do Mar Paulista como espaço, paisagem e lugar, considerando a percepção, atitudes e valores dos sujeitos envolvidos. O (re)encontro com a paisagem rural e os significados que permeiam o avanço da atividade turística nessa área finalizaram o capítulo, para o qual pesquisadores como Silva (2000, 2004), Telles (2004) e Castanheira (2001) foram de fundamental importância, já que enfocam a multifuncionalidade do campo e a diluição da fronteira geográfica entre campo e cidade, altamente perceptível nas últimas décadas.

O segundo capítulo apresenta a área de estudo, destacando não apenas as propriedades rurais e seu contexto histórico riquíssimo, mas o município de Itu e suas peculiaridades: o passado e a vocação caipira, o presente e a tendência turística, sua paisagem geográfica, fatores que, no conjunto, levaram à escolha da área para o desenvolvimento da pesquisa.

O terceiro capítulo expõe o desenvolvimento da pesquisa, desde os primeiros contatos com as propriedades até a tabulação e organização dos dados, que foram coletados pela

própria pesquisadora, através de instrumento de medida por ela elaborado. Em seguida, o quarto capítulo pontua os resultados alcançados e lança luz à questão de que há vínculos topo-biofílicos que norteiam essa ânsia contemporânea de contato com áreas naturais, nesse caso, com a paisagem rural, que não podem ser negligenciados por pesquisadores interessados no tema, muito menos por pessoas envolvidas na atividade turística, e que a percebem como uma estratégia para a conservação/preservação dos ambientes.



Capítulo 1

A trajetória humana no mundo natural: do Homo habilis ao Homo sapiens

A natureza humana e as novas dimensões na interação homem - meio ambiente

*O homem se faz a si mesmo através das escolhas esclarecidas das quais realçam sua condição humana
(René Dubos)*

Inúmeras são as pesquisas que buscam a compreensão da interação homem-meio ambiente, ora candentes de ecologismo, ora respaldadas no humanismo, ou mesmo admitindo a possível conexão entre ambos. Mas, sem sombra de dúvidas, é um desafio debruçar-se sobre este tema. Dada a sua amplitude e complexidade, todas as especialidades da ciência devem olhá-la como sendo a chave-mestra que nos levará a compreender, de fato, a perfeita (inter)ligação entre as naturezas biológica, humana, cultural e social; enfim, como nos relacionamos **no** e **para** o meio ambiente, como organizamos nosso espaço.

Ao longo do desenvolvimento social, científico e tecnológico, nunca se debateu tanto sobre a necessidade de novas formas de desenvolvimento. Conceitos como sustentabilidade, biodiversidade, comunidades locais, tomam posição de destaque nas pautas de reuniões, quer sejam científicas, quer sejam de governos e instituições. Qual o motivo? Um deles é evidente: vivemos em um momento paradoxal. Graças ao avanço científico e tecnológico nunca, em sua história, a sociedade dispôs de tantos meios para alcançar seus fins, ou seja, teoricamente possui condições para estar realizada quando o assunto é acúmulo de bens, o aumento do PIB, da renda per capita e o controle sobre os diversos acontecimentos, inclusive os de ordem físico-ambiental, como, por exemplo, prever furacões, terremotos e outros cataclismas que podem assolar vidas humanas.

No entanto, no reverso da moeda, talvez nunca em toda a história da humanidade as pessoas estiveram tão cansadas e deprimidas, envolvidas com trabalhos extenuantes, expostas a doenças mortais ou debilitantes, conflitos étnicos, cheias de horror e convivendo

diariamente com diversas formas de violência. Assim, as pessoas anseiam por fugir do seu cotidiano, da rotina do dia-a-dia, dos fatos tão previsíveis, desejando férias, conhecer novos ambientes, ter contato com novidades, encontrar a paz interior que, mesmo sendo interior, nos parece, às vezes, tão distante.

Considerando esta realidade, torna-se óbvio pensar que o grande motivo para tamanha mobilização seja simplesmente a vida estressante, principalmente em se tratando de grandes centros urbanos. Não importa que seja apenas por um final de semana, que haja filas e congestionamentos intermináveis, mas é necessário sair tão às pressas quanto um bandido em fuga.

Porém, a resposta não é tão simples. Muito provavelmente os verdadeiros motivos não sejam apenas o estresse e a curiosidade para ter contato com os novos ambientes, embora estes sejam reais; é necessário procurar entender a natureza humana mais profundamente, a fim de compreender seus anseios mais íntimos, ligados às naturezas biológica e cultural. Só assim conseguiremos entender, com mais precisão, determinadas ações e atitudes da sociedade em seu meio, quer seja ele natural ou construído. No âmbito do conhecimento geográfico tal discussão é fundamental, uma vez que o espaço geográfico é fruto não apenas das construções humanas, mais do que isso: é resultado das ações, das buscas, das idéias e interesses humanos. Procurar entender as relações existentes no espaço habitado pelo homem e recriado por ele, cotidianamente, requer do pesquisador a leitura de que a vida humana é altamente complexa e o resultado desta complexidade solidifica-se no espaço geográfico, tal como a pintura de um quadro é resultado das idéias, crenças e percepções do artista. Mas, o que é a natureza humana? Wilson (1999, p. 157) afirma com propriedade:

não são os genes que a prescrevem, nem a cultura, seu derradeiro produto. Pelo contrário, a natureza humana é algo diferente para o qual apenas começamos a encontrar uma pronta expressão. São as regras epigenéticas, as regularidades hereditárias do desenvolvimento mental que predispõem a evolução cultural em uma direção, e não em outra, ligando assim os genes à cultura.

Na verdade, escrever sobre a natureza humana não é tarefa fácil, muito pelo contrário, é um conceito fugidíio porque a compreensão da ciência sobre as regras epigenéticas ainda é rudimentar. Wilson (op. cit) cita alguns exemplos afirmando que estas regras oferecem um verdadeiro testemunho da base genética em nossa natureza, tais como: o medo paralisador

de serpentes, as propriedades alucinatórias dos sonhos, a construção de fonemas, algumas preferências elementares no sentido do paladar, detalhes na ligação mãe-bebê, a personalização de objetos inanimados, entre outros. O que se sabe atualmente é que algumas regras epigenéticas, inclusive a visão das cores, são traços primatas com dezenas de milhões de anos. Outras, como os mecanismos neurais da linguagem, são especificamente humanas e muito provavelmente remontam a apenas algumas centenas de milhares de anos. Na opinião de Wilson (op. cit.), a busca por compreender a natureza humana pode ser comparada com a arqueologia das regras epigenéticas, necessitando, sem dúvidas, de pesquisas interdisciplinares.

Algumas questões nos incitaram a tentar compreender a natureza humana de forma mais íntima: por que as pessoas, na grande maioria, estão cansadas e deprimidas, mesmo com todo o avanço científico e tecnológico que, teoricamente, facilitaria suas vidas? Por que esta ânsia em ter contato com a natureza? Qual a valoração atribuída às outras formas de vida? Até que ponto a conservação e/ou preservação ambiental é algo que se ensina?

Parte-se do pressuposto de que cada ser humano é único, não apenas no que se refere às suas impressões digitais, mas fundamentalmente à sua capacidade de interagir com o meio que o cerca, respondendo de forma criativa e inovadora aos diversos acontecimentos. Sendo assim, a criatividade, a inovação e a busca por vencer desafios são inerentes à espécie humana e, certamente, remontam às nossas origens. Compreender a natureza humana nas suas várias dimensões é necessidade vital para avançar na análise de questões fundamentais do nosso cotidiano, como por exemplo, as relações que traçamos com o meio ambiente e com os nossos semelhantes. Mas, o que podemos entender como dimensões da natureza humana? De forma simplista, escrever sobre a natureza humana é admitir que ela é resultado da ligação intrínseca entre as naturezas biológica e cultural, ou seja, a fronteira entre ambas constitui-se em um aparente paradoxo; ao mesmo tempo em que a cultura emerge da ação humana, a ação humana emerge da cultura. Neste sentido Wilson (1999, p. 158) apresenta o termo **co-evolução gene-cultura**, segundo ele, agora concebida por biólogos e cientistas sociais como sendo eventos causais que se propagam dos genes para as células, depois para os tecidos e dali para o cérebro e comportamento. Através da interação com o ambiente físico e a cultura preexistente, predis põem ainda mais a evolução da cultura. Mas, essa seqüência, ou seja, a ação dos genes sobre a cultura por meio da

epigênese, é apenas metade do círculo, a outra metade é o que a cultura faz com os genes. Como se desenvolve esta inter-relação? Wilson (op. cit) continua sua assertiva salientando que ao expressar a co-evolução gene-cultura de forma tão simples, obviamente não se minimizam os poderes criativos da mente, nem tampouco se maximiza a força dos genes. Afinal, os genes que prescrevem as regras epigenéticas do cérebro e comportamento não passam de segmentos de moléculas gigantes. Eles nada sentem, não têm nenhuma intenção, não se importam com nada. Seu papel é apenas desencadear as seqüências de reações químicas dentro da célula fertilizada altamente estruturada que coordena a epigênese. Seu poder se estende aos níveis de molécula, célula e organismo. Esse estágio inicial da epigênese, consistindo em uma série de reações fisiológicas, culmina na automontagem do sistema sensorial e do cérebro. Apenas depois, completando o organismo, a atividade mental aparece como um processo emergente. Em relação à importância do cérebro, Wilson (op. cit., p. 158) afirma:

o cérebro é um produto dos níveis supremos da ordem biológica, que são limitados por regras epigenéticas implícitas na anatomia e fisiologia do organismo. Trabalhando em uma torrente caótica de estímulos ambientais, ele vê e ouve, aprende, planeja o futuro.

Assim, o cérebro determina o destino dos genes que o prescrevem. Wilson (op. cit., p.158) completa: “através do tempo evolutivo, as escolhas agregadas de muitos cérebros determinam o destino darwiniano de tudo que é humano – os genes, as regras epigenéticas, as mentes comunicadoras e a cultura”. Em outras palavras, cérebros que escolhem sabiamente possuem aptidão darwiniana superior, ou seja, estatisticamente sobrevivem mais tempo e deixam mais descendentes do que cérebros que escolhem mal. Isto significa a sobrevivência dos mais aptos, tese muito debatida na ciência, soando como uma tautologia – o apto sobrevive e os que sobrevivem são aptos – mas, na opinião de Wilson (op. cit.), expressa um poderoso gerativo bem documentado na natureza. Durante centenas de milênios de história paleolítica, os genes que prescreviam certas regras epigenéticas humanas se multiplicaram e se espalharam à custa de outros através da espécie, por meio da seleção natural. Por esse processo trabalhoso, a natureza humana se organizou.

Interessante é destacar que a rapidez da evolução cultural no período atual nos sugere que a humanidade escapou de suas instruções genéticas ou, de algum modo, as reprimiu. Quanto a esta questão, Wilson (op. cit., p. 160) sublinha que é uma ilusão; na maior parte

da história evolutiva do *Homo sapiens* e de suas espécies antecedentes *Homo habilis*, *Homo erectus* e *Homo ergaster*, a evolução cultural foi suficientemente lenta, permanecendo rigidamente acoplada à evolução genética. A cultura e os genes subjacentes à natureza humana devem ter sido geneticamente aptos através desse período. No decorrer da época pleistocena, por dezenas de milhares de anos o desenvolvimento de artefatos permaneceu quase estático, e, pressupõe-se, o mesmo ocorreu com a organização social básica dos bandos de caçadores-coletores que os utilizavam. Desta forma, houve tempo suficiente, à medida que um milênio sucedia outro, para os genes e as regras epigenéticas se desenvolverem em harmonia com a cultura. Na época do Paleolítico Superior, porém, há cerca de 40.000 a 10.000 anos, o ritmo da evolução cultural se acelerou. Na fase seguinte, durante o avanço agrícola neolítico, a aceleração foi vertiginosa. De acordo com a teoria da genética da população, essa mudança foi rápida demais para ser acompanhada de perto pela evolução genética. No entanto, Wilson (op. cit., p.160) reitera que:

não há indícios de que os genes do paleolítico simplesmente desaparecem durante essa revolução criativa. Eles permaneceram em vigor e continuaram prescrevendo as regras básicas da natureza humana. Se não puderam acompanhar a cultura, tampouco a cultura conseguiu expurgá-los. Bem ou mal, eles levaram a natureza humana ao caos da história moderna.

Não há como negar que a natureza biológica tem sofrido incontáveis transformações no decorrer do tempo e em diferentes lugares, mas tem persistido simplesmente porque somos produtos de um longo processo evolutivo. Dubos (1974, p.57) já chamava a atenção quanto à colocação de Wilson apresentada acima, afirmando que:

a evolução cultural desde há muito tem sido de maior importância do que a biológica (genética), mas isto não significa que esta parou completamente, ou que é irrelevante em relação à evolução cultural. O próprio fato de que forças culturais estão mudando tão profunda e rapidamente os modos de vida torna certo que efeitos genéticos sobre o próprio homem eventualmente far-se-ão sentir posteriormente.

Mas, qual o significado da palavra evolução? De acordo com Dubos (1974, p.63), os biólogos neodarwinistas dão a esta palavra um significado mais restrito, ou seja, “as transformações de uma espécie resultantes de mutações espontâneas em seu equipamento genético e da seleção dos mutantes pelas forças ambientais”, ou seja, a seleção natural é um

agente que transforma os desafios ambientais em alterações genéticas da espécie, desencadeando mudanças evolutivas que facilitam o ajustamento genético.

Já no sentido lato, a palavra evolução simboliza as transformações progressivas de um sistema no decorrer do tempo, ou seja, analisada mais amplamente, a evolução implica sempre no aprendizado pela experiência. O aprendizado, por sua vez, “pode ocorrer pelo acúmulo de informação genética nos cromossomos, pela soma de conhecimento e habilidades no organismo individual ou por transmissão de práticas e saber em instituições ou na sociedade como um todo” (DUBOS, op. cit, p.74). Na verdade, os organismos vivos possuem uma admirável capacidade de aprender por meio da experiência e algumas características genéticas permitem que seu conhecimento seja transmitido às gerações futuras.

Dubos, discutindo a função dos genes, nos diz que são, em geral, estruturas muito estáveis e, assim, transferem naturalmente os atributos hereditários de uma geração para a seguinte. No entanto, há uma plasticidade e, assim sendo, os genes não são completamente estáveis. À medida que espontaneamente sofrem alterações, a espécie pode responder de maneira adaptativa às mudanças, utilizando formas mutantes.

Desta forma, a hereditariedade não determina traços fixos e rígidos, apenas controla os processos de desenvolvimento, processos estes que podem ser modificados tanto por variáveis genéticas como pelas ambientais. É claro que o grau de plasticidade varia muito nos diversos processos, por exemplo, os processos essenciais à sobrevivência e à reprodução são protegidos de distúrbios ambientais e genéticos, ou seja, não são facilmente afetados pelo ambiente. As nossas características físicas, tais como: dois olhos, o coração com quatro cavidades, a temperatura do corpo sempre estável, o instinto de sucção do bebê, o impulso sexual, a capacidade de pensar e de aprender uma linguagem são características que se desenvolvem em todo ser humano, independente do ambiente em que vive. Fica claro que há limites para o conjunto de adaptações que o homem pode alcançar através das características adquiridas. Machado (1995, p.35) reforça esta questão esclarecendo que “não se justifica esperar que o homem seja capaz de se ajustar biologicamente a todas as novas condições criadas por ele através do avanço tecnológico, há nítidas fronteiras de tolerância que são guiadas pela potencialidade humana de adaptação”.

Isto significa que, assim como outras espécies, o *Homo sapiens* pode passar por mudanças genéticas que o capacitem a adaptar-se a novas condições ambientais, porém, a evolução biológica (genética) é muito lenta, como salientado anteriormente; é difícil acreditar na possibilidade de uma perfeita adaptação às rápidas mudanças tão evidentes no meio ambiente atual. Felizmente, é possível certos ajustamentos fisiológicos e psico-sociais que podem ser feitos sem alterar a base genética, como nos lembra Dubos, embora, muitas vezes, possam resultar em enfermidades, já que são estressantes, mas tais ajustamentos são importantes porque nos permitem sobreviver em meios ambientes potencialmente nocivos e perigosos.

Com base neste conhecimento, os darwinistas sociais consolidaram a opinião de que a natureza, entendida como hereditariedade, determina em grande proporção as características das pessoas. Tal postura resultou em intensos conflitos na ciência quando o tema em discussão centrava-se nos atributos humanos.

Sigmund Freud, por exemplo, comentado na obra de Dubos (op. cit., p. 90), acreditava que a maioria dos complexos que perturbam a vida do homem são determinados pelas características do ambiente vivido durante a infância. Carl Jung, outro pesquisador citado, ao contrário, afirmava que só se pode compreender o homem considerando os diversos fatores que o cercam, desde o passado remoto, ou seja, associava o comportamento com protótipos tão antigos quanto a própria espécie humana. Todavia, o próprio Dubos (op. cit., p. 91) reforça sua posição quando diz: “os genes não determinam as características pelas quais identificamos uma pessoa, simplesmente governam as respostas às experiências a partir das quais se estrutura a personalidade”.

Descobertas recentes relacionadas à decodificação do genoma humano deixam nítido que, dependendo dos acontecimentos e das experiências, os estímulos ambientais podem determinar quais as partes da constituição genética serão reprimidas e quais as que serão ativadas. Além do mais, outras substâncias também podem atuar como ativadoras ou inibidoras, como por exemplo, os hormônios.

Assim, é fato lícito que o ambiente externo condiciona a maneira pela qual a constituição genética de cada pessoa se converte na sua realidade individual; isto porque o ambiente que nos envolve afeta constantemente a composição dos fluídos do organismo, ora introduzindo certas substâncias diretamente no sistema, ora influenciando na secreção

hormonal ou em outras atividades metabólicas que, por sua vez, alteram o meio intracelular que, obviamente, repercutirá na atividade do mecanismo genético. Desta forma, Dubos (1974, p. 91) conclui: “as experiências do indivíduo determinam o grau em que a constituição genética se converte em atributos funcionais que o tornam o que é e a comportar-se como o faz”.

Na verdade, viver é atuar e reagir, uma vez que os atributos físicos e mentais estão constantemente em contato com os estímulos ambientais e, portanto, são modificados por eles. Quando o organismo reage a um estímulo qualquer, ocorre aquisição de impressões que, certamente, alterarão sua resposta posterior ao mesmo estímulo. Dubos (op. cit.) ressalta que há dois órgãos responsáveis por armazenar estas informações na memória: o cérebro e o chamado sistema retículo-endotelial.

Quanto ao cérebro, sabe-se que até o momento da morte ele é capaz de registrar e armazenar experiência. Apenas não se sabe se neste momento a memória é consciente ou inconsciente, porém, mesmo as memórias subconscientes podem ser ativadas quando submetidas a determinados estímulos, mesmo que seja de fatos passados. No que se refere ao sistema retículo-endotelial, trata-se de um complexo de células distribuídas no corpo e que podem acarretar alterações nos tecidos que resultam nas diversas formas de imunidade e alergia. Um exemplo didático são as reações alérgicas; quando ocorre a sensibilização alérgica, o indivíduo a retém por muito tempo.

Com base nestas colocações, é correto afirmar que a constituição de cada pessoa é composta de um passado evolutivo registrado e armazenado nas várias formas de memória mental e biológica. No decorrer da vida, a constituição é modificada e enriquecida pelas reações que o corpo e o espírito apresentam aos estímulos ambientais, incorporando-se ao ser físico e mental das pessoas. Numa dada ocasião, a constituição de uma pessoa inclui as potencialidades que sua experiência tornou funcional, sendo os limites determinados pela constituição genética.

Sendo assim, por mais moderna que seja a vida humana, com certeza ainda somos influenciados por processos biológicos muito antigos, que não se alteraram desde os tempos do Paleolítico, embora agimos completamente alheios a esses processos, como se eles não existissem. Em circunstâncias normais da vida, tais atributos permanecem dissimulados, mas em outras situações constituem imperativos inescapáveis, principalmente quando

estimulados por nossa mente criadora. Neste sentido, concordamos com Dubos (op. cit., p.95), quando nos diz que as atitudes altruístas e a criação intelectual dependem, em parte, da capacidade de ouvir “a voz interior” e de buscar recursos em regiões da natureza humana ainda inexploradas. Infelizmente, convencionou-se chamar de irracionais todas as manifestações que a razão humana não explica, ao invés de chamá-las de não-rationais.

Talvez, tal fato ocorra porque a natureza humana almeje sempre prever o futuro, utilizando para isso simplesmente a razão; não há dúvidas de que possuímos uma propensão nata para imaginar o que ainda não existe e ao mesmo tempo traçar metas e ações deliberadas para atingir determinados fins, o que nos diferencia marcadamente dos outros animais. Além disso, o homem tende a simbolizar tudo o que lhe acontece, reagindo aos símbolos como se estes fossem os verdadeiros estímulos exteriores. Vale destacar que a reação de determinada pessoa a um fator externo é condicionada fisiológica e psicologicamente pelas suas próprias experiências passadas, sendo, portanto, estritamente pessoal. Dubos (op. cit.) reitera que as reações humanas são profundamente influenciadas pelo passado individual, que geralmente são imprevisíveis e parecem, à primeira vista, completamente irracionais.

Compreender a natureza humana, sem dúvida, é buscar entender mecanismos complexos, que só recentemente têm sido melhor analisados pela ciência. Um ponto é pacífico entre os vários especialistas: todas as percepções e coisas que a mente aprende se traduzem em processos orgânicos. O corpo reage não só ao estímulo em si, mas igualmente a todos os símbolos associados com as lembranças do passado, as experiências do presente e as previsões do futuro. Quanto à cultura propriamente dita, como podemos entendê-la?

Obviamente, no curso da evolução humana, o cérebro, o corpo e a cultura desenvolveram-se mutuamente por meio da atuação de processos altamente complexos, resultando numa interdependência sempre evolutiva, denominada por Wilson (1999) de co-evolução gene-cultura. Assim, as atividades do cérebro humano implicam certas características do corpo e certos padrões de cultura. Em outra obra, Wilson (1997, p. 345) salienta:

todos sabem que o comportamento social humano é transmitido pela cultura, mas a cultura é um produto do cérebro. Órgão altamente estruturado, o cérebro, por sua vez, é um produto da evolução genética. Possui uma infinidade de tendências programadas por recepção sensorial e a propensão de aprender

certas coisas e não outras. Tais tendências orientam a cultura num grau ainda ignorado.

Não há dúvidas de que a cultura pode ser definida, de maneira geral e didática, como “uma geografia do próprio homem”, como afirma Claval (1999). Isto porque a cultura só existe através de indivíduos aos quais é transmitida e que, por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a transformam e a difundem. Claval (op. cit., p. 89) nos diz que a cultura é indispensável às pessoas no plano da nossa existência material. É ela que nos permite a base necessária para a nossa inserção no tecido social, dando um real significado à nossa existência como membro de uma determinada sociedade. Não se trata de algo rígido, inflexível, fundamentalmente porque cada pessoa possui características próprias, e, mesmo expostas de uma maneira específica à cultura, recebe-a sob forma diferente e com uma dose original de componentes. Um exemplo é o lar: o caçula não encontra as mesmas situações de transmissão de cultura que os primogênitos; os pais tiveram-no com mais idade, vive sob os cuidados dos irmãos e irmãs, que o protegem, e por vezes, assim como os pais, o repreendem. Os tempos mudaram, a escola não é mais a mesma, as férias não são passadas mais na pequena barraca que divertia o casal, mas numa confortável residência secundária em uma praia movimentada. Cada um faz, assim, da cultura, uma experiência ligada aos episódios da sua existência.

Isto comprova que os homens não são robôs, cujo comportamento é programado previamente pela sociedade ou pela cultura. Na verdade, as pessoas adquirem por meio da cultura atitudes para a ação, procedimentos para enfrentar situações diversas, regras a seguir e até mesmo modelos a imitar, não significando que há uma repetição indefinida das mesmas receitas. Neste sentido, Claval (1999, p. 107) sublinha que “a cultura não é uma realidade de essência superior e que ficaria congelada fora dos golpes da história. Ela muda mesmo quando as populações que a ela pertencem acreditam que esteja congelada”.

É claro que há sociedades que concebem sua cultura como um todo já constituído. Neste caso, as incitações a inovar são fracas e as mudanças de paradigma são mal vistas, ao passo que, em sociedades mais abertas, elas aceitam as transformações mais facilmente e acreditam no processo histórico. Hoje, diante da globalização econômica, da revolução tecnológica e informacional, da flexibilidade e intensidade das comunicações, as culturas mais fechadas são constantemente bombardeadas por idéias de mudanças, resultando em

intensos conflitos, que muitas vezes deixam de ser simples resistência e passam a ser verdadeiras demonstrações de fanatismo, como é o caso dos grupos terroristas.

No entanto, há sempre pessoas para questionar idéias recebidas, propor novas regras, inventar novos procedimentos. Ao longo da história é fato que algumas pessoas foram capazes de mudar profundamente o estilo e a base cultural que compartilhavam devido, em parte, ao fato de suas mensagens terem encontrado eco favorável: suas idéias iam ao encontro de inquietudes latentes e resolviam as dificuldades que as pessoas experimentavam no momento. Claval (op. cit., p.107) acredita que nas culturas abertas a estruturação do eu é tal que os indivíduos filtram o que lhes é proposto. Eles rejeitam aquilo que questiona seu equilíbrio psicológico e a ordem social que lhes dá suporte, e aceitam aquilo que os fortalece ou elimina os obstáculos aos objetivos da produção, da vida cotidiana ou das especulações intelectuais, e afirma:

a difusão das inovações e a capacidade de inventá-las não se explicam somente pela diversidade e densidade dos fluxos de informações recebidas. Eles refletem a maneira como os homens concebem seu papel e o futuro da sociedade onde vivem; elas são função da cultura que contribuem para transformar.

Fica clara aqui uma nítida relação entre a evolução cultural e a evolução biológica, ou seja, a capacidade de filtrar o que lhe interessa, visando não colocar sua sobrevivência em risco; é uma capacidade nata do ser humano, faz parte da nossa natureza biológica.

Trata-se de uma questão complexa que exige dos interessados no tema uma capacidade de olhar a natureza humana com uma visão holística, ou melhor, não se tratando de apenas uma natureza, mas várias que se conectam, se ajustam e evoluem concomitantemente.

Conforme escrito anteriormente, a própria variabilidade histórica e social sugere que o componente cultural adquira uma certa autonomia em relação ao componente biológico. Cabe aqui citar o trabalho desenvolvido por Souza Jr. (2001) quando estudou o Parque Estadual de Campos de Jordão, considerando-o como expressão de uma paisagem relictual. Ele destaca em sua pesquisa a existência dos memes, conceito proposto pela primeira vez por Dawkins (1979), para sugerir uma unidade da replicação cultural, tal como o gene é a unidade encarregada da replicação biológica. Meme deriva de mimeme, nome da deusa grega que simboliza as recordações e a memória.

Não precisamos nos esforçar muito para compreender que o meme não é simplesmente um sucedâneo da idéia, sendo muito mais do que ela, como ressalta Souza Jr (op. cit., p. 138), citando alguns exemplos: um poema infantil, uma melodia que guardamos por muito tempo e, que, após desaparecida da memória por um longo período, reacende com toda força diante de um estímulo; a preferência por determinados desenhos urbanos, entre muitos outros. Interessante é que os memes menos intensos desaparecem ao longo do tempo, ao passo que os mais fortes sobrevivem e continuam a se reproduzir com todo o vigor, passando de uma cultura para outra. Vale destacar Dennett (1998) comentado por Souza Jr. (op. cit., p. 139):

A evolução memética não é apenas análoga à evolução genética ou biológica, segundo Dawkins. Não é somente um processo que pode ser descrito de forma metafórica nesses idiomas evolutivos, mas um fenômeno que obedece exatamente às leis da seleção natural. E assim como os genes de animais não poderiam ter começado a existir neste planeta antes que a evolução das plantas pavimentasse o caminho (criando a atmosfera rica em oxigênio e nutrientes facilmente disponíveis que poderiam ser convertidos), a evolução dos memes não poderia ter se iniciado antes que a evolução dos animais abrisse caminho criando uma espécie – Homo sapiens, com cérebros que pudessem proporcionar abrigo e hábitos de comunicação que pudessem fornecer os meios de transmissão para os memes.

É da maior importância o fato de que:

meme é um agrupamento, um cluster de idéias que está solidamente implantado nos cérebros dos homens e mulheres que fazem parte de uma determinada cultura e sociedade. E, sobretudo: são idéias que se reproduzem de forma automática, não refletida, passando dos cérebros de uma geração para os da geração mais nova, (SOUZA JR, 2001, p. 140).

Mas qual a importância desta discussão para a ciência geográfica? Ora, ao assumirmos a postura que a Geografia é uma ciência que se preocupa com o espaço criado e recriado pelas diferentes sociedades, nos mais diversos momentos, a fim de atender objetivos claros e imediatos, não podemos negligenciar que as sociedades são formadas e conduzidas por pessoas que, no seu conjunto, trocam relações cognitivas e afetivas com o espaço, organizando-o.

De certa forma, as naturezas biológica e cultural regulam o relacionamento entre os seres humanos e a organização do espaço geográfico. No caso dos memes, aqueles que levam a uma organização inteligente e eficiente do espaço tendem a predominar sobre aqueles que não o fazem, já que a chance destes últimos sucumbirem diante da cultura que eles dominam é muito maior.

Um belo exemplo de tal situação é apresentado por Souza Jr. (op. cit., p.142) e está no fato de que hoje, dispondo de um nível de consumo muito maior que nos princípios da revolução industrial, as sociedades mais avançadas poluem muito menos que no passado. A explicação para isso está, em parte, no fato de que os memes que determinam posturas emocionais positivas e construtivas em relação ao ambiente natural tiveram, no decorrer deste tempo, um enorme sucesso em se replicar na conduta humana.

Não é mera coincidência que discursos e práticas voltados à preservação e conservação do meio ambiente, objetivando promover o desenvolvimento com sustentabilidade, possuam tanta aceitação pela maioria das pessoas. Todos, indiscriminadamente, sabem que a qualidade de vida está pautada, fundamentalmente, numa organização mais racional, mais limpa, mais equilibrada e menos competitiva no espaço em que vivem. Se não fosse por isso, por que tanta preocupação com o lixo produzido? Por que tanta ânsia em ter contatos com ambientes mais naturais e menos artificiais? Por que políticas visando a conscientizar a população sobre a importância da água? Por que milhões de pessoas cruzam o planeta em busca de conhecer biomas únicos, como por exemplo, a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal brasileiro?

Certamente porque sabemos, mesmo de forma não declarada, que a qualidade de vida humana está inextricavelmente ligada à qualidade do ambiente que nos cerca, exatamente como as duas faces da mesma moeda. Como nos diz Wilson (2002), todo mundo se considera um ambientalista convicto; ninguém nos diz abertamente “não me preocupo com a natureza”. Por outro lado, a frase “a natureza deve ser prioridade, vamos colocá-la em primeiro lugar” é analisada, pela grande maioria das pessoas, como expressões de movimentos ambientalistas *xixitas*. No entanto, é claro que os que afirmam que os seres humanos devem ter prioridade, pensam no ambiente a curto prazo, ao passo que os ambientalistas estão pensando no ambiente a longo prazo. Pensamos que ambos são sinceros e têm algo importante a nos dizer: os que vêem as atividades humanas com

supremacia afirmam que é necessário arranhar a natureza aqui e ali; os ambientalistas, por sua vez, observam que a natureza está morrendo por causa de milhares de arranhões que sofre diariamente. Assim, uma questão se coloca: como conciliar as nossas metas de curto e longo prazo? Wilson (2002, p. 172) expõe a sua opinião sobre esse assunto:

talvez, após décadas de acirradas discussões filosóficas, uma combinação ótima de objetivos possa resultar em um consenso mais satisfatório do que as soluções que seriam implantadas se um dos dois lados conseguisse a vitória total. No fundo, acredito, ninguém deseja uma vitória total. Os que defendem os seres humanos como prioridade gostam de parques e os ambientalistas não dispensam um automóvel movido a gasolina.

Na opinião do pesquisador, para a solução deste dilema o primeiro passo é evitar as alegações de superioridade moral fundadas em ideologias políticas e dogmas religiosos; o passo seguinte é o desarmamento. Wilson destaca que as armas mais destrutivas a serem combatidas são os estereótipos, as imagens de guerra total conjuradas para consumo popular por extremidades dos dois lados. É necessário buscar a solução pautada na ética em identificar e descartar as ideologias políticas e procurar uma base comum na qual o progresso econômico e a conservação possam ser tratados como uma única meta.

Desta forma, os princípios diretores de um movimento ambientalista unificado deve visar objetivos de longo prazo. Ainda, Wilson (2002, p.175) afirma: “se os dois séculos de história do ambientalismo nos ensinaram alguma coisa, foi que uma mudança de atitude acontece quando as pessoas deixam de olhar para si próprias e começam a olhar para outros seres humanos e para o resto da natureza”. Esta mudança se reforça na medida em que as pessoas ampliam os horizontes do bairro em que vivem para a nação e o mundo, a escala de tempo de sua geração para várias gerações e, finalmente, para o futuro da humanidade.

Há motivos, por um lado, para sermos otimistas; estamos começando a compreender as mudanças do ambiente global e suas repercussões na nossa vida cotidiana, o que nos faz sentir responsáveis não apenas pela vida de outras espécies, mas também pela salvaguarda da nossa própria. Ao mesmo tempo, a conexão existente entre a ciência e a tecnologia pode nos fornecer os meios para aumentar a produção de alimentos *per capita*, utilizando menos energia e matérias-primas, o que parece ser uma condição essencial para uma política de conservação em longo prazo e uma economia sustentável. Além disso, dentro de algumas décadas conheceremos com maior propriedade as bases biológicas da mente e do

comportamento. Isto, por sua vez, poderá nos levar a sucessivos progressos, principalmente nas ciências sociais, e a uma melhor capacidade de prever e evitar desastres políticos e econômicos (WILSON, 2002). A natureza, cada vez mais, poderá ser estudada não somente como o meio nutridor das criações humanas, mas também como experienciada e vivida considerando a relação homem-natureza, numa verdadeira interação, base para um desenvolvimento humano seguro e para a conservação da nossa biodiversidade. Por outro lado, não há como negar, o momento econômico hegemônico que vivemos tende a mercantilizar a tudo e a todos, inclusive a própria ciência e tecnologia. O desafio está lançado: meios para atingir o equilíbrio entre sociedade, cultura, economia e ambiente, nós temos, resta agora a consciência para colocar em prática ações e atitudes voltadas para a qualidade de um mundo mais humano e digno em todos os aspectos.

A natureza experienciada: da topofilia à biofilia e biofobia

No final, nossa sociedade será definida, não pelo que criamos, mas pelo que nos recusamos a destruir.
Sawhill (2000) apud Wilson (2002)

Como compreender a natureza de forma experienciada? Tanto filósofos quanto psicólogos, além de várias outras especialidades da ciência, buscam responder esta questão. Afinal, é a partir desta resposta que teremos subsídios para compreender, de fato, as atitudes e ações humanas, não só no ambiente físico, mas também no convívio social.

De acordo com a visão de Spinoza, comentado por Marin (2003), a natureza é a unidade de tudo que existe e, logicamente, o ser humano, como algo que existe, está vinculado a essa unidade. Desta forma, a visão de Spinoza ressalta que o ser humano, ao contemplar a natureza, redescobre a possibilidade de sintonia com ela.

Assim, Spinoza une à natureza todas as coisas, ao passo que Schelling observa na unidade infinita a fusão de tudo, esclarecendo que a descoberta do mundo passa necessariamente pela autoconsciência (VON USLAR, 1977). O autor prossegue fazendo

uma referência a Schelling, “só podemos saber o que é propriamente a identidade absoluta (totalidade) se antes a tivermos compreendido no próprio eu, através de um processo de contemplação intelectual”, (VON USLAR, op. cit., p.122).

Desta maneira, fica claro que as pessoas percebem o mundo à sua volta com base em sua própria experiência, que resulta em representações e percepções diversas. Leibniz corrobora neste sentido, defendendo a tese de que tudo o que fazemos e pensamos, em nossas representações e percepções, está relacionado com o mundo, que, por sua vez, se revela a cada um de nós sob um ângulo, uma perspectiva diferente. Neste mesmo âmbito, Marin (2003, p.13) afirma que “quando muitas pessoas estão reunidas em um espaço, este se apresenta a cada uma delas a partir de uma perspectiva inteiramente pessoal”, porém, à medida que as pessoas proferem seus pensamentos, traduzindo nas mais diversas ações, há a geração de novas representações e essas, por sua vez, impulsionam os indivíduos a novas posturas diante do mundo que os cerca.

Essa análise alicerça-se na base da unidade corpo-alma-mundo, expressa nitidamente na filosofia aristotélica. Marin (2003, p.13) nos diz:

enquanto parte da unidade, é incoerente tomar o corpo em uma perspectiva puramente funcional. Ele não estabelece, nesse sentido, contato com o mundo, mas com os outros elementos que são mundo com ele. Os órgãos dos sentidos não seriam tão somente instrumentos de percepção, mas o próprio corpo e, portanto, também a unidade.

Por outro lado, discutindo a questão dos sentidos, Tuan (1980) afirma que nosso corpo, de certa forma, nos limita a perceber o mundo de determinada maneira, pois compartilhamos percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuímos órgãos similares. A visão, por exemplo, dos cinco sentidos, é a faculdade mais valiosa quando a questão é entender e progredir no ambiente. Tal fato se explica na nossa própria evolução, já que evoluímos em ambientes arbóreos, num mundo denso e complexo que exigiu dos nossos ancestrais desenvolver o sentido da visão e aguçar ainda mais o olfato, por exemplo. Assim, adquirimos olhos grandes e o nariz encolheu para permitir aos olhos uma visão desimpedida.

É claro, o tato também nos fornece informações sobre o mundo, de forma muito precisa, conforme a prática. A natureza fundamental do sentido háptico nos é demonstrada quando refletimos que uma pessoa sem a visão pode atuar no mundo com bastante

eficiência, graças ao contato que mantém com tudo e com todos. Estamos assim sempre em contato, pois “o tato é a experiência direta da resistência, a experiência direta do mundo com um sistema de resistência e de pressões que nos persuadem da existência de uma realidade independente de nossa imaginação”, (TUAN, 1980, p.09).

A audição, por sua vez, é menos essencial aos primatas, incluindo os homens, do que para os carnívoros, que rastreiam as suas presas; as orelhas dos primatas são pequenas e carecem de mobilidade, comparadas às dos animais que caçam. Nossos ouvidos estão adaptados especificamente para a sobrevivência da espécie e para atrair o mundo através dos sinais auditivos. Todavia Tuan (op.cit, p.10) nos lembra que os olhos obtêm informações muito mais precisas e detalhadas sobre o meio ambiente do que os ouvidos, mas geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos. O canto de um pássaro, o estrondo do trovão, o choro angustiado, o som da chuva no telhado, o assobio do vento nos excitam com intensidade raramente alcançada pela imagem visual. Certamente, para muitas pessoas a música é uma experiência emocional mais forte do que olhar quadros ou cenários. Por que será? De acordo com Tuan (op.cit, p.10), “em parte, talvez, porque não podemos fechar nossos ouvidos como podemos fechar os olhos. Sentimo-nos mais vulneráveis aos sons. A audição tem a conotação da passividade (receptividade), que a visão não possui”.

Outro motivo pode ser que uma das sensações mais importantes do bebê e mesmo do feto é ouvir o som da batida do coração da mãe. É evidente que o bebê é sensível ao som, fazendo distinções claras entre o agradável, o confortante e o perturbador, muito antes que possa discriminar o mundo que o cerca com a visão.

O olfato, por sua vez, tem o poder de ecoar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente; um simples cheiro pode nos remeter em um instante a paisagens distantes a quilômetros ou vividas na infância.

Assim, Tuan (op.cit, p.12) afirma que o ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os sentidos, “os olhos exploram o campo visual e dele abstraem alguns objetos, pontos de interesse, perspectiva. Mas o gosto do limão, a textura de uma pele quente, o som do farfalhar das folhas secas no inverno nos atingem como sensações”.

Porém, no dia-a-dia da vida humana utilizamos uma pequena porção do nosso poder inato para experiências; qual órgão dos sentidos é mais exercitado, varia de indivíduo para indivíduo e de acordo com a cultura. Para os esquimós, por exemplo, o espaço não é fechado, pictórico, mas algo de várias dimensões e em permanente movimento. Eles aprendem a orientar-se com todos os sentidos em alerta; a direção do vento, a espessura da neve sob seus pés são indicadores de orientação tanto quanto a visão. Já, para a sociedade moderna, confiamos mais na visão e a partir dela experienciamos nosso ambiente com maior intimidade; o mundo moderno é visual, um conjunto de cores e formas. Desta forma, nossos sentidos nos colocam em contato com o mundo, sentindo-o mais próximo a nós; em outras palavras, uma verdadeira unidade. Isto não significa que percebemos o ambiente tal como o sentimos; a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. Mas, como o percebemos? Como nos diz Oliveira e Machado (2004), a resposta a esta pergunta é tanto filosófica quanto psicológica; a filosofia sempre procede do próprio indivíduo ou do objeto em si mesmo. Com o desenvolvimento da Psicologia, a percepção passou a ser um tema definitivamente ligado às pesquisas, acoplando-a às necessidades e interesses dos sentimentos, às emoções, às experiências, enfim à própria mente humana. As autoras (op.cit, p130) reiteram que

perguntas e respostas foram procedidas nas condutas e comportamentos dos indivíduos e dos grupos, no particular e no público, em todos os lugares e espaços, independente ou dependente da cultura, economia social, isto é, na transcendência histórica ou geográfica.

Obviamente as bases da percepção são fisiológicas e anatômicas e ocorrem a partir dos órgãos sensoriais. Mas, a percepção não é a sensação, vai muito além, pois se percebem, não as formas, mas os objetos que têm significado. Dentre inúmeros e complexos objetos, selecionamos aqueles que possuem importância exata para atender nossas necessidades e interesses naquele momento.

Oliveira e Machado (2004) nos lembram que as teorias psicológicas que se preocupam com a percepção são mutuamente exclusivas. A corrente empirista, por exemplo, entende o espaço visual como apreendido e a percepção é inferida a partir da experiência, do contato direto com os objetos.

A corrente inatista, por outro lado, defende a tese de que o espaço visual é intuído e a percepção, por conseguinte, é inata, reside no próprio sujeito. Na teoria de Skinner a base está no estímulo/resposta; assim, a percepção tem a ver com o controle do estímulo e do comportamento. Na teoria de Gestalt a percepção se processa através de uma organização sensorial, relativamente espontânea. Já a teoria de Piaget postula uma explicação cognitiva, sendo a percepção entendida como parte integrante da vida cognitiva do sujeito; é uma atividade, um processo. Com base na teoria de Piaget, a percepção é entendida como o conhecimento que adquirimos mediante o contato atual, direto e imediato com os objetos e com os seus movimentos, dentro do campo sensorial. Varia de indivíduo para indivíduo, é irreversível, é o aqui e o agora.

Oliveira e Machado (op.cit, p.131) reforçam que todas as teorias e explicações reconhecem os perceptos e os conceptos e sublinham:

percepto é aquilo que percebemos, é o produto da seleção segundo o significado, para atender a necessidade e o interesse; não é o objeto, nem a imagem mental, é o que percebemos, dependendo da contribuição do observador e do percebedor. Concepto é aquilo que concebemos, é o produto do filtro da inteligência, segundo a lógica, para atender, também, a necessidade e o interesse; não é o percepto, nem o objeto, nem mesmo o sujeito, é o que inteligimos, conceitualizamos e ideamos, dependendo da contribuição da inteligência, que por sua vez depende da idade, cultura e herança genética.

A grande diferença entre a teoria de Piaget e as demais é que Piaget defende uma atividade perceptiva, ou melhor, entre a percepção e a inteligência há um continuum, um processo entre ambas. Como a escola de Genebra entende esse processo? Como as antecipações, as comparações no tempo, as transposições do que foi percebido de A para B, a máxima exploração dos estímulos sensoriais que se desenvolvem de acordo com a idade.

Ainda vale destacar que os sistemas perceptivos são sensoriais e não sensoriais; a audição, o tato, o olfato e a visão equivalem ao sistema sensorial, enquanto os não sensoriais são: memória, cultura, imagem mental, personalidade, experiência, transmissão da informação, orientação geográfica e leitura (OLIVEIRA e MACHADO, op.cit.)

Todavia, quando nos preocupamos com a percepção é necessário ter a clareza que ela é apenas parte de um processo. Após décadas de estudo, as pesquisas se voltam para a cognição, ou seja, a percepção, para a Psicologia, é o ato através do qual se organizam

nossas sensações e se reconhece um objeto exterior; já, a cognição é compreendida como um todo de um processo altamente complexo que envolve a percepção, o mapeamento do que foi apreendido, a avaliação e, por último, a geração de conduta e conseqüente ação. Como se dá este processo? A percepção é, como já definida anteriormente, seletiva e individual, estando sob o jugo dos nossos valores, nossas experiências e nossas memórias. Em seguida, tudo o que é percebido é mapeado de acordo com nossos filtros culturais, sociais e, ainda, individuais. Esses filtros dependem diretamente da nossa idade, sexo, grau de escolaridade e nível econômico. Após o mapeamento ocorre a avaliação; a mente humana atribui valores e forma julgamentos, definindo claramente as preferências. Com a avaliação chega-se à geração de conduta, ou melhor, de acordo com a avaliação há uma conduta, que expressa valores e expectativas; já a ação é a atividade, como produto imediato da própria conduta.

Com bases nesses pressupostos, a compreensão do processo de percepção e cognição ambientais vem se avolumando cada vez mais. A partir da década de setenta, multiplicaram-se as investigações sobre esse campo de análise, abrindo à Geografia novas perspectivas na busca para entender as organizações espaciais; surgia, portanto, a Geografia Humanista, propondo-se a pensar sobre o homem, sua especialidade, anseios, gostos, satisfações, indo além de analisar o homem e sua sociedade de uma forma reducionista.

Desde os primeiros escritos de Dardel (1952) e Wright (1977), até os estudos atuais como, por exemplo, a tese de doutoramento de Souza Jr (2001), que aborda a importância da paisagem relictual em Campos do Jordão-SP, sob o prisma da cognição ambiental, muito se avançou na compreensão do relacionamento homem-natureza.

Mas, sem sombra de dúvidas, os estudos atuais não seriam possíveis sem a contribuição de Yi-Fu-Tuan, que, cujas obras marcaram indelevelmente a Geografia Humanista. Tuan (1980) nos fala da Topofilia, em uma de suas obras, e da compreensão do Espaço e Lugar (1983), a partir da perspectiva da experiência, em outra obra igualmente relevante. Como compreender a topofilia? Qual a relação da topofilia com a natureza experienciada?

Tuan (1980, p. 107) definiu topofilia como os laços afetivos existentes entre os seres humanos e o meio ambiente, diferindo profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. Assim, a resposta ao meio ambiente pode ser, num primeiro momento,

puramente estética; em outro momento pode variar do efêmero prazer causado por uma vista até a sensação de beleza, que é subitamente revelada. A resposta também pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, a água, a terra. Porém, mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, que pode ser o lar, o local de trabalho ou o locus de alguma experiência especial.

Mesmo com toda esta evidência, a topofilia não é a emoção humana mais forte, segundo Tuan. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo. De qualquer maneira, a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar, e sentimentos topofílicos podem ser despertados a partir de uma imagem percebida que nos remete a uma sensação de conforto, de prazer, de segurança. Nesse sentido Tuan (1980, p. 129) afirma: “o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais”.

A topofilia, então, é o sentimento que nos faz experienciar a natureza, o meio ambiente, de forma tão íntima, numa verdadeira unidade com todo o significado afetivo da palavra. A pesquisa pioneira desenvolvida por Machado (1988) é um belo exemplo de como as pessoas vivenciam as paisagens, valorizando-as de forma totalmente experiencial, já que a definem como o espaço vivido cotidianamente. O envolvimento das pessoas para com o lugar foi facilmente detectado, através de diferentes modalidades de experiências destacados pela pesquisadora: ação (locomoção física no ambiente doméstico e na rotina do dia-a-dia); orientação (diferenciação e representação do espaço físico-social no âmbito do espaço vivido ou mundo conhecido); afetividade (sentimento que provém do acúmulo das experiências e implica ligação e atribuição de valor ao lugar). O conjunto dessas diferentes experiências se traduz na existência de um lugar especial, de alto significado para a vida cotidiana das pessoas, revelando ser muito mais que um ambiente locacional, mas uma paisagem mesclada de sentimentos, emoções e significados.

O grande mérito da pesquisa desenvolvida por Machado (1988) é que o trabalho evidenciou os conceitos de espaço, lugar e paisagem; tanto para os moradores que vivenciam a Serra do Mar como algo familiar e íntimo, quanto para planejadores e

pesquisadores que a observam sob o prisma conceitual. Assim, a autora (op. cit., p.119) nos diz:

o lugar Serra do Mar dos moradores, vivenciado cotidianamente, difere do espaço Serra do Mar dos estudiosos, consignado nos livros e ensaios científicos. A produção acadêmica, quase sempre muito distante do mundo-vida, está empenhada em ajustar a realidade às suas teorias, leis e modelos. Enquanto isso, uma expressiva gama de fenômenos cotidianos continuamente colocado à tona pelos usuários é sistematicamente negligenciada sob o argumento de que a ciência é isenta de valores e não pode trabalhar com significados, com o imponderável.

Desta forma há um descompasso entre pesquisadores e planejadores que concebem a natureza, os espaços e paisagens pelo viés conceitual, e os moradores que as valoram como seu espaço de vida, ou seja, seu lugar.

É evidente que passos largos foram dados no sentido de conciliar este descompasso; contudo, muitos passos ainda são necessários para se compreender a natureza humana e assim entender as diversificadas atitudes ambientais existentes no espaço geográfico e, só então, aliar o desenvolvimento tecnológico e científico à equidade social e à conservação e ou preservação dos recursos ambientais, ou seja, trata-se de um novo modelo de desenvolvimento, um novo padrão civilizatório.

Escrever sobre este novo modelo, entender suas bases e vocações, não é tarefa difícil. No campo da ciência, tal discussão ganhou forças a partir da década de 70, sendo que diversos pontos foram alvo de severas críticas. Mas essas discussões avolumaram-se, fundamentalmente, a partir da década de 90, não só quanto aos diversos interesses envolvidos, mas essencialmente no respaldo teórico e participação de toda a sociedade. A grande questão é que, para ser uma realidade, o desenvolvimento com sustentabilidade exige uma nova interação entre o homem e a natureza, e, antes de tudo, que conheçamos nossa própria natureza, nossos limites, e, a partir daí, possamos entender nosso processo de evolução e a relação que traçamos com outras formas de vida.

Certamente a vida humana é influenciada por fatores ambientais e é também condicionada pelo passado. Interessante, porém, é admitir que a vida de uma pessoa em particular ou de um grupo social se torna em grande parte aquilo que ela ou o grupo quer que seja, através de uma sucessão de escolhas deliberadas. Neste sentido, Dubos (1974, p.52) afirma que: “a história individual como social é o relato das maneiras pelas quais os

homens enfrentam os desafios de seu ambiente através da instrumentalidade de seus dotes inatos, dirigidos em cada etapa pela visão de seus objetivos”.

Estes objetivos, por sua vez, resultam na ocupação e uso dos diferentes espaços geográficos, sendo necessário admitir que pertencemos a dois mundos, como definiram Ward e Dubos (1973): um equivalente à nossa natureza biológica, que nos precedeu há bilhões de anos e do qual fazemos parte; outro, dos engenhos e dos artefatos, da ciência e da tecnologia, das instituições, ou seja, tudo o que criamos visando a moldar o ambiente aos nossos objetivos e direções. Assim, muitos aspectos do comportamento humano que parecem incompreensíveis ou até irracionais tornam-se significativos quando interpretados à luz da natureza biológica e das diversas experiências da espécie humana.

É necessário, então, olhar para o passado, não porque a história se repete, mas fundamentalmente porque o passado se incorpora em todas as manifestações do presente e irá, por conseguinte, ser a base para os novos avanços do futuro.

Atualmente a sociedade pós-moderna, marcada por competições e cobiça pelo poder político e econômico, pode ser melhor compreendida quando nos damos conta do antigo traço biológico marcado pela briga na demarcação do território e domínio das terras entre quase todas as sociedades animais. Outro exemplo é o instinto de brincar, que sempre fez parte da natureza do homem, assim como de outras espécies animais. Um fato mais recente é a ânsia das pessoas em ter contato mais direto com a natureza, exemplificado pela atividade turística no meio rural ou então pelo ecoturismo, representando talvez uma necessidade de retorno a áreas que são, na realidade, nosso ambiente natural.

Tentar negligenciar a natureza biológica, acreditando que o homem é um ser totalmente dissociado dos outros elementos naturais, equivale a negar o nosso passado, as nossas origens. Desde os caçadores do paleolítico, os agricultores do neolítico e os sumerianos da Mesopotâmia, a natureza biológica é uma herança que nos acompanha e está incorporada em todas as atividades e realizações da humanidade. Cabe aqui a referência a Wilson (2002, p.60),

não pousamos neste mundo como seres angelicais. Também não somos colonizadores alienígenas. Evoluímos aqui mesmo, uma entre muitas espécies, durante milhões de anos, e existimos como um milagre orgânico ligado a outros. O ambiente que tratamos com tanto desprezo e ignorância foi nosso berço, nossa escola e será sempre nosso único lar. Estamos adaptados as suas condições

especiais em todas as fibras de nossos seres e em todas as reações bioquímicas que sustentam nossas vidas.

Por que então nossa indiferença diante da natureza? Wilson (op.cit., p. 61) nos explica que na verdade trata-se de uma herança paleolítica, de uma característica básica da natureza humana. O cérebro humano evoluiu em regiões geográficas limitadas, com um número restrito de pessoas e apenas duas ou três gerações. Não olhar muito longe, nem no tempo, nem no espaço, faz sentido do ponto de vista darwiniano.

Desta forma, durante centenas de milhares de anos aqueles que buscaram vantagens imediatas, a curto prazo, abarcando um pequeno círculo de amigos e parentes, viveram mais tempo e deixaram mais descendentes. Em suma, a visão de longo prazo, que viesse a salvar seus descendentes distantes, exigia um altruísmo que ia contra seus instintos mais básicos.

Esta é a razão do maior dilema enfrentado pela sociedade atual; pela primeira vez na história da evolução humana os valores de curto prazo e os valores de longo prazo simbolizam uma balança: de um lado, nossas satisfações imediatas e um poder de consumo exacerbado, de outro, enxergar as gerações futuras, sua possível qualidade de vida, o ambiente que estamos deixando como herança. Estamos vivendo num momento crucial, já que dependendo das nossas opções estaremos deixando um ambiente melhor ou pior aos nossos descendentes. É necessário o equilíbrio, o uso da ética e da educação como instrumentos que sejam capazes de combinar os dois sistemas de valores, e assim melhorar a qualidade de vida atual e ao mesmo tempo garantir que as próximas gerações possam atender às suas necessidades.

É importante destacar que, quando se fala em gerações futuras, não estamos nos referindo à décima geração, pois tomar medidas visando atender às necessidades de uma geração tão distante realmente nos parece utópico. Trata-se, porém, dos nossos filhos e netos. Dada a mudança veloz das condições ambientais, diante da pressão antrópica e da magnitude dos diversos impactos, espécies estão desaparecendo antes mesmo de serem catalogadas pela ciência, rios estão se esgotando, reservas naturais estão sendo devastadas; enfim, no atual ritmo, possivelmente, dentro de poucas décadas, nossas próprias necessidades poderão não ser atendidas satisfatoriamente, quiçá dos nossos filhos e netos.

Atender nossas necessidades requer que tenhamos estreita interação com o meio que nos circunda, com as paisagens, com a natureza. Esta interação, por sua vez, não é meramente econômica, como infelizmente pensam alguns, nem tampouco apenas cognitiva, como por muito tempo acreditou a ciência; ela é também afetiva, experienciada. Isto porque as duas esferas que compõem nossa natureza humana são complementares e não excludentes: o cognitivo e o afetivo. Se não fosse assim, como explicar a ânsia por uma melhor qualidade de vida? Por que atribuímos valores e sentimentos não só às pessoas, mas às paisagens, aos fatos que ocorrem no nosso dia-a-dia? Por que sonhamos com lugares aprazíveis, que teoricamente nos aliviaríamos de todas as tensões e aflições? Por que o simples canto de um pássaro pode roubar nossa atenção?

É evidente que ao nos relacionarmos com o meio que nos cerca desenvolvemos gostos e preferências, atitudes e valores. Há paisagens e lugares que nos trazem sensações de conforto, há outros que nos incitam a sentir medo e angústia. No primeiro caso chamamos de topofilia, como já discutido anteriormente; no segundo, Relph (1979) identifica como sendo experiências topofóbicas, ou seja, aquelas que não são agradáveis e nos causam medo e aversão. O próprio Tuan (1980) dedicou atenção a esse aspecto quando publicou a obra intitulada *Landscapes of Fear*.

No entanto, entender a interação homem-natureza requer que tenhamos não apenas o conhecimento da topofilia e topofobia, mas, mais do que isso, é necessário compreender a biofilia, expressa por Wilson¹ em 1979, quando escreveu um artigo sobre preservação no *New York Times*. Mais tarde, em 1984, empregou-a como título e idéia central na obra *Biophilia*. A partir de então publicou várias reportagens, bem como a obra “*The biophilia hypothesis* (1993), juntamente com Stephen R. Kellert, e mais recentemente “*The future of life*” (2000), traduzido para o português em 2002, pela Editora Campos. Nesta última obra, o pesquisador retoma sua idéia central, mas com nítido amadurecimento e aprofundamento intelectual, discutindo não apenas a nossa relação com a natureza, mas os interesses sociais

¹ E. O. Wilson é um biólogo norte-americano (Birmingham, Alabama), nascido em 1929. Ainda muito jovem, tornou-se um cientista especializado em mirmecologia. Doutorou-se pela Universidade de Harvard, onde lecionava Zoologia Comparada. Fundou a Sociobiologia, que afirma que todo comportamento humano incluindo o altruísmo, é geneticamente baseado e, portanto, egoísta. Recebeu a Medalha Nacional de Ciência em 1977. Expôs suas idéias nas obras *Sociobiology: The New Synthesis* (1975); *On Human Nature* (1978), que ganhou o Prêmio Pulitzer; *Biophilia* (1984); *Consilience* (1998). Outros livros de Wilson são: *Insect Societies* (1971), *The Diversity of Life* (1992) e, com Bert Holldobler, *The Ants* (1990), com o qual novamente ganhou o Prêmio Pulitzer. A Real Academia de Ciências da Suécia concedeu-lhe o Prêmio Crafoord (destinado às áreas de biologia geral, oceanografia, matemática e astronomia não cobertas pelo Prêmio Nobel) por seu trabalho em ecologia. Ele recebeu outros 60 prêmios e medalhas em todo o mundo, além de 24 graus honorários. Em 1995, a revista *Time* nomeou-o uma das 25 pessoas mais influentes da América, e em 1996 uma lista internacional incluiu-o entre os cem maiores cientistas da atualidade.

e econômicos envolvidos – avança no conceito de biofobia e propõe soluções para as principais dificuldades que enfrentamos – mesmo com todo o avanço científico e tecnológico – momento esse definido por ele como “O gargalo”.

Dada a nossa natureza biológica, explica Wilson, a biofilia é a afetividade emocional inata dos seres humanos para com as demais espécies da Terra. Assim, para Wilson (1993, p. 32) a biofilia retrata a:

“innate tendency to affiliate with, and draw deep satisfaction from, other organisms – specific ones, certain species that we fixate on, certain habitats that we recognize as home based and also certain environments and that we recognize as ideal habitation”.

Com muita propriedade ele ressalta que estas emoções são ativadas quando entramos em contato com outras espécies ou ambientes naturais; variam da atração à aversão, da admiração à indiferença, da paz à ansiedade. São reações geneticamente inerentes a todas as espécies, embora nos seres humanos, por razões claras, são pouco manifestadas na vida cotidiana.

Na verdade, os sentimentos biofílicos são mais evidentes ou não, dependendo dos três graus de altruísmo apresentados por Wilson (2002, p. 153), que conduzem a respostas diferentes. O primeiro é o antropocentrismo, pautado na máxima: nada tem importância, a não ser o que afeta a humanidade. O segundo é definido como empatocentrismo, onde se julga que os direitos intrínsecos devem ser estendidos a cavalos, cães, chimpanzés e outros animais inteligentes com os quais sentimos certo grau de empatia. Por último, o biocentrismo, segundo o qual todos os organismos possuem direitos intrínsecos, como o direito à vida. Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, os três níveis não são excludentes; na vida real, muitas vezes coincidem. Em situações de emergência, podem ser apresentados na seguinte ordem de prioridades: primeiro o homem, depois os animais inteligentes e, por último, as outras formas de vida.

Porém, não há dúvidas, apreciamos a novidade e a diversidade nos outros organismos. A possibilidade de encontrar animais desconhecidos nos excita profundamente, seja no fundo do mar, nas profundezas da floresta ou no alto das montanhas. Segundo Wilson (2002, p. 154), “nos Estados Unidos, o número de pessoas que visitam jardins zoológicos é maior que o das que assistem a eventos esportivos. O setor mais popular do Zoológico

Nacional, na cidade de Washington, é o de insetos, que oferece as espécies mais exóticas e variadas”.

O autor destaca que um componente importante da biofilia é a escolha do habitat, ou seja, de acordo com estudos recentes na psicologia ambiental as pessoas preferem viver em ambientes naturais e especialmente em parques e planícies. Desta forma, Wilson (1993, p. 38) afirma:

there's no doubt anymore, from psychological tests, that people do prefer a natural environment in which to live. They want to have also a substantially modified environment for their habitation – and to provide food and protection. But then beyond that and given a choice, the vast majority of people – allowed to develop freely in their psychological preferences and where they go and what they experience – do prefer access to a natural environment. Clearly this is something very deep and very mysterious in the human psyche, and very important for human welfare.

Assim, as pessoas apreciam regiões planas, gramadas, com algumas árvores e moitas e, sobretudo, amplos horizontes. Gostam de estar perto de rios, lagos ou braços de mar. Procuram construir suas habitações em um terreno elevado, do qual possam observar em segurança a planície. É interessante ressaltar que praticamente todas as pessoas preferem este tipo de ambiente ao ambiente urbano, com pouca ou nenhuma vegetação; também não gostam de morar em florestas densas e em regiões montanhosas. Em outras palavras, nada que obstrua excessivamente a visão. Neste sentido o autor reitera:

as pessoas preferem observar seu território ideal a partir de uma posição segura, protegida por um domicílio. A escolha do lar e do ambiente, quando feita com liberdade total, combina um equilíbrio de abrigo para segurança e amplos espaços para serem explorados, (WILSON, 2002, p. 154).

Os corretores de imóveis e paisagistas compreendem muito bem este conceito de habitat ideal. Assim, mesmo quando não possui nenhum valor prático, este tipo de terreno é muito valorizado, atingindo um preço ainda maior quando convenientemente localizado nas proximidades de uma cidade, receita de grande sucesso para os condomínios horizontais que proliferaram na década de 90, em todo o território nacional.

As pesquisas apontadas por Wilson (2002, p.155) apresentam outro dado interessante: no caso das árvores, a maioria das pessoas entrevistadas revela uma clara preferência por

árvores de porte médio, com copas fartas, próximas do solo. Entre as espécies consideradas mais bonitas estão as acácias, que são os elementos dominantes das savanas africanas.

Tal preferência pela estética das árvores reforça a “hipótese da savana”, segundo a qual a humanidade teve origem nas savanas e florestas de transição africanas. Quase toda a história evolutiva do gênero *Homo*, incluindo o *Homo sapiens* e seus ancestrais imediatos, se desenrolou nestes habitats ou em habitats semelhantes. Em suma, a hipótese da savana, quando aplicada ao comportamento humano, salienta que o *Homo sapiens* está geneticamente ligado ao ambiente dos ancestrais e, desta forma, mesmo hoje em dia prefere este tipo de ambiente ao concreto e vidro das cidades.

Embora alguns pesquisadores a considerem absurda, é pertinente uma questão: será a hipótese das savanas um exagero evolucionista? Ao contrário: se observarmos o comportamento dos outros animais, toda espécie capaz de se locomover, dos protozoários aos chimpanzés, procura instintivamente o habitat mais adequado para viver e se reproduzir. Um exemplo citado por Wilson (2002, p.156) é o caso do mosquito africano *Anopheles gambiae*, transmissor do parasita da malária à espécie humana. Toda fêmea, para completar seu ciclo vital, deixa a poça de água estagnada onde nasceu e passou a vida como lava, e se dirige a uma aldeia próxima. Durante o dia, esconde-se nas frestas das paredes de uma casa; à noite, voa diretamente para um dos moradores, atraída pelo odor característico do corpo humano. Faz isto sem nenhuma experiência prévia e com um cérebro equivalente a um grão de sal.

Por analogia, não deve ser nenhuma surpresa que os seres humanos, que dependeram até recentemente de certos ambientes naturais para sobreviver, conservem uma preferência estética por savanas e florestas de transição. Wilson (op. cit., p. 156) destaca esta posição afirmando: “o que chamamos de gosto estético pode ser nada mais do que as sensações agradáveis que sentimos quando nosso cérebro recebe estímulos para os quais está geneticamente predisposto”.

É importante notar que, ao afirmar que existe um instinto, ou mais precisamente, um conjunto de instintos que pode ser chamado de biofilia, não significa dizer que nosso cérebro esteja pré-programado, fazendo-nos caminhar como zumbis ou como robôs até o parque mais próximo; estamos apenas predispostos a ter certas preferências. Segundo Wilson, os psicólogos que se preocupam em compreender o desenvolvimento da mente

afirmam que estamos hereditariamente preparados para aprender certos comportamentos e contra-preparados para aprender outros. Assim, a grande maioria das pessoas está preparada para aprender a letra de uma música, por exemplo, e contra-preparada para aprender cálculo diferencial e integral; em outras palavras, a primeira atividade nos enche de prazer, ao passo que a segunda nos deixa temerosos e impacientes. De acordo com a sugestão de Wilson, existem períodos sensíveis durante a infância e a adolescência nos quais é muito fácil aprender coisas novas e desenvolver preferências e antipatias; assim, estágios críticos da aquisição da biofilia foram levantados pelos psicólogos em estudos do desenvolvimento mental na infância e adolescência. Até os seis anos de idade as crianças tendem a ser egoístas, egocêntricas e dominadoras em suas relações com os animais e a natureza; muitas se mostram indiferentes e/ ou temerosas em relação à maioria dos animais. Entre seis e nove anos, o interesse por animais selvagens aumenta e mostram reconhecer que os animais podem sofrer e sentir dor. O conhecimento e o interesse pela natureza aumentam rapidamente e, finalmente, entre os treze e dezessete anos a maioria dos jovens adquire sentimentos de responsabilidade moral em relação ao bem estar dos animais e a conservação das espécies.

Nos Estados Unidos, outro estudo citado por Wilson aponta a existência de uma seqüência semelhante no desenvolvimento da preferência por habitat. Crianças entre oito e onze anos, quando estimuladas a escolher entre fotografias de vários ambientes, demonstram preferências por savanas em relação a florestas temperadas, florestas tropicais e desertos. Já os adolescentes se dividem entre savanas e florestas temperadas, ou melhor, os dois habitats com os quais tenham tido contato direto na adolescência. Este estudo, de certa forma, apóia a hipótese da savana: as crianças estão predispostas a preferir o habitat dos ancestrais, mas com o passar do tempo começam a gostar também do ambiente que lhes é mais familiar.

Compreender como as crianças valorizam e percebem os diferentes ambientes é de suma importância, visto que os lugares secretos da infância sendo ou não produtos do instinto, com certeza nos dispõem a adquirir certas preferências e a adotar práticas que, no futuro, serão importantes para nossa sobrevivência, além da denotar um cuidado especial com o meio que nos cerca.

Wilson (2002, p.158-159) ainda apresenta a relação entre biofilia e saúde, discutindo o resultado de algumas pesquisas neste sentido. Entre os exemplos, vale destacar: estudos de pacientes que estavam prestes a se submeter a cirurgias e tratamentos dentários mostraram uma redução significativa da tensão na presença de plantas e aquários, mesmo que simplesmente representados em quadros; pacientes submetidos a cirurgias se recuperaram mais depressa, sofrem menos complicações e necessitam de doses menores de analgésicos quando a janela do quarto tem vista para um campo aberto ou para o mar; em um estudo realizado na Suécia e que utilizou cinquenta anos de registros, os pacientes que sofriam de ansiedade crônica reagiram positivamente a quadros que mostravam paisagens naturais, mas negativamente a outros tipos de decoração (especialmente a quadros de arte moderna); por último, da mesma forma, estudos realizados em penitenciárias revelaram que os detentos mantidos em celas cujas janelas davam para fazendas ou florestas, e não para o pátio interno, apresentavam menos sintomas relacionados à tensão, como dores de cabeça e indigestão. Assim, as implicações da biofilia para a medicina preventiva se mostram muito claras.

Aprofundando o conceito de biofilia, Kellert & Wilson (1993, p. 59), baseados em pesquisas realizadas por diversos autores em vários países, desde os anos 70, e preocupados com as percepções humanas em relação à natureza, classificaram em nove tipologias o que consideram expressões universais da tendência biofílica existente na natureza humana, sendo as seguintes: utilitarista, naturalista, ecológico-científica, estética, simbólica, humanista, moralista, dominionística e negativista, cujas características são apresentadas no quadro a seguir, elaborado pelos autores.

Quadro 01- Tipologia de valores biofilicos

<i>Term (termo)</i>	<i>Definition (definição)</i>	<i>Function (função)</i>
Utilitarian (Utilitarista)	Practical and material exploitation of nature (Exploração prática e material da natureza)	Physical sustenance/security (Sustentação física/segurança)
Naturalistic (Naturalista)	Satisfaction from direct experience/contact with nature (Satisfação com experiências/contatos diretos com a natureza)	Curiosity, outdoor skills, mental/physical development (Desenvolvimento físico/mental, curiosidade, atividades ao ar livre)
Ecologistic-Scientific (Ecológico-científica)	Systematic study of structure, function, and relationship in nature (Estudos sistemáticos da estrutura, função e conexões na natureza)	Knowledge, understanding, observational skills (Conhecimento, compreensão, observação ao ar livre)
Aesthetic (Estética)	Physical appeal and beauty of nature (Atração física e pelo belo em relação à natureza)	Inspiration, harmony, peace, security (Inspiração, harmonia, paz, segurança)
Symbolic (Simbólica)	Use of nature for metaphorical expression, language, expressive thought (Uso da natureza para expressões metafóricas, linguagem, expressão do pensamento)	Communication, mental development (Comunicação, desenvolvimento mental)
Humanistic (Humanista)	Strong affection, emotional attachment, “love” for nature (Forte afeição, vínculos emocionais, “amor” pela natureza)	Group bonding, sharing, cooperation, companionship (laços coletivos, compartilhando, cooperação, companheirismo)
Moralistic (Moralista)	Strong affinity, spiritual reverence, ethical concern for nature (Grande afinidade, respeito espiritual, interesse ético em relação à natureza)	Order and meaning in life, kinship and affiliational ties (ordem e significado na vida, laços de dignidade e filiação)
Dominionistic (Dominionística)	Mastery, physical control, Dominance of nature (Superioridade, controle físico, domínio em relação à natureza)	Mechanical skills, physical prowess, ability to subdue (Habilidades mecânicas, destreza física, habilidade para subjugar)
Negativistic (Negativista)	Fear, aversion, alienation from nature (Medo, aversão, alienação em relação à natureza)	Security, protection, safety (Segurança, proteção, defesa)

Wilson & Kellert (1993, p. 60)

Org: Vera Lúcia dos Santos

Estas tipologias não são rígidas, ou seja, à medida que há modificações na relação e envolvimento das pessoas com o meio, ocorre o trânsito de uma tipologia para outra. Para os autores, o termo **utilitarista** está diretamente relacionado aos benefícios físicos derivados da natureza que, não podemos nos esquecer, é a base fundamental para a nutrição, a proteção e a segurança do homem. Um fato a ser destacado é que a partir dos últimos anos, de acordo com a opinião dos autores, tem havido um aumento progressivo do reconhecimento do valor genético, bioquímico e biofílico das diversas espécies, o que reforça ainda mais esta tipologia.

Quanto à tendência **naturalista**, está ligada aos sentimentos de satisfação, curiosidade, fascinação, encanto e respeito, decorrente do contato direto com o meio natural, da experiência íntima com a sua diversidade e complexidade. Segundo os autores, a descoberta e a exploração da variedade biológica, propiciadas pela tendência naturalista, facilitaram a ampliação do conhecimento do mundo natural, conferindo vantagens distintas à espécie humana, ao longo da sua evolução.

A tipologia **ecológico-científica** diz respeito à motivação para a investigação sistemática do mundo natural, bem como à convicção de que a natureza pode ser entendida por meio do estudo empírico. A dupla expressão, argumenta os autores, deve ser compreendida nas suas entrelinhas, ou seja, na tendência ecologista os processos ecológicos foram reconhecidos desde os primórdios da humanidade, fundamentalmente através da curiosidade e exploração, contribuindo, mesmo que timidamente, para frear as tendências de super exploração e abuso de ecossistemas e de espécies. Por outro lado, a tendência científica envolve uma ênfase maior no funcionamento físico e mecânico de entidades biofísicas, assim como na morfologia, taxonomia e processos fisiológicos. Infelizmente, esta perspectiva caracterizou-se pelo reducionismo, focalizando elementos constituintes da natureza sem se preocupar com a compreensão de organismos inteiros ou de suas relações com outras espécies e habitats naturais. Todavia, apesar desta ênfase restrita, usualmente divorciada do contato direto com a natureza, a perspectiva científica sempre compartilhou com a ecologista uma intensa curiosidade e fascinação pelo estudo sistemático da vida e dos processos naturais.

A expressão **estética** obviamente centra-se na beleza física da natureza, que, de acordo com a hipótese biofílica, apresentada por Wilson (1993), está entre seus atrativos

mais poderosos à espécie humana, instigando ao mesmo tempo, na maioria das pessoas, sentimentos de respeito. Como já dito anteriormente, há uma clara tendência humana em preferir esteticamente cenas naturais às construídas, especialmente a vegetação e os elementos aquáticos.

Em 1984, na obra “Biophilia”, Wilson sublinha que com o estético nós voltamos ao assunto central da biofilia, ou seja, a resposta estética refere-se, na verdade, ao reconhecimento intuitivo humano do alcance ideal da natureza: sua harmonia, simetria e ordem como um modelo para o comportamento humano. Vale destacar que Wilson (1984) ainda reitera que o valor adaptacional da experiência estética da natureza está diretamente associado a sentimentos de tranquilidade, paz interior, bem-estar psicológico e autoconfiança. Além disso, a resposta estética para diversas espécies e paisagens reflete um reconhecimento intuitivo da maior probabilidade de comida e segurança associada com a experiência evolutiva humana.

A experiência **simbólica**, por sua vez, restringe-se ao uso humano da natureza como um meio de facilitar a comunicação e o pensamento. O uso da natureza como símbolo é facilmente percebido no desenvolvimento do idioma humano, com destaque para os animais. Neste âmbito, Kellert (1993) destaca que os animais são extremamente empregados na aquisição do idioma e da contagem nos livros de crianças pré-escolares. Os animais estão presentes nos mitos e lendas, contos de fadas e histórias diversas, levando as crianças a desenvolverem sua imaginação, pensamento expressivo e abstração.

A experiência da natureza entendida como **humanista** está ligada aos sentimentos emocionais profundos em relação a elementos individuais do ambiente natural, tais como determinados animais, árvores, forma geológica, certas paisagens. É interessante notar que às vezes esse intenso afeto dirigido a elementos individuais da natureza pode nos levar a considerar os animais como membros da família. Kellert (1993) assevera que a experiência humanista da natureza, de acordo com a hipótese biofílica, é responsável por uma forte tendência em cuidar de seus elementos individuais.

A esse respeito, recentemente Venturolli (2004, p. 114) publicou uma matéria sobre relacionamento das pessoas com os animais e destacou que “os seres humanos, enfim, não só se cercam cada vez mais de animais de estimação como os tratam de fato como membros da família, e com direitos idênticos à alimentação, saúde, bem-estar, afeto”. E esta relação

não data dos últimos séculos. A reportagem destaca que o primeiro indício concreto do elo afetivo entre um humano e um animal data de 12.000 anos, pois na região que hoje corresponde a Israel encontraram-se os restos fossilizados de uma mulher abraçada a um filhote de cão ou de lobo, correspondente a data citada acima, (op. cit., p. 118).

Ainda de acordo com Kellert (1993), ao longo da evolução humana a experiência humanista da natureza estimulou a união e o altruísmo não apenas entre os animais e as pessoas, mas fundamentalmente entre a própria espécie humana, que é uma espécie social dependente da cooperação externa e de laços de afinidade. O uso de animais companheiros, seja para a caça ou para a proteção, certamente contribuiu para o conhecimento de localidades diversas e o entendimento da natureza.

A experiência **moralista** da natureza refere-se aos sentimentos fortes de afinidade, responsabilidade ética e, até mesmo, reverência e respeito para com o mundo natural. Esta perspectiva está ligada à convicção de que existe na natureza um significado espiritual, de ordem e de harmonia, que tende a preservar a integridade, a estabilidade e a beleza do ambiente natural.

Silva (2002), comentando em sua pesquisa a tipologia apresentada por Kellert & Wilson (1993), nós dá um belo exemplo da perspectiva moralista, ressaltando a visão, ação e atitude dos povos indígenas. Em várias de suas crenças sempre houve o mais profundo respeito com o mundo natural como um ser vivo e vital, estando eles convictos da reciprocidade contínua entre os homens e a natureza, e certos de uma ligação entre a identidade humana e a paisagem natural. A autora afirma:

esta perspectiva moralista, articulada em um contexto social, poderia ter nutrido no processo evolutivo humano, sentimentos de parentesco, afinidade e localidade, que conduziram à cooperação, altruísmo e comportamento solidário. Uma forte afinidade moralista com a natureza também poderia produzir o desejo de protegê-la e conservá-la por sua significação espiritual, como se verifica na sacralização de espécies animais em algumas culturas. Uma vantagem biológica poderia ser conferida àqueles que sofressem uma sensação profunda de bem-estar psicológico e autoconfiança produzida pela convicção de um significado da vida, (SILVA, 2002, p. 32).

Em outras palavras, esta perspectiva, nos dias atuais, é fundamental para que as nossas ações e atitudes com o meio natural sejam permeadas pela ética, pela qual aqueles

que hoje vivem serão definidos e julgados por todas as gerações que virão, na opinião de Wilson (2002).

No outro extremo, a experiência **dominionística** refere-se ao desejo de dominar o mundo natural. A base desta perspectiva é a luta pela sobrevivência, marcada pela eficiência em subjugar, pela capacidade para dominar e, acima de tudo, habilidades físicas e coragem. Silva (2002, p. 32) reforça que:

esta perspectiva ter-se-ia manifestado com maior frequência nos períodos mais antigos da evolução humana, já que sua ocorrência atualmente estaria associada muitas vezes com tendências destrutivas, desperdícios e depredação do mundo natural, além de sua associação com tendências dominadoras exageradas.

Por último, a experiência **negativista** é caracterizada por sentimentos de medo, aversão e antipatia por vários aspectos do mundo natural. Kellert & Wilson (1993) admitem que existe uma vantagem biológica potencial advinda desses sentimentos, pois a disposição para temer e rejeitar aspectos ameaçadores da natureza é uma das forças físicas existentes no mundo natural, que possibilitou nossa sobrevivência ao longo da evolução humana.

Recentemente Struminski (2003) desenvolveu uma pesquisa discutindo a relação que os seres humanos mantêm com as montanhas, utilizando o conceito de biofilia e a aplicação das tipologias biofílicas discutidas acima. A escolha das montanhas como objeto de estudo justifica-se pelo fato de que a subida de uma montanha sempre muda a perspectiva do ser humano com o seu mundo; ora o esforço físico e mental para a ascensão valoriza a pessoa, ora a mudança de escala mostra um mundo maior e um ser humano reduzido na paisagem. Assim, o autor afirma: “a ascensão de montanhas tem um impacto forte na consolidação de valores biofílicos ou na aquisição de novos valores”, (STRUMINSKI, 2003, p. 126).

O autor ainda lembra que Tuan (1980) já chamava a atenção para o caso da montanha como exemplo de mudança da atitude humana com relação à natureza. No início, as montanhas eram vistas como remotas, perigosas e distantes (visão negativista) em contraposição com os vales ou planícies; houve momentos, porém, que civilizações orientais e ocidentais consideraram-na como o lugar onde o céu e a terra se encontram e a prova disto é que muitas delas, até hoje, trazem em seus cumes cruces que simbolizam uma religiosidade extremada (visão moralista).

Porém, tal postura modificou-se sensivelmente nos últimos anos. Inicialmente o temor combinava com a aversão, em seguida passou a ser sublime, depois tendeu para o pitoresco e, finalmente, para a visão atual e moderna das montanhas como recreação (visão naturalista). Com a facilidade cada vez maior para as viagens, as montanhas perderam muito da sua aparência proibida, ganhando novos valores, inclusive propósitos científicos e de lazer. Ao mesmo tempo, desenvolveram-se conhecimentos de que o ar leve e a água pura da montanha promovem bem-estar físico (visão utilitarista), levando à construção de sanatórios, hotéis e outros empreendimentos turísticos à sua volta.

A partir das décadas de 70 e 90, com a realização das Conferências Internacionais atribuindo ao meio ambiente sua real importância e, concomitantemente, discutindo sua fragilidade diante das ações antrópicas, percebe-se uma clara ampliação da visão ecológico-científico em relação a todos os recursos naturais, inclusive às montanhas. Assim, o ser humano assume o papel de “protetor” da natureza que até então mal conhecia; claro, infelizmente tal postura muitas vezes não significa a responsabilidade do zelar, do conservar e do preservar; muitos ainda agem como proprietários da natureza, achando-se no direito de utilizar os recursos naturais como bem entendem e necessitam.

Desta forma Struminski (2003, p.127) conclui:

o temor, a religiosidade, o pitoresco, a possibilidade de conquista e do benefício à saúde, além da necessidade de proteção e utilização da natureza são, portanto, sentimentos e sensações que o ser humano carrega hoje de forma mesclada em relação às montanhas e que afloram quando são contempladas paisagens onde estão incluídos elementos montanhosos.

É claro que o homem nem sempre tem relações harmoniosas com a natureza. Durante a evolução da humanidade tivemos que conviver com predadores prontos a nos comer, cobras venenosas ávidas por um bote fatal, aranhas, insetos, micróbios, enfim, o reverso da natureza verde e dourada é a natureza vermelha e negra. Isto significa que ao lado da biofilia tem-se a biofobia. Wilson (2002, p. 161) nos diz: “como as reações da biofilia, as da biofobia são em parte instintivas e em parte aprendidas. Variam de indivíduo para indivíduo, de acordo com a hereditariedade e experiência”. De um lado da escala, estão um leve desagrado e sensações de desconforto; do outro, estão as fobias que estimulam o sistema nervoso simpático e resultam no pânico, em náuseas e em suores frios.

Wilson (op. cit, p. 161) continua:

as reações instintivas de biofobia são muitas vezes produzidas por situações e objetos que eram vistos como perigosos por nossos antepassados, como lugares altos, lugares fechados, correntezas, cobras, lobos, ratos, morcegos, aranhas e sangue. Por outro lado, o homem não reage instintivamente a presença de facas, fios elétricos desencapados, automóveis e armas de fogo, pois estes objetos, embora muito mais perigosos no dia de hoje que os citados anteriormente, ainda não existem há tempo suficiente para produzir uma resposta automática na espécie humana.

Como as predisposições genéticas negativas podem se manifestar? Tudo indica que de várias maneiras. Às vezes uma experiência negativa é suficiente para produzir uma forte reação e uma fobia permanente – o estímulo responsável pode ser muito simples, como por exemplo, o ondular de uma cobra, a proximidade súbita de um animal. Se as circunstâncias envolvem algum tipo de tensão, provavelmente a probabilidade de que os efeitos sejam duráveis é maior. É válido salientar também que a experiência não precisa ser pessoal: muitas vezes testemunhar o que aconteceu com outra pessoa ou ouvir uma história pode induzir fobias em indivíduos predispostos. Tudo indica que as pessoas em que o medo foi implantado reagem de forma subconsciente e quase instantânea a imagens semelhantes. Wilson (2002) comenta que quando os psicólogos mostraram fotografias de cobras ou aranhas a pacientes, durante apenas 15 a 30 milissegundos, ou seja, em intervalos curtos demais para que as imagens fossem processadas pela mente consciente, as pessoas que estavam sugestionadas negativamente a estes animais levaram menos de meio segundo para apresentar contrações involuntárias nos músculos da face.

Tal como na biofilia, outra característica das aversões induzidas é a existência de um intervalo de sensibilidade que, como salientado anteriormente, corresponde ao período durante o qual o aprendizado é mais fácil e o traço em questão tem uma probabilidade maior de se estabelecer. Por exemplo, no caso da ofidiofobia (medo mórbido de cobras), da aracnofobia (medo mórbido de aranhas) e outras fobias associadas a animais, o intervalo de sensibilidade centra-se na infância, com cerca de 70% dos casos ocorrendo antes dos dez anos de idade. Por outro lado, a agorafobia é uma doença de adolescentes e adultos jovens, manifestando-se em 60% dos casos, entre quinze e trinta anos de idade, (WILSON, 2002).

Discutindo a biofobia, Silva (2002, p.33) afirma que vários estudos de condicionamento e de pesquisa genética de comportamentos, realizados em diferentes países, por vários pesquisadores, comprovaram que a espécie humana é biologicamente

preparada para adquirir e para não esquecer respostas adaptativas biofóbicas a certos estímulos naturais e situações que, presumivelmente, representam riscos à sobrevivência ao longo da evolução. A autora (2002, p. 34) cita Ulrich (1993), que corrobora com esta afirmação: “its is noteworthy that several investigators working in different fields have used entirely different research approaches “.

Aqui cabe uma questão: por que estudos com esta temática são relevantes no momento atual? Conforme escrito anteriormente, a história da humanidade não começou há apenas 10.000 anos, com a invenção da agricultura; começou há centenas de milhares ou até milhões de anos, com a origem do gênero *Homo*. Na verdade, nosso cérebro evoluiu em um mundo biocêntrico, não em um mundo tecnológico.

Não está se desenvolvendo aqui uma apologia à natureza biológica para justificar que a crise que vivenciamos hoje se deve simplesmente ao afastamento do homem do meio natural, embora este seja realmente um forte motivo. O avanço da técnica faz parte da vida humana; sempre vamos criar e inovar, sempre vamos olhar para frente, sempre vamos procurar entender as crises, nas suas diferentes versões, e vamos continuar investigando novos caminhos. Em suma, a natureza biológica e a natureza tecnológica não se excluem, pelo contrário, se completam.

Desde a descoberta do fogo, primeira descoberta tecnológica da humanidade, a sociedade vem passando por sucessivas transformações mas, com certeza, nenhum adivinho seria capaz de antever que o tempo e o espaço poderiam se fundir e que o homem se distanciaria tanto do meio natural. Passado, presente e futuro se tornam sincrônicos e a natureza ameaçada pela ambição humana. É exatamente isso que estamos vivenciando: um fenômeno global que se convencionou chamar de pós-modernidade.

O capitalismo parece homogeneizar todas as nações; as empresas expressam nova organização mundial, ultrapassando os limites geopolíticos do Estado-Nação. Somas de capitais conectam os quatro cantos do planeta, gerando, paradoxalmente, uma imensa descontinuidade territorial. Os Estados perdem sua supremacia diante de instituições supranacionais, como por exemplo, o Fundo Monetário Internacional- FMI e bancos como o BIRD e o BID, lutando para manter a ordem diante de tantas facções do terrorismo.

A ciência, a tecnologia e a informação formam o tripé que define os blocos econômicos, novas desigualdades regionais, novos rumos do desenvolvimento da economia

e a degradação acelerada da biosfera. Os movimentos sociais lutam contra o desemprego crescente, buscando o diálogo ao invés de posturas mais radicais, já que não há mais empregados, mas sim, sujeitos empregáveis.

Não há dúvidas de que há tempo livre, mas esse tempo é apropriado pela sociedade do consumo que cria novas necessidades e desejos, tais como: conhecer novos lugares, novas culturas, possuir bens muitas vezes desnecessários, visando apenas a manter o *status quo*, entre outras coisas.

Ao mesmo tempo, na contramão do desenvolvimento econômico globalizado, nota-se que a propagada crise econômica que vivenciamos reflete, na verdade, a esgotabilidade de um processo produtivo que escancara sua face perversa através das várias formas de degradação sócio-ambiental. Assim, ambientes naturais são exauridos, milhões de pessoas vivem na miséria absoluta, vírus e bactérias viajam de um lado a outro do planeta, espalhando epidemias e mortes em massa; violências de toda ordem atingem a todos indistintamente; a segurança, a educação, a saúde tornam-se sistemas frágeis diante de governos temerosos. Enfim, com certeza a lista se estenderia perante tantas transformações e revoluções centradas, fundamentalmente, na revolução técnica-científica-informacional que o mundo conheceu a partir da Segunda Guerra Mundial.

Decerto o momento atual foi longamente preparado e o processo de globalização não data das últimas décadas. A mundialização das relações econômicas, sociais e políticas se iniciaram com a extensão das fronteiras, ainda no século XVI, avançando por saltos através dos séculos de expansão capitalista, ganhando corpo no momento em que a revolução científica e tecnológica se impõe e em que as formas de vida no planeta sofrem uma verdadeira ruptura: as relações do homem com a natureza passam por uma reviravolta, graças aos formidáveis meios técnicos colocados à disposição da espécie humana.

Houve em todo esse processo espantosas mudanças qualitativas, mas, por outro lado, é necessário perguntar: a que preço? Ao preço de uma crise global, complexa, multidimensional, cujos desmembramentos afetam todos os aspectos da nossa existência - a qualidade ambiental, os meios e modos de vida, as relações sociais, a economia, a tecnologia, a política. Capra (1982, p. 19) já nos alertava: “é uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade”.

Boff (2002) acredita que o atual sistema capitalista, caracterizado como modo de produção e como cultura, na sua voracidade pode nos levar ao ecocídio, ao biocídio e, no limite, ao geocídio, isto porque o autor aponta três grandes **nós** criados pela ordem do capital, que merecem ser destacados: o nó da exaustão dos recursos naturais, o nó da sustentabilidade da Terra e o nó da injustiça social mundial.

Quanto ao **nó da exaustão dos recursos naturais**, Boff (op. cit., p. 37) chama a atenção para dados alarmantes que, nas últimas décadas, têm-se tornado ainda mais graves. Segundo o autor, desde 1972 perdeu-se cerca de 480 milhões de toneladas de solo fértil, significando que sessenta por cento das terras, um dia cultiváveis, já não o são. A irrigação extensiva, associada ao uso abusivo de substâncias químicas, leva à salinização das águas, que é um recurso limitado e extremamente frágil. Metade das florestas existentes no mundo em 1950 foram abatidas; somente nas últimas três décadas foram derrubadas 600 mil km² da floresta amazônica brasileira que é, seguramente, um dos biomas mais importantes do mundo.

Nesta saga humana, a cada dia desaparecem dez espécies de seres vivos, uma verdadeira dizimação nunca antes cometida, desde o tempo da extinção dos dinossauros, há 65 milhões de anos atrás. Com estas espécies desaparece uma biblioteca de conhecimentos, antes mesmo de a própria ciência ter contato mais profundo.

Tal como Capra e Wilson, Boff acredita que o motivo de todo esse processo de pilhagem do planeta está na imagem reducionista da Terra. Infelizmente ela é vista apenas como um reservatório de recursos a serem explorados. É reconhecida e valorizada por poucos como um supersistema inteligentemente articulado em sistemas e subsistemas conectados e interdependentes, de perfeita sinergia, que garante o funcionamento de todos e de cada um. A contaminação dos solos e de recursos hídricos, a produção de lixo nuclear, o esgarçamento da camada de ozônio, o aquecimento do planeta, a dizimação das florestas e a extinção das espécies nos levam a um questionamento óbvio: até que ponto o planeta Terra poderá suportar tantas agressões? Na verdade, ao longo do processo de sua formação, quando se verificaram imensas dizimações de espécies, aproximadamente 80-90%, no período cambriano há 570 milhões de anos, nosso planeta mostrou grande capacidade de resistência e regeneração, mas agora teme-se que o efeito acumulativo de sucessivos

impactos chegue a um ponto crítico que quebre o equilíbrio físico-químico-biológico da Terra.

Além deste cataclismo ambiental, e tão sério quanto, é o **nó da injustiça social** mundial. Como diz Boff (2000, p. 42),

é injusto e cruel manter um bilhão de pessoas na extrema pobreza. É injusto e perverso deixar morrer anualmente 40 milhões de pessoas, estritamente, de fome. É injusto, perverso, cruel e sem piedade tolerar que 14 milhões de crianças morram anualmente, antes de completar cinco dias de vida.

Na opinião de Boff (op. cit.), esse lado perverso do sistema capitalista não é nem inocente nem natural, e sim resultado de um modo de produção altamente predatório e iníquo. Portanto, para Boff, o chamado desenvolvimento sustentável constitui-se numa armadilha do atual sistema. O autor afirma que a categoria desenvolvimento é própria da economia, que, por sua vez, pauta-se num crescimento linear e sempre crescente. Já a categoria sustentabilidade provém da biologia e da ecologia e não se caracteriza por ser linear, muito pelo contrário, é um processo complexo, circular, de inter-retrodependências, que obedece à capacidade de cada sistema pertencente ao todo, daí ser entendido por ele como **nó da sustentabilidade da Terra**.

O autor prossegue sua assertiva, reiterando que sustentabilidade e desenvolvimento capitalista se negam mutuamente e que não há como os conciliar, pois na lógica são excludentes. Nesse sentido, nos diz Boff (op. cit., p. 43)

do que se precisa é uma sociedade sustentável que se dá a si o desenvolvimento que precisa para satisfazer adequadamente as necessidades de todos e do entorno biótico. O que se demanda é um planeta sustentável que possa manter seu equilíbrio dinâmico, refazer suas perdas e manter-se aberto a ulteriores formas de desenvolvimento.

Não é objetivo do presente trabalho discutir posições dos pesquisadores quanto ao desenvolvimento econômico capitalista e a sustentabilidade, porém, é interessante perceber a concepção de alguns que não acreditam em mudanças no atual sistema vigente. Além de Boff, Rodrigues (1999) também afirma que “não se descobriu ainda uma fórmula de conciliar preservação com utilização. Mais grave ainda é quando os textos oficiais se referem à conservação associada ao uso”, ou seja, a autora defende que toda e qualquer ação deve ultrapassar a intervenção do Estado e da empresa privada, envolvendo a

sociedade civil no seu conjunto, mediante a atuação das ONGS, das associações de bairros, das universidades, nos seus programas de pesquisa e de extensão. Só assim as necessidades locais serão respeitadas, havendo uma verdadeira potencialização dos recursos naturais e humanos, enfim, a valorização seletiva das diferenças, representadas pela força do lugar. Assim, Rodrigues (1999, p. 30) propõe o conceito de gestão do território ao invés de desenvolvimento sustentável, que no entender de Becker (1993), citada por Rodrigues (op. cit., p.31), é um:

processo em que os esforços do desenvolvimento são baseados na parceria construtiva entre todos os atores do desenvolvimento através da discussão direta, onde as normas e ações são estabelecidas e responsabilidades e competências são definidas. Privilegia-se assim o poder local como base de desenvolvimento.

Na verdade, os pesquisadores preocupados com esta temática concordam num ponto: um desenvolvimento que busque harmonizar a equidade social com a preservação e conservação do ambiente requer que olhemos para o lugar e as suas singularidades. Tão importante quanto o conceito é esta aceção: não haverá desenvolvimento sustentável se não houver sociedades sustentáveis. Sendo assim, concordamos plenamente com Machado (2003, p. 143) quando destaca:

os cuidados com o planeta Terra e a vida sustentável podem depender das convicções das pessoas e de seu compromisso para com tais convicções, mas é através da comunidade que a maioria das pessoas pode melhor expressar esse compromisso. Quem se organiza para trabalhar pela sustentabilidade em sua própria comunidade pode representar uma força poderosa e eficaz, independentemente de ser sua comunidade rica, pobre, urbana, suburbana ou rural.

Para tanto a ética e a moral constituem o pilar fundamental, pois através delas poderemos chegar a uma vida sustentável, já que as pessoas agem de acordo com o que acreditam e aceitam. É através da ética que se definem responsabilidades, deveres, direitos e ações e cada pessoa passa a ser extremamente importante na transição para sociedades sustentáveis.

Mas, como ressalta Boff (2000), para tanto é necessário mudar nossa forma de pensar, de sentir, de avaliar e de agir. O autor assevera:

devemos ter mais sabedoria que poder, mais veneração que saber, mais humildade que arrogância, mais vontade de sinergia que de auto-afirmação, mais vontade de dizer nós do que dizer eu, como o faz sistematicamente a cultura do capital.

Somente com esta postura é que Boff (op. cit., p.50) afirma acreditar na solução para os **nós** apresentados anteriormente, chamando-a de um novo padrão civilizatório, mais solidário, mais ecológico e integrador, mais espiritual. Uma civilização que buscará a re-ligação com tudo e com todos, sob o signo da ética e da moral, na forma de mutualidade biofílica, entendida por ele como a reciprocidade entre os seres vivos, tendo como meta base a garantia do futuro do planeta e as condições necessárias para que o ser humano possa continuar a viver e a se desenvolver, como o faz há milhões de anos.

É evidente que o momento que vivenciamos atualmente não é único, dando-nos a impressão de que está próxima uma nova era. Já enfrentamos outras crises. No século X, por exemplo, os normandos e sarracenos atacaram impiedosamente a Europa Ocidental, desorganizando o cotidiano de seus habitantes e suas instituições seculares, saqueando igrejas e mosteiros. Na época, espalhou-se um temor em relação à chegada do ano 1000 e muitos acreditavam que ele marcaria o fim do mundo e que um novo universo espiritual passaria a existir. Havia, obviamente, aqueles que não acreditavam no final do mundo, mas admitiam que as condições de vida estavam sendo corrompidas pelos invasores bárbaros.

Apesar dos presságios do século X, o mundo não chegou ao fim no ano 1000 e tampouco a Europa adotou os métodos de vida dos bárbaros. Os escritos mostram que os sarracenos assimilaram a cultura grega, transmitindo-a às primeiras universidades do Mediterrâneo, de onde se espalhou por todo o mundo ocidental. Os normandos, por sua vez, criaram mosteiros, igrejas, catedrais e edifícios públicos. Seus chefes governantes difundiram a arquitetura românica e gótica por toda a Europa em louvor à Virgem e aos santos; em muitos locais suas cortes criaram uma atmosfera cavaleiresca na qual os trovadores converteram o culto à Virgem no culto à mulher (DUBOS, 1974). Na verdade, o que parecia ser uma grande crise e o fim dos tempos, marcava o início de um novo momento, com novo impulso e a adoção de novos valores e condutas, não apagando totalmente os avanços alcançados, mas adicionando novas idéias e necessidades.

A crise que tanto nos amedronta é, com certeza, o prenúncio de novos valores. É necessário atentar não apenas para o crescimento econômico, para as constantes

descobertas no mundo científico, mas, acima de tudo, avaliar valores intrínsecos à natureza biológica que nunca deixaram de existir, apenas ficaram encobertos diante de tanto entusiasmo com a possibilidade de que o homem pudesse vir a controlar livremente os ritmos naturais do meio ao qual pertence, sem nada sofrer.

Nesse panorama, infelizmente, a ciência colaborou com essa situação na medida em que chegou a acreditar, diante da abordagem reducionista, que poderia organizar o conhecimento do mundo natural em segmentos cada vez menores e que as ligações entre esses compartimentos não eram realmente importantes.

Tal postura, fruto da concepção cartesiana da ciência, pautava-se na máxima comentada por Capra (1982, p.53), parafraseando a tese central de Descartes: “toda ciência é conhecimento certo e evidente”, e completa: “rejeitamos todo conhecimento que é meramente provável e consideramos que só se deve acreditar naquelas coisas que são perfeitamente conhecidas e sobre as quais não pode haver dúvidas”. Afirmar esta posição é escrever que o método de Descartes é analítico; consiste em dessecar pensamentos e problemas em suas partes e, então, dispô-los em sua ordem lógica. Obviamente a contribuição de Descartes ao avanço científico é inegável, provando ser extremamente útil ao desenvolvimento das teorias científicas, bem como na concretização de complexos projetos tecnológicos. Graças ao método cartesiano o homem chegou à Lua, vacinas foram produzidas, o DNA foi compreendido. A concepção de ciência de René Descartes revolucionou não só a ciência, mas teve um efeito profundo no pensamento ocidental. Em decorrência da superioridade da mente em relação à matéria (Descartes defendia firmemente que as duas eram separadas e fundamentalmente diferentes), ele nos deixou o legado de acreditarmos que somos egos isolados existentes dentro dos nossos corpos; levou-nos a conferir ao trabalho mental um valor superior ao do trabalho manual; impediu a medicina de avançar no ramo da psicoterapia por desconsiderar a dimensão psicológica das doenças. Nas ciências humanas, colaborou para o empobrecimento da análise das várias organizações sociais, tolhendo a compreensão da sua dinâmica e complexidade; enfim, Descartes deu ao pensamento científico sua estrutura geral – a concepção da natureza como uma máquina perfeita, governada por leis matemáticas exatas, igualmente à engrenagem minuciosa de um relógio.

Esta aceção de natureza, que caracteriza a mudança na imagem de organismo para máquina, teve um decisivo efeito sobre a mudança das pessoas em relação ao ambiente natural. Antes, durante a Idade Média, a visão de mundo essencialmente orgânica conduzia as sociedades, graças às suas crenças e mitos profundamente enraizados à teologia, ao comportamento ecológico. Cabe aqui mencionar Carolyn Merchant, citada por Capra (op. cit. p. 56), para quem “a imagem da terra como organismo vivo e mãe nutriente serviu como restrição cultural, limitando as ações e os seres humanos. Não se mata facilmente uma mãe, perfurando suas entranhas em busca de ouro ou mutilando seu corpo”.

Essas restrições culturais desapareceram por completo quando ocorreu a mecanização da ciência. A concepção cartesiana da natureza como um sistema mecânico forneceu um alvará científico para a manipulação e a exploração da natureza, tão evidentes na nossa cultura.

Tal compreensão do meio natural nos levou, ao longo dos séculos, a desenvolver uma postura essencialmente imediatista, acirrando ainda mais o fosso existente entre o homem e a natureza. Talvez seja esta a raiz de todas as crises que vivenciamos atualmente; mais do que a crise da economia, da política, da perda de alguns valores culturais, sentimo-nos permanentemente num vazio. Estamos em um momento histórico em que a nossa sociedade está altamente habilitada no controle do mundo exterior e mesmo da mente humana, mas nossos relacionamentos com os semelhantes e com a natureza em si estão diminuindo constantemente de importância. Mais do que qualquer outra passada, a sociedade pós-moderna tem mais conforto, segurança e poderio; no entanto, a qualidade de vida é aviltada pela enorme quantidade de males físicos e emocionais que criamos. Vale destacar a opinião de Dubos (1974, p. 25) sobre essa questão, dada há 30 anos atrás:

o homem moderno é cheio de ansiedade, mesmo em tempo de paz e em meio à riqueza econômica, porque o mundo tecnológico que constitui seu ambiente imediato, ao separá-lo do mundo natural sob o qual evoluiu, não consegue atender algumas de suas necessidades imutáveis.

Isto não significa que o avanço científico e tecnológico seja prejudicial e desnecessário, muito pelo contrário, tornou-se indispensável à sobrevivência do homem, contribuindo significativamente para o aprofundamento do conceito de realidade, mostrando-nos alternativas de desenvolvimento em todos os setores da vida. Todavia, é

preciso reconhecer os limites e que, ao contrário do que muitos julgavam, não é a capacidade humana de manipular o mundo exterior o maior limite para o desenvolvimento das inovações sociais e tecnológicas, mas sim as limitações da própria natureza biológica.

O (re) encontro com a paisagem rural

*O que percebemos e aquilo a que reagimos
constituem o mundo que efetivamente
habitamos
(DUBOS, 1974, p.113)*

Graças ao desenvolvimento científico e tecnológico, a sociedade atual chegou no século XXI mais dinâmica, mais exigente, mais sábia dos seus direitos e, por que não dizer, mais inquieta. Sem sombra de dúvidas há uma mobilidade constante que motiva milhares de pessoas a saírem do seu lugar de origem, seja em busca do novo, movidas pelo desejo de fugir do cotidiano, para ter contatos com novas culturas, ou ainda por outros motivos, uma vez que as pessoas desejam atividades para o preenchimento total do tempo livre. Na verdade, a vida social, hoje, apóia-se em uma rede de relações freqüentemente especializada e, não raramente, multifacetada; vivemos a era da instantaneidade, da velocidade, do novo em detrimento do velho, e assim não nos relacionamos com as mesmas pessoas no ambiente de trabalho, no condomínio em que moramos, nos serviços gerais, na multiplicidade dos lazeres.

Discutindo esta questão Rodrigues (2000, p.112) afirma:

*assim, a montanha, a natureza exuberante ou a paisagem natural
convertem-se em um cenário, onde os cidadãos buscam
reencontrar valores eliminados da vida cotidiana pelo progresso.
Tal fato se traduz pela fruição da natureza na busca do autêntico,
pela necessidade de paz, tranqüilidade e repouso, pela valorização
da gastronomia local, tudo em nome da recuperação do equilíbrio
pessoal.*

Porém, a busca pelo natural não é um fenômeno recente. Talavera (2001) nos diz que entre 1726 e 1730, um poeta escocês, James Thompson, defendeu em sua obra *The Seasons* o prazer que proporcionam os lugares e os habitantes do meio rural, cultuados como

inocentes, bondosos e rústicos. Ruschmann (2000) nos lembra que na Europa, no século XIX, era visível a procura por atividades recreativas no campo; hoje, é claro que esta busca se intensifica e se pauta em novas realidades. Pode-se, então, perguntar: o que, de fato, as pessoas buscam? Várias pesquisas foram desenvolvidas com esta preocupação, valendo citar alguns itens elencados por Rodrigues (2000, p.113): a mudança de ambiente, permitindo a recuperação de energias perdidas; um contato mais direto com o meio natural; a convivência com pessoas cujos modos de vida são considerados mais simples em oposição aos padrões comportamentais urbanos; um lugar tranquilo, sem ruídos, considerado autêntico e natural. A autora observa que nessas motivações há explicitamente a busca das identidades perdidas, que envolve fortes vínculos com o lugar, observando que “busca-se o familiar em oposição ao estranho. Anseia-se por gestos e atos, por calendários e tempos diferentes daqueles ditados pelo relógio, pela solidariedade expressa pelos laços consangüíneos e ou pela vizinhança” (op. cit., p. 114), ou seja, a demanda do turismo no espaço rural é formada por pessoas que apreciam um turismo diferenciado, embora, na maioria das vezes, não abrem mão do conforto da vida urbana.

Corroborando com esta postura, Talavera (2001), reportando-se ao “cliente potencial” do turismo rural, caracteriza-o como pessoa que exalta os sentimentos, a imaginação, demanda espontaneidade e celebra, mesmo sem conhecê-lo, o “homem comum” de Rousseau. O autor completa: “é um neo-romântico desencantado com a sociedade urbana, mas que não pode renunciar permanentemente a seu cotidiano como cidadão”, (op. cit., p. 156).

Na verdade, na opinião de Talavera são pessoas que possuem apego por espaços e tempos mais imaginados que vividos e, assim sendo, são promotores de qualquer elemento que possa ser incluído em sua experiência. Trata-se do que Cohen (1979), citado por Talavera (2001), denominou de **formas turísticas experienciais**, ou seja, o indivíduo que busca a autenticidade na vida de outras comunidades, baseado na premissa de que a sua se perdeu. Esta autenticidade pode se caracterizar por ser **experimental**, quando as pessoas experimentam estilos de vida diferentes, e **existencial**, quando adquirem um novo “centro espiritual” como resultado de uma experiência de viagem ou mesmo uma combinação entre ambas.

Também preocupada em compreender essa demanda, Xavier (2000), através da abordagem qualitativa, desenvolveu um estudo na Pousada Aguapé, localizada no Pantanal do Miranda-Aquidauana, MS, revelando que encontrou basicamente três motivos que levaram as pessoas a optar pela viagem: o contato com a natureza, a necessidade de descanso e o desejo de conhecer outra região. Quando questionados sobre as atividades desenvolvidas no passeio, as mais valorizadas pelos turistas foram: a cavalgada, a caminhada, o passeio fluvial, a pescaria, a focagem de jacarés, ou seja, sempre o contato direto com a natureza.

Há várias questões que emergem a partir da análise da demanda e dos motivos que a mobilizam em busca do contato direto com o meio natural, fortalecendo atividades como o ecoturismo e o turismo rural, num movimento denominado por Rodrigues (2000, p. 115) de retrô. Uma delas se apóia no intenso marketing do ecoturismo e ou turismo rural, cujos anúncios prometem o reencontro da autenticidade, o resgate histórico dos meios e modos de vida das gerações passadas, bem como seus ritmos, seus gestos, suas ferramentas, seus laços e, fundamentalmente, a relação íntima com a natureza, numa reprodução lenta do tempo. A autora chama a atenção para o fato de que no imaginário coletivo a natureza e a herança dos costumes são capazes de compensar as dificuldades enfrentadas na vida urbana e quanto mais sofisticadas são as profissões exercidas na cidade, maior é a inclinação para o consumo de produtos determinados de ecoturísticos e ou rurais. É nítido um lirismo que permeia o imaginário coletivo sobre a vida rural, em qualquer parte do mundo, sendo, de acordo com a opinião da autora citada, produto do movimento romântico, surgido no seio das populações urbanas.

Assim, Rodrigues defende a tese de que a comercialização do produto ecoturístico ou do turismo rural é uma veiculação de estereótipos, da venda de imagens, de rótulos, visando atingir nichos de demanda diferenciados que não se satisfazem com o turismo tradicional do sol e praia e buscam modalidades alternativas. Para a autora, o marketing apóia-se fundamentalmente no estresse da vida urbana e na capacidade intrínseca da natureza de sobrepor-se ao artificial (vida urbana), sendo, portanto, regeneradora, além do fato de que o autêntico modo de vida do campo contrabalança o isolamento social a que as pessoas estão submetidas nas cidades. Com base nesta análise, Rodrigues (op. cit., p. 118) assevera:

parece que as pessoas não param para pensar que o princípio do equilíbrio pessoal não se encontra fora do sujeito. Sempre que se

desloca o eixo da felicidade para alguém ou para uma novidade, travestida de lazer ou turismo – no caso de uma viagem fantástica – está se negando um problema inerente a cada ser. A viagem, portanto, deve ser realizada no interior do sujeito. Caso contrário, na retomada das atividades cotidianas, seja na modalidade do turismo rural ou na de ecoturismo, a insatisfação, amainada (ou não) durante a viagem, reviverá e a realidade permeada por todos os seus monstros, poderá ser cada vez mais insuportável.

É óbvio que a autora destaca pontos verdadeiros quando escreve sobre o marketing e as formas utilizadas pela mídia para atrair e sensibilizar milhares de pessoas; no entanto, o marketing trabalha com necessidades já existentes; é lógico que a mídia suscita desejos, cria fantasias, induz a opções, mas não há dúvidas de que o marketing baseia-se no comportamento humano. Esta posição pauta-se fundamentalmente em uma das definições mais conhecidas de marketing, apresentada por Kotler (1980, p. 31), que sublinha: “marketing é a atividade humana dirigida para a satisfação das necessidades e desejos, através dos processos de troca”.

O objetivo da nossa pesquisa não é discutir o marketing, mas é necessário ressaltar que não basta criticar os slogans adotados ou a mítica dos cenários criados pelas variadas ferramentas de marketing e propaganda. Se existe marketing é porque existem necessidades e pessoas, caso contrário, não há como estimular o desenvolvimento da atividade turística ou qualquer outra atividade humana. Na verdade, no caso das pessoas que optam pelo turismo rural, é necessário perguntar: “como as pessoas que vivem na cidade percebem o mundo rural?”

Dissertando sobre esta questão, Telles (2004), em entrevista concedida a um jornal português, aponta: “o mundo urbano olha para o mundo rural de variadíssimas maneiras: uns com saudades, porque se lembram da sua terra, outros como um sítio ótimo para se passear ou merendar e outros como algo que é miserável”. Ainda de acordo com o pesquisador, aqueles que pensam que é miserável, vieram da miséria para a cidade, ou seja, renegam as origens.

Com o objetivo de perceber como leitores da revista Globo Rural residentes na cidade de São Paulo identificam o campo, Silva (2004) desenvolveu uma pesquisa de doutoramento, a respeito dos vários motivos que levam as pessoas a optarem pela mídia que trata especificamente de assuntos da vida rural, concluindo que o sonho com a casa no

campo, na verdade, revela o desejo de proximidade com o mundo natural, fruto do descontentamento crescente com o modo de vida na cidade. A autora salienta que muitos estudos enfocam a migração da área rural para os centros urbanos, destacando o fascínio que a cidade exerce em sua potencialidade de oferecer, aparentemente, soluções para as grandes demandas humanas como a educação, saúde, trabalho, cultura, lazer, entre outros. No entanto, também é necessário investigar sobre o encantamento que o universo rural exerce nas populações urbanas, principalmente em se tratando dos moradores dos grandes centros urbanos.

Não é mera coincidência que hoje assiste-se ao crescimento de fenômenos como o interesse por produtos naturais; os pacotes de turismo ecológico e rural; o uso na cidade de carros como modernos jipes, outrora considerados como modelos de veículos rurais; os recordes de venda de CDs de música sertaneja; os famosos rodeios que se expandem em todo o país; os inúmeros pesque-pague no entorno metropolitano; a grande audiência de novelas que abordam temas rurais; a abertura de casas noturnas de forró visando o público universitário; a oferta de chácaras de lazer para venda e aluguel; os isolados condomínios urbanos, que na verdade são rurais, enfim, a lista de exemplos se estenderia muito mais, numa prova concreta de que a paisagem urbana e rural não se excluem, muito pelo contrário, se complementam.

Diante desta constatação, Silva (2004) questiona: por que é tão comum moradores urbanos sonharem com uma casa no campo? A pesquisa desenvolvida pela autora revelou que a atenção do leitor, quando se trata da mídia pautada no rural, passeia por interesses diversos: das técnicas de plantio à música sertaneja, das biotecnologias à preservação do ambiente, do turismo rural às receitas de comidas típicas, e afirma:

o que se busca é manter contato com os modos de vida no campo e é aí que se pode começar a tecer reflexões sobre novas e antigas formas de relação do homem com a natureza, possíveis de serem apreendidas na leitura ou audiência de um veículo de comunicação e fortemente motivadas hoje pela condição sócio-histórica do leitor ou telespectador que vive na metrópole nesta virada de século.

Silva (2004) ainda diz que muitas pessoas tiveram contato direto ou indireto com o campo, seja fazenda, sítio, bairro rural ou até mesmo onde se formaram as primeiras periferias, nas bordas das grandes cidades, revelando que a escolha pela mídia dedicada ao

universo rural evidencia a saudade do lugar de origem, a força topofílica da terra natal. Não é apenas a saudade do local de infância e juventude, mas também a saudade de um tempo, um tempo cíclico, não linear. Silva (op. cit., s/p.) continua sua assertiva:

esta saudade do campo pode ser interpretada ainda como expressão de sentimentos míticos que o homem, até mesmo o mais urbano e moderno, carrega em relação à própria natureza, com a qual tinha uma ligação mais harmoniosa e intensa no tempo das comunidades primitivas.

Tal postura da autora reforça também a relação biofílica existente entre as pessoas e a natureza expressa por Wilson (1984) e apresentada anteriormente. O interessante é notar que esse anseio rural contemporâneo mostra-se no início do século XXI mais contundente e transgressor do que no ideário pastoral conhecido no romper da Revolução Industrial no século XIX, ou seja, é nítido um retorno, um (re)encontro com a paisagem rural.

Silva (op. cit.) ainda aponta que o imaginário despertado pela mídia incita não apenas a recordação, sensações experimentadas no passado, lembranças de infância, mas, acima de tudo, estimula o que a autora chamou de sonhos acordados, ou seja, cria-se na imaginação a forma mítica da casa rural sonhada, a ser construída no futuro, seja para visitas em finais de semana ou para se viver definitivamente. Na verdade, o sonho acordado é propulsor da vontade de transformar a vida, pois se manifesta como imaginação criadora, revelando os desejos mais íntimos.

A pesquisa de Silva (2004) explicita dois movimentos claros na sociedade atual e que não podem ser negligenciados pelos pesquisadores interessados no tema; o primeiro movimento diz respeito à mudança de percepção quanto à zona rural. O campo que outrora era percebido como espaço da precariedade social, o lugar das ausências e das desqualificações – sem água encanada, energia elétrica, estradas modernas, vai se diluindo em suas fronteiras geográficas, tecnológicas e culturais com o espaço urbano, sendo inapropriado atualmente qualificar urbano e rural com base nos benefícios da tecnologia. O meio rural passa a ser percebido como possibilidade de vida mais comunitária, e a cidade, que era a materialização da sociabilidade, é vista agora como o lugar que concentra miséria, solidão e as mais brutas formas de violência.

Neste âmbito Silva (op. cit, s/p.) afirma:

à poluição da metrópole o campo oferece hoje o ar puro, a água limpa, o alimento saudável. Ao ruído urbano, o silêncio; ao tempo

acelerado, o tempo longo. Contra a linearidade do tempo histórico, oferece-se a circularidade do tempo mítico, no ritmo das estações; contra a forma quadrática dos muros e as grades das moradias na cidade, a forma arredondada do campo. Contra a geometria das ruas urbanas, a geografia imprevista do rural. O campo feminino, natural, do descanso, da nutrição, da proteção desarmada, dos ciclos – no lugar da cidade masculina, construída, do trabalho, da hora marcada, do provimento, da defesa armada. O meio rural que era o lugar das ausências passa a ser então o lugar das presenças.

O segundo movimento está inextricavelmente ligado ao primeiro; percebe-se que o rural está na metrópole, quer seja na comida típica e hábitos alimentares, nas festas populares, na música, no sotaque. Obviamente foi massacrado pela modernidade urbana, mas criou espaços e modos de conviver com a cidade, constituindo-se em verdadeiros enclaves na metrópole. Desta forma, as paisagens urbana e rural se interconectam, cada qual com suas peculiaridades, mas ao mesmo tempo com singularidades próprias da criação humana, que habita tanto o urbano como o rural.

É nesse sentido que Telles (2004) escreve sobre as paisagens polivalentes, ou seja, uma vez que a paisagem é vivida pelo homem e evidencia a produção e a criatividade humana, ela se caracteriza atualmente, com mais intensidade, pela riqueza de funções que exerce. No caso da paisagem rural há claramente uma multifuncionalidade, porque dela se esperam: produção em quantidade e qualidade, preservação dos recursos naturais, conservação da natureza, manutenção da identidade e patrimônio cultural, lazer e turismo, bem como melhor qualidade de vida.

Agora nos cabe perguntar: e quanto à população local, será que está preparada para estas transformações no campo? Não há dúvidas de que as atividades ligadas à recreação e ao lazer têm crescido na estatística do turismo alternativo, entre as quais o turismo rural, não apenas na Europa, berço desta modalidade, mas em todo o mundo. No caso específico brasileiro, congressos sucedem encontros, enfocando desde os aspectos motivacionais dos turistas até as políticas públicas voltadas a atender às necessidades do campo.

Castanheira (2001), discorrendo sobre esta questão, afirma que no Brasil existe um evidente e crescente desequilíbrio entre as urgentes necessidades dos agricultores, descapitalizados ao longo de um processo em que governos deficitários e endividados simplesmente não colocaram a questão agrícola como uma das prioridades de pauta. Assim,

não é exagero afirmar que a pobreza no campo brasileiro é tão séria que, em alguns aspectos, sobrepõe-se à urbana. Dados do IBGE comprovam que a quantidade de pessoas consideradas de baixo poder aquisitivo no meio rural aumentou no mesmo período que a agricultura do país se modernizou, ou seja, de um lado da escala o agronegócio, novos insumos tecnológicos e mercado externo; de outro, o desaparecimento dos agricultores tradicionais. Outro aspecto a ser sublinhado, de acordo com Castanheira (op. cit), é que mesmo com o crescimento de produção e produtividade houve um declínio na área plantada e queda na renda líquida. Resultado: os agricultores recebem menos pelo que produzem e precisam ampliar constantemente a produção e a área cultivada para terem as mesmas condições de investimentos que possuíam na década de 80. Somando-se a esta problemática, os recursos governamentais muitas vezes são destinados à agricultura de maneira contraproducente e paternalista, apenas alimentando burocracias improdutivas e perpetuando a dependência que os agricultores possuem em relação ao Estado, acentuando, obviamente, o desequilíbrio existente entre a agricultura tradicional e o agronegócio.

Nesse panorama, o mundo rural vem se transformando, na tentativa dos agricultores de aumentarem a sua renda e, mais que isso, agregarem valor à sua produção. Assim, no turismo rural estão, de um lado, os turistas ansiosos por contatos e tratamentos diferenciados, de outro, os produtores que, na ânsia por sobreviver a sucessivas crises agrícolas, abrem as porteiras, seus meios e modos de vida, seu lugar íntimo, sem qualquer incentivo do governo, segundo Castanheira (2001). Claro, há raras ações de alguns estados e municípios, cujas administrações já vislumbraram o turismo rural como uma possível alternativa para a questão rural, aproveitando a tendência generalizada da sociedade pós-moderna de consumir “as coisas do campo”.

Neste aspecto, concordamos plenamente com Almeida, Froehlich e Riedl (2000, p.13), quando exaltam:

o turismo rural não pode por si só, ser tomado como a solução, a panacéia, para as questões do desenvolvimento rural, às quais, pela sua complexidade e diversidade, muito dificilmente responderão de forma eficaz as práticas de intervenção e gestão unissetoriais. O turismo exige, antes, abordagens multacentradas que contemplem a integração, a articulação e a coordenação de medidas e ações em domínios variados e complementares, de forma a dinamizar, promover e valorizar os recursos próprios de cada região em concreto.

Isto significa que não há modelo a ser copiado; cada comunidade rural, a partir da sua realidade, deve traçar seus objetivos, clarear o tipo de serviço a ser oferecido, resguardando, acima de tudo, seus direitos, seus patrimônios, as condições naturais da paisagem, entre outros. Em outras palavras, como nos diz Almeida & Blós (2000, p. 83), “as coletividades rurais não devem conceber planos de desenvolvimento turístico baseados apenas em moldes importados, projetos estranhos e que não levem em conta a lógica identitária do espaço rural”.

Vários são os estudos que alardeiam sobre as vantagens da atividade turística no espaço rural, tais como: o acréscimo na fonte de renda, a geração de empregos para a mão-de-obra local, fazendo reverter, em alguns casos, o processo de êxodo rural dos jovens, que podem deixar de migrar para as grandes cidades em busca de empregos; o estímulo às atividades produtivas, inerentes ao contexto rural, tais como: produtos agrícolas, alimentos e bebidas, artesanato, a proteção de áreas naturais, a valorização da cultura e patrimônio histórico, entre outros, (Ruschmann, 2000).

Porém, é necessário cautela ao olharmos para esses benefícios, pois sabemos que as mazelas do campo não serão resolvidas sem uma maior atenção das políticas públicas e do engajamento ativo das comunidades, como reitera López (2004, s/p):

los responsables de políticas económicas que acentúan el subdesarrollo, que segregan socialmente a um alto porcentaje de la población, que multiplican el desempleo y bajan los ingresos, proponen al turismo como una opción a las problemáticas de desindustrialización, de tecnologías agrícolas substitutivas de trabajadores, a la introducción de nuevos métodos y técnicas entre los servicios. Vale decir que el sector es planteado como una alternativa al reino de la necesidad. Si bien el turismo ha tenido una tendencia al crecimiento en los últimos decenios y ha generado, proporcionalmente, más fuentes de trabajo que otras actividades, no puede resolver por sí solo todas las dificultades inherentes a una globalización neoliberal.

É válido afirmar que, ao pontuarmos as principais vantagens da atividade turística no espaço rural, o que mais chama a atenção, principalmente do poder público e dos agentes e promotores envolvidos, é a geração de empregos e renda, representando então uma estratégia de desenvolvimento local. Todavia, Fleischer & Felsentein (2000) chamam a atenção para o fato de que há falta de monitoramento e de avaliação que realmente possam

comprovar a relação entre o turismo rural e a geração de empregos e renda. Os autores ainda enfatizam que apenas de forma intuitiva esta atividade se associa com a geração de empregos e renda locais.

Preocupados com esta constatação, Souza, Santos e Almeida (2004) desenvolveram uma pesquisa com propriedades localizadas no sul do estado do Rio Grande do Sul, que, segundo os autores, apesar da sua extensão, que abrange 54% do território do estado, estão numa área que tem apresentado indicadores sócio-econômicos pouco favoráveis se comparados com a porção norte do estado. Tal situação tem levado os agricultores partirem da premissa de que basta um bom acesso às propriedades para se desenvolver o turismo, às vezes até negligenciando o fato de que necessitam de suporte técnico, desenvolvimento de projetos e a participação da iniciativa privada e governamental para torná-lo efetivo.

Estes autores pesquisaram 34 propriedades ativas, concluindo que a atividade freqüentemente se apresenta como um “pequeno negócio”, gerador de empregos sazonais e de salários relativamente baixos. Entretanto, a retórica da geração de empregos e renda, embora não deva ser desprezada, precisa ser melhor conhecida através de instrumentos adequados.

Mas, outras dimensões importantes precisam ser consideradas, na opinião de Souza, Santos e Almeida. O turismo pode viabilizar o retorno monetário em tempo menor que a agricultura e a pecuária, sem a necessidade de grandes investimentos e sem descaracterizar o meio rural; é perceptível como as famílias ficam satisfeitas com as melhores condições financeiras; oportuniza contato com diferentes pessoas com reflexo direto em termos de redução do êxodo rural e, quanto às mulheres, o turismo rural representa uma mudança qualitativa dos seus papéis tradicionais, mais facilmente compatível com as responsabilidades domésticas. Assim, os autores comprovam o aspecto multidimensional do turismo rural.

Não é nosso objetivo discutir os recuos e avanços do turismo rural *per se*, entendido por Tulik (2003, p.32) como o “aproveitamento turístico no conjunto de componentes do espaço rural incluindo aqueles basicamente rurais e culturais (principalmente o patrimônio arquitetônico) e, também, elementos da natureza”, ou seja, envolvendo realmente uma multiplicidade de funções, fatores e realidades. Também não é objetivo discorrer sobre as

diferentes modalidades de turismo rural, bem como a sua espacialidade. É claro que o turismo rural existente no sul do país difere do que existe no sudeste, no norte e no nordeste. Olhar esta atividade exige do pesquisador a compreensão de que se trata de um verdadeiro mosaico, espacializando-se no nosso país de acordo com a história, a cultura, a crença e a busca de um povo. O que nos interessa, de fato, é compreender a ânsia dos visitantes em ter contato com áreas ditas naturais, com um turismo diferenciado e, por isso, o turismo rural foi escolhido como exemplo. No entanto não há visitantes se não houver quem os recebe, quem os acomoda, quem disponibilize muito mais que seu espaço de trabalho, seu meio e modo de vida, compartilhando sonhos e expectativas, pelo menos, de melhorar suas condições financeiras. Aqui está uma armadilha da atividade turística no espaço rural, ou melhor, conforme Castanheira (2001), o agricultor pode concluir que trabalhar com o turismo é mais rentável do que a produção agropecuária. Em pouco tempo, pode ocorrer uma descaracterização, a transformação completa do meio rural, a perda da atividade principal e, desse modo, as práticas sociais e de trabalho passam a ser uma simulação.

A análise traçada aqui não esgota as questões complexas que envolvem o turismo atual e o (re)encontro com a paisagem rural, mas ficam algumas certezas: a primeira delas é que se apregoamos o desenvolvimento com sustentabilidade e a possibilidade do turismo rural melhorar as condições de vida da população local, devemos concordar com Mamede (2003, p. 37), quando enfatiza:

há que se confiar na capacidade e sabedoria das comunidades locais, na identificação dos seus problemas e na tentativa de soluções originais com base na sua própria experiência e na de outros grupos similares, reconhecer que acasalam a casa, o lugar.

Um segundo ponto indica que, talvez a maior dificuldade travada no relacionamento entre visitantes e comunidades receptoras está no fato de que são pessoas que se encontram em situações completamente opostas. A liberdade e o prazer de um implica no trabalho de outro. O ambiente de férias também é o ambiente de trabalho e as necessidades de repouso para uns significa as necessidades de existência para outros. Krippendorf (1989, p.151) coloca uma questão que merece reflexão: como atacar aqueles que vivem do turismo pelo fato de se interessarem, em primeiro lugar, pelo aspecto financeiro e não pelo aspecto humano do turista?

Esta questão nos remete ao terceiro ponto: não devemos olhar o turista como mero visitante, um consumidor voraz de paisagens, que vem apenas usufruir conforto e novidades. Trata-se de pessoas que também buscam, mesmo sem saber, o elo perdido com o lugar, que anseiam por dias melhores e necessitam acreditar que há lugares aprazíveis, capazes de recompor o seu bem-estar físico e psicológico. É preciso que pesquisadores interessados no tema, bem como todos os envolvidos nesta questão, analisem os visitantes e ou turistas como sendo muito mais que mera estatística para os balancetes econômicos; há um sentido que permeia as ações, há um sujeito que dá sentido a tudo, há uma experiência vivida.



Capítulo 2

Itu e as propriedades rurais: o passado e o presente

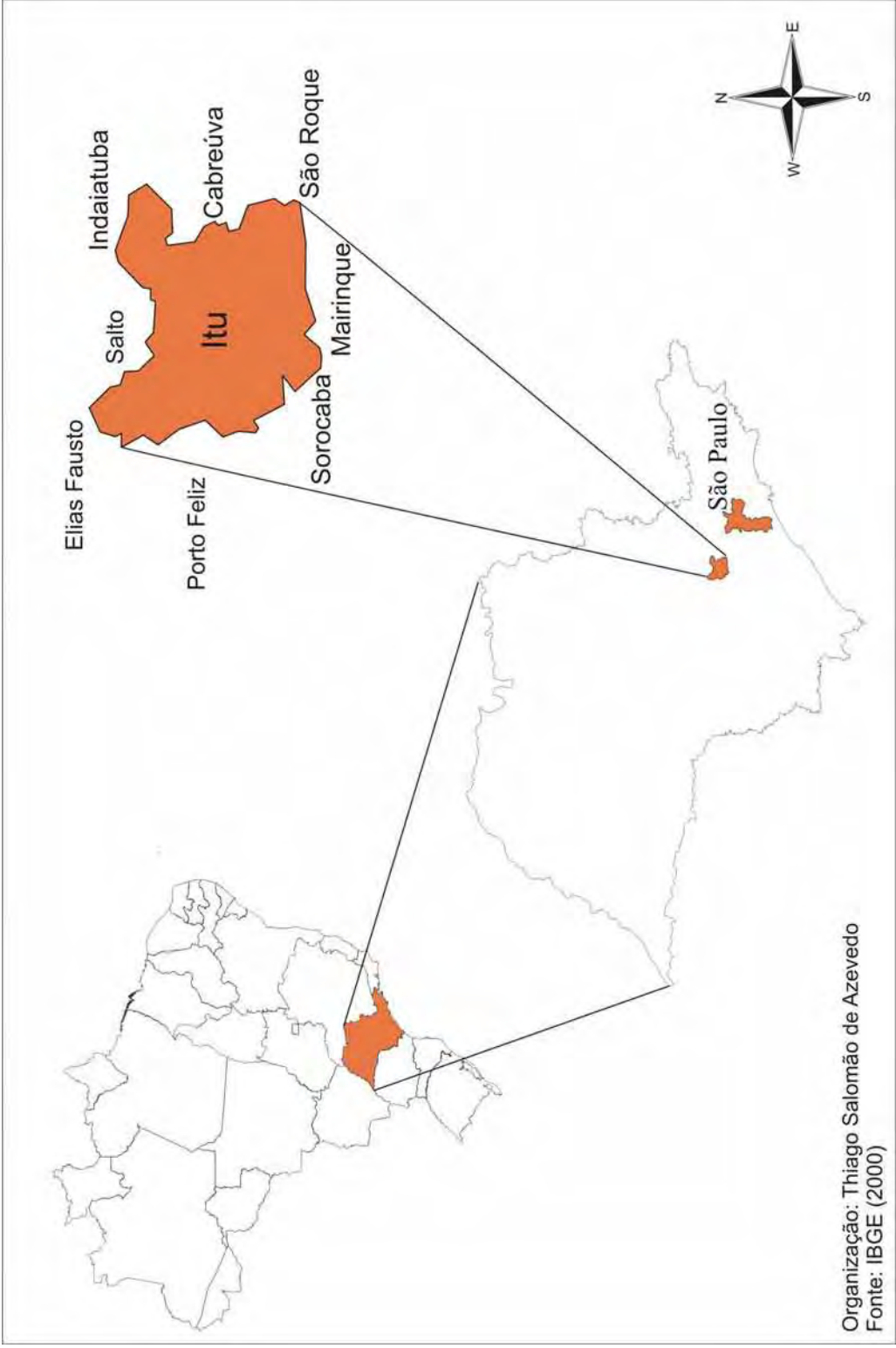
O passado e a vocação caipira

o passado, sob a forma de patrimônio cultural, religioso, artístico, político, econômico, ou outra conotação, impõe-se ao presente. Ele não pode ser simplesmente esquecido, relegado. Mesmo esquecido, relegado, aparece e reaparece no horizonte das pessoas, famílias e grupos ou classes sociais. Os vivos, sem querer, queiram ou não, precisam render alguma atenção ou homenagem, aos mortos; apoiar-se ou esquivar-se deles. É verdade que a sociedade presente pode manejar a memória do passado: olvidar, lembrar, selecionar, revalorizar ou mesmo vivificar o passado. Mas o que não consegue é simplesmente banir o passado, como estranho. O passado aí está, entranhado, como beleza ou feiúra, música ou pintura, edifício ou arquitetura, estilo ou escritura

(IANNI, 1996, p.99)

Localizada a 23°16' de latitude sul e 47°18' de longitude W, distando 75 Km de São Paulo e com uma área de 642 km² (figura 01), Itu nasceu contando sua história. Possui uma certidão de batismo que narra, em minúcias, o que aconteceu no pequeno povoado, na data precisa de 02 de fevereiro 1610. Na verdade, é muito mais que uma certidão de batismo, é um documento raro que relata a saga dos primeiros povoadores, o relacionamento com os índios, as lavouras de subsistência.

Os primeiros habitantes do planalto paulista viveram décadas em função de desbravar os sertões, atendendo aos propósitos da Coroa portuguesa, quer seja em busca de indígenas para escravizar, quer à procura de metais e pedras preciosas que pudessem ser exploradas. Muitos desses desbravadores, ao chegarem em determinadas áreas propícias à produção e a sua subsistência, ali se instalavam e tomavam as medidas necessárias para fundar uma pequena comunidade. Desta forma foram fundadas várias cidades, dentre as quais podemos citar: Sorocaba, Santana do Parnaíba, Bom Jesus de Pirapora, Porto Feliz e Itu.



Organização: Thiago Salomão de Azevedo
 Fonte: IBGE (2000)

Figura 01 - Localização da Área de Estudo

No ano de 1610, Domingos Fernandes, filho do sertanista Manuel Fernandes Ramos, era um jovem de 25 anos, mas com larga experiência sertaneja. De acordo com Carvalho (2000, p. 43), em 1602, com 17 anos, havia participado de uma das maiores bandeiras paulistas, chefiada por Nicolau Barreto. A pedido da Coroa, a referida bandeira ocupou terras pertencentes na época à Espanha, hoje atual Estado do Paraná, por dois anos, contribuindo para a expansão geográfica do Brasil, além de trazer muitos índios para as lavouras do planalto.

No retorno, Domingos Fernandes juntamente com Cristóvão Diniz, que futuramente se tornaria seu genro, receberam da Coroa portuguesa, em 1604, a posse das terras da região de Itu e se estabeleceram em um lugar denominado Outuguassu, que significa Cachoeira Grande. No entanto, somente em 1610, com a fundação da Capela Nossa Senhora da Candelária, é que ocorreu o início da povoação. Por muitos anos, o povoado fundado por Domingos Fernandes foi o lugar certo da parada de muitas expedições que se organizavam e percorriam os caminhos do Anhemby, hoje rio Tietê, na ânsia de alargar as fronteiras do país e fundar novas povoações, além de aprisionar centenas de índios e descobrir novas minas de ouro em Mato Grosso e Goiás. Colaborando nesse sentido, Ianni (1996, p. 15) reitera:

primeiro, durante o século XVII, foram às bandeiras formadas para prear índios ou buscar metais e pedras preciosas. Depois, durante a primeira metade do século XVIII, foram às monções, formadas para comerciar nos núcleos de mineração em Cuiabá, Goiás e outras partes da colônia.

Desta forma foi se formando uma sociedade peculiar na área de Itu. Comerciantes, sertanistas, bandeirantes iam e vinham, criando roças e animais no lugar. Fixaram-se famílias tanto ligadas aos movimentos das bandeiras e monções, quanto à terra, à casa, às roças e criações. Desta forma, ao longo dos anos 1610-1750, à medida que o lugar se articulava com os caminhos, estradas, rios, sítios, freguesias, povoados, vilas e cidades, formava-se em Itu uma sociedade típica, a sociedade caipira, fruto de portugueses, índios, mamelucos, negros e mulatos, (IANNI, 1996).

Esta característica não se refere apenas a Itu, mas estima-se que tenha ocorrido por todo o planalto paulista, entre os séculos XVII e XVIII, fato discorrido detalhadamente por

Nardy Filho (1928), Machado (1955), Holanda (1957) e Prado Junior (1975). Prado Junior (1975, p. 61) esclarece que:

no começo, a preação dos índios e a busca de metais e pedras preciosas foram às preocupações predominantes. Iniciada a colonização, é por São Paulo que se farão as primeiras penetrações do continente: para o altiplano central (Minas Gerais), para a grande depressão interior do continente (bacia do Paraguai) para os campos do Sul. Penetração explorada e predadora de índios, a principio, prospectora de minas e povoada afinal.

Ianni (op.cit) narra os vários acontecimentos na vida de Itu, relativos às idas e vindas das pessoas e mercadorias ligadas às bandeiras e às monções. Em 1678, por exemplo, parte de Itu, no porto de Pirapitingui, uma monção formada por seis canoas com destino ao Paraguai; em 1719, os irmãos João e Lourenço Lima, acompanhados de seus escravos e índios, seguem rumo a Cuiabá; em 1733 partiu de Itu uma grande expedição visando guerrear com os índios payaguás, expedição formada por 842 caboclos, três batelões e 108 canoas, (IANNI, 1996 p. 18).

Assim, as monções foram responsáveis por um notável incremento ao progresso ituano e, embora grande parte delas partisse de Porto Feliz, era em Itu que se organizavam. Na verdade, de acordo com Ianni (op.cit), Itu era o empório responsável pelo abastecimento de roupas, ferramentas, alimentos e outros artigos necessários às caravanas que partiam.

Ao lado das atividades econômicas ligadas às bandeiras e monções, desenvolveu-se uma economia voltada para a subsistência de famílias e bairros rurais, apoiada em pequenas roças e criação de animais. A necessidade de produzir fez com que assimilassem técnicas e soluções aprendidas com os portugueses, mas pautando-se no conhecimento indígena. A esse respeito Holanda (1945, p. 12) afirma: “é inevitável que nesse processo de adaptação, o indígena se torna seu principal iniciador e guia. Ao contato dele, os colonos, atraídos para um sertão cheio de promessas, abandonam, ao cabo, todas as comodidades da vida civilizada”.

E a sociedade caipira, como podemos entendê-la? Cândido (1964, p. 84) a denomina em poucas palavras:

a sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitem estabilizar as relações do grupo com o meio, mediante o

conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital – tudo relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência.

Outra característica perceptível era um ritmo seminômade, graças, segundo os especialistas, à combinação dos traços culturais indígenas e portugueses. Além disso, a fartura da terra disponível também foi outro fator que colaborou para a formação da cultura caipira. Assim,

no meio das vastas sesmarias doadas, as pessoas e famílias podiam tranqüilamente instalar sítios e fazendas, roças e criações, e aí criar o seu mundinho, viver separado do mundo. E para viver, ou sobreviver, sem grandes luxos nem luxúrias, bastavam as técnicas e soluções trazidas de fora, aproveitadas dos índios ou inventadas no lugar, (IANNI, 1996 p. 22).

Todavia, ao lado do rústico e do caipira seminômade, pouco a pouco, os estratos dominantes da população marcavam as posições e as distâncias sociais. Surgia uma cultura aristocrática, ainda que pobre, mas preocupada em assinalar posições. O poder religioso, o poder econômico e o poder político começaram a construir igrejas e conventos que expressavam a sobriedade dos recursos econômicos e culturais, por um lado, e a emergência de uma cultura aristocrática, por outro.

Porém, somente em 1653, segundo dados do Museu Paulista (2005), Itu deixou de ser freguesia de Santana de Parnaíba recebendo a condição de Vila. Durante quase cem anos (1653/1750) a Vila de Itu não passou de um pequeno lugarejo, com menos de 100 casas, concentradas no pátio da Matriz - construídas entre os anos de 1653 e 1657, e numa única rua que ia do pátio até a capelinha do primeiro povoado. Uma boa parte das casas, sobretudo as do pátio, pertencia a fazendeiros, que também ajudaram a erguer dois conventos na Vila – o de São Francisco (1692) e o do Carmo. Os comerciantes, por sua vez, ergueram em 1726 uma capela, num lugar ainda descampado – a da Santa Rita, que segundo Ianni (op.cit) foi a expressão do ambiente urbano que se formava em Itu. Na realidade, havia a intenção de mostrar o empenho da população local em construir algo que evidenciasse o padrão ou o ideal dos senhores da terra.

Por volta de 1760, existia na Vila cerca de 105 casas e mais algumas ruas. Nessa época Itu se consolidou como entreposto comercial, interligando a região sul do país com

as regiões mineradoras de Mato Grosso e Goiás. Nesse mesmo período houve a implantação de grandes fazendas de cana-de-açúcar, cultura trazida para o Estado de São Paulo durante o governo de Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão. As fazendas, tocadas por mão-de-obra escrava, também foram responsáveis pelo crescimento econômico da vila, que, no início do século XVIII, tornou-se o maior centro produtor de cana da capitania de São Paulo. Sobre isto, Moura (2004, p.44) ressalta: “os engenhos multiplicaram-se nas terras ituanas: em 1776, havia 26, três anos depois, já eram mais de cem”. A partir desse momento Itu passou a integrar a agricultura de exportação, ficando evidente sua importância econômica, política e social no país.

A agricultura voltada para a exportação criou as condições básicas para a produção de café, conhecido como ouro negro dos fazendeiros, por volta de 1860. Somado a essas culturas, o algodão também teve a sua importância. O poderio dos fazendeiros colaborou para a construção da primeira tecelagem a vapor da Província de São Paulo, a fábrica de tecidos São Luís, construída com máquinas importadas dos Estados Unidos e da Inglaterra, a qual Estabeleceu-se na cidade em 1869, funcionando por mais de cem anos, encerrando suas atividades em 1982. Tombada pelo patrimônio Histórico, vem sendo restaurada desde 1997, com o objetivo de se tornar um novo pólo cultural e comercial da cidade. Vale destacar que, embora a fábrica fora construída num período do trabalho escravo, contava com mão-de-obra livre, principalmente de mulheres e crianças.

Assim, a partir do século XVIII, principalmente na sua segunda metade, a Vila de Itu caracterizava-se por sua efervescência política, econômica e cultural. Como resultado imediato desse crescimento fundavam-se diversas ordens religiosas e edificavam-se conventos e igrejas; floresciam as expressões na arte através da pintura e da música; manifestava-se o pensamento político pela emancipação do país. No entanto vale destacar que, ao mesmo tempo em que floresciam a economia açucareira e artes sacras, desenvolvia-se a escravatura de forma evidente. Ianni (1996, p. 40), comentando a obra de Saint-Hilaire, afirma:

os índios amansados não eram suficientes para atender às exigências crescentes de mão-de-obra necessária para desmatar as terras, plantar os canaviais e tocar os engenhos. Em 1815, havia no distrito de Itu 3.836 pessoas livres e 3.201 escravos. Em 1838, eram 6.532 os livres e 4.714 os escravos.

Pautando-se fundamentalmente no trabalho escravo, na entrada do século XIX Itu possuía cerca de 800 casas e era considerada a Vila mais rica da província, passando, em 1842, da condição de Vila para a categoria de cidade, com os conventos do Carmo e de São Francisco assinalando as extremidades do núcleo urbano, (MUSEU PAULISTA, 2005).

A cidade crescia, segundo modelo urbanístico de origem portuguesa. Moura (2004, p.44) lembra que: “as residências eram construídas alinhadas às calçadas, sem recuos frontais ou laterais. Nelas, a vida privada se voltava para quintais nos fundos, distantes dos olhares públicos”. Foi uma das primeiras cidades dotadas de infra-estrutura, tais como: calçamento, iluminação pública, água encanada e outros. Rodrigues (2003) informa que as ruas da cidade de Itu começaram a ser calçadas em 1790; em 1864 a iluminação pública era de lampiões de querosene e em 1904 possuía iluminação elétrica.

Era, sem sombra de dúvidas, uma das Vilas mais movimentadas e importantes da capitania. Porém, com a crise do açúcar no mercado internacional, em 1860, ficou evidente o conflito de interesses entre os políticos e fazendeiros de Itu e o governo imperial. Todavia, a produção de café garantiu à região a continuidade do crescimento econômico, denotado nos elegantes sobrados e casarões construídos, nos teatros, nos hospitais e colégios, além da estrada de ferro.

Na verdade, o conflito entre os fazendeiros e o governo imperial vinha desde 1842, quando Itu aderiu ao movimento liberal, em sinal de protesto contra as decisões que os conservadores que controlavam o governo monárquico estavam adotando. Uniram-se à revolta liberada pelo brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, que, em Sorocaba, havia sido proclamado presidente interino da Província de São Paulo. Apesar do movimento ter mostrado sua força, foi derrotado pelos conservadores e, em sinal de pacificação, o jovem monarca, meses depois, passou por Itu, quando realizava uma viagem à Província de São Paulo (IANNI, 1996).

No ano de 1873, mais especificamente no dia 18 de abril, ocorreu a Convenção de Itu, fortalecendo os ideais republicanos do país, que almejava uma democracia geral da sociedade brasileira, com maiores oportunidades a todos. Inspirados pela Revolução Francesa, que tinha como tema de luta os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, os membros republicanos estudavam uma ação que levasse o país à implantação do regime democrático, com eleição geral, direta e livre. Nessa reunião, os republicanos traçaram as

normas para organizar as bases da campanha, além de ficar definida a realização de um Congresso Republicano em São Paulo, que ocorreu no dia 1^o de julho de 1873. Como resultado da Convenção de Itu, criou-se o Partido Republicano Paulista, o PRP. Esse movimento foi a base para a Proclamação da República, no dia 15 de novembro de 1889, garantindo que Prudente de Moraes, um ituano, fosse o primeiro Presidente civil da República (MUSEU PAULISTA, 2005).

Assim que assumiu a presidência, Prudente de Moraes incentivou a vinda para Itu de milhares de imigrantes, a maioria italianos, uma vez que a escravidão havia sido abolida em 1888. Com a força dessa nova mão-de-obra, a economia cafeeira se expandiu cada vez mais até o ano de 1935, ano da maior produção, decaindo depois em virtude da concorrência com outras áreas de plantio e pelo esgotamento de suas terras. A cidade de Itu desenvolveu-se com suas exigências econômicas, políticas e culturais. Após a Convenção Republicana, fundaram-se colégios, desenvolveu-se a música. Na opinião de Ianni (1996, p. 45), “a cultura material e espiritual em sentido lato, parece ter-se tornado mais próxima da economia e da política, sem perder os seus vínculos com a religião”.

Quanto à sociedade ituana, Ianni (1996, p. 43) assim a define:

ali sobressaiam os senhores de escravos, brancos, donos de canaviais e engenhos, por um lado, e a escravaria, a mão-de-obra braçal, composta de negros e mulatos, por outro. Mas também havia caboclos ou caipiras pobres, roceiros ou sitiantes cultivando alguma planta, criando alguma galinha, algum porco ou outro animal, para o gasto da família.

O caipira típico dos séculos XVII e XVIII, permanecendo no século XIX com seus costumes e vida simples, e o escravocrata, formado desde a segunda metade do século XVIII, ganhando poder ao longo do século XIX com a cana, o algodão e o café, conviviam no mesmo espaço, embora praticamente sem contato. Na verdade, como nos fala Ianni (1996), o segmento caipira resistiu ao longo dos tempos, meio esquecido, meio desprezado, meio necessário.

Mas foi a agricultura a base de toda a riqueza econômica, exigindo numa época a manutenção da escravatura, noutra, a adoção do trabalho livre. Assim, o fazendeiro tornou-se burguês, o escravo tornou-se trabalhador livre e o trabalhador rural classificou-se como colono.

O presente e a tendência turística

O declínio do café decretou tempos difíceis para a cidade de Itu. Praticamente seu crescimento foi quase nulo de 1935 a 1950. A partir dessa data, novas fábricas, principalmente do ramo de cerâmicas, instalaram-se no município, motivando a saída de pessoas do campo, em busca de melhores condições de vida, exatamente como aconteceu em todo o resto do país. Observando os dados do IBGE (2000), da segunda metade do século XX em diante, já é evidente a evolução da população urbana residente no município e, mais especificamente, nos últimos 30 anos (1970 a 2000) a população ituana experimentou um expressivo crescimento de 170% em sua população total e de 240% na sua população urbana. Isto significa que em 1970 a população urbana contava com 36.041 habitantes; no ano de 2000 esse número chegava a 123.942 e, hoje, de acordo com a Prefeitura Municipal, o município está com 150.000 mil habitantes, dos quais 93% encontram-se na área urbana e aproximadamente 7% estão distribuídos na zona rural.

A construção da Rodovia Castelo Branco, em 1968, acelerou o processo atraindo mais indústrias, que hoje se localizam nas margens das vias de acesso à cidade. Em 1980, a Rodovia do Açúcar também se consolidou como importante via de acesso acelerando o crescimento de Itu, que mesmo assim, felizmente conserva rico patrimônio histórico, o que contribuiu para que em 1979 se tornasse a primeira Estância Turística do estado de São Paulo.

Para Ianni (1996), um problema central para a sociedade ituana hoje é encontrar uma fórmula ou os meios e os modos para lidar com o passado, com o seu patrimônio cultural, religioso, artístico, arquitetônico, aristocrático, escravocrata, entre outros. É nítido que são vários e diversos os passados do lugar retratado pelas diferentes épocas e classes sociais. Desta forma, a paisagem é extremamente rica em suas expressões, como afirma Ianni (1996 p. 99):

uma coisa é o patrimônio cultural criado na época do predomínio do sertanismo, quando se criou principalmente a cultura caipira, e outra coisa é o patrimônio cultural criado na época do predomínio da agricultura canavieira, na qual a cultura material e espiritual se impregnou de religião, na construção das igrejas, nas pinturas e músicas sacras.

O mesmo autor sublinha que é necessário lembrar que o patrimônio histórico-cultural de Itu é de todos, mas de forma desigual. De um lado, as suntuosas Igrejas que a aristocracia local, no século XVIII, mandou construir para a sua devoção; de outro, a cultura caipira em seus falares e cantares, no seu ritmo lento de trabalhar, confinado aos caboclos, aos mamelucos, aos sitiantes. Vale perguntar: qual o patrimônio com maior valor histórico, artístico ou social? Certamente, quando se fala em patrimônio cultural estamos nos referindo a vários patrimônios: alguns mais visíveis, outros menos, alguns populares, outros pertencentes à elite.

É necessário, não apenas a Itu, mas a todos os lugares impregnados da nossa herança histórico-cultural, o reconhecimento através de suas políticas públicas, da educação e das atividades econômicas desenvolvidas, de que há na herança recebida pelo menos dois significados importantes apontados por Ianni (1996): o significado artístico, representado na arte e na cultura em geral e o significado social, embrenhado na história do lugar, no dialeto, no modo de vida, entre outras realizações culturais. Em outras palavras, só valorizamos nosso lugar quando percebemos, de fato, suas manifestações, seja na paisagem física ou no modo de vida das diferentes classes sociais. Nesse aspecto, Ianni (1996, p. 102) afirma: “as classes sociais, da mesma forma que as pessoas, podem aperfeiçoar o conhecimento de si mesma, quando se debruçam no espelho da outra”. Isto porque, se não houver esta clareza na seleção do que é patrimônio cultural de uma sociedade, pode-se correr o risco de escolher as realizações arquitetônicas, musicais, pictóricas ou outras sob a ótica dos interesses desta ou daquela família, grupo ou classe social, ignorando outras manifestações tão importantes quanto estas.

Esta clareza é essencial na atividade turística, caso contrário, ao invés de contribuir e valorizar o patrimônio existente, pode-se facilmente destruí-lo ou levar a uma interpretação equivocada do passado. No caso da economia ituana, esta atividade, obviamente, é muito favorecida pela riqueza do patrimônio histórico e facilmente comprovada observando-se o centro da cidade. Há dois tombamentos, o do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, órgão ligado ao Ministério da Cultura, que foi aplicado a três imóveis: Igreja e Convento Nossa Senhora do Carmo, Igreja Matriz da Nossa Senhora da Candelária e Museu Republicano Convenção de Itu; e o tombamento do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – Condephaat, ligado à Secretaria

do Estado da Cultura de São Paulo, que protege os mesmos imóveis e mais a Igreja do Senhor Bom Jesus, o prédio da Fábrica de Tecidos São Luís e a Pedreira de Varvito, que abriga formações rochosas da era glacial, datada entre 270 e 350 milhões de anos, conforme informações de Moura (op.cit., p. 45). A área tombada pelo Condephaat corresponde à pedreira desativada onde a rocha era extraída. Hoje o Parque do Varvito dispõe de anfiteatro ao ar livre, bosques, lanchonetes, lago, cascata, quiosques e exposição permanente com fotos, textos e imagens sobre o Varvito.

A paisagem geográfica e o pólo turístico regional

Itu se destaca não apenas por seu contexto histórico, uma vez que os aspectos físicos também são peculiares, tornando toda a região atrativa não só para turistas, mas também para pesquisadores interessados nos mais variados temas.

A **Geologia**, da região na qual o município de Itu está inserido, de acordo com o IPT, (1981) apresenta uma sucessão de rochas variadas pertencentes a diferentes eventos geológicos. Possui o embasamento constituído por gnaisses e micaxistos do complexo Brasileiro, formados no Pré-Cambriano Inferior. Acima do embasamento ocorrem xistos, filitos e metaconglomerados do Grupo São Roque. No topo observa-se a ocorrência de rochas do supergrupo Tubarão (arenitos, silitos, filitos, varvitos e conglomerados), que apresentam a idade do Carbonífero Superior. Nessa região, as principais rochas pertencem ao grupo Ituaré, sendo o varvito o mais conhecido, formado pela alternância das estações verão e inverno, durante o período glacial. Trata-se de um tipo raro de formação geológica, atraindo para Itu, mais precisamente para a porção oeste do município, geólogos de todo o Brasil e de outros países. Composto este conjunto há também a ocorrência de intrusões genéticas ácidas posteriores ao grupo São Roque, que afloram por entre os falhamentos pré-existentes na porção nordeste ao município.

Em relação à **geomorfologia** o município de Itu, segundo o IPT (1981), situa-se entre o Planalto Cristalino e a Depressão Periférica Paulista, como observado na figura 02, na zona do médio Tietê, constituída fundamentalmente por sedimentos, sendo que,

obviamente, as áreas com evidentes intrusões de rochas básicas apresentam reflexos na sua topografia.

Almeida (1964) ressalta que na região onde se encontra o município de Itu predominam colinas baixas, de forma suavizada, separadas por vales jovens, sem planícies aluviais importantes, determinadas pela interseção dos perfis convexos das encostas. É comum a presença do relevo de morros com serras restritas, típicas de áreas cristalinas e sustentados por rochas do embasamento e por alcalinas intrusivas, dentro da bacia sedimentar.

No entanto, no seu aspecto geral, o município possui relevos de colinas suaves, com altitudes que variam, em média, de 500 a 700 metros, com desníveis locais pouco acentuados. Desta forma, a maior parte do relevo do município é pouco suscetível a processos erosivos, embora algumas porções da zona rural apresentem a ocorrência de pequenos sulcos erosivos e de ravinamentos, (IPT, 1981).

Rodrigues (2003) diz que próximo ao leito do rio Tietê a altitude não ultrapassa 480 metros. Porém, próximo aos limites do município, tanto a L como a NE, as altitudes se aproximam de 1000 metros, (figura 03).

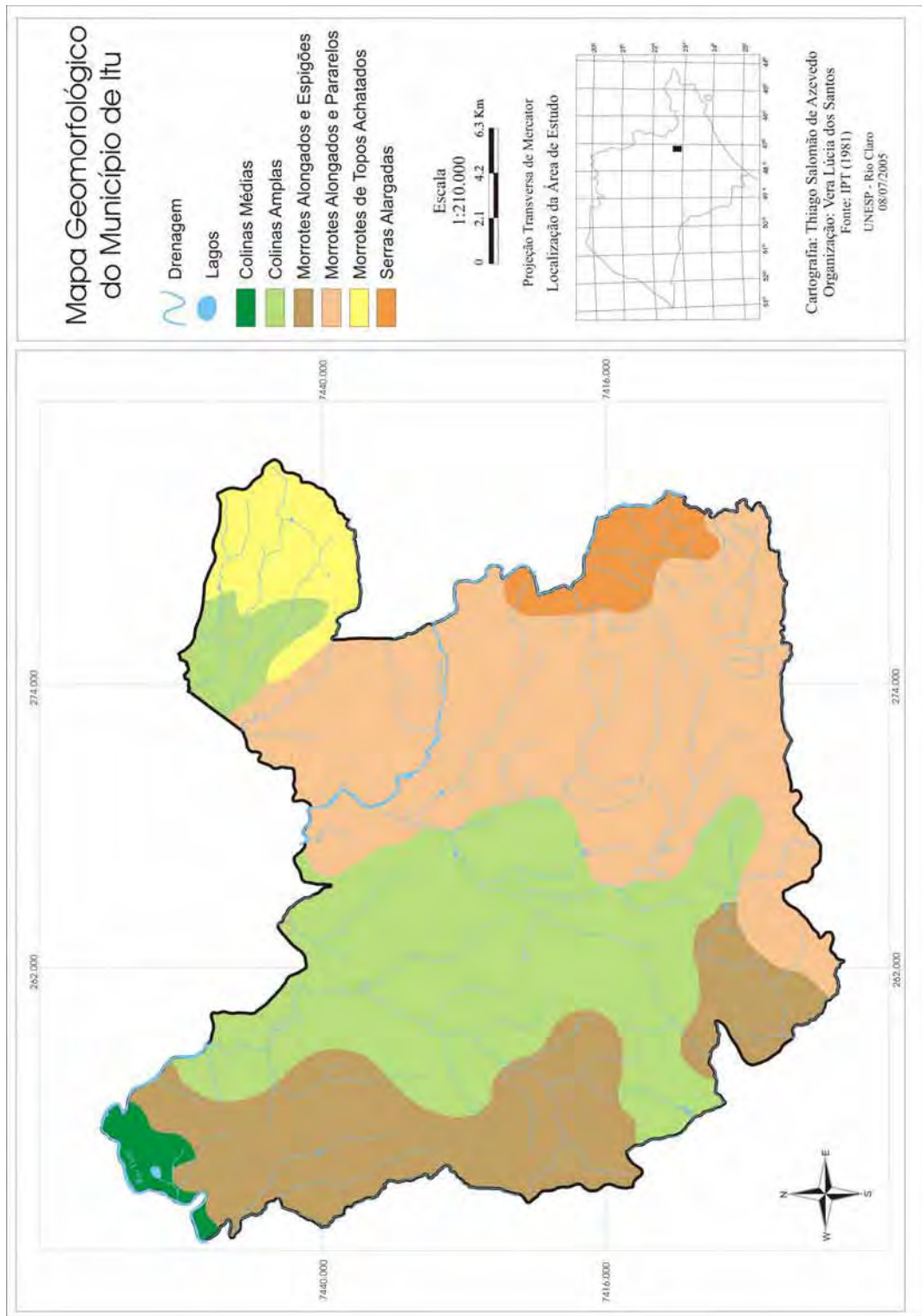


Figura 02- Mapa Geomorfológico do município de Itu/SP

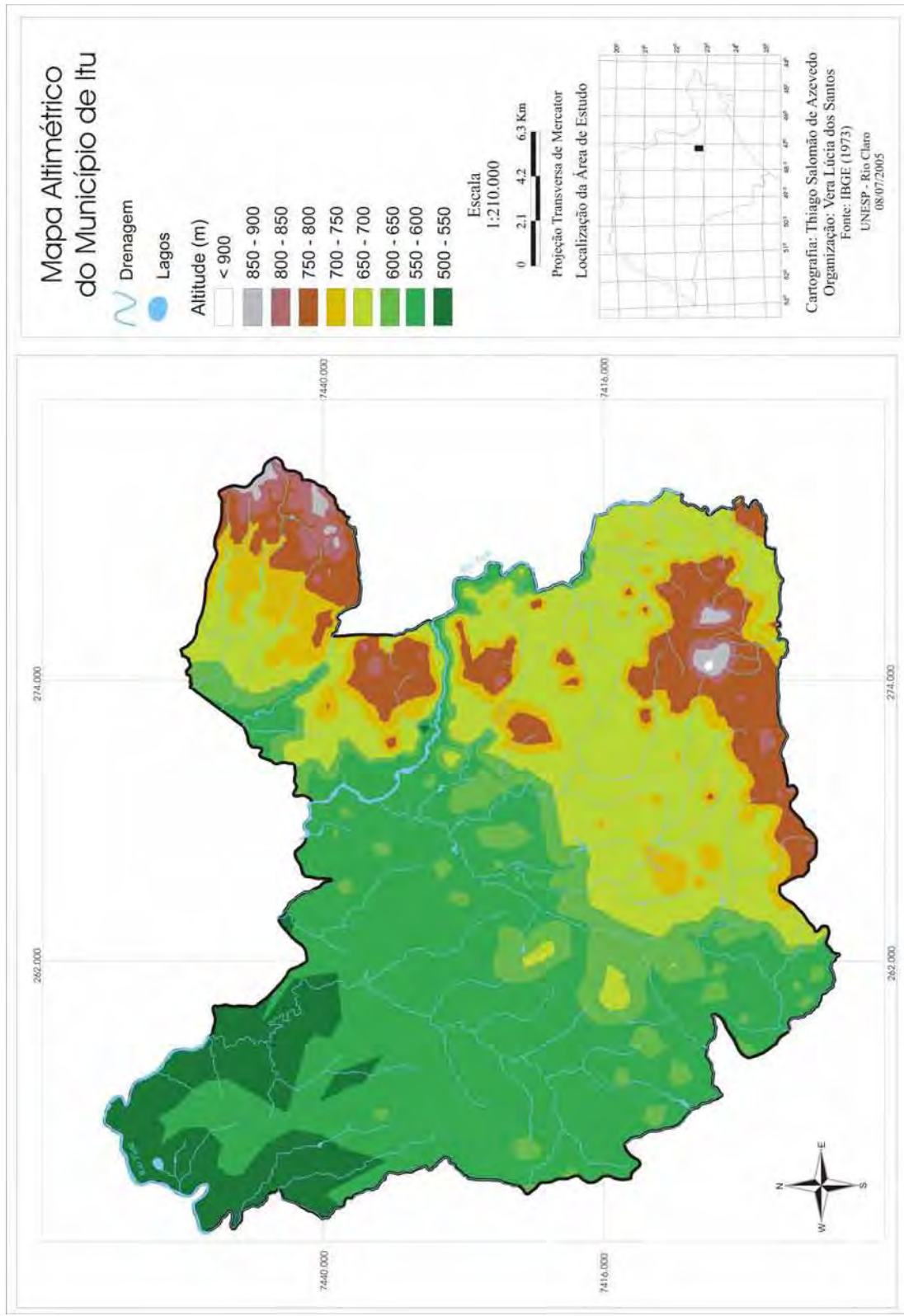


Figura 03- Mapa Altimétrico do município de Itu/SP

No que diz respeito aos tipos de **solos** existentes no município de Itu, o IAC (2000) classificou-os da seguinte maneira: solos podzol avermelhados (51%); latossolo vermelho (21%); solos ácidos de origem arenosa (20%). Além desses solos expressivos, há pequenas manchas de outros tipos que compõem os outros 8% restantes, como por exemplo, os solos do tipo massapé. No subsolo encontram-se o varvito e a argila, bases para a atividade ceramista no município.

Tão importante quanto os aspectos físicos já mencionados é a **hidrografia** do município de Itu, que está inserido quase que totalmente na sub-bacia do Médio Tietê Superior, com uma área equivalente a 2.550 km²; uma pequena parte do seu território, a sudoeste, pertence à sub-bacia do rio Sorocaba/Piraju, com uma área equivalente a 1.309 km², (SAAE/DGA/UNESP, 1998).

A forma dendrítica caracteriza a drenagem, com destaque para o rio Tietê, que corta o município ao N, sendo o seu rio mais importante. De acordo com informações do SAAE – Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Itu, a largura média do rio Tietê, no trecho que corta o município, é de 50 metros, com profundidade média de três metros, sendo que durante o período de estiagem o seu nível cai cerca de 0,5 metros. Já no período chuvoso, seu nível sobe cerca de um metro. Há também outros rios, de médio e pequeno porte, utilizados pelo município visando o abastecimento público, uma vez que as águas do Tietê estão impróprias para o consumo. Os mais expressivos são: Pirapitingui, Itaim Guaçu, Itaim Mirim e Baiaiás.

Somando as características da sua história e da sua paisagem, a cidade de Itu é conhecida no Brasil todo por comercializar vários objetos com tamanho acima da média, o que atrai muitos turistas para apreciar, por exemplo, o orelhão gigante na praça principal e se divertir comprando lápis, borracha, cliques entre outras lembranças gigantescas.

A fama se propagou nos anos 60, quando o humorista Simplício, natural da cidade, participava de um quadro do programa de TV - “A Praça da Alegria” – e dizia que tudo o que procedia de Itu era gigante. Na ocasião apresentava uma abóbora moranga como se fosse uma pitanga nascida na cidade. Obviamente, as piadas do humorista viraram atrativo turístico em pouco tempo e vários turistas passaram a procurar a cidade a fim de comprovar o que o humorista apresentava no quadro de TV.

A cidade de Itu possui as condições próprias para o desenvolvimento turístico: localização próxima a grandes centros, Campinas e São Paulo; patrimônio histórico e cultural; ótimos hotéis e restaurantes; sedes das fazendas centenárias construídas com taipa de pilão, em estilo bandeirista, demonstrando todo o poderio econômico e político dos fazendeiros coloniais, como senzalas, máquinas de café, casas de colonos, que são testemunhos de diferentes momentos da História, não apenas de Itu, mas de todo o estado de São Paulo.

Devido a esta facilidade, o Instituto de Desenvolvimento Regional da cidade de Salto, juntamente com o SEBRAE de Sorocaba, realizou diversas reuniões visando à criação de um pólo turístico regional, voltado num primeiro momento ao turismo no espaço rural, reunindo as cidades do Médio Tietê: Santana do Parnaíba, Bom Jesus de Pirapora, Cabreúva, Salto, Itu e Porto Feliz. Preocupados com a gestão da atividade, fundaram a Associação de Turismo Rural do Médio Tietê – ASTUR, congregando 24 propriedades, conforme figura 04.

Na ocasião a ASTUR possuía entre os seus principais objetivos:

- Planejar, incentivar e orientar a implantação do turismo rural;
- Estabelecer intercâmbios entre os associados;
- Desenvolver atividades que promovam e divulguem o turismo rural, como por exemplo: congressos, exposições e outros eventos.

A fim de atender aos objetivos elencados, a ASTUR se propôs a apoiar pesquisas que desenvolvessem temáticas voltadas ao turismo no espaço rural na área; fazer um cadastro de propriedades e suas atividades, a fim da elaboração de um roteiro turístico; capacitar mão-de-obra; estabelecer parcerias com entidades privadas e públicas; divulgar amplamente todas as atividades desenvolvidas pelos associados.

Não há dúvidas de que a proposta era extremamente positiva, mas a ASTUR não conseguiu desenvolver suas atividades a contento. De acordo com a opinião do Sr. João Baptista Mattos Pacheco Neto, arrendatário da Fazenda Pirahy, e, na época, secretário da ASTUR, a sua proposta não se efetivou de fato devido, em grande parte, à euforia inicial dos proprietários, ou seja, todos aceitaram o turismo rural em suas propriedades por necessidade de acrescentar renda, influenciados pelo SEBRAE.

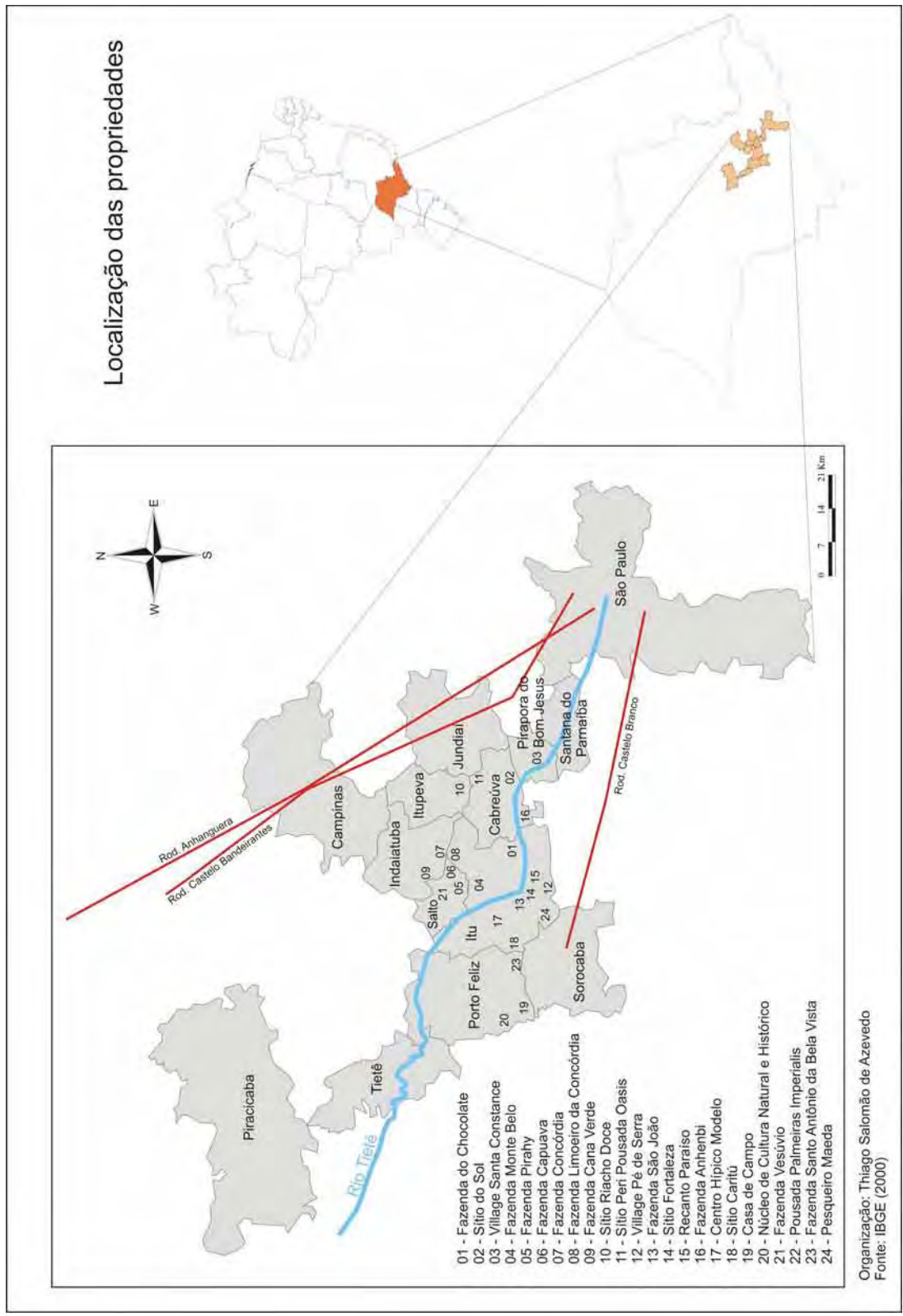


Figura 04- Localização das propriedades pertencentes à ASTUR

Os proprietários foram se conhecendo com a Associação já constituída e considerando o fato de que seus dirigentes são extremamente envolvidos com a questão do turismo rural, sendo também membros em outros projetos, a ASTUR começou a enfrentar dificuldades até mesmo com as reuniões ordinárias, já que faltavam muitos membros. Assim, houve um momento em que o Sr. João Pacheco propôs uma mudança de diretoria na tentativa de salvar a idéia inicial da ASTUR. Na opinião dele, a ASTUR não se extinguiu, apenas se esfacelou, contando hoje com cerca de 10 dos 24 proprietários inicialmente envolvidos.

Mais recentemente, os proprietários da Fazenda Capoava, Paulo Sampaio de Almeida Prado e Maria Alice Setúbal, com o apoio da Secretaria Municipal de Turismo, iniciaram um movimento visando fomentar a atividade turística em Itu. Desta forma, a primeira reunião foi marcada para o dia 15 de abril de 2003, envolvendo representantes de todos os segmentos da atividade turística, por entenderem que o turismo, dada a sua amplitude, deve ser discutido e promovido de forma global e articulada, sendo um todo e não apenas envolvendo segmentos específicos, como por exemplo, o turismo no espaço rural, como era a proposta da ASTUR.

Esta reunião aconteceu na casa do Barão e os organizadores reuniram empresários da rede hoteleira, bares, restaurantes, proprietários das fazendas, meios de comunicação, entre outros. O principal objetivo era encontrar e elaborar de forma conjunta estratégias que viabilizassem o turismo na região, divulgando e caracterizando a região como uma opção de lazer e de férias no interior paulista. A idéia central era valorizar os atrativos do campo, da história ituana, além de apresentar outras opções de lazer e entretenimento.

A iniciativa foi um grande sucesso. Reuniram-se mais de quarenta pessoas, e, por mais de duas horas o potencial turístico da cidade foi discutido, enfatizando os problemas que impedem o real desenvolvimento do setor turístico em Itu e na região. Foram feitas propostas de parcerias e formou-se uma comissão que desde esta data tem se reunido com frequência. Assim, definiu-se a Associação Pró-Desenvolvimento do Turismo da Estância Turística de Itu, a Prótur, que na concepção do Sr. João Pacheco engloba a ASTUR e as suas propostas iniciais.

Entre as principais diretrizes da Prótur podem-se ressaltar:

- Quanto à divulgação: desenvolver uma campanha publicitária; atualizar constantemente o site da cidade de Itu, dando destaque para as atividades que

geram o turismo; contratar uma assessoria de imprensa; elaborar o calendário de eventos da cidade enviando-o a hotéis, fazendas e campings; abertura de espaços na mídia (TV, jornais, revistas e Internet);

- Quanto a eventos: apoio aos eventos que promovam a imagem da cidade; promover eventos e programas junto às escolas no sentido de conscientizar e valorizar a cidade e seu contexto histórico, social e ambiental;
- Quanto ao turismo receptivo: acompanhar o desenvolvimento do Plano Diretor da cidade; estabelecer parcerias com associações de programas ambientais, sociais e urbanos; participar da implantação do sistema de sinalização dos pontos turísticos da cidade; implantar o *trailer* turístico;
- Quanto à capacitação/treinamento: seleção e capacitação de monitores para as igrejas; treinamento e elaboração de uma apostila que oriente todas as pessoas ligadas ao atendimento ao turista;
- Quanto à captação de recursos financeiros: implantação da taxa espontânea de turismo e venda de material publicitário, tais como: adesivos, camisetas, entre outros. (www.itu.com.br/protur)

Desta forma a Prótur conta com aproximadamente 37 associados, de diferentes segmentos da atividade turística, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 02 - Associados da Prótur

Agências de Turismo Tombatur Bellagio Turismo	Escola de idiomas London School	Meios de Comunicação www.itu.com.br Revista Aqui!
Alimentação Restaurante das Pedras Restaurante Dona Corina Restaurante Rancho da Picanha Paraíso do Nordeste La Bonna Pizza	Fazendas Fazenda Pirahy Fazenda do Chocolate Fazenda Bela Vista Fazenda Capoava Fazenda Pau D'Alho Sítio Caritú	Patrimônio Cultural Fábrica São Luiz
Arte Edna Menighini Officina Dell'Arte	Hipismo Centro Hípico Modelo	Pesqueiros Pesqueiro Maeda
Associação Cultural Coral Vozes de Itu	Hotéis Comfort Hotel Hotel Vila do Conde Hotel do KK Itu Colonial Plaza Hotel Itu Plaza Hotel	Pousadas Pousada Sítio Moinho Velho Chácara da Felicidade Village Santa Constance
Campings Camping Cabreúva Camping Carrion Camping Casarão Camping das Pedras Camping Chapéu-de-Sol		Roteiros Roteiro Caipira Pró-Cultura
		Shoppings Plaza Shopping
		Spa Spa Day Health 4 Tempos

Fonte: www.itu.com.br/protur, coletado em 22/01/05

As propriedades rurais: as fazendas centenárias e o (re) encontro com o rural

Selecionar as propriedades alvo da pesquisa não foi tarefa fácil. Todas são ricas não apenas na tradição, nos costumes, na natureza exuberante. Por todo lado que se olha é nítida a nossa História, seja pelas construções bandeirísticas, pela produção canavieira ou pelos objetos fruto da ascensão paulista cafeeira do final do século XIX e início do século XX.

Num primeiro momento foram selecionadas quatro propriedades: Fazenda Capoava, Fazenda do Chocolate, Camping e Pousada Fazenda das Pedras e Fazenda Pirahy, considerando os fatores: período que recebem turistas e ou visitantes e atividades de recreação e lazer existentes nas propriedades, inclusive as que proporcionam maior contato com a natureza, como por exemplo, cavalgadas, trilhas, caminhadas e, finalmente, as características de serviços oferecidos pelas propriedades, que logicamente atraem um

público diferenciado. Iniciados os primeiros contatos com a gerência da Fazenda Capoava, ela mostrou-se preocupada com o número de questionários a serem aplicados e com o número de sujeitos estipulados, mesmo interessada no tema da pesquisa e reconhecendo a sua importância. Segundo a gerência da propriedade poderia haver uma certa resistência por parte dos hóspedes, já que, na sua grande maioria, deslocam-se de grandes centros buscando simplesmente o descanso. Vale dizer que a Fazenda Capoava, na verdade, é um hotel-fazenda, voltado a atender a elite de São Paulo e outros grandes centros. Foram feitas, por parte da gerência, algumas propostas no sentido de diminuir o número de questões ou o número de pessoas a serem entrevistadas, ou então de encaminhar os questionários via e-mail para os hóspedes que a própria gerência indicasse. Diante da metodologia adotada na pesquisa e já definida, obviamente essas alterações não podiam ser feitas a título de não camuflar os resultados atingidos. Considerando então o critério de autorização por parte da propriedade, sem nenhuma objeção à metodologia empregada, como um pré-requisito fundamental, somado às outras condições discorridas acima, a decisão foi por três propriedades: Fazenda do Chocolate, Camping e Pousada Fazenda das Pedras e Fazenda Pirahy (figura 05).

Tomada a decisão por essas três propriedades deparou-se com um outro problema, ou melhor, a falta de documentos escritos que narrem a História desses lugares. O que normalmente se encontra são os folhetins de marketing e propaganda sobre as propriedades. Não que as informações desses informativos estejam incorretas, mas para um trabalho científico são, certamente, insuficientes. Assim, optou-se por uma entrevista semi-estruturada (roteiro no Anexo) com os proprietários a fim de detalhar o contexto histórico das propriedades com a maior fidelidade possível, passo indispensável para o desenvolvimento da pesquisa. Desta forma, a entrevista foi desenvolvida pela pesquisadora com o seguinte roteiro: Há quanto tempo adquiriram a propriedade? Qual o tamanho? Quais as atividades já desenvolvidas? Atualmente quais as atividades desenvolvidas? Há quanto tempo a propriedade recebe visitantes e ou turistas? Qual a procedência da maioria? Por que decidiu abrir a propriedade a visitantes e turistas? Quanto aos visitantes/turistas, na sua opinião o que mais apreciam na paisagem rural? Por quê? Na sua opinião quais os motivos que levam as pessoas a passearem/visitarem o campo?

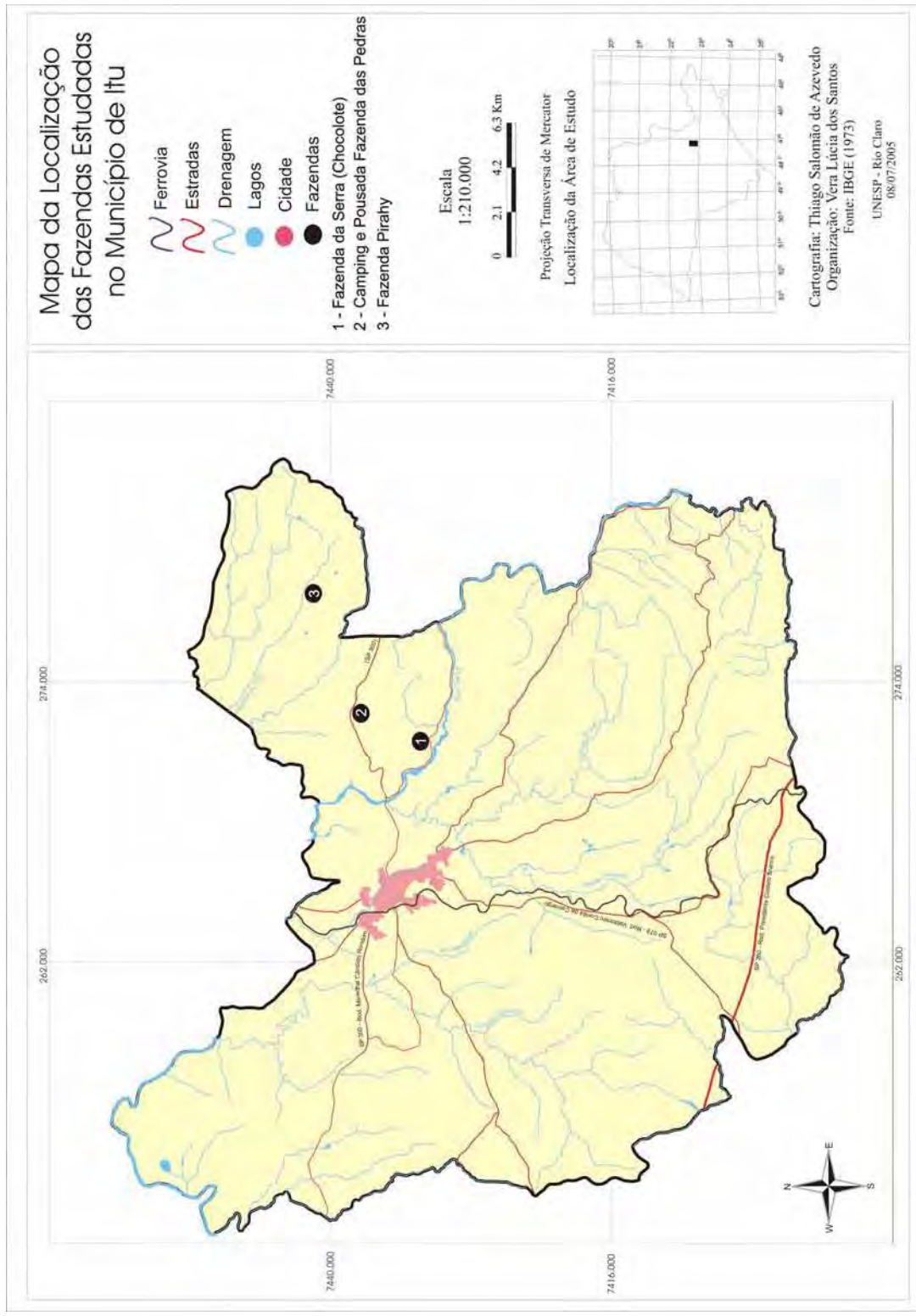


Figura 05- Localização das propriedades alvo do estudo

Além dessas questões relativas ao contexto histórico das propriedades, outras foram feitas direcionadas a compreender o relacionamento dos proprietários com o meio em que vivem: Para você o que é paisagem rural? O que ela significa? Olhando a paisagem à sua volta, o que mais lhe chama a atenção? Por quê? Tem lugares preferidos aqui? Quais? Como você define a vida no campo?

A entrevista com a Sra. Rita Maria de Arruda Zacarias, proprietária da Pousada e Camping Fazenda das Pedras, ocorreu no dia 12/03/05; com o Sr. Luiz Hacker, proprietário da Fazenda do Chocolate, no dia seguinte, 13/03/05 e, finalmente, com o Sr. João Baptista Mattos Pacheco Neto, conhecido como João Pacheco, arrendatário da Fazenda Pirahy, no dia 03/04/05. Todas as respostas foram anotadas prontamente pela própria pesquisadora, sem o uso de gravadores, a fim de evitar qualquer inibição por parte dos entrevistados. Com base nas entrevistas foi possível compreender a historicidade de cada propriedade, como se segue.

Fazenda da Serra ou Fazenda do Chocolate

A Fazenda do Chocolate, como é conhecida popularmente, foi fundada pelos bandeirantes aproximadamente há 300 anos. Localiza-se às margens do rio Tietê, numa área de preservação ambiental, desde 1993, na rodovia SP-312, que interliga Itu a Cabreúva, Km 90, também conhecida como Estrada Parque, abrangendo uma área de 80 alqueires.

Tal como outras propriedades da área, durante esse período a Fazenda passou por diversos proprietários e ciclos de produção, como por exemplo, cana-de-açúcar, café, agropecuária e, nos últimos 20 anos, vem desenvolvendo o turismo rural, sendo a pioneira da região a receber visitantes. De acordo com informações obtidas com o atual proprietário, Sr. Luiz Hacker, que adquiriu a fazenda em 1964, a família decidiu abrir a propriedade a visitantes devido às dificuldades enfrentadas para manter a produção agrícola. Como é sabido a agricultura brasileira enfrenta sucessivas crises, não havendo uma política clara que auxilie o agricultor de forma planejada e contínua, e, ainda no caso desta área, somam-se as características do relevo que dificultam a mecanização.

O pai do Sr. Luiz, o Sr. Werner Hacker, foi o primeiro na região e o terceiro no estado de São Paulo a construir em sua propriedade uma área de Camping, chamando-o de Camping Itu, conhecido popularmente como Camping do Alemão, em fevereiro de 1974. Na ocasião a infra-estrutura do Camping era composta de sanitários, chuveiros com água quente, lava pratos, churrasqueiras, piscina, restaurante, mini-mercado, numa área que comportava 120 barracas ou trailers, com rios, lagos e cachoeiras (REVISTA ACAMPAMENTO, pg. 24, s/d). No início da década de 80, o Camping foi vendido e o senhor Luiz, que auxiliava o pai, decidiu iniciar na sua própria propriedade uma produção caseira de chocolate. Concomitantemente à produção caseira, era desenvolvida a agropecuária, suinocultura, plantação de milho, uva e café.

A produção caseira de chocolates foi crescendo, cada vez mais um número maior de pessoas procuravam pelos produtos, que não se restringiam apenas a chocolates, mas também mel, pães, bolachas, bolos, vinhos, licores, sorvetes, entre outros. Em pouco tempo veio a idéia de transformar a antiga senzala em loja para comercializar os produtos e construir também outra loja onde os visitantes podiam conferir o artesanato produzido na região. Seguem as fotos de 1 a 4 da propriedade, que mostram a casa-sede, a loja de produtos caseiros, algumas antiguidades que ficam à mostra na antiga senzala e a entrada da antiga senzala.



Foto 01 – Casa-sede da Fazenda do Chocolate
Crédito: Eduardo Ikeda



Foto 02 - Produtos à venda (antiga senzala)- Fazenda do Chocolate
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 13/03/2005



Foto 03 – Antiguidades à mostra - (antiga senzala)
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 13/03/2005



Foto 04- Entrada da Antiga Senzala
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 13/03/2005

Vale destacar que o nome da propriedade é Fazenda da Serra e a área central destinada à venda dos produtos e visitação é que ficou conhecida como Fazenda do Chocolate.

A Fazenda do Chocolate agenda visitas para estudantes, associações, grupos de todas as idades, além de trabalhar com *day-camping* e locar o espaço para eventos, fotos e filmagens, principalmente para novelas de época como, por exemplo, a novela *Escrava Isaura*, que a utilizou para a gravação de algumas cenas.

Na área central destinada à visitação encontra-se um parque com variedades de flora e fauna, como pôneis, vacas, cabras, aves, que os visitantes podem alimentar com ração adquirida no local, além das crianças poderem passear de pônei e charrete em volta do lago. As cavalgadas, outra atividade desenvolvida na propriedade, podem ser noturnas ou diurnas, sempre realizadas com os monitores numa trilha de 4 Km, antiga trilha do café, durante aproximadamente uma hora. No percurso os visitantes observam as Serras do Japi e do Ipanema, além da cidade de Itu, cruzando com vários animais que vivem na mata, como tatus, quatis, seriema, gaviões e teiús. Ainda de acordo com o senhor Luiz Hacker, hoje a

propriedade recebe por mês em torno de 10.000 visitantes interessados na compra de produtos e, ligados aos pacotes turísticos, em média, 400 visitantes.

Obviamente, estes números oscilam muito, mas a média demonstra um grande interesse das pessoas pelos produtos oferecidos na propriedade, tanto os alimentos, quanto o artesanato. Durante o trabalho de campo realizado ficou evidente que a propriedade é muito conhecida e freqüentada não apenas por ituanos, mas por pessoas de outros municípios equidistantes, entre 100 a 120km, tais como Salto, Jundiá, Sorocaba, Porto Feliz, São Paulo, entre outros. São várias as famílias que chegam e se dirigem à cantina, pois dali há vista para o lago que fica logo abaixo e dos animais, tais como coelhos, patos, araras, pavão, marrecos, entre outros. Enquanto os adultos se divertem com as guloseimas, as crianças ficam em fila para passear com os pôneis em volta do lago, ou então, alimentar os peixes com ração adquirida na fazenda.

Desta forma, a propriedade está completamente voltada à atividade turística, embora não haja alojamentos, já que a propriedade apenas recebe visitantes em horário comercial, sem a necessidade de agendar ou mesmo pagar pela entrada. A produção agrícola da fazenda atende apenas ao próprio consumo e à venda nas lojas, como é o caso do café e da agropecuária leiteira.

Questionado sobre o que os visitantes mais apreciam na paisagem, o Sr. Luiz Hacker afirmou que depende da faixa etária. Na opinião dele os adultos apreciam a conservação da área e os produtos caseiros, já as crianças ficam extasiadas com os animais. Interessante destacar que na sua concepção nem todas as pessoas demonstram conduta ambiental positiva, uma vez que jogam lixo na propriedade. Discorrendo sobre os motivos que levam os visitantes à sua propriedade, o Sr. Luiz Hacker afirmou que são muitos e variados; algumas pessoas procuram porque gostam do contato com o ar puro, o cheiro característico do curral, apreciam a arquitetura da casa-sede, querem visitar a capela de São Roque (foto 5) construída desde 1925, conhecer o museu, caminhar pelas trilhas. Outras, simplesmente vão em busca dos produtos; já as crianças, notadamente, apreciam os animais.

Com relação à segunda etapa da entrevista, quando se perguntou ao Sr. Luiz Hacker o que é paisagem rural e o que ela significa, ele fez questão de destacar que é o campo, com áreas de preservação, um conjunto de fatores e coisas, mas, acima de tudo é necessário que haja atividades. Com base nessa concepção, para ele o campo significa desenvolvimento,

embora seja muito difícil devido aos poucos incentivos que recebem. Ao olhar a paisagem a sua volta, ele admira o alto índice de preservação da propriedade e a capacidade de regeneração do meio; com poucos anos que não há mais derrubada de árvores, já se nota a presença dos animais. Desta forma, ele admira todos os lugares, não conseguindo eleger um em específico. Concluindo, ele aprecia a vida no campo, afirmando não ser monótona como muitos acreditam. No caso da Fazenda do Chocolate, que está localizada a oito minutos do Shopping Plaza em Itu, o Sr. Luiz Hacker diz que se trata de um lugar privilegiado, pois além de morar no campo, usufrui as facilidades da vida urbana.



Foto 05- Entrada da Capela de São Roque ao fundo

Crédito: Eduardo Ikeda

Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 13/03/2005

Camping e Pousada Fazenda das Pedras

Inaugurado no dia 20 de dezembro de 1975, o Camping e Pousada Fazenda das Pedras deve seu nome aos inúmeros e gigantescos matacões (formações rochosas de milhares de anos), que existem na área, em várias formas, tamanhos e disposições, contrastando nitidamente com o verde da vegetação. Localizado na Rodovia Marechal Rondon, no trecho Itu-Jundiaí, km 98, a 7 km de Itu e 95 km de São Paulo, pertence à família Arruda há aproximadamente 100 anos.

No início, de acordo com informações da Sra. Rita Maria de Arruda Zacarias, responsável pela administração do camping, era o seu avô que possuía a Fazenda Coqueiro, voltada para o cultivo de café, sendo, segundo ela, extremamente produtiva. Nesta época, o seu pai, Sr. Rodrigues de Arruda, morava em uma das casas na propriedade e auxiliava o seu avô na administração dos negócios. Com a morte do patriarca, dividiu-se a Fazenda Coqueiro entre os três filhos herdeiros, cabendo ao seu pai cerca de 70 alqueires. A área escolhida por ele era a que possuía mais terreno, já que não havia nenhuma construção. Assim, construíram uma casa e começaram a produzir café e leite, uma vez que o Sr. Rodrigues de Arruda sempre gostou do gado leiteiro.

Com a crise do café, por volta de 1940, a sua família começou a enfrentar sérias crises financeiras, sendo obrigada a contrair sucessivos empréstimos bancários, forçando-os a investir em outras culturas, tais como o milho e o tomate, mas as dívidas só aumentavam. Anos se passaram sempre enfrentando muitas dificuldades, tanto com a agricultura como com a pecuária, até que no início da década de 70 foi fundado um camping em Sorocaba, denominado Castelinho, e, em Itu, em 1974, o camping Itu, do Sr. Werner Hacker. Logo todos começaram a afirmar que se tratava de um negócio seguro e rentável. Diante do endividamento constante que enfrentavam, cujos prejuízos a lavoura não conseguia repor, a Sra. Maria Benedita de Arruda, esposa do Sr. Rodrigues de Arruda, tomou a decisão de procurar o Sr. Werner Hacker e pedir-lhe orientação no sentido de ajudá-la a adequar a sua propriedade para receber visitantes e campistas.

Desta forma, a família decidiu destinar cerca de 20 alqueires à área de camping, construindo, de início, piscinas, cantina, churrasqueiras por toda a área, campo de futebol, quadra de vôlei, 12 sanitários com chuveiros, 08 lava-pratos e 08 lava-roupas, com áreas

gramadas para barracas e trailers, pontos de água a cada 20 m e 200 tomadas de luz, estando capacitado para acomodar, na ocasião, 200 barracas ou trailers. Além disso, já no início o camping alugava cavalos para passeios em trilhas na propriedade (REVISTA ACAMPAMENTO, p. 28, s/d.). Hoje, próximo a completar 30 anos, a Sra. Rita Maria administra a área de camping e as outras duas irmãs administram o restaurante Camping das Pedras e a cantina, ambos localizados na propriedade. Durante seu relato, a Sra. Rita Maria fez questão de destacar que seu pai, com 77 anos, e sua mãe, com 72 anos de idade, ainda coordenam as ações das filhas, indo todos os dias à propriedade, uma vez que residem em Itu.

Certamente, nestes 30 anos, o camping passou por ampliações necessárias a fim de atender o público, vindo na maioria de Indaiatuba, Jundiaí, Sorocaba, São Paulo, ABC paulista, Salto e Itu. Além da área destinada aos campistas que instalam suas barracas e trailers, construíram apartamentos, chalés e cabanas. O que mais chama a atenção são os chalés (há na propriedade o total de 33) destinados aos mensalistas, ou seja, pessoas que compram os chalés entre \$18.000 a \$25.000 em média e pagam aproximadamente \$400,00/mês pela renda da terra, com a finalidade de vir à propriedade com frequência. Na grande maioria são pessoas de São Paulo e Campinas que vêm os seus chalés como extensão das suas próprias casas, na opinião da Sra. Rita Maria.

Questionada sobre o que, na concepção dela, os visitantes mais apreciam na paisagem, ela salientou que mesmo antes da sua mãe convencer a família da rentabilidade que seria o camping, muitas pessoas já iam à propriedade a fim de fotografar os matacões. Ela se lembra de vários trabalhos de campo das universidades, principalmente do curso de Geologia, da USP, cujos alunos passavam o dia todo na área, como ainda hoje o fazem. Atualmente, na opinião dela, as pessoas buscam simplesmente descansar e curtir a natureza, ao contrário de décadas atrás, quando as pessoas buscavam a propriedade por conta do espírito de aventura.

Completando a sua fala, a Sra. Rita Maria ressaltou que hoje assiste-se a um modismo em ir às fazendas, mas a maioria das pessoas não são ambientalmente corretas. Rabiscam os matacões, jogam lixo nas proximidades das piscinas e nas trilhas, arrancam as mudas de plantas para levar para casa. Ainda, na concepção dela, mesmo entre os mensalistas que

possuem visivelmente maior ligação com o lugar, alguns não se mostram preocupados com a conservação do ambiente.

Diante da pergunta: o que é a paisagem rural e o que ela significa, a Sra. Rita Maria enfatizou que é a imagem que ela cresceu e sempre conviveu, ou seja, vacas no pasto, plantações como cana e café, chiqueiro e cavalos. Seu significado não pode ser descrito a não ser com os sentimentos de paz e tranqüilidade que o campo representa. E o que mais lhe chama a atenção? Ela salienta que é o pôr-do-sol e o relevo, tanto que o lugar que ela prefere é o mirante, já que à noite as pessoas vão até lá observar a cidade. Ao definir a vida no campo, a Sra. Rita Maria fala do tempo que é outro em relação à cidade, da possibilidade de observar uma formiga, um calango, as coisas simples da vida, além da paz e a tranqüilidade que marcam a paisagem.

Hoje, a Pousada e Camping Fazenda das Pedras está aberta ao público de sexta, a partir das 18:00 h, até domingo (também até as 18:00 hs) e nos feriados prolongados, atendendo cerca de 1500 pessoas/mês. Além da atividade voltada ao lazer e à recreação, possuem gado de corte, mas em termos de agricultura, nada é cultivado.

As fotos de 6 a 11 revelam aspectos da infra-estrutura, dos serviços oferecidos e da paisagem na propriedade.



Foto 06- Entrada do Camping das Pedras
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 13/03/2005



Foto 07 – Área destinada aos campistas
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 13/03/2005



Foto 08 – Piscina com toboágua destinada aos visitantes
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 13/03/2005



Foto 09- Área dos chalés para visitantes
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 13/03/2005



Foto 10- Aspectos da paisagem
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 13/03/2005



Foto 11 – Vista da paisagem com os matacões
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 13/03/2005

Fazenda Pirahy

A Fazenda Pirahy, localizada na Estrada do Pedregulho, uma via vicinal que liga Itu a Salto, cerca de 4 km de Itu, data de 1750, quando escravos construíram a casa-sede em taipa, a qual ainda hoje mantém sua arquitetura original, (conforme foto 12). Da mesma forma que as outras propriedades da região, é fruto lícito de toda a História do município de

Itu, desde a chegada dos bandeirantes, passando pelos ciclos econômicos do açúcar e do café, até chegar aos dias de hoje, voltada ao lazer e à criação de gado.



Foto 12- Casa-sede da Fazenda Pirahy
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 05/06/2005

Durante o ciclo do açúcar, a Pirahy foi um importante engenho e conserva, ainda hoje, os tachos de cobre utilizados na produção da mesma os quais, agora, são utilizados para ofurô, prática muito apreciada pelos visitantes, conforme se observa na foto 13. Com o declínio dos preços do açúcar, no século XIX, a Pirahy voltou-se para o cultivo do café. Já no século XX, após o ciclo do café e até os anos 70, a fazenda retornou ao cultivo da cana, desta vez para a produção da pinga pirahy. Ainda hoje, há na propriedade os tonéis preservados como testemunhas deste período, (foto 14).

A fazenda Pirahy possui 170 alqueires, dos quais uma faixa de cinco alqueires é reservada às cavalgadas e está arrendada ao Sr. João Baptista Mattos Pacheco Neto desde 2001, quando ele iniciou o turismo rural na propriedade. Ao longo de sua história a fazenda Pirahy teve vários proprietários, primeiramente, a família Paes e Barros, bandeirantes; em seguida, a família que a adquiriu foi a Almeida Prado, inclusive um deles foi barão; depois,

os Leite de Barros, que venderam-na à família Macedo, e, atualmente, está com a família Ferraz de Camargo, que a comprou em 1970.



Foto 13- Tachos de cobre utilizados para ofurô
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 05/06/2005



Foto 14- Tonéis utilizados para a produção da pinga pirahy
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 05/06/2005

Vale ressaltar que o Sr. João Pacheco sempre trabalhou com o turismo rural em uma propriedade da família, localizada na região, mas que, no momento, encontra-se em processo de herança e divisão entre os familiares. Assim ele arrendou a Fazenda Pirahy, que, por sua vez, desenvolvia o turismo rural há anos, no comando dos atuais gerentes da Capoava. Como os gerentes foram convidados a administrar a Capoava, ele arrendou para dar continuidade ao que existia.

Na faixa dos cinco alqueires destinados à atividade turística encontram-se matas, rios, lagos e cachoeiras, que podem ser explorados pelos visitantes a cavalo, bicicleta ou a pé, passeando pelas trilhas. Os visitantes são recebidos pelo arredantário João Pacheco, numa varanda (foto 15), antigo silo, em um ambiente descontraído e rústico, decorado com plantas e objetos típicos de fazenda. Esta varanda é utilizada para o bate-papo, para a descontração dos visitantes que podem optar entre deitar nas redes ou sentar em cadeiras devidamente espalhadas pela varanda. Nesse mesmo ambiente é servido o almoço típico da fazenda, feito no fogão à lenha, e de lá partem e chegam todos os passeios, como cavalgadas e caminhadas.



Foto 15- Varanda da Fazenda Pirahy
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 05/06/2005

As cavalgadas, sem sombra de dúvidas, são a maior atração na fazenda Pirahy. Há cavalos e trilhas para todas as idades e tipos de pessoas, desde aquelas que nunca tiveram contato com o animal, até os mais experientes. Ocorrem em estradas de terra, com trechos apropriados para pequenas corridas, cruzando pastos, sendo possível até visitar outras fazendas históricas, como a Cana Verde e a Capoava. Esse intercâmbio entre as fazendas é possível graças à amizade que há entre os proprietários e, acima de tudo, por estarem todos envolvidos na proposta da Prótur, que visa interligar a atividade turística no município entre todos os seus agentes, formando uma verdadeira rede, ou seja, restaurantes, hotéis, fazendas históricas, passeios em pontos turísticos da cidade, entre outros, otimizando, desta forma, a vinda dos visitantes e turistas no município.

A maioria dos cavalos são da raça mangalarga marchadores (foto 16), mas há também mestiços campolinos, apaloosas e quartos de milha. Os passeios saem em grupos de até 20 cavalos, sempre acompanhados por monitores. Na opinião do Sr. João Pacheco é uma atividade altamente interativa que aproxima as pessoas, sendo indicada para toda a família.

Além da cavalgada, outra atividade é a caminhada, que pode ser: na trilha da cachoeira, considerada uma caminhada longa, com trechos de média dificuldade, terminando em uma cachoeira do rio Pirahy; na trilha das borboletas, que se caracteriza por ser mais tranqüila que a trilha da cachoeira, margeando o rio Pirahy, onde se vêem cachoeiras, corredeiras e, em certas épocas do ano, muitas borboletas de várias cores e tamanhos, e, por último, na trilha do morro, que é um passeio pelos pastos da fazenda (foto 17), com algumas subidas íngremes.

Quanto à hospedagem, a fazenda disponibiliza de chalés adequados para receber casais ou grupos de até oito pessoas. No estilo fazenda-hotel, parte da antiga colônia foi transformada para receber hóspede. Nos chalés há lareira, varanda com redes, cozinha e churrasqueiras. Somente grupos maiores hospedam-se também na casa-sede, que possui instalações para acomodar até dezoito pessoas, já que, além das suítes, possui uma copa, cozinha, sala de jantar, sala de TV, sala de jogos e lareira. Os antigos terreiros de café hoje são as quadras de tênis e a piscina com churrasqueira.

A fazenda também se dispõe a organizar e realizar vários tipos de eventos e festas, tais como: aniversários, churrascos, almoços especiais, reuniões e meeting com executivos, casamentos e outras celebrações, inclusive com pernoite para até 45 pessoas. Atende desde excursões gerais, ou seja, grupos da melhor idade, famílias, crianças e jovens, até trabalhos pedagógicos, formados por grupos de até 80 alunos. Isto porque a fazenda possui um projeto chamado Fazenda-Escola que acompanha os alunos, juntamente com seus professores, pela trilha das borboletas, para observação e reconhecimento dos animais e plantas, discutindo, obviamente, a responsabilidade ambiental. Após o almoço, os alunos têm contato com os animais da fazenda, terminando com uma caminhada curta até a sede, para o conhecimento da nossa História, e com visita ao alambique.



Foto 16- Cavalo preparado para a cavalgada
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 05/06/2005

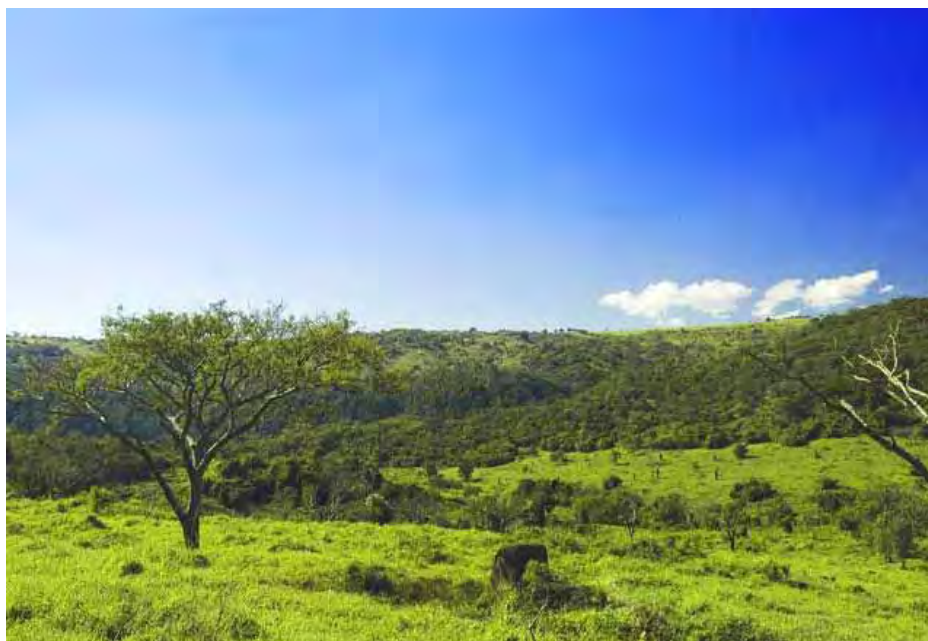


Foto 17- Vista das pastagens da Fazenda Pirahy
Crédito: Eduardo Ikeda
Fonte: Trabalho de Campo realizado dia 05/06/2005

Com relação à procedência dos visitantes, o Sr. João Pacheco afirmou que 80% são da cidade de São Paulo, 10% são estrangeiros e outros 10% das proximidades, como as cidades de Salto, Itu e Jundiaí, ou seja, cidades localizadas num raio de 40 Km no máximo. Na opinião dele, o que mais atrai os visitantes é a ânsia pelo contato com o verde, além de admirarem o relevo, que é muito bonito. Ele ainda destacou que a vida na cidade é um estresse e que as pessoas têm necessidade do contato com a fazenda, uma vez que a geração adulta, na grande maioria, tem suas origens no meio rural e hoje deseja apresentar esse meio aos filhos. Assim, segundo ele, o que mais atrai na Pirahy é o lugar íntimo que ela representa. Lá todos são tratados como se fossem “de casa”, sendo estimulados a “ficar à vontade”. Somando-se a isso há o contato direto com a natureza, as cavalgadas e caminhadas e, por que não dizer, a comida da fazenda, que é, sem dúvidas, um grande atrativo.

Quando questionado sobre o que é paisagem rural, o Sr. João Pacheco salientou que são lugares onde predomina o verde, há ausência das construções humanas e ele não tem dúvidas, é uma necessidade do ser humano buscar por essas áreas. Na opinião dele, muitas pessoas ficam nas cidades devido às questões econômicas, mas não se sentem realmente felizes. Olhando a paisagem a sua volta, o que lhe chama a atenção é a tranquilidade, a vida dos animais, sendo que na propriedade há uma série de lugares preferidos, o alto dos morros, os rios, o fundo do vale.

Ao definir a vida no campo, o Sr. João Pacheco ressalta que é uma vida onde os ritmos são mais saudáveis, havendo todas as condições para estabelecer contatos profundos com as pessoas e com a natureza.

Com base na área da pesquisa aqui detalhada, bem como na riqueza de seus significados, tanto do ponto de vista histórico e cultural, como paisagístico, cabe perguntar: a busca dos visitantes por essas áreas é um simples passeio?



Capítulo 3

A busca da paisagem rural: simples passeio?

*Desde o Renascimento não cessamos de triunfar sobre novos limites. Hoje, começamos a tomar consciência dos mesmos....
Chegamos ao ponto de perguntar o que existiria além dos limites que acabamos de reconhecer.
Esta é a pergunta do século.*
(Erhard Eppler apud Krippendorf, 1989).

A sociedade atual está em constante movimento, seja à procura de novidades, de status, ou de aprender com o outro ou, por simples fuga do cotidiano, há uma mobilidade frenética que assola a todos.

Qual é a origem dessa mobilidade nos dias de folga que, segundo Krippendorf (1989) caracteriza os habitantes das cidades que chegam a dedicar 40% do tempo livre de que dispõem? Ainda de acordo com o autor citado as pessoas, em média, despedem 30% desse tempo em excursões ou passeios curtos e 10% em viagem de férias, ou seja, atualmente as pessoas tornaram-se turistas, embora o ser humano não tenha nascido com esta característica.

Naturalmente a curiosidade, que é um sentimento até um tanto nostálgico com relação aos países longínquos e lugares aprazíveis, sempre, e em diferentes épocas, esteve entre as necessidades básicas e imediatas do ser humano. A prova disso são as refinadas viagens da aristocracia até o início deste século. Mas, na opinião de Krippendorf (1989) o que impulsiona milhares de seres hoje em dia a fugir de suas residências e de seus lugares, não é mais, de fato, a necessidade inata de viajar. O autor assevera:

as pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho, ou seja, onde morem. Sentem necessidades urgentes de se desfazer temporariamente do fardo das condições normais de trabalho, de moradia e de lazer, a fim de estar em condições de retorná-lo quando regressarem,
(KRIPPENDORF, 1989, p. 17).

Na realidade, diante do fato que o trabalho é cada vez mais mecanizado, compartimentado e, muitas vezes, determinado fora da esfera da vontade das pessoas, não resta dúvidas que há uma monotonia do cotidiano agravada pela racionalidade das

indústrias e empresas, pelo empobrecimento das relações humanas, pela regressão dos sentimentos, pela degradação ambiental em todos os sentidos e pela perda do natural. Como resultado essa realidade representa uma deficiência do cotidiano, onde a existência humana fica reduzida à uma expressão mais simples e empobrecida. Dessa forma, como nos diz Krippendorf, (op. cit, p. 17):

para encontrarmos uma compensação a tudo o que nos falta no cotidiano, para tudo o que perdemos ou que desapareceu, viajamos, desejamos nos liberar da dependência social, nos desligar e refazer as energias, desfrutar da independência e da livre disposição do próprio ser, entabular contatos, descansar, viver livremente e procurar um pouco de felicidade.

Em outras palavras e sem nenhum exagero, isso significa dizer que viajamos para viver melhor.

Com base nesta premissa bem como no conhecimento de que as pessoas desenvolvem relações afetivas ou não com os diversos lugares e paisagens, a presente pesquisa será desenvolvida a partir das seguintes hipóteses de trabalho: Será que quanto maior os laços topofílicos, maior o instinto biofílico com o meio natural? Isso pode levar a uma conduta conservacionista/preservacionista? Através da abordagem perceptiva/cognitiva e utilizando a análise qualitativa será enfocada a interação entre as pessoas e o lugar visitado, procurando identificar as manifestações topofílicas e biofílicas, e se há indícios de uma valoração da vida de todas as espécies em geral, condições necessárias para acenarmos com a possibilidade da existência, no futuro próximo, de uma sociedade mais humana, mais justa e mais sustentável.

A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Indubitavelmente as cidades estão entre as mais belas construções da humanidade e exercem grande fascínio à nossa criação e imaginação. Desde o surgimento das primeiras civilizações urbanas às margens dos rios Nilo, Tigre e Eufrates as cidades parecem ser o caminho natural da história do homem, assim como se espera que passemos da vida selvagem para a civilizada, do mundo da natureza para a cultura. Mas, por quê então as pessoas, ao ansiar por um dia diferente, por um momento de lazer, um final de semana aprazível, escolhem a paisagem rural? Certamente porque há um encantamento que o rural

exerce sobre as populações urbanas, principalmente as dos grandes centros urbanos já que são bombardeadas todos os dias por diversos acontecimentos, que, muitas vezes, levam ao esgotamento físico.

Nesse contexto, o momento atual exige que todos os especialistas interessados no tema uma investigação que busque compreender o real significado desse retorno às áreas rurais, indo além da análise pura e abstrata das estatísticas, ou seja, cabe perguntar: há um vínculo que motiva as pessoas a ter contato com áreas ditas naturais, em especial, as paisagens rurais? Se há esse vínculo, como compreendê-lo?

É certo que vários estudos enfocam a contraposição entre campo e cidade, acirrado nos últimos séculos diante da perceptível inversão da proporção de moradores rurais em população urbana em praticamente todos os países. No entanto, é inegável que nas últimas décadas, as tradicionais fronteiras entre o que é rural e o urbano estejam sendo diluídas tanto do ponto de vista geográfico como cultural e tecnológico levando um número cada vez maior de estudiosos a se lançar na compreensão da complexa interação entre essas duas paisagens – urbana e rural. Willians (1989), por exemplo, em sua obra *O campo e a cidade* enfocou as respostas que a literatura e o pensamento social inglês deram a essas duas realidades, já apontando para as suas conexões, principalmente no que diz respeito às atitudes emocionais. Naquela ocasião, afirmava o pesquisador, que o universo rural foi associado, ao mesmo tempo, a uma forma natural de vida, onde reina a simplicidade, a paz, a abundância, a inocência e a harmonia e o lugar do atraso, da ignorância, da rotina e da limitação. O urbano, por sua vez, associava-se à idéia da realização, da produção, do saber, da comunicação, da era civilizada, mas também como o lugar do barulho, da competição humana, da mundanidade, do vício, da burocracia, da ambição e do conflito. Se observarmos atentamente tais atitudes emocionais se manifestam desde a época da Renascença, quando o campo era sinônimo de rusticidade e atraso social, ao passo que, a cidade, a escola das boas maneiras, gosto e sofisticação. São dicotomias invertidas que se arrastam ao longo dos tempos quando o assunto é campo e cidade. Como afirma Thomas (1988, p. 297) “quando mais se intensifica a separação entre campo e cidade, mais se encoraja o anseio sentimental pelos prazeres rurais e a idealização dos atrativos espirituais e estéticos do campo”.

Hoje, certamente, quanto mais essas duas paisagens se aproximam, maior é a necessidade de compreender suas nuances, significados e peculiaridades, pois ao mesmo tempo em que todos os espaços parecem homogeneizados pelo processo de globalização e esfacelamento das fronteiras, a força identitária dos lugares ressurgiu evidenciando que nenhum modelo econômico é capaz de anular os sentimentos, a experiência, a vivência, o contato direto com as paisagens e, muito provavelmente, tal anseio faz parte da própria natureza humana.

Assim, o desenvolvimento desta pesquisa busca compreender e identificar os vínculos existentes entre as pessoas e a paisagem rural, os reais motivadores da interação entre o rural e o urbano.

Propósito e Objetivos

A interação entre as pessoas e os diversos lugares, em especial, as paisagens rurais necessita ser compreendida em profundidade, indo além dos números apresentados nas pesquisas quantitativas. É necessário investigar as manifestações topofílicas, biofílicas e biofóbicas, a fim de compreender os reais motivos que mobilizam milhões de pessoas em todo o mundo na busca por paisagens rurais. Assim, para alcançar este propósito os objetivos que permeiam este estudo são:

- Verificar se os motivos da escolha pelo campo estão impregnados de topofilia e biofilia;
- Identificar as reações biofílicas/biofóbicas das pessoas que entram em contato com as outras espécies vivas em ambientes diferentes de onde moram;
- Identificar os memes que tiveram sucesso como replicadores na conduta humana relacionada ao campo;
- Constatar se a interatividade entre a topofilia e a biofilia pode ser a base para a conservação ambiental

O embasamento teórico desta pesquisa ampara-se, essencialmente, na tese de Tuan (1980), quando ressalta que valorizamos um elemento da paisagem quando o percebemos e

imediatamente lhe conferimos um valor, um sentido. O autor chama de **topofilia** o elo afetivo entre as pessoas e o ambiente físico, sendo única, difusa e vivida e, a partir dela, estruturamos nossas experiências pessoais, nossas atitudes e os nossos valores diante dos vários ambientes que nos cercam. Tão importante quanto a compreensão da topofilia é o conhecimento da **biofilia** expressa por Wilson, em 1984, como a afetividade inata dos seres humanos para com as demais espécies vivas do planeta. Juntamente com Stephen R. Kellert publicou em 1993, a obra “The biophilia hypothesis”, apresentando nove tipologias de valores biofílicos: utilitarista, naturalista, ecológico-científico, estética, simbólica, humanista, moralista, dominionística e negativista, referencial para a análise dos dados a serem coletados e analisados nesta pesquisa.

Dawkins também representa importante contribuição com suas discussões apresentadas na obra “The Selfish Gene” (O Gene Egoísta), publicada originalmente em 1976, onde considera a importância da cultura não apenas como algo que assimilamos, mas como algo similar à replicação genética, ou seja, para Dawkins, tão especial quanto a replicação genética, é a **replicação cultural**, que tem conseguido uma mudança evolucionária tão veloz que sugere uma certa autonomia em relação ao componente biológico. Esta replicação cultural o autor chamou de **meme** e da mesma forma como os genes se propagam de corpo para corpo através da reprodução humana, os memes se propagam de cérebro para cérebro por meio do processo cultural, ou mais propriamente, da imitação. É através da imitação, esclarece o autor, que os memes podem replicar-se mas, da mesma maneira que alguns genes não são bem sucedidos na replicação, há memes que obtém mais sucessos do que outros, análogo à seleção natural.

Somando a essas contribuições nos apoiaremos nas operacionalizações propostas por Machado (1988) quando estudou a percepção da paisagem da Serra do Mar Paulista, verificando que se tratava de uma paisagem valorizada, sendo dotada de valores e significados para as mais variadas pessoas, de diferentes idades, posições sociais, culturais e intelectuais, moradores ou não da área. Mais recentemente a autora tem avançado nas suas discussões preocupando-se com a evolução biológica e a evolução cultural na compreensão das diversas interações, atitudes e conduta das pessoas frente ao meio ambiente, (prelo). Para finalizar, a obra de Soulé (1997) responde a várias indagações no relacionamento de pessoas com a natureza quando apresenta três dimensões da mente

(experencial, analítico e valorativo) envolvidas diretamente na nossa percepção da natureza, esclarecendo que a base para a superposição dessas dimensões é tanto neurofisiológica como experencial.

Definições Conceituais e Operacionais

Acredita-se que se faz necessário para o desenvolvimento da pesquisa esclarecer certas definições, haja vista que foram guias fundamentais tanto para o desenrolar da pesquisa, como para a elaboração do instrumento de medida.

Paisagem e Lugar: com base na percepção do meio ambiente são enriquecidos pelos significados atribuídos e pela experiência, aproximando-se desta forma aos conceitos de paisagem, lugar e espaço, como esclarece Relph. (1979). Tuan (1983) considera que precisamos do lugar para nos sentir seguros e termos confiança para desenvolver nossas ações, mas, na condição de seres humanos também ansiamos pelo espaço, que representa a liberdade, o desconhecido. Assim, ele reitera que “os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade”, (TUAN, 1983, p. 61). A paisagem, estudada a partir da percepção, representa o espaço percebido, onde o indivíduo cresce, se locomove e se orienta diariamente. Assim, como categoria experienciada, a paisagem não está distante de quem a observa, ela faz parte de seu dia-a-dia, sendo que a pessoa consegue delimitá-la com extrema facilidade. Relph (1979, p. 14) destaca que a presença humana é a responsável pela união dos elementos da paisagem, pois a paisagem analisada pela ótica da experiência requer a “existência humana incessantemente colorindo e sendo colorida por ela”.

(Re)encontro com a paisagem rural: não há dúvidas que a paisagem rural pertence ao imaginário coletivo ora como algo atrasado e cheio de dificuldades, ora como natureza saudável. Se entendermos que a paisagem é vivida, experienciada e recriada pelo homem, não vacilaremos em afirmar que nela está toda produção e criatividade humana. No que tange à paisagem rural concordamos com Telles (2004) quando diz que há nela uma multifuncionalidade, já que diante de todas as transformações da sociedade atual, esperamos que a paisagem rural nos atenda desde a produção de alimentos em quantidade e

qualidade, até a conservação dos nossos recursos naturais, patrimônios culturais e manutenção da identidade, suprindo assim, as necessidades do lazer e do turismo. Desta forma, há uma clara conexão entre o rural e o urbano, seja pelos serviços oferecidos, pela paisagem predominante, seja pela mítica que envolve o imaginário coletivo, dando-nos a impressão de um enfrentamento incansável entre campo e cidade. Na opinião de Silva (2000, p. 27) neste embate, perda é o sentimento-chave. Para parte considerável dos cidadãos há uma perda constante do significado mais profundo da vida do sujeito que se apaga diante da indiferença coletiva nas cidades. Tal sensação resulta, na opinião da autora, na necessidade de fuga da impessoalidade que permeia as relações humanas nos grandes centros para a solidariedade das pequenas comunidades, havendo um re-encontro com um tempo passado. Esse re-encontro proporciona uma vitalidade para o corpo e para o espírito e as pessoas, então, transitam de acordo com as condições históricas, ora procuram a energia saudável da natureza campestre, ora o movimento, a turbidez e a agilidade da vida urbana. Assim, essas duas paisagens se completam no imaginário coletivo, como afirma Silva (2000, p.28) “se é comum o homem criar sobre o campo uma imagem de lugar de inocência, moralidade, bem-estar, etc – uma imagem bucólica – não menos freqüente é a sua capacidade de inventar uma imagística da cidade”.

Cognição e Percepção: A cognição, como destaca Souza (1998), trata-se de um amplo processo que engloba a percepção, o mapeamento cognitivo, a avaliação ambiental, e, por último, a geração de condutas ambientais e a ação ambiental, resultando em nossas atitudes concretas. Sendo assim, a percepção é apenas parte de um complexo processo, entendido como cognição ambiental, responsável pelas nossas ações, condutas e atitudes diante da paisagem que vivemos. Quanto à percepção é definida por Tuan (1983) como a resposta aos nossos estímulos externos, sendo uma atividade proposital, onde certos fenômenos são prontamente registrados, enquanto outros podem ser esquecidos ou são simplesmente bloqueados. Nossos sentidos são responsáveis pelas nossas sensações e a percepção, por sua vez, implica na atribuição de valor, no conhecimento direto que temos com os vários elementos que compõem a paisagem. Soulé (1997) também nos apresenta três dimensões da mente envolvidas na nossa percepção da natureza, e que são importantes ao analisarmos a motivação das pessoas, sendo elas: experiencial, analítico e valorativo. Com base nestas dimensões, o autor assevera que se desejamos modificar condutas frente à problemática

ambiental, por exemplo, não basta informarmos, pois esta é uma atividade marcadamente neocórtico-analítica; é necessário completar com o sistema límbico-emocional, ou seja, na motivação, instigando e evocando as emoções. A esse respeito Machado (prelo) no diz:

daí a necessidade de motivar as pessoas e não necessariamente informá-las. Assim, fica cada vez mais nítido que se nosso objetivo é motivar as pessoas, a melhor maneira de alcançá-las é provavelmente através de experiências e lembranças aprazíveis, mesmo porque se neurobiologia foi capaz de nos dizer algo sobre o cérebro dos mamíferos, especialmente a dos seres humanos, foi que mente e o corpo não são separados.

Em outras palavras, motivar é mudar ações, hábitos e atitudes, não momentaneamente, mas no desenvolver do nosso cotidiano, na nossa relação co-responsável para com o bem estar do próximo, de outras formas de vida em geral.

Topofilia: segundo Tuan (1980) desenvolvemos sentimentos topofílicos por um determinado lugar, ambiente ou paisagem, na medida que valorizamos determinados elementos, seja pelo grau de satisfação sensorial fornecido por eles, seja pela importância deles em nosso cotidiano, nas diversas atividades que desenvolvemos. Porém vale destacar que embora tenha extrema importância, Tuan nos diz que não é emoção humana mais forte; quando é irresistível, na verdade, trata-se de um lugar ou ambiente que é percebido como um símbolo, ou então, vínculo de acontecimentos emocionalmente fortes.

Biofilia e Biofobia: a biofilia é explicada por Wilson (1984) como a afetividade emocional inata dos seres humanos para com as demais espécies. O pesquisador salienta que são emoções que se ativam quando entramos em contato com outras espécies ou ambientes naturais podendo variar da atração à aversão, da admiração à indiferença, da paz à ansiedade. Em poucas palavras Wilson (2002, p. 154) esclarece sobre a questão biofílica: “não é difícil amar as outras espécies de vida quando as conhecemos de perto. A capacidade ou mesmo a disposição de fazê-lo pode ser um dos instintos humanos”. Para entender a biofilia a compreensão do tempo cronológico é fundamental porque esse período lança as ações, atitudes e valores que desenvolvemos no futuro. De acordo com Wilson (2002) os lugares secretos da infância, por exemplo, sejam ou não produtos do instinto, nos predis põem a adotar práticas que, no futuro, serão importantes para a nossa sobrevivência. Assim, os esconderijos, na opinião de Wilson quando instalados em um ambiente natural, nos aproxima da terra e da natureza de uma forma que tende a alimentar um amor

duradouro por ambas. Por sua vez, a biofobia, termo também designado por Wilson (2002) expressa, de um lado da escala, um leve desagrado e sensações de desconforto para com outras espécies ou elementos da natureza, e no outro, estão as fobias que estimulam o sistema nervoso simpático resultando em pânico, em náuseas e até em suores frios. É preciso destacar que a experiência não precisa ser pessoal, ou seja, às vezes testemunhar o que aconteceu com outra pessoa ou simplesmente ouvir uma história pode induzir fobias em indivíduos predispostos.

Tipologia de valores biofílicos: compreendida na presente pesquisa, como a escala de valores biofílicos apresentada por Kellert & Wilson (1993). Representa as nove tipologias que os autores consideram expressões universais da tendência biofílica existente na natureza humana, sendo as seguintes: utilitarista, naturalista, ecológico-científico, estética, simbólica, humanista, moralista, dominionística e negativista. A utilitarista está relacionada a exploração prática e material da natureza que, infelizmente, nos últimos tempos, têm se tornado cada vez mais exploratória e mercantil, não respeitando as necessidades da natureza de se recompor diante de tantas agressões. A tendência naturalista se circunscreve a satisfação humana fruto de experiências com contatos diretos com a natureza, facilitando o nosso desenvolvimento físico e mental, além de aguçar a nossa curiosidade. Por sua vez, a ecológico-científica são os estudos sistemáticos que desenvolvemos a respeito da estrutura, função e conexões existentes na natureza, buscando, obviamente, o conhecimento. O conhecimento que adquirimos é fundamental na conservação/preservação da natureza, mas, dada a análise reducionista, infelizmente, na opinião de Kellert & Wilson (1993) não tem contribuído para uma compreensão sistêmica dos elementos naturais. A tendência estética refere-se a atração física e pelo belo em relação à natureza e, é nítido, nos leva a uma interação íntima com o meio natural que resulta em sentimentos tais como inspiração, paz, harmonia e segurança. Outra tipologia igualmente importante é a humanista, que indica forte afeição e um amor pela natureza, responsável pelos laços positivos que desenvolvemos em relação a outras manifestações da vida. A moralista sugere grande interesse, afinidade, respeito ético, sendo, sem dúvida, uma tendência que nos leva a compreender a ordem e o significado da vida em todos os seus aspectos. Em contraposição, a dominionística marca a superioridade, o controle físico, o domínio em relação aos elementos naturais significando as várias habilidades que a espécie humana

desenvolve no sentido de subjugar a natureza. Por último, a tendência negativista é responsável por ensejar o medo, a aversão e a alienação na espécie humana em relação a alguns elementos e fatores da natureza, estando ligada, na concepção dos autores, a sentimentos ligados a nossa segurança e defesa.

Meme: trata-se de um componente fundamental quando se busca compreender a real interação entre as pessoas e as paisagens, ou seja, o termo meme, preconizado por Dawkins (1979) significa a unidade básica promotora da replicação cultural humana, tal como os genes o são quando a questão é evolução biológica. A partir da tese de Doutorado desenvolvida por Souza Jr (2001) certamente não se pode falar de cognição, e, logicamente, de valoração dos lugares e das paisagens, sem levar em conta a existência dos memes. Um meme, de acordo com os exemplos citados por Souza Jr, pode ser desde um poema infantil, uma determinada forma geométrica até a preferência por alguns desenhos ou elementos paisagísticos, ou seja, a lista é praticamente interminável. Assim, Souza Jr (2001, p. 139) esclarece:

como ocorre com os genes através do mecanismo da variação, que cria novas formas tentativas de maneira contínua e aparentemente infinita, os memes menos aptos desaparecem ao longo do tempo, os mais aptos sobrevivem e continuam a se reproduzir com todo o vigor, moldando a paisagem adaptativa da espécie humana de acordo com as suas necessidades de reprodução.

Talvez o fato mais fascinante na compreensão dos memes é que são idéias que se reproduzem de forma automática, não refletida, passando de uma geração para a outra, tornando a espécie humana diferente de todas as demais. Escrever sobre os memes é compreender a natureza humana e sua complexidade, ou seja, não basta citarmos os genes, tampouco mencionarmos o papel relevante da cultura, como se fossem dissociados. Na verdade, os dois devem ser compreendidos em conjunto, já que somente essa unidade nos proporciona o real conhecimento da evolução humana, embora em algum momento da trajetória humana, a cultura parece ter escapado da evolução genética. Corroborando com este posicionamento Machado (prelo) destaca que

a espécie humana teve uma evolução quase inteiramente cultural – não biológica – desde a Idade da Pedra. Como animal o Homo sapiens é, do ponto de vista biológico muito semelhante aos

grandes macacos, mas difere deles profundamente nas características sócio-ambientais.

No entanto somos produtos do que a história biológica nos fez não menos que a cultura. Possuímos um comportamento social que é moldado e transmitido pela cultura, mas a cultura é um produto do cérebro, que, por sua vez, é resultado da evolução genética. Por esse ângulo fica claro que a natureza humana é resultado da interação biológica e cultural, fato esse responsável pela singularidade única da espécie humana. Desde a Idade da Pedra a espécie humana evoluiu culturalmente produzindo valores, estipulando regras, moldando condutas e posturas. De acordo com a abordagem sociológica, a cultura é resultado imediato da criação humana. O homem cria, transforma e, ao mesmo tempo, é afetado por essas transformações. Machado (prelo) muito propriamente afirma que:

a cultura não envolve simplesmente o ser humano, mas penetra nele, modelando sua identidade, personalidade, maneira de ver, perceber, pensar e sentir o mundo. É um conjunto de entidades subjetivas e objetivas com extrema diversidade e multiplicidade, ou seja, pluralidade.

Isso significa que a cultura não é uma camisa de forças que acopla a tudo e a todos, a personalidade de cada pessoa emerge, não apenas do contexto social, mas de um contexto social em específico, ou melhor, a forma de ser das pessoas de uma determinada cultura apresenta características próprias, que as tornam semelhantes entre si, mas, por sua vez, diferentes das pessoas de outras culturas. Quando nascemos já encontramos uma sociedade constituída em suas regras, costumes, filosofias, valores, formas de linguagem e expressão, etc, e vamos aos poucos interiorizando, numa troca dinâmica, tudo o que a sociedade nos oferece. É o chamado processo de socialização, realizado por várias instituições: família, escola, religião, grupos sociais com os quais mais identificamos, enfim, por toda a sociedade e seus aparelhos. A esse respeito, Machado salienta:

a socialização, no sentido de construir a assimilar uma cultura, é uma potencialidade que só o homem possui, mas que se desenvolve apenas na interação entre os indivíduos, interação essa que se inicia na família. Assim, o ser humano não nasce ser social, mas torna-se ser social em contato com outras pessoas.

A cultura é, então, única da espécie humana, e graças a ela caminhamos desde a Idade da Pedra, dos nossos primeiros rituais e artefatos dos homens da caverna, passando pelas

invenções da roda, da escrita, até os dias atuais, quando já conhecemos os solos de outros planetas, viajando nas naves espaciais.

As definições colocadas foram operacionalizadas, sendo empregadas nesta pesquisa da seguinte forma:

Paisagem e Lugar: o lugar é entendido no presente estudo em duas situações, o de origem dos sujeitos inqueridos e o visitado, ou seja, as propriedades alvo da pesquisa: Fazenda do Chocolate, Camping e Pousada Fazenda das Pedras e a Fazenda Pirahy. A paisagem é representada pelas três propriedades alvo deste estudo: A Fazenda da Serra ou do Chocolate, o Camping e Pousada Fazenda das Pedras e a Fazenda Pirahy, que representam, no conjunto, uma real multifuncionalidade da paisagem rural, ou seja, cada uma delas possui suas especificidades próprias proporcionando aos turistas e/ou visitantes um contato diferenciado com o ambiente.

(Re)encontro com a paisagem rural: compreendido nesta pesquisa como a busca, por um tempo passado, representado, neste caso, pelas visitas às propriedades rurais.

Cognição e Percepção: como estão inextricavelmente ligados, foram identificados no instrumento de medida, sob três aspectos: em relação a topofilia, enfocando o tempo cronológico entendido em dois momentos: passado e presente; no que diz respeito às manifestações biofílicas/biofóbicas, preocupando-se com a tipologia de valores biofílicos e, por último, procurando identificar a ligação entre a biofilia e a conservação/preservação ambiental. Desta forma pretende-se compreender se os laços topofílicos existentes entre as pessoas e o ambiente estão diretamente relacionados com o instinto biofílico, além de direcionar se caminhamos ou não para uma tomada de consciência das nossas responsabilidades para com a conservação e preservação do nosso planeta.

Topofilia: verificada a partir de inferências do passado, trazendo à tona lembranças da infância, dos lugares secretos e das lembranças mais aprazíveis e com relação ao momento presente, mais precisamente à visita a propriedade, no sentido de identificar os componentes paisagísticos que mais gostam e o que buscam, ou seja, a topofilia está inextricavelmente ligada ao lugar, em suas duas situações, o lugar de origem e o lugar visitado.

Biofilia/biofobia: medida, neste estudo, a partir das manifestações biofílicas/biofóbicas, entendidos no trabalho como tempo cronológico. O passado é fundamental para se entender as manifestações presentes de elementos topofílicos da paisagem, uma vez que a duração (entendida como tempo) é essencial na construção de elos afetivos com os lugares e paisagens. O mesmo ocorre com a biofilia e a biofobia, uma vez que, não existimos a poucas centenas de anos, habitamos este planeta e milhões de anos e, tudo indica, mantemos com as outras espécies um sentido de unidade genética, de parentesco, de vida em comum. Sabiamente, nesse sentido, Wilson (2002) escreve que conservar a diversidade biológica é, em poucas palavras, investir na imortalidade. Com base na tipologia construída por Wilson & Kellert (1993), as respostas dos sujeitos quanto aos componentes paisagísticos, bem como o que mais lhes agrada e lhes desagradam foram essenciais na compreensão da tipologia proposta pelos autores acima citados, através dos vínculos biofílicos e biofóbicos entendidos como utilitarista, naturalista, ecológico-científica, estética, humanista, simbólica, moralista, dominionística e negativista.

Meme: na pesquisa será avaliado como a valoração de alguns elementos naturais em detrimento de outros, indicando os replicadores que tiveram sucesso na conduta humana quando o tema em questão é o campo que, além de significar os replicadores culturais mais expressivos na conduta humana diante da paisagem rural, certamente, são indicativos dos novos rumos a serem tomados pela sociedade em relação à problemática ambiental que hoje vivenciamos.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Caracterização dos sujeitos

Com base nos pressupostos teóricos da pesquisa, bem como nos objetivos centrais, definiram-se três propriedades: a Fazenda da Serra ou do Chocolate, o Camping e Pousada Fazenda da Pedra e a Fazenda Pirahy, como alvo desse estudo. Estas propriedades, como discutido no capítulo anterior, possuem características inteiramente diferentes, o que enriqueceu enormemente os dados obtidos, uma vez que cada propriedade, com suas

nuanças e singularidades, aproxima as pessoas da paisagem rural e da natureza de forma diferente, transparecendo nos desejos das pessoas ao optar pela visita na propriedade, assim como nos dados coletados. Por esse motivo os grupos serão estatisticamente considerados como independentes.

Desta forma foram definidas 60 pessoas como o número de sujeitos necessários ao desenvolvimento da pesquisa e atendimento aos objetivos propostos, por meio do instrumento de medida previamente elaborado pela pesquisadora. Essas 60 pessoas compuseram três grupos independentes de 20 pessoas cada, distribuídos pelas três propriedades, representando pessoas de ambos os sexos, de idades e ocupações profissionais variadas, moradores de cidades próximas às propriedades, como Salto, Itu, Campinas, Jundiaí, São Paulo, como também distantes, como é o caso do Rio de Janeiro.

A distribuição dos sujeitos, de acordo com os três grupos definidos, está apresentado na tabela a seguir:

Tabela 01- Distribuição dos sujeitos por grupo e por sexo - (n = 20)

Sexo	Fazenda do Chocolate		Camping e Pousada Fazenda das Pedras		Fazenda Pirahy	
	sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Masculino	03	15	12	60	08	40
Feminino	17	85	08	40	12	60
Total	20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org. Vera Lúcia dos Santos

Observando os dados chama a atenção o número de pessoas do sexo feminino na Fazenda do Chocolate e, acredita-se, tal fato se explica pelas lojas existentes. Entre os atrativos oferecidos na propriedade não há dúvidas que as especiarias (licores, pães, café, bolacha, bolos, queijos, salames, sorvetes, entre outros) bem como a loja de artesanato chamam muito a atenção, especialmente das mulheres. No entanto, vale destacar que aos domingos é visível a presença de famílias, pais que buscam a propriedade seja pelas guloseimas, seja para descansar e acompanhar as crianças que apreciam os animais.

Já no Camping e Pousada Fazenda das Pedras tudo indica que a presença masculina ultrapassa um pouco a presença feminina, até mesmo pela atividade do acampar, atração que mobiliza grupos de rapazes e moças, mas que, durante o trabalho de campo sobressaiu

peças do sexo masculino. Na Fazenda Pirahy, pelos atrativos que oferece, tudo indica que a proporção do sexo masculino e feminino seja equânime, porém, na realização do trabalho de campo estava presente um grupo de pessoas que participavam do Roteiro Tur Caipira, a maioria mulheres.

Com relação à idade dos sujeitos, dividiu-se em cinco faixas etárias, de maneira a evidenciar com fidelidade a faixa de idade mais presente nas propriedades. A Tabela a seguir apresenta os resultados:

Tabela 02- Distribuição dos sujeitos por grupo e por faixa etária – (n = 20)

Faixa etária	Fazenda do Chocolate		Camping e Pousada Fazenda das Pedras		Fazenda Pirahy	
	Sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Até 25	01	5	05	25	01	5
26 a 40	01	5	09	45	04	20
41 a 55	05	25	04	20	10	50
56 a 70	10	50	01	5	05	25
+70	03	15	01	5	-	-
total	20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05
Org. Vera Lúcia dos Santos

A Fazenda do Chocolate ultimamente têm recebido grupos de idosos, sendo a grande maioria procedente de caravanas paulistas. Na ocasião do trabalho de campo era visível a presença destas caravanas e, obviamente, justifica-se os resultados obtidos, sendo a faixa dos 56 aos 70 anos de idade a de maior expressão, equivalendo a 10 sujeitos, 50% dos entrevistados. Como era sabido que nas outras propriedades não haveria grupos de pessoas idosas, deu-se preferência a eles na Fazenda do Chocolate. No Camping e Pousada Fazenda das Pedras, pessoas de 26 a 40 anos são visivelmente as de maior expressão, compreensível dado às características naturais e aos serviços oferecidos na propriedade. As pessoas com mais de 56 anos são os mensalistas paulistas que estão na propriedade todos os finais de semana em busca de tranquilidade e sossego.

Na Fazenda Pirahy, o grupo com destaque é a faixa etária dos 41 aos 55 anos, equivalendo a 10 pessoas, ou seja, 50% do total; são pessoas que apreciam fundamentalmente as cavalgadas e o bate-papo na varanda, próximo à cocheira.

Em relação à escolaridade, a tabela a seguir apresenta os grupos:

Tabela 03- Distribuição dos sujeitos por grupo e por grau de escolaridade – (n=20)

Escolaridade	Fazenda do Chocolate		Camping e Pousada Fazenda das Pedras		Fazenda Pirahy	
	sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Analfabeto	01	5	-	-	-	-
Primário incompleto	02	10	-	-	-	-
Primário completo	05	25	-	-	-	-
1 ^o grau completo	03	15	01	5	-	-
2 ^o grau incompleto	01	05	-	-	-	-
2 ^o grau completo	05	25	12	60	08	40
3 ^o grau	03	15	07	35	11	55
Pós-Graduação	-	-	-	-	01	5
Total	20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05
Org. Vera Lúcia dos Santos

Foram encontrados sujeitos de todos os níveis de escolaridade. Claramente na Fazenda do Chocolate a distribuição das pessoas de acordo com os graus de escolaridade se deu de forma mais uniforme, ao passo que no Camping e Pousada Fazenda das Pedras e na Fazenda Pirahy há concentração dos sujeitos entre aqueles que possuem segundo grau completo e curso superior, somando 19 sujeitos (95%), em cada uma das duas propriedades. Na Fazenda do Chocolate, 01 pessoa é analfabeta (5%) e 07 sujeitos estão distribuídos entre o primário incompleto e completo; 09 pessoas estão entre o 1^o grau completo e o 2^o grau completo. É importante salientar que, como os entrevistados foram 50% do grupo da melhor idade, este fato justifica o nível de escolaridade encontrado na fazenda.

Em relação às profissões exercidas pelos entrevistados, como são extremamente variadas, foram enquadradas em ocupações profissionais e estão apresentadas na tabela 04.

Tabela 04- Distribuição dos sujeitos por grupo e por ocupação profissional – (n=20)

Ocupação profissional	Fazenda do Chocolate		Camping e Pousada Fazenda das Pedras		Fazenda Pirahy	
	Sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Aposentado	05	25	02	10	-	-
Do lar	11	55	01	5	01	5
Serviços gerais	02	10	-	-	-	-
Serviço público	01	5	01	5	02	10
Comércio	01	5	11	55	06	30
Estudante	-	-	01	5	-	-
Autônomo	-	-	02	10	02	10
Indústria	-	-	01	5	01	5
Outros	-	-	01	5	08	40
Total	20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05
Org. Vera Lúcia dos Santos

Observando a tabela nota-se que na Fazenda do Chocolate sobressai a ocupação profissional do lar, com 11 pessoas fazendo referências a ela, no total de 55%; já, 05 pessoas declararam-se aposentadas perfazendo o total de 25%. Como destacado anteriormente, a maioria dos entrevistados na propriedade é do sexo feminino e a metade do grupo é da melhor idade. Neste caso, justifica-se a expressão nas duas ocupações: aposentados e do lar. No Camping e Pousada Fazenda das Pedras, a maior referência foi para cargos ocupados no comércio, tais como: vendedor, representante técnico, chefe de cozinha, gerente de transportes, esteticista, entre outros, totalizando 11 pessoas equivalendo a 55% do total.

Na Fazenda Pirahy há destaque para atividades relacionadas ao comércio, com 06 citações (30%) e para profissões liberais como engenheiro, publicitário, advogado, farmacêutico, administração de empresas, enquadrados em outros, representados por 08 sujeitos entrevistados, ou melhor, 40% do total. Correlacionando estas profissões com a tabela anterior, do nível de escolaridade, observa-se que na Fazenda Pirahy houve destaque para o curso superior, justificando as profissões exercidas.

Avaliando a questão quanto às cidades que residem, nota-se que a grande maioria procede de cidades circunvizinhas, como Sorocaba, Salto, Jundiá e São Paulo. Os resultados estão na tabela. apresentada a seguir:

Tabela 05 - Distribuição dos sujeitos por grupo e por cidade/local de moradia – (n=20)

Cidade/local	Fazenda do Chocolate		Camping e Pousada Fazenda das Pedras		Fazenda Pirahy	
	sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
São Paulo	16	80	09	45	05	25
Itu	03	15	05	25	03	15
Salto	01	5	01	5	03	15
Francisco Morato	-	-	01	5	-	-
Ribeirão Pires	-	-	01	5	-	-
Campinas	-	-	02	10	02	10
Várzea Paulista	-	-	01	5	-	-
Fazenda Concórdia	-	-	-	-	02	10
Rio de Janeiro	-	-	-	-	02	10
Sorocaba	-	-	-	-	02	10
Jundiaí	-	-	-	-	01	5
Total	20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05
Org. Vera Lúcia dos Santos

Indubitavelmente São Paulo é a cidade de origem da maioria dos entrevistados nas três propriedades, destacando 16 pessoas (80%) na Fazenda do Chocolate, explicado pelo fato da propriedade receber caravanas e estas serem provenientes, na grande maioria, da capital paulista. No Camping e Pousada Fazenda das Pedras a referência a São Paulo obteve um total de 09 pessoas (45%), valendo a pena sublinhar que alguns são os mensalistas que vêm todos os finais de semana para o Camping; já as pessoas restantes de Salto, Itu, Campinas são aquelas que buscam diversão na área de camping, ou seja, caminhadas, piscina com toboágua, churrasqueiras, entre outros. Na Fazenda Pirahy, por sua vez, a distribuição se deu de maneira mais uniforme, mesmo assim, com um número um pouco maior para São Paulo, com 05 pessoas (25%) e 03 sujeitos (15%), para Salto e Itu, respectivamente.

Questionados quanto ao tempo de moradia, obtiveram-se os resultados dispostos na tabela 6:

Tabela 06- Distribuição dos sujeitos por grupo e por tempo de moradia nas cidades de origem – (n=20)

Tempo (anos) de moradia	Fazenda do Chocolate		Camping e Pousada Fazenda das Pedras		Fazenda Pirahy	
	sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Até 10	-	-	02	10	03	15
11 a 20	01	5	05	15	02	10
21 a 30	03	15	09	45	05	25
31 a 40	03	15	03	15	02	10
41 a 50	07	35	-	-	05	25
+50	06	30	01	05	03	15
Total	20	100	20	100	20	100

Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org. Vera Lúcia dos Santos

Chama a atenção o fato de que a maioria é residente na cidade de origem há longo período, como é o caso da Fazenda do Chocolate, que apresenta 13 sujeitos, significando 65% residentes há mais de 41 anos, somando as faixas de 41 a 50 anos e mais de 50 anos. No Camping e Pousada Fazenda das Pedras, 09 entrevistados, ou seja, 45% do total, são moradores de 21 a 30 anos, sendo esta a faixa de maior realce. O mesmo ocorre com a Fazenda Pirahy, havendo, no entanto, maior distribuição, mas 05 pessoas são residentes de 21 a 30 anos e 05 de 41 a 50 anos, perfazendo ambas 50% do total.

Buscando identificar a periodicidade de vindas às propriedades, foi questionado se era a primeira vez que vinham à fazenda, obtendo-se o seguinte resultado:

Tabela 07- Distribuição dos sujeitos por grupo e frequência das visitas – (n=20)

Frequência	Fazenda do Chocolate		Camping e Pousada Fazenda das Pedras		Fazenda Pirahy	
	sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Sim	11	85	08	40	10	50
Não	09	45	12	60	10	50
Total	20	100	20	100	20	100

Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org. Vera Lúcia dos Santos

Analisando a tabela destacam-se os que afirmaram que são várias as vezes que vieram, com exceção de seis pessoas na Fazenda do Chocolate e seis no Camping e Pousada Fazenda das Pedras, que estavam visitando a propriedade pela segunda vez. Nota-se também que na Fazenda Pirahy 10 pessoas estavam ali pela primeira vez, ou seja, 50%

do total de entrevistados. Acredita-se que esse resultado na fazenda deve-se a programação que estava ocorrendo no dia da pesquisa, o Tur Caipira¹. De qualquer forma estes dados revelam o grau de satisfação dos visitantes, já que o número dos que retornam é expressivo.

No entanto também costumam freqüentar outras fazendas, como evidenciado na tabela a seguir:

Tabela 08- Distribuição dos sujeitos por grupo e freqüência a outras propriedades – (n=20)

Freqüência a outras propriedades	Fazenda do Chocolate		Camping e Pousada Fazenda das Pedras		Fazenda Pirahy	
	sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Sim	16	80	17	85	19	95
Não	04	20	03	15	05	5
Total	20	100	20	100	20	100

Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org. Vera Lúcia dos Santos

Sem sombras de dúvidas sobressaíram-se os que já visitaram outras propriedades, ou seja, são pessoas que realmente apreciam o turismo rural em todas as suas variedades, equivalendo a 16 pessoas (80%) na Fazenda do Chocolate; 17 pessoas (85%) no Camping e Pousada Fazenda das Pedras e 19 sujeitos (95%) na Fazenda Pirahy. Interrogados sobre quantas fazendas já freqüentaram, 100% dos entrevistados responderam que várias, inclusive alguns citaram outros estados, como o Rio de Janeiro, por exemplo.

Instrumento de medida

Visando a atender aos objetivos propostos na pesquisa, foi construído pela pesquisadora um instrumento de medida composto de duas partes de um formulário de informações para o registro dos dados pessoais e profissionais de cada sujeito, além de identificar a cidade em que moram, o tempo de moradia, se é primeira vez que estavam na propriedade e, por último, se costumam freqüentar outras fazendas; dados apresentados e analisados na caracterização dos sujeitos. Composto a segunda parte foi elaborado um

¹ Organizado pela agência de viagens Tombatur, o Tur Caipira sai todos os finais de semana do centro da cidade de Itu e já atendeu neste ano, praticamente 600 pessoas, vindas na maioria de São Paulo. O visitante é acompanhado por um guia totalmente a caráter (caipira), conhecido como “Timóteo de Itu”. As excursões saem rumo às fazendas (do Chocolate, Pirahy e Limoeiro da Concórdia, e outras), com várias programações: casamento caipira, almoço na fazenda, visita a museus, apresentações teatrais, shows de repentistas, entre outros. (www.motoonline.com.br/roteirosCampismo/itu/).

questionário, composto de 24 questões abertas e dividido em duas partes, como se pode observar no Anexo.

A primeira parte relativa às **manifestações topofílicas** contém quatro questões referentes ao tempo passado, sendo as seguintes: Onde passou a infância? Tinha um lugar secreto? Quais as lembranças mais fortes daquela época? O que gosta de lembrar? Por quê? Completando as questões acima e com relação ao tempo presente, foram elaboradas mais doze questões: Quando tomou a decisão de visitar este lugar, o que lhe veio à mente? O que busca aqui? Você gosta daqui? O que mais gosta? Por quê? Se pudesse escolher um lugar ideal para viver, onde seria? Como seria? Para você o que é paisagem rural? Olhe a paisagem a sua volta, o que mais chama a atenção? O que lhe agrada? O que desagrada? Tem lugar preferido aqui? Quais? Pretende voltar? Por quê?

Em relação à segunda parte do questionário, a preocupação foi a de identificar as **manifestações biofílicas/biofóbicas**, a partir da tipologia biofílica proposta por Kellert & Wilson (1993) discutida anteriormente. Assim, as cinco questões formuladas foram as seguintes: Gosta do amanhecer e do pôr-do-sol? O que sente ao ver e tocar animais? insetos, aranha, escorpião? flores? pássaros? árvores? rios? Quando encontra sapos, cobras, insetos, como reage? Por quê? O que sente ao entrar na mata, ao fazer a trilha? Sente necessidade desse contato? Por quê?

Para finalizar a segunda parte do questionário procurou identificar a ligação entre a biofilia e a conservação/preservação ambiental, com perguntas que medem, fundamentalmente, a co-responsabilidade dos sujeitos perante a preservação de espécies em extinção, além da ligação entre o campo e a saúde, ou seja, o campo sendo mais do que um lugar para simples lazer e passeio. Foram realizadas três perguntas: Se você pudesse decidir, o que faria para preservar espécies em extinção? Você é da opinião que qualquer espécie deva continuar viva? Por quê? Você vê alguma ligação entre o campo e a saúde, qual?

Vale destacar que embora o questionário tenha ficado extenso, o tratamento qualitativo dos dados é extremamente enriquecedor, atendendo prontamente aos objetivos propostos nesta pesquisa.

Coleta de dados

A coleta dos dados foi efetuada no período de 27/02/05 a 03/04/05, nas propriedades Fazenda da Serra ou do Chocolate, Camping e Pousada Fazenda das Pedras e, por último, Fazenda Pirahy.

A aplicação dos questionários se deu ao acaso sempre nos finais de semana, ou seja, sábado e domingo, devido à agenda das propriedades. Todas recebem visitantes em maior número nos finais de semana e, com exceção do Camping e Pousada Fazenda das Pedras, nas outras duas foi preciso retornar à propriedade mais de uma vez, devido, fundamentalmente, aos pacotes que as propriedades oferecem, ou seja, a pessoa chega com o roteiro programado do que visitar e com horas determinadas e isto dificultou a aplicação do questionário, uma vez que foi preciso aguardar um momento de folga para abordar as pessoas.

Tomando todos os cuidados para não atrapalhar a programação dos pacotes turísticos, todos os questionários foram preenchidos na hora, pela própria pesquisadora, com os visitantes que se encontravam em diversos pontos da propriedade.

Resultado e discussões

As respostas dadas ao questionamento foram organizadas e resumidas de acordo com as duas partes definidas nesta pesquisa. Elas serão agora analisadas e discutidas, com base no referencial teórico anteriormente apresentado, através de uma análise qualitativa, utilizando a metodologia preconizada por Machado (1988,1996) quando estudou a Serra do Mar Paulista como espaço, paisagem e lugar, para compreender os valores topofílicos; na tipologia dos valores biofílicos elaborada por Kellert & Wilson (1993) para a compreensão do vínculo biofílico/biofóbico entre as pessoas e todas as manifestações da vida no planeta Terra; e na metodologia da interrogação proposta por Whyte (1977), utilizando uma análise categorial.

Manifestações Topofílicas

Com relação ao tempo **passado** foram elaboradas quatro questões para identificar lembranças fortes da infância que possam influenciar na percepção, cognição, ação, atitude e conduta das pessoas perante o ambiente. Há também a questão do resgate, pois muitos sujeitos passaram a infância ou apenas momentos de férias e finais de semana em sítio ou fazenda e, agora, voltar a uma fazenda é reviver aqueles momentos importantes, que lhes proporcionaram imenso prazer. As questões foram as seguintes: Onde passou a infância? Tinha um lugar secreto? Quais as lembranças mais fortes daquela época? O que gosta de lembrar? Por quê?

Com relação à primeira questão “onde passou a infância?”, os resultados obtidos encontram dispostos na tabela 09.

Tabela 09- Lugar de infância (n=20)

Lugar	Propriedades					
	Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
	sujeitos	%	Sujeitos	%	sujeitos	%
São Paulo	4	20	4	20	2	10
Itu	2	10	4	20	-	-
Salto	1	5	-	-	-	-
Campinas	-	-	2	10	2	10
Sítio/fazenda	2	10	-	-	6	30
Interior	2	10	1	5	1	5
Outras localidades	9	45	9	45	9	45
Total	20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org. Vera Lúcia dos Santos

Foram várias as cidades e ou lugares citados. No entanto, para elaboração desta tabela optou-se por selecionar as cidades mais próximas, que são, na realidade, os pólos emissores da maior demanda para as propriedades bem como os que citaram sítio/fazenda ou interior. Obviamente com relação às cidades próximas **São Paulo** chama a atenção com o maior índice: 04 sujeitos a citaram tanto na Fazenda do Chocolate quanto no Camping das Pedras, totalizando 20% do total de entrevistados; na Fazenda Pirahy 02 pessoas a citaram, somando 10% do total. As falas foram extremamente objetivas, como se nota abaixo:

- (10)² - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3^o grau, pedagoga – “*centro de São Paulo*”.
- (11) - Fazenda do Chocolate, 50 anos, 2^o grau completo, do lar – “*São Paulo*”.
- (35) – Camping das Pedras, 25 anos, 3^o grau, chefe de cozinha – “*São Paulo*”.
- (37) - Camping das Pedras, 23 anos, 3^o grau, estudante - “*São Paulo e praia*”.
- (44) – Fazenda Pirahy, 47 anos, 3^o grau, comerciante – “*São Paulo, mas sempre passei as férias em fazendas*”.

Em relação a **Itu**, localizada a poucos quilômetros das propriedades, a expressão maior foi encontrada no Camping das Pedras, com a indicação de 04 pessoas (20%). Na Fazenda do Chocolate 02 pessoas reportaram-se a ela (10%), não havendo nenhuma citação na Fazenda Pirahy. Tal como na categoria anterior, as falas foram incisivas, sem grandes comentários.

- (15) - Fazenda do Chocolate, 40 anos, 1^o grau completo, empregada doméstica – “*Em Itu*”.
- (30) - Camping das Pedras, 20 anos, 2^o grau completo, autônomo – “*Itu, mas 1/3 em fazenda*”.
- (39) - Camping das Pedras, 29 anos, 3^o grau, monitora – “*Itu*”.

Embora a cidade de **Salto** esteja tão próxima, houve apenas uma fala, na Fazenda do Chocolate, simbolizando 5% do total, como se segue:

- (20) - Fazenda do Chocolate, 70 anos, analfabeta, do lar – “*Salto*”.

No que diz respeito à **Campinas** 02 pessoas reportaram-se a ela, tanto no Camping das Pedras, quanto na Fazenda Pirahy, equivalendo a 10% respectivamente. As falas constam a seguir:

- (33) - Camping das Pedras, 48 anos, 2^o grau completo, torneiro mecânico aposentado – “*Campinas*”.
- (58) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3^o grau, autônomo – “*Centro da cidade, em Campinas*”.

A categoria **sítio/fazenda** é de extrema importância, uma vez que ela seria um indicativo de retorno às origens muito difundido na mídia que trata do turismo em áreas rurais. Ela foi indicada por 02 pessoas na Fazenda do Chocolate (10%) e, por 06 sujeitos na Fazenda Pirahy, representando 30% do total. Vale destacar que, das três propriedades, a Fazenda Pirahy é que a menos apresenta modificações na paisagem, caracterizando-se por

² Número do protocolo de respostas, variando de 1 a 60, sendo: do número 01 a 20 – Fazenda do Chocolate; de 21 a 40 – Camping e Pousada Fazenda das Pedras e, do número 41 a 60- Fazenda Pirahy.

ser uma autêntica fazenda. Acredita-se que tal fato pode indicar que pessoas que a procuram, possui forte vínculo topofílico com o meio rural, identificando-se com elementos da paisagem. As respostas seguem abaixo:

- (4) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3^o grau, aposentada – *“no sítio, fazendinha do pai”*.
- (43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2^o grau completo, analista de qualidade – *“até os 6 anos na fazenda, depois em São Paulo”*.
- (46) - Fazenda Pirahy, 46 anos, 3^o grau, empresário rural - *“nasci na fazenda Concórdia, mas brincava, andava pela fazenda Cana Verde, Capoava, enfim, nessa redondeza”*.
- (50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – *“pelas ruas da cidade, no quintalão das casas e no sítio do avô”*.

Outra categoria citada foi **interior** entendido como cidades pequenas. Foi mencionada por 2 pessoas na Fazenda do Chocolate (10%) e por 01 pessoa no Camping das Pedras e Fazenda Pirahy, correspondendo ambas a 5%. A seguir as falas:

- (14) - Fazenda do Chocolate, 83 anos, primário incompleto, do lar – *“um pouco no interior, com treze anos vim para Santos”*.
- (32) - Camping das Pedras, 62 anos, 1^o grau completo, micro empresário – *“no interior até os 12 anos no sítio”*.
- (47) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 2^o grau completo, cultivava cogumelos – *“interior de São Paulo”*.

Com maior expressão, 45% nas três propriedades, representando o total de 09 respostas, apareceu a categoria **outras localidades**, significando, na verdade, várias cidades e ou lugares apontados pelos entrevistados, como, por exemplo, países, estados, ruas, cidades de várias regiões do país, conforme exemplos que se seguem:

- (1) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2^o grau completo, aposentada – *“em Fortaleza”*.
- (2) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2^o grau completo, do lar – *“Brás, na rua Oriente”*.
- (6) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira – *“bairro Pirituba”*.
- (21) - Camping das Pedras, 76 anos, 2^o grau completo, aposentado – *“na Espanha”*.
- (27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2^o grau completo, do lar – *“em Minas”*.
- (41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3^o grau, administração hospitalar – *“Paulo de Farias”*.

A segunda questão procurou identificar se as pessoas tinham um lugar secreto na infância partindo da consideração de Wilson (2002) que afirma que os lugares secretos de infância são importantes indicadores do sentido biofílico. Desta forma foi questionado: “Tinha um lugar secreto?”.

As pessoas foram incisivas no sim ou não, conforme se percebe na tabela abaixo:

Tabela 10- Lugares secretos (n=20)

Lugares secretos	Propriedades					
	Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
	sujeitos	%	Sujeitos	%	sujeitos	%
Sim	10	50	13	65	11	55
Não	10	50	07	35	09	45
Total	20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org. Vera Lúcia dos Santos

É perceptível que a resposta **sim** foi maioria tanto no Camping das Pedras quanto na Fazenda Pirahy, com 13 (65%) e 11 (55%) respectivamente. Na Fazenda do Chocolate encontrou-se 50% das respostas para o sim, e 50% restante indicando **não**, equivalendo ambas a 10 sujeitos cada. Dos sujeitos que responderam sim, obviamente interrogou-se: “Quais foram os lugares?”, obtendo as indicações apresentadas na tabela 11.

Tabela 11- Tipos de lugares secretos

Tipos de lugares secretos	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate (n=10)		Camping das Pedras (n=13)		Fazenda Pirahy (n=11)	
		sujeitos	%	sujeitos	%	Sujeitos	%
Componentes naturais	Riachos/nascentes	02	20	-	-	02	18,16
	Bosque	01	10	03	23,07	-	-
	Árvores	-	-	02	15,36	03	27,27
Componentes construídos	Jardim de infância	03	30	-	-	-	-
	Praça	-	-	-	-	01	9,05
Lugar	Sítio/fazenda	01	10	01	7,69	-	-
	Embaixo da cama	02	20	-	-	-	-
	Cabana/esconderijo	01	10	06	46,15	05	45,45
	Quintal	-	-	01	7,69	-	-
Total		10	100	13	100	11	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org. Vera Lúcia dos Santos

Observando as respostas nota-se que houve referência a componentes naturais, componentes construídos e citação de um lugar em específico. A discriminação dos componentes, bem como sua análise será feita através da categorização componentes paisagísticos, metodologia utilizada por Machado (1988 e 1996) quando estudou a Serra do Mar Paulista como espaço, paisagem e lugar. No que diz respeito aos componentes naturais foram citados as categorias: **riachos/nascentes**, **bosque** e **árvores**, sendo que **riachos/nascentes** foi mencionada por 02 pessoas (20%) na Fazenda do Chocolate e na Fazenda Pirahy (18; 16%). Já a categoria **bosque** foi citada por 01 pessoa na Fazenda do Chocolate (10%) e por 03 sujeitos no Camping das Pedras (23,07%). Especificadamente as **árvores** foram comentadas por 02 pessoas (15, 36%) no Camping das Pedras e por 03 (27, 27%) na Fazenda Pirahy, conforme falas que se seguem:

(4) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3^o grau, aposentada – “*tinha um riacho que ia com o pai*”.

(18) -Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2^o grau completo, do lar – “*a gente tinha uma nascente*”.

(33) - Camping das Pedras, 48 anos, 2^o grau completo, torneiro mecânico aposentado – “*tinha um campo atrás da casa e mais algumas coisas que era de molecada*”.

(44) - Fazenda Pirahy, 47 anos, superior incompleto, comerciante – *“tinha uma mangueira”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – *“tinha dentro do quintalão, havia uma árvore e eu fazia um cantinho secreto”*.

No que diz respeito aos componentes construídos destacou-se a categoria **jardim de infância**, citada por 03 pessoas (30%) na Fazenda do Chocolate e a categoria **praça** mencionada por apenas 01 sujeito na fazenda Pirahy, simbolizando 9,05%. Abaixo se nota as referências:

(3) -Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau completo, do lar – *“na escolinha, no jardim de infância”*.

(16) -Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – *“a cidade das crianças, no jardim de infância”*.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, funcionário publico – *“olha a rua que a gente nasceu, hoje não tem mais a mesma praça”*.

Por último houve a referência quanto a alguns lugares específicos, sendo as categorias: **sítio/fazenda** destacada por 01 sujeito na Fazenda do Chocolate e no Camping das Pedras, representando 10% e 7,65% respectivamente; **embaixo da cama**, comentada por 2 pessoas na Fazenda do Chocolate (20% do total); **cabana/esconderijo** lembrada por 01 pessoa na fazenda do Chocolate (10%), por 06 sujeitos (46, 15%) e por 05 inqueridos na Fazenda Pirahy (45, 45%), sendo a categoria mais citada nestas propriedades; o **quintal** também foi lembrado por 01 pessoa no Camping das Pedras (7, 69%). As expressões se deram da seguinte forma:

(30) - Camping das Pedras, 20 anos, 2º grau completo, autônomo – *“fazenda”*.

(14) - Fazenda do Chocolate, 83 anos, primário incompleto, do lar – *“embaixo da cama”*.

(23) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, professora – *“quintal da vizinha que brincava muito”*.

(34) - Camping das Pedras, 44 anos, 2º grau completo, comerciante – *“tinha, com amigos, fazia cabanas de esconderijos”*.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau completo, gerente de vendas – *“tinha um tipo de matadouro, era um esconderijo”*.

A questão seguinte abordou as lembranças mais fortes no período da infância, questionando: “quais as lembranças mais fortes daquela época?”. As respostas encontram-se na tabela 12.

Tabela 12- Lembranças da infância (n=20)

Lembranças	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	Sujeitos	%	sujeitos	%
Componentes naturais	Rio	-	-	-	-	01	5
	Árvore	-	-	01	5	01	5
	Terra	-	-	01	5	-	-
	Seca	-	-	01	5	-	-
Componentes sociais	Família	06	30	-	-	08	40
	Amigos	-	-	03	15	-	-
	Infância/juventude	02	10	-	-	-	-
Componentes emocionais/afetivos	Saudade	01	5	01	5	-	-
	Normalidade	01	5	01	5	01	5
	Tristeza	01	5	-	-	-	-
	Felicidade/alegria	-	-	01	5	-	-
	Liberdade	-	-	-	-	01	5
Componentes simbólicos	Brincadeiras	02	10	09	45	04	20
	Boneca	-	-	01	5	-	-
Lugar	Jardim	01	5	-	-	-	-
	Sítio/fazenda	01	5	01	5	01	5
	Cabana	01	5	-	-	01	5
	Escola	-	-	-	-	01	5
Vida/espécie	Animais	01	5	-	-	-	-
Várias		02	10	-	-	-	-
Não lembra		01	5	-	-	01	5
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org. Vera Lúcia dos Santos

Diante das respostas, percebe-se claramente os componentes, ou seja, as pessoas foram categóricas quanto a alguns aspectos. Algumas se dirigiam a fatos ligados às emoções, outras destacaram relações sociais, outras ainda, lembraram-se de elementos naturais ou de algum lugar específico. Dos componentes citados, dois se destacam: os componentes sociais (família, amigos, infância, juventude) na Fazenda do Chocolate e na Fazenda Pirahy e os componentes simbólicos (brincadeiras e boneca) no Camping das

Pedras. Porém, vamos analisar cada um dos componentes para uma melhor compreensão. As categorias **rio**, **árvore**, **terra** e **seca**, foram agrupadas nos componente naturais, sendo citadas na sua maioria por pessoas que estavam no Camping das Pedras. No caso da categoria **rio**, foi comentado por uma pessoa da Fazenda Pirahy, equivalendo a 5% das respostas do total; **árvores** foi comentada por 01 pessoa no Camping das Pedras e também 01 na Fazenda Pirahy, correspondendo a 5% respectivamente; **terra** e **seca**, por sua vez, foram lembradas apenas pelos visitantes do Camping das Pedras, por 01 sujeito em cada categoria (5% cada uma delas). As respostas estão dispostas abaixo:

(57) - Fazenda Pirahy, 38 anos, 2º grau completo, industrialista – *“o rio quando aprendeu a nadar”*.

(44) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, comerciante – *“mangueira mesmo, as fazendas, cavalos”*.

(31) - Camping das Pedras, 40 anos, 3º grau, securitário – *“o fundo de casa, com espaço de terra”*.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau completo, gerente de vendas – *“a seca quando não havia água”*.

Chama a atenção o fato de nenhuma pessoa entrevistada na Fazenda do Chocolate ter citado os componentes naturais, porém, com destaque visível mencionaram a família, uns até num tom de nostalgia e saudade de um ente querido que não está mais aqui. Acredita-se que, pelo fato de ser, na maioria, pessoas de melhor idade, justificam este posicionamento. Assim, a categoria **família**, foi, sem sombras de dúvidas uma das mais citadas, sendo por 06 pessoas na Fazenda do Chocolate (30%) e por 08 na fazenda Pirahy (40%) como se percebe a seguir nas falas:

(03) -Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau completo, do lar – *“perda da mãe com onze anos de idade”*.

(05) -Fazenda do Chocolate, 61 anos, primário completo, aposentada – *“falecimento do pai com oito anos, do avô com dezoito anos”*.

(14) -Fazenda do Chocolate, 83 anos, primário incompleto, do lar – *“tenho tantas e tantas, mas no momento não lembro(.....); perdi minha mãe com quatro anos, tenho inveja de quem tem mãe”*.

(42) - Fazenda Pirahy, 45 anos, 3º grau, Engenheiro Civil – *“férias na casa com avós”*.

(45) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1º grau completo, administrador rural – *“a família mais unida”*.

(52) - Fazenda Pirahy, 28 anos, 3º grau, vendedora – *“minha avó fazendo pão e assando o pão no forno de lenha”*.

Em relação os componentes emocionais/afetivos nota-se nitidamente nas falas as categorias: **saudade**, **normalidade**, referindo-se aos tempos normais de uma época, sem os atropelos da vida moderna, **tristeza**, **felicidade/alegria** e **liberdade**. Destas, a **normalidade** é a única mencionada por 01 pessoa em cada propriedade, correspondendo a (5%) em cada uma delas. A categoria **saudade** foi mencionada por 01 pessoa na Fazenda do Chocolate e também por 01 pessoa no Camping das Pedras. **Tristeza** foi comentada por apenas 01 sujeito na Fazenda do Chocolate, do mesmo modo que **felicidade/alegria** foi ressaltada por 01 pessoa no Camping das Pedras. **Liberdade**, por sua vez foi lembrada também por apenas 01 pessoa, na Fazenda Pirahy. Todas essas categorias simbolizam 5% das respostas, conforme segue abaixo:

(07) -Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1º grau completo, do lar – *“quando veio em 1948 era São Paulo da garoa (...)os tempos eram outros”*.

(08) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 1º grau completo, do lar – *“vida normal”*.

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar – *“muita fome, muita tristeza”*.

(30) - Camping das Pedras, 20 anos, 2º grau completo, autônomo – *“felicidade, alegria, descontração”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – *“a sensação de liberdade, o cheiro de chuva, o pôr-do-sol”*.

Tão importantes quanto os componentes naturais para a análise da relação topofílica das pessoas como o lugar, são os componentes simbólicos, que, ao contrário dos naturais, recebeu maior nomeação por parte dos entrevistados, sobretudo no Camping das Pedras, citada por 09 pessoas no que diz respeito à categoria **brincadeira**, totalizando 45% do total de respostas, sendo também lembrada por 02 pessoas na Fazenda do Chocolate (10%) e por 04 na Fazenda Pirahy (20%). **Boneca** foi outra categoria englobada nos componentes simbólicos, lembrada por apenas 01 pessoa no Camping das Pedras, (5%). As falas seguem abaixo:

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau completo, esteticista - *“a primeira boneca que ganhou junto com a irmã”*.

(31) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, securitário - *“brincadeira da época”*.

(39) - Camping das Pedras, 29 anos, 3º grau, monitora - *“as brincadeiras de criança, o balanço”*.

(56) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, aeromoça - *“lembranças da brincadeira na rua, amarelinha, bolas de gude”*.

Há lugares específicos lembradas pelas pessoas, que nos remetem a sentimentos topofílicos destas pessoas em relação a esses lugares: **jardim**, **sítio/fazenda**, **cabana** e **escola**. Diante dos componentes sociais e dos simbólicos, os lugares, em particular, foram lembradas por poucas pessoas em cada propriedade, mas são, com certeza, igualmente importantes em uma análise qualitativa. **Sítio/fazenda** foi lembrado por 01 pessoa em cada uma das propriedades; **jardim** foi ressaltado por 01 sujeito na Fazenda do Chocolate, **cabana**, por sua vez, comentada por 01 pessoa na Fazenda do Chocolate e na Fazenda Pirahy; por último, a categoria **escola** foi mencionada por apenas 01 sujeito na Fazenda Pirahy. Cada uma das categorias significa 5% do total das respostas e alguns exemplos seguem abaixo:

(02) - Fazenda do Chocolate, 71 anos, primário completo, do lar - *“jardim, agora está com lixo”*.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2º grau completo, do lar - *“ia para o sítio, roubava dinheiro da mãe para comprar doce”*.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau completo, analista de qualidade - *“até as coisas de lugar, tinha uma cabana onde o pai colocava caixa de banana”*.

(55) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1º grau completo, do lar - *“da escola, a gente caminhava muito para chegar na escola, era uma alegria (...), tinha muito riacho e cachoeira”*.

Completando as categorias mencionadas acima, 01 pessoa (5%) citou **animais** na Fazenda do Chocolate; 02 sujeitos (10%) também da Fazenda do Chocolate mencionaram que lembrava de **várias** coisas e 01 pessoa (5%) tanto na Fazenda do Chocolate, quanto na Fazenda Pirahy afirmaram não lembrar de **nada**. Seguem alguns exemplos destas afirmações:

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3^o grau, professora – “*tantas as coisas*”.

(18) - Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2^o grau completo, do lar - “*eu acho que quando ia para escola a pé e via muitos animais*”.

(51) - Fazenda Pirahy, 27 anos, 2^o grau completo, empresário – “*sou ruim de memória*”.

Procurando medir o significado destas lembranças, ainda com relação à topofilia, perguntou-se: “O que gosta de lembrar? Por quê?”. É importante destacar que esta questão centrou a resposta no tempo passado. Os resultados alcançados estão resumidos na tabela a seguir:

Tabela 13- Significado da lembrança (n=20)

Significado	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Componentes naturais	Árvores	-	-	02	10	02	10
	Meio ambiente	01	5	-	-	01	5
Componentes sociais	Amigos	01	5	01	5	02	10
	Família	03	15	04	20	05	25
	Namorados	01	5	-	-	-	-
	Infância/juventude	-	-	2	10	-	-
Componentes emocionais/afetivos	Saudade	01	5	-	-	-	-
	Tristeza	02	10	-	-	01	5
	Liberdade	-	-	01	5	-	-
Componentes simbólicos	Brincadeiras	01	5	03	15	-	-
	Músicas	02	10	-	-	-	-
Lugar	Escola	01	5	-	-	-	-
	Jardim	01	5	-	-	-	-
	Sítio/fazenda	01	5	-	-	01	5
Tudo		05	25	07	35	08	40
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org. Vera Lúcia dos Santos

Verificando os resultados obtidos observa-se extrema similaridade com a tabela anterior, tanto no que diz respeito aos componentes quanto em relação às categorias, variando apenas algumas porcentagens. Essa coerência se justifica uma vez que é resultado de perguntas complementares. Nos componentes naturais foram enquadradas duas

categorias: **árvores** e **meio ambiente**, sendo a **árvore** citada por 02 pessoas tanto no Camping das Pedras, quanto na Fazenda Pirahy, correspondendo a 10% em cada propriedade. Já, **meio ambiente** foi citado por 01 pessoa na Fazenda do Chocolate (5%) e na Fazenda Pirahy (5%). Seguem exemplos que ilustram essas observações.

(18) - Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2º grau completo, do lar - *“do meio ambiente, por causa de tudo, das plantas, dos animais”*.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau completo, gerente de vendas - *“tinha árvores, espaço e brincava com a terra”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada - *“o contato com a natureza, com a terra”*.

Os componentes sociais, como na pergunta anterior tiveram grande destaque nas três propriedades, com praticamente as mesmas categorias, com exceção da categoria **namorado**, citado por 01 pessoa na Fazenda do Chocolate. **Família** é a outra categoria que recebeu maior menção, entre **amigos**, **namorado** e **infância/juventude**. No que diz respeito à **família** foi comentada por 12 pessoas: 03, na Fazenda do Chocolate (15%); 04 no Camping das Pedras (20%) e 05, na Fazenda Pirahy. As falas dessas pessoas seguem abaixo:

(13) - Fazenda do Chocolate, 52 anos, 2º grau completo, aposentada - *“do meu pai, porque era uma pessoa boa, honesta”*.

(31) - Camping das Pedras, 39 anos, superior incompleto, securitário - *“convivência com os pais, com a família”*.

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, superior, administração hospitalar - *“adoro (...) lembro da mãe preta que criou o pai e os irmãos e me ensinou a cozinhar. Ela brincava comigo, fazia boneca de sabugo”*.

(58) - Fazenda Pirahy, 58 anos, superior, autônomo - *“da comida da mãe”*.

As outras categorias pertencentes aos componentes sociais receberam a seguinte indicação: **amigos**, 01 pessoa na Fazenda do Chocolate (5%) e no Camping das Pedras (5%) e por 02 na Fazenda Pirahy (10%); **namorado**, por apenas 01 pessoa na Fazenda do Chocolate (5%) e, **infância/juventude**, por 02 pessoas no Camping das Pedras (10%). Como exemplo, podem ser citadas:

(06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira - *“minha amiga porque passou a infância juntos ficando sempre brincando em árvores”*.

(17) - Fazenda do Chocolate, 67 anos, 1º grau completo, aposentada - *“os namorados”*.

(24) - Camping das Pedras, 50 anos, 2º grau completo, construtor de máquina - *“infância boa, por que era saudável poucas pessoas têm aquela infância”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, técnico em Turismo, esteticista - *“da infância, muita saudade, alguém se preocupava comigo”*.

(32) - Camping das Pedras, 62 anos, 1º grau completo, micro-empresário - *“juventude”*.

Saudade, tristeza, liberdade são categorias analisadas como componentes emocionais/afetivos. Expressam sentimentos fortes, mesmo não sendo comentada pela maioria, com certeza, uma ligação com o passado das pessoas. **Saudade** foi lembrada por 01 pessoa na Fazenda do Chocolate (5%); já **tristeza** foi comentada por 02 sujeitos também na Fazenda do Chocolate (10%); por 01 pessoa na Fazenda Pirahy (5%), por último, a **liberdade** foi lembrada por 01 pessoa no Camping das Pedras (5%). A seguir as falas dos entrevistados:

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau completo, do lar - *“do passado, das coisas boas, passeios”*.

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º ano primário, do lar - *“não tem muitas coisas, agora sou mais feliz do antes”*.

(30) - Camping das Pedras, 20 anos, 2º grau incompleto, autônomo - *“liberdade porque não tinha muita preocupação com o mundo”*.

Com relação aos componentes simbólicos, a categoria **brincadeira** foi comentada por 01 pessoa na Fazenda do Chocolate (5%) e por 03 sujeitos no Camping das Pedras (15%). Outra categoria referida foi a **música**, lembrada por 02 pessoas na Fazenda do Chocolate, como se nota nos dizeres abaixo:

(11) - Fazenda do Chocolate, 50 anos, ensino médio, do lar - *“as músicas, estilo de roupas”*.

(14) - Fazenda do Chocolate, 83 anos, primário incompleto, do lar - *“é das músicas preferidas e das minhas danças”*.

(29) - Camping das Pedras, 32 anos, 2º grau completo, publicitária - *“as brincadeiras próprias da cidade, a falta de compromisso”*.

(37) - Camping das Pedras, 23 anos, 3^o grau, estudante - *“brincadeiras de rua”*.

Como lugares específicos algumas pessoas referiram-se a **escola**, **jardim** e **sítio/fazenda**, categorias estas praticamente as mesmas mencionadas na resposta anterior, com exceção de cabana, que não foi citada nesta pergunta. **Escola** foi lembrada por apenas 01 pessoa na Fazenda do Chocolate (5%), igualmente a categoria **jardim** foi destacada por 01 pessoa (5%), também na Fazenda do Chocolate e, **sítio/fazenda**, lembrada por 02 pessoas, sendo 01 na fazenda do Chocolate e 01 na Fazenda Pirahy, correspondendo ambas a (5%) do total de respostas. Seguem alguns exemplos:

(01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2^o grau, aposentada - *“da fase de estudo, da confiança da professora”*.

(02) - Fazenda do Chocolate, 71 anos, primário, do lar - *“jardim da rua que morava, da casa simples, por que a rua lembra a infância”*.

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3^o grau, aposentada - *“gosto de lembrar de tocar bezerro, ia no riacho, ia na roça apanhar a fruta, dava abacaxi para os cavalos comerem”*.

(55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2^o grau, do lar - *“da calma que era no sítio, da tranqüilidade(...) esse tempo não volta mais”*.

Sem sombras de dúvidas, a categoria **tudo** foi a mais citada. São pessoas que referiam a vários fatores da sua vida, ou mesmo a infância toda. Percebe-se nas falas não um saudosismo triste, mas um verdadeiro prazer em lembrar de algo que passou. Foram 05 pessoas que a indicaram na Fazenda do Chocolate (25%); 07 pessoas no Camping das Pedras (35%) e o maior número na Fazenda Pirahy, totalizando 08 pessoas (40%) do total das respostas na propriedade. As falas comprovam:

(07) - Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1^o grau, do lar - *“das coisas boas”*.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3^o grau, professora - *“tudo, não tem trauma, tudo foi muito bom”*.

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2^o grau completo, serralheiro industrial - *“tudo o que é bom, porque as coisas ruins não movimentam a vida”*.

(28) - Camping das Pedras, 45 anos, 2^o grau, gerente de transporte - *“tudo, por que era feliz e não sabia, gosta muito”*.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau, analista de qualidade - “*gosto, toda lembrança é saudável*”.

(57) - Fazenda Pirahy, 38 anos, 2º grau, industriário - “*tudo, minha infância – boa*”.

Ainda com relação aos sentimentos topofílicos, mas agora no **presente**, as doze perguntas elaboradas foram feitas em relação ao lugar escolhido para o passeio, isto é, as fazendas: Quando tomou a decisão de visitar este lugar, o que lhe veio à mente? O que busca aqui? Você gosta daqui? O que mais gosta, por quê? Se pudesse escolher um lugar ideal para viver, onde seria? Como seria? Para você o que é paisagem rural? Olhe a paisagem a sua volta, o que mais lhe chama a sua atenção? O que lhe agrada? O que lhe desagrada? Tem lugar preferido aqui? Quais? Pretende voltar? Por quê?

Considerando a primeira questão levantada, chegou-se aos seguintes resultados:

Tabela 14- Motivos da escolha pelo campo (n=20)

Motivo	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	Sujeitos	%
Componentes naturais	Natureza	01	5	03	15	04	20
	Praia	-	-	-	-	01	5
Componentes sociais	Família	-	-	-	-	03	15
	Passeio	11	55	06	30	03	15
	Trabalho	-	-	04	20	-	-
	Descanso	02	10	06	30	03	15
Componentes emocionais/afetivos	Saudade	-	-	-	-	01	5
Componente simbólico	Passado	-	-	01	5	1	5
Lugar	Fazenda	03	15	-	-	04	20
Nada		03	15	-	-	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org. Vera Lúcia dos Santos

É fato que esta pergunta está preocupada em evidenciar os reais motivos que mobilizam tantas pessoas a vir até o campo. Tal como nas questões anteriores foi possível enquadrar as respostas nos componentes naturais, sociais, emocionais/afetivos, simbólicos e lugar, o que facilita a compreensão dos dados obtidos. Em relação aos componentes naturais, a fala das pessoas dirigiu-se às categorias **natureza e praia**, sendo que a **natureza** foi citada por apenas 01 pessoa na Fazenda do Chocolate (5%); por 03 sujeitos no Camping das Pedras (15%) e, com maior expressão na fazenda Pirahy com 04 sujeitos, ou seja, (20%) do total das respostas na propriedade. Estranhamente, 01 pessoa mencionou-se a categoria **praia** (5%) na fazenda Pirahy. As respostas seguem abaixo:

(06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, 4º série, remalhadeira - *“natureza”*.

(24) - Camping das Pedras, 50 anos, 2º grau, construtor de máquina - *“freqüenta acampamento há 35 anos (...) é natureza, sossego”*.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau completo, gerente de vendas - *“curti a natureza, ar puro, tranqüilidade, sossego”*.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau, analista de qualidade - *“a paixão com a natureza, os cavalos”*.

(47) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 2º grau, cultivadora de cogumelos - *“gosta muito de lugar de praias”*.

(55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2º grau, do lar - *“a natureza, gosto de estar em contato com a natureza; diferente de um shopping que volto estressada”*.

Faz-se necessário comentar, dado à importância que os componentes sociais tiveram, o grande destaque, muito mais que os naturais discutidos acima. As categorias mencionadas foram: **família, passeio, trabalho e descanso** sendo que, indiscutivelmente a categoria **passeio** superou as outras três, ou seja, a maioria das pessoas vem até as propriedades única e exclusivamente pelos passeios. Desta forma, 11 pessoas na Fazenda do Chocolate a destacaram, totalizando (55%) dos entrevistados; no Camping das Pedras, a categoria foi mencionada por 06 sujeitos (30%) e, por 03 na Fazenda Pirahy. Esta última propriedade foi à única que os sujeitos que indicaram **natureza** superou os que indicaram **passeio**, ou seja, do total de entrevistados na Fazenda Pirahy, 04 pessoas destacaram **natureza** ao passo que 03 ressaltaram o **passeio**.

Além da categoria **passeio**, houve referência à **família** por 03 pessoas na Fazenda Pirahy (15%); **trabalho** foi citado por 04 sujeitos no Camping das Pedras (20%) e **descanso** lembrado por 02 pessoas na Fazenda do Chocolate (10%), 06 sujeitos no Camping das Pedras (30%) e por 03 inquiridos na Fazenda Pirahy (15%) . A seguir as falas ilustrando essas categorias:

(02) - Fazenda do Chocolate, 71 anos, primário, do lar - *“gosta de passar o domingo fora, sair de casa, esquecer do lar”*.

(05) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, primário, aposentada - *“vim a convite, vim até Itu e resolvi vir até a fazenda”*.

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro - *“eu trouxe as meninas para ver os animais, os peixes, meus pais sempre trazia a gente”*.

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2º grau, técnico turismo, serralheiro industrial - *“devido ao serviço, acabei gostando e ficando”*.

(29) - Camping das Pedras, 32 anos, 2º grau, técnico turismo, publicitária - *“eu vim por obrigação, devido ao trabalho”*.

(32) - Camping das Pedras, 62 anos, 1º grau completo, micro-empresário - *“sentir o cheiro do mato, descansar”*.

(46) - Fazenda Pirahy, 46 anos, 3º grau, empresário rural - *“que o filho cresça como eu”*.

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3º grau, administração hospitalar - *“idéia de descansar, não imaginava como era a fazenda”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada - *“foi trazer os filhos para um local onde pudesse ter contato com a natureza, pela lembrança que tenho (..) é gostoso”*.

Os componentes emocionais/afetivos foi entendido como a categoria **saudade** foi comentada por 01 pessoa na Fazenda Pirahy (5%). Outra categoria distinguida foi **passado**, lembrado por 01 pessoa tanto no Camping das Pedras quanto na Fazenda Pirahy, equivalendo a 5% respectivamente. Os exemplos estão dispostos abaixo:

(51) - Fazenda Pirahy, 27 anos, 2º grau, empresário - *“saudade”*.

(54) - Fazenda Pirahy, 56 anos, 3º grau, área comercial - *“quando eu vim, a convite do João, vim como oportunidade de resgatar a infância”*.

Em relação ao lugar, algumas pessoas citaram a categoria **fazenda**, que de certa forma mostra um interesse das pessoas por um lugar diferente do habitado cotidianamente. Assim, a categoria **fazenda** foi mencionada por 03 pessoas na Fazenda do Chocolate (15%) e, por 04, na Fazenda Pirahy, totalizando (20%), como se observa nos dizeres a seguir:

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau completo, do lar - *“imaginava a fazenda, mas menor”*.

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar - *“eu queria o ar puro da fazenda, ver animais, ver outro clima que não tem na cidade”*.

(42) - Fazenda Pirahy, 45 anos, 3º grau, engenheiro civil - *“queria contato com o campo, com os bichos, animal, sair de São Paulo”*.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, superior, funcionária público - *“comida natural, ar puro, comida da roça, também se distrair”*.

Por último, 03 pessoas (15%) na Fazenda Chocolate afirmaram não ter vindo **nada** à mente, quando decidiram ir até a propriedade, como as falas que se seguem:

(11) - Fazenda do Chocolate, 50 anos, 2º grau incompleto, do lar - *“nada”*.

(15) - Fazenda do Chocolate, 67 anos, 1º grau incompleto, doméstica - *“nada”*.

Com a preocupação de melhor entender o motivo da vinda à propriedade, foi questionado: “O que busca aqui?”. As respostas foram categorizadas conforme mostra a tabela 15.

É importante destacar que, no que diz respeito à motivação, as três propriedades apresentam algumas peculiaridades que necessitam ser compreendidas. Na Tabela anterior, 11 entrevistados na Fazenda do Chocolate afirmaram que **passeio** foi o primeiro motivo que lhes veio à mente; agora, quanto questionados sobre o que buscavam ali, o maior número de pessoas reportou-se ao **lazer**. Talvez tal fato seja explicado pela demanda entrevistada, pois, como já afirmado anteriormente, quase todos são idosos que não negam o seu interesse: passeio e lazer. Por outro lado, no Camping das Pedras e na Fazenda Pirahy sobressaem os componentes emocionais/afetivos, principalmente as categorias **sossego/tranqüilidade**. São pessoas que na tabela anterior referiam-se ao **passeio** e **descanso**. São sujeitos mais jovens, que evidenciam argutamente nas suas falas o quanto a vida urbana é estressante. A seguir far-se-á um comentário de todos os componentes e respectivas categorias.

Tabela 15 – Componentes paisagísticos valorizados (N= 20)

Componentes paisagísticos	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	Sujeitos	%	sujeitos	%
Componentes naturais	Ar puro	-	-	-	-	01	5
	Natureza	01	5	-	-	-	-
Componentes sociais	Aprendizagem	-	-	02	10	-	-
	Qualidade de vida	-	-	-	-	02	10
	Lazer	10	50	01	5	03	15
	Pessoas	01	5	-	-	02	10
Componentes emocionais/afetivos	Alegria	-	-	01	5	-	-
	Paz	02	10	02	10	02	10
	Sossego/tranquilidade	02	10	11	55	06	30
Componentes simbólicos	Futuro	-	-	01	5	-	-
	Raízes	-	-	01	5	-	-
	Lembrança	02	10	-	-	-	-
	Refúgio	-	-	01	5	02	10
Lugar	Fazenda	-	-	-	-	02	10
Nada		02	10	-	-	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org. Vera Lúcia dos Santos

Como componente naturais foram compreendidas duas categorias: **ar puro** e **natureza**, cada uma sendo citada por apenas uma pessoa; **ar puro** na Fazenda Pirahy (5%) e **natureza** na Fazenda do Chocolate (5%). As falas mostram essas categorias:

(04)- Fazenda do Chocolate, 61 anos, primário, aposentada - “*ver a natureza*”.

(45) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1^o grau incompleto, administrador rural - “*ar puro, silêncio*”.

Aprendizagem, **qualidade de vida**, **lazer** e **pessoas** foram categorias enquadradas em componentes sociais. **Aprendizagem** foi citada por 02 pessoas no Camping das Pedras (10%) preocupadas com o desenvolvimento de seu trabalho (estavam em trabalho de campo), já que são pessoas envolvidas com o curso de Técnico em Turismo; **qualidade de vida** foi mencionada por 02 pessoas na Fazenda Pirahy (10%); **pessoas**, foi comentada por 01 sujeito na Fazenda do Chocolate (5%) e, por 02 pessoas na Fazenda Pirahy. Sem sombra de dúvidas, de todas as categorias pertencentes aos componentes sociais, a categoria **lazer** é que recebeu mais expressão: 10 sujeitos na Fazenda do Chocolate (50%); 01 pessoa no

Camping das Pedras (5%) e, 03 sujeitos (15%) na Fazenda Pirahy, como os exemplos que se seguem:

(02) - Fazenda do Chocolate, 71 anos, primário, do lar - *“um dia diferente, curiosidade, lazer, distração”*.

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar - *“poder caminhar, distrair, espantar a depressão, mudar a rotina”*.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3º grau, professora - *“só lazer mesmo”*.

(29) - Camping das Pedras, 32 anos, 2º grau completo, publicitária - *“buscar aprender por causa do curso”*.

(30) - Camping das Pedras, 20 anos, 2º grau incompleto, autônomo - *“aprendizagem, oportunidade de emprego”*.

(57) - Fazenda Pirahy, 38 anos, 2º grau, industriário - *“socialização”*.

(59) - Fazenda Pirahy, 51 anos, 2º grau, ator - *“realização profissional e o contato”*.

Quanto aos componentes emocionais/afetivos, foram citados: **alegria**, **paz** e **sossego/tranqüilidade**. A categoria **alegria** foi lembrada por 01 pessoa no Camping das Pedras (5%); por sua vez, **paz** foi citada por 06 pessoas, sendo 02 (10%) em cada propriedade (Fazenda do Chocolate, Camping das Pedras e Fazenda Pirahy), já, a categoria **sossego/tranqüilidade** teve pouca expressão na Fazenda do Chocolate recebendo menção de 02 pessoas (10%); em contrapartida, foi a categoria de maior expressão no Camping das Pedras com a citação de 11 pessoas (55% do total de resposta) e na Fazenda Pirahy, com a lembrança de 06 pessoas (30%). Os dizeres abaixo demonstram essas colocações:

(18) - Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2º grau, do lar - *“paz”*.

(24) - Camping das Pedras, 50 anos, 2º grau, construtor de máquina - *“sossego, natureza em volta”*.

(33) - Camping das Pedras, 48 anos, 2º grau, torneiro mecânico - *“alegria”*.

(39) - Camping das Pedras, 29 anos, 3º grau, monitora - *“momentos de tranqüilidade”*.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau, analista de qualidade - *“paz”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada - *“passar horas de tranqüilidade, serenidade”*.

No que diz respeito aos componentes simbólicos houve as seguintes categorias: **futuro**, **raízes**, **lembranças** e **refúgio**. A categoria **futuro** foi lembrada por apenas 01

pessoa (5%) no Camping das Pedras; o mesmo acontece com a categoria **raízes** (5%). **Lembranças** foi mencionada por 02 sujeitos (10%) na Fazenda do Chocolate e, finalmente, a categoria **refúgio**, citada por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras e, por 02 sujeitos (10%) na Fazenda Pirahy. As falas a seguir exemplificam as categorias:

(07) - Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1º grau, do lar – *“muitas novidades, coisas boas do passado”*.

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2º grau, técnico, serralheiro industrial – *“eu tenho raízes, filhos, netos, sossego”*.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2º grau, do lar – *“um futuro melhor”*.

(31) – Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, securitário – *“Refúgio”*.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, funcionário público - *“ta longe do estresse do trabalho, relaxar”*.

(60) - Fazenda Pirahy, 25 anos, 3º grau, professora - *“esquecer o estresse”*.

Fazenda, embora sem lugar específico, também foi lembrada, indicada por 02 pessoas (10%) na Fazenda Pirahy, conforme se nota nas falas abaixo:

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3º grau, administração hospitalar - *“me identifiquei com as coisas da fazenda, sou plantador de semente”*.

(44) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, comerciante – *“fazer com que as pessoas se encantam pelo local”*.

Ainda, 02 pessoas (10%) na Fazenda do Chocolate afirmaram não buscar **nada** na visita. Foram enfáticas nas afirmações, como se nota:

(08) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, ginásio, do lar – *“nada”*.

(20) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, não tem, do lar – *“nada”*.

Objetivando complementar a pergunta anterior, medindo a ligação afetiva das pessoas com o lugar, foi questionado: “Você gosta daqui?” Evidenciando grande satisfação 100% dos sujeitos responderam que **sim**. No entanto, 04 pessoas, sendo 02 (10%) na Fazenda do Chocolate e 02 (10%) na Fazenda Pirahy fizeram a ressalva que gostam, mas não para morar. Essas pessoas deixaram claro que apreciam o lugar, mas como meio de passeio, morar, no entender delas, seria monótono. Os dizeres exemplificam tal afirmação:

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – *“gosto para passear não para morar”*.

(09) - Fazenda do Chocolate, 49 anos, 3^o grau, bancário – “*gosto só para passeio*”.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3^o grau, funcionário público - “*sim para descansar, para morar acho que seria monótono*”.

Para aprofundar esta questão, a fim de determinar o que a pessoa mais aprecia no lugar, foi perguntado: “O que mais gosta? Por quê?” As respostas categorizadas estão apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 16- Valores afetivos (n=20)

Valor afetivo	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	Sujeitos	%	sujeitos	%
Componentes naturais	Meio ambiente	-	-	01	5	-	-
	Natureza	06	30	06	30	03	15
	Cheiro	01	5	-	-	03	15
	Preservação	-	-	-	-	01	5
	Paisagem	-	-	01	5	02	10
Componentes sociais	Amigos	-	-	-	-	01	5
	Família	-	-	02	10	-	-
	Passeio	-	-	-	-	01	05
	Loja	03	15	-	-	-	-
	Piscina	-	-	02	10	-	-
Componentes emocionais/afetivos	Sossego/tranquilidade	-	-	05	25	-	-
	Privacidade	-	-	02	10	-	-
Vida/espécie	Animais	02	10	-	-	02	10
Lugar	Fazenda	-	-	-	-	01	5
Tudo		06	30	01	5	06	30
Não sabe		02	10	-	-	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Observando os resultados alcançados, dois fatos chamam a atenção: em primeiro, o destaque da categoria **natureza**, principalmente na Fazenda do Chocolate e no Camping das Pedras. Vale destacar que, quando foram questionadas sobre o que buscam (Tabela 15) a categoria **natureza** foi mencionada por apenas 01 pessoa na Fazenda do Chocolate, em outras palavras, mesmo não buscando, as pessoas apreciam a natureza encontrada, o contato direto. Em segundo lugar, a categoria **tudo** também recebeu menções significativas,

com exceção no Camping das Pedras que, ao invés de dizerem tudo, as pessoas ressaltaram, sobretudo, a **natureza** e o **sossego/tranqüilidade**.

Vamos agora analisar as categorias selecionadas nas respostas dos sujeitos. Tal como nas outras Tabelas, os componentes naturais restringem as categorias relacionadas ao ambiente, a natureza em si. Nesta tabela, observam-se as seguintes categorias: **meio ambiente** citada por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras; **natureza** comentada por 06 sujeitos (30%) tanto na fazenda do Chocolate, quanto no Camping das Pedras e por 03 pessoas na Fazenda Pirahy. Chama atenção a categoria **cheiro**, lembrada por 01 pessoa na fazenda do Chocolate e por 03, na Fazenda Pirahy; **preservação** também foi mencionada, mas por apenas 01 pessoa na fazenda Pirahy; e por último, a categoria **paisagem**, comentada por 03 pessoas: 01, no Camping das Pedras (5%) e 02, na fazenda Pirahy (10%). Todas as categorias aqui destacadas seguem abaixo:

(01)- Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2º grau, do lar – *“o ar, a natureza”*.

(02)- Fazenda do Chocolate, 71 anos, primário, do lar – *“cheiro da mata faz bem, não do cheiro do estrume”*.

(19) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 1º grau, motorista – *“convivência com a natureza”*.

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2º grau completo, serralheiro industrial – *“eu gosto do contato com a natureza, sombra, sossego”*.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau completo, gerente de vendas – *“o meio ambiente, o local, o lugar, o canto dos pássaros”*.

(39) - Camping das Pedras, 29 anos, 3º grau, monitora – *“da paisagem, porque é gostoso, muita flor”*.

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3º grau, administração hospitalar – *“acho interessante à preservação, avalio a nossa cultura”*.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau, analista de qualidade – *“o cheiro da natureza, saudável, sem poluição”*.

Como nas tabelas anteriores, os componentes sociais também foram mencionados, no entanto, com menor expressão. As categorias são: **amigos, família, passeio, loja e piscina**, sendo estas três últimas entendidas como o momento em que há maior socialização e contato entre as pessoas, daí serem entendidos como componentes sociais. Em relação à

categoria **amigos**, ela foi lembrada por 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy, o mesmo acontecendo com a categoria **passeio**. Já a categoria **família** foi mencionada por 02 pessoas (10%) no Camping das Pedras, ocorrendo o mesmo com a categoria **piscina**. **Loja**, por sua vez, foi a mais citada dos componentes sociais, sendo lembrada por 03 sujeitos (15%) na fazenda do Chocolate. As categorias são narradas nas falas a seguir:

(15) - Fazenda do Chocolate, 67 anos, 1^o grau completo, doméstica – *“adoro a loja dos vinhos, a adega, para dar de presente para as filhas”*.

(18) - Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2^o grau, do lar – *“do sorvete, do chocolate”*.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 2^o grau, aposentado – *“estar com a família”*.

(42) - Fazenda Pirahy, 45 anos, 3^o grau, engenheiro civil - *“de fazer amigos, conhecer as pessoas, de passear a cavalo”*.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3^o grau, funcionário público - *“o passeio de hoje, a cena do casamento caipira”*.

Dando prosseguimento à análise dos dados, as categorias **sossego/tranqüilidade** e **privacidade** foram entendidas como componentes emocionais/afetivos, tendo um total de 7 citações. Foram citadas apenas pelos visitantes e ou turistas do Camping das Pedras, 05 falas (25%) em relação ao **sossego/tranqüilidade** e 02 (10%) referindo a **privacidade**. Os exemplos seguem abaixo:

(22) - Camping das Pedras, 21 anos, 2^o grau, vendedora – *“sossego porque está no meio da natureza”*.

(24) - Camping das Pedras, 50 anos, 2^o grau, construtor de máquina – *“gosto da tranqüilidade”*.

(35) - Camping das Pedras, 50 anos, 3^o grau, chefe de cozinha – *“tranqüilidade devido à agitação de São Paulo, o ar é diferente”*.

(36) - Camping das Pedras, 40 anos, 3^o grau, representante técnico – *“do meu espaço, faz o que quer, recebe quem quer e cuida como quer”*.

Com relação à vida/espécie a categoria **animais** foi citada por 04 pessoas, sendo 02 (10%) na Fazenda do Chocolate e 02 (10%) no Camping das Pedras. Fato compreensível já que, nas duas propriedades, os animais são um dos atrativos. Os dizeres abaixo comprovam:

(08) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 1^o grau completo, do lar – *“gostei das árvores”*.

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2^o grau incompleto, marceneiro – “*ver os peixes*”.

(53) - Fazenda Pirahy, 44 anos, 3^o grau, engenheiro – “*cavalos*”.

Fazenda por sua vez, foi citada por apenas 01 pessoa (5%) na Fazenda Pirahy, conforme fala abaixo:

(56) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3^o grau, aeroviária – “*foi a casa da fazenda (sede), um sonho realizado*”.

Como já foi comentado, a categoria **tudo** recebeu destaque quando comparada às outras, com exceção para o Camping das Pedras, citada por apenas 01 pessoa (5%). Na fazenda do Chocolate 06 pessoas (30%) reportaram-se a ela, sendo juntamente com a categoria **natureza** as mais citadas; na fazenda Pirahy, também foi comentada por 06 sujeitos (30%) sendo efetivamente a mais expressiva na propriedade. Abaixo, seguem alguns exemplos:

(05) - Fazenda do Chocolate, 61anos, primário, aposentada – “*gostei de tudo*”.

(13) - Fazenda do Chocolate, 52 anos, 2^o grau, aposentada – “*de tudo, tudo muito gostoso*”.

(14) - Fazenda do Chocolate, 83 anos, primário incompleto, do lar – “*tudo, comer, beber e passear*”.

(54) - Fazenda Pirahy, 56 anos, 3^o grau, área comercial – “*gosto da natureza, das flores, do verde, do meu cavalo*”.

(58) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3^o grau, autônomo – “*vou passear de cavalo, mas até agora tudo*”.

Finalizando, 02 pessoas (10%) na fazenda do Chocolate disseram ainda não saber do que mais gostariam, já que estavam chegando à propriedade. Segue as falas:

(07)- Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1^o grau, do lar – “*vou começar a ver agora*”.

(20) - Fazenda do Chocolate, 70 anos, analfabeta, do lar – “*não sei*”.

Na busca da compreensão de como as pessoas visualizam um lugar ideal para viver, já que o próprio Wilson (2002) destaca a importância do habitat para o instinto biofílico, perguntou-se: “Se pudesse escolher um lugar ideal para viver, onde seria?” Vale lembrar que esta questão tem o objetivo de complementar as anteriores e as respostas indicam o

lugar especial para os entrevistados, extremamente importante não só para a topofilia, mas também para os sentimentos biofílicos. As categorias encontram-se dispostas na tabela 17.

Tabela 17 – Lugar ideal (n=20)

	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	Sujeitos	%	sujeitos	%
Lugar ideal	Campo/fazenda	07	35	05	25	11	55
	Cidade	10	50	05	25	05	25
	Interior	01	05	01	5	02	10
	Brasil	-	-	01	5	-	-
	Amazônia	-	-	01	5	-	-
	Nordeste	-	-	01	5	-	-
	Montanha	-	-	01	5	-	-
	Portugal	-	-	-	-	01	5
	Praia	01	5	-	-	-	-
	Chalé	-	-	04	20	-	-
	Nenhum lugar	01	5	-	-	-	-
Não sabe	-	-	01	5	01	5	
Total	20	100	20	100	20	100	

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Como a pergunta questiona um lugar ideal, todas as respostas a indicaram com exceção de 03 pessoas. Curioso é notar que as respostas variaram de escala, já que há pessoas que indicaram países, outras, um lugar apazível como montanha, chalé, praia ou mesmo o interior; outras, ainda, lembraram de um Estado e, a grande maioria, dividiu-se nas duas paisagens que acompanham a vida cotidiana: campo/fazenda (entendida como paisagem rural) e as cidades (paisagem urbana), paisagens cada vez mais próximas uma vez que as transformações espaciais são evidentes em ambas, aproximando-as tanto no que diz respeito às funcionalidades, quanto ao modo de vida, caracterizando um verdadeiro re(encontro).

Em relação ao **campo/fazenda**, as falas sobressaíam na Fazenda Pirahy com a citação de 11 pessoas que totalizaram 55% do total das respostas; na Fazenda do Chocolate foram 07 menções (35%) e, no Camping das Pedras, a menor porcentagem, com 25%, correspondendo à fala de 05 pessoas. Os exemplos seguem abaixo:

(01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2º grau, do lar – *“qualquer fazenda que ela já conheceu”*.

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º ano primário, do lar – *“numa fazenda, num sítio, um lugar sossegado”*.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2º grau, do lar – *“para viver um sítio”*.

(36) - Camping das Pedras, 40 anos, 3º grau, representante técnico – *“um lugar parecido com este”*.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau, analista de qualidade – *“meu projeto de vida, muita natureza, mato”*.

(54) - Fazenda Pirahy, 56 anos, 3º grau, área comercial – *“seria como esse, mas que tivesse acesso à cidade”*.

Cidade foi outra categoria expressiva nos dizeres das pessoas, sendo que algumas se referiam à própria cidade que moram, evidenciando forte elo topofílico. Na fazenda do Chocolate obteve a maior porcentagem, totalizando 50% das respostas (10 sujeitos); no Camping das Pedras e na fazenda Pirahy foram 05 falas em cada uma delas, equivalendo a 25%, respectivamente, a seguir alguns exemplos:

(02) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – *“onde moro, Santa Cecília”*.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3º grau, professora – *“onde moro mesmo, no pé da Serra da Cantareira”*.

(14) - Fazenda do Chocolate, 83 anos, primário incompleto, do lar – *“a minha casa mesmo em São Paulo”*.

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2º grau, técnico, serralheiro industrial - *“seria um lugar parado, não muito grande, nem pequeno, com recursos”*.

(48) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, farmacêutica, psicóloga – *“gosto do Rio de Janeiro”*.

(53) - Fazenda Pirahy, 44 anos, 3º grau, engenheiro – *“São Paulo”*.

A categoria **interior** também foi citada, no sentido daquelas pessoas que anseiam por uma vida tranqüila, sem tumultos, tão característica nos grandes centros. Foi lembrada por 01 pessoa (5%) na Fazenda do Chocolate, e no Camping das Pedras (5%) e, por 02 sujeitos (10%) na Fazenda Pirahy, conforme indicam as respostas a seguir:

(09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3º grau, bancário – *“interior”*.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau completo, gerente de vendas – *“morar no interior”*.

(57) - Fazenda Pirahy, 38 anos, 2º grau, industriário – *“no interior, onde não chegou a violência, a tecnologia”*.

As categorias **Brasil**, **Amazônia**, **Nordeste** e **montanha** foram citadas por apenas 01 pessoa cada, no Camping das Pedras, correspondendo cada uma delas a 5% do total das respostas. As respostas demonstram as categorias:

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 2º grau, aposentado – *“no Brasil, estou aqui há 45 anos”*.

(24) - Camping das Pedras, 50 anos, 2º grau, construtor de máquina – *“Amazônia”*.

(28) - Camping das Pedras, 45 anos, 2º grau, gerente de vendas – *“Nordeste”*.

(29) - Camping das Pedras, 32 anos, 2º grau, publicitária – *“na montanha”*.

Portugal e **praia** também foram citadas apenas uma vez, sendo **Portugal** por 01 pessoa (5%) na Fazenda Pirahy e a categoria **praia** lembrada por 01 sujeito (5%) na Fazenda do Chocolate, conforme os dizeres:

(02) - Fazenda do Chocolate, 71 anos, primário, do lar – *“praia”*.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, funcionário público - *“seria em Portugal, meus pais nasceram lá, lugar nem muito calmo, nem agitado”*.

Dado as características do Camping das Pedras que possui mensalistas e área própria de chalés, 04 pessoas (20%) citaram a categoria **chalé**. Uns mostrando-se extremamente satisfeitos com o seu chalé, outros, desejando possuir um, conforme falas a seguir:

(33) - Camping das Pedras, 48 anos, 2º grau, torneiro mecânico – *“talvez aqui (chalé)”*.

(34) - Camping das Pedras, 44 anos, 2º grau, comerciante – *“no meu chalé”*.

(39) - Camping das Pedras, 29 anos, 3º grau, monitora – *“seria uma casa aqui para vir nos finais de semana”*.

(40) - Camping das Pedras, 30 anos, 2º grau, vendedora – *“sei lá, um lugar como este, mas com infra-estrutura”*.

Finalizando as categorias **nenhum lugar** e **não sabe** foram comentados por 01 pessoa cada, sendo **nenhum lugar** citada na Fazenda do Chocolate e a categoria **não sabe** lembrada no Camping das Pedras e na Fazenda Pirahy. Todas as categorias correspondem a 5% do total das respostas. As falas seguem abaixo:

(20) - Fazenda do Chocolate, 70 anos, analfabeta, do lar – “*não tem vontade de ir para lugar nenhum*”.

(37) - Camping das Pedras, 23 anos, 3º grau, estudante - “*não sei*”.

(52) - Fazenda Pirahy, 28 anos, 3º grau, vendedora - “*não tem lugar específico*”.

Complementando a questão anterior, ainda medindo o significado, questionou-se “Como seria?”, ou seja, após responderem onde seria o lugar ideal para morarem, as pessoas foram instigadas a falar sobre como seria esse lugar desejado, para possibilitar uma compreensão mais profunda de seus sentimentos em relação aos diversos lugares e paisagens. Algumas citaram o próprio lugar que residem, ressaltando que o apreciam com as condições atuais; outras, num sonho acordado como destaca Silva (2001) descreveram em pormenores o seu lugar ideal. As categorias apontadas pelos entrevistados estão dispostas logo a seguir, na tabela.

Tabela 18- Descrição do lugar ideal (N=20)

Descrição	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Componentes emocionais/afetivos	Tranquilo	04	20	02	10	-	-
Lugar	Lugar simples	01	5	01	5	-	-
	Sítio/fazenda	06	30	08	40	13	65
	Cidade pequena	01	5	02	10	07	35
	Onde mora	04	20	-	-	-	-
	Praia	01	5	01	5	-	-
	Lugar nenhum	01	5-	-	-	-	-
	Fortaleza	-	-	01	5	-	-
	Chalé	-	-	04	20	-	-
Movimento		01	5	-	-	-	-
Não sabe		01	5	01	5	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Com base nas respostas foi possível identificar a categoria **tranquilo**, referente ao componente emocional/afetivo e várias categorias que dizem respeito aos diferentes lugares

desejados pelas pessoas, tais como: lugar simples, sítio/ fazenda, cidade pequena, a própria cidade em que mora, chalé, entre outros.

A categoria **tranquilo** foi lembrada por 04 pessoas (20%) na fazenda do Chocolate e por 02 pessoas (10%) no Camping das Pedras, conforme falas abaixo:

(07) - Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1º grau, do lar – *“lugar calmo, tranquilo”*.

(13) - Fazenda do Chocolate, 52 anos, 2º grau, aposentada – *“um bairro tranquilo, sossegado”*.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2º grau, do lar – *“um lugar tranquilo, sem incomodações”*.

No entanto, indubitavelmente, as pessoas foram enfáticas ao optar por um lugar específico, sendo que a categoria **sítio/fazenda** foi a mais citada em todas as três propriedades, nos indicando que a demanda pelo turismo no espaço rural é composta por pessoas que apreciam de fato a paisagem rural. Resta-nos compreender se esta apreciação é fruto do imaginário coletivo que contempla a paisagem rural como algo mítico, distante da realidade da vida urbana ou se realmente são pessoas que anseiam pela vivência direta com a paisagem rural, em outras palavras, em um ambiente mais natural, menos artificializado que o das cidades.

O que se percebe nas falas das pessoas é que as 06 indicações (30%) na fazenda do Chocolate referiram-se à vontade de possuir um espaço exatamente como o encontrado na propriedade, evidenciando claramente um certo êxtase pela beleza da propriedade; já as 08 pessoas (40%) que citaram esta categoria no Camping das Pedras e as 13 (65%) na fazenda Pirahy foram argutas no sentido de desenhar um lugar com elementos próprios dos seus desejos, diferentes dos cenários das duas propriedades em questão. As falas abaixo comprovam esta assertiva:

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar – *“uma fazenda parecida com esta, de dia sai para passear, gosto muito de animais, à noite a gente descansa”*.

(18) - Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2º grau, do lar – *“parecida com esta aqui (.....) cheia de animais”*.

(19) - Fazenda do Chocolate, 40 anos, 1º grau, motorista – *“seria maravilhoso uma fazenda como esta (.....) eu vim na noite caipira”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2^o grau completo, esteticista – *“uma casa de madeira, piscina, muita árvore, tivesse animais silvestres”*.

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2^o grau, técnico, serralheiro industrial – *“seria uma chácara próxima à cidade, que pudesse mexer com a criação”*.

(39) - Camping das Pedras, 29 anos, 3^o grau, monitora – *“uma casa simples, de fazenda”*.

(47) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 2^o grau completo, cultivadora de cogumelos - *“uma casa de fazenda, verde”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada - *“cercado de natureza, onde se possa ver o nascer e pôr-do-sol, a lua cheia da janela da casa sentir o cheiro da natureza com a pessoa que ama”*.

(59) - Fazenda Pirahy, 51 anos, 2^o grau completo, ator - *“criando, plantando, vivendo”*.

Ainda como lugar específico foram citadas as categorias: **lugar simples** lembrada por 02 pessoas, sendo 01 (5%) na fazenda do Chocolate e 01 (5%) no Camping das Pedras; **cidade pequena**, comentada por apenas 01 pessoa (5%) na Fazenda do Chocolate; por 02 (10%) no Camping das Pedras e por 07 (35%) na fazenda Pirahy; **onde mora**, destacado por 04 pessoas (20%) na fazenda do Chocolate, evidenciando forte elo topofílico com o lugar em que vivem; **praia**, lembrada por 02 sujeitos (10%), 01 (5%) na fazenda do Chocolate e 01 (5%) no Camping das Pedras; **chalé**, comentado por 04 pessoas (20%) todas no Camping das Pedras; 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras destacou a categoria **Fortaleza** e, finalmente, 01 pessoa na fazenda do Chocolate afirmou não possuir desejo por **lugar nenhum**. As falas a seguir evidenciam as categorias arroladas acima:

(01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2^o grau, do lar – *“igual a essa, um lugar simples que sentisse bem”*.

(02)- Fazenda do Chocolate, 71 anos, primário, do lar – *“para andar na praia com o pé na água”*.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3^o grau, professora – *“adora o lugar onde mora”*.

(11) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 2^o grau completo, do lar - *“do mesmo jeito que eu moro”*.

(14) - Fazenda do Chocolate, 83 anos, primário incompleto, do lar – *“ah! Como gosto do meu bairro”*.

(20) - Fazenda do Chocolate, 70 anos, analfabeta, do lar – *“lugar nenhum”*.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, primário, aposentado – *“gosto muito do norte e nordeste, seria em Fortaleza”*.

(29) - Camping das Pedras, 32 anos, 2º grau completo, publicitário – *“no chalé, numa cabana bem sossegada”*.

(33) - Camping das Pedras, 48 anos, 2º grau, torneiro mecânico – *“seria como os chalés”*.

(35) - Camping das Pedras, 48 anos, 3º grau, chefe de cozinha – *“sem trânsito, bem parada, onde as pessoas falam bom dia, boa tarde”*.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, funcionário público - *“sem violência, com muito verde, mas com a agitação do comércio”*.

(57) - Fazenda Pirahy, 38 anos, 2º grau, industrial – *“seria assim, um lugar menos desenvolvido, porque o homem precisa ver os limites, cidades maiores já acha tudo pronto”*.

(60) - Fazenda Pirahy, 25 anos, 3º grau, professora - *“uma cidade média, que não tenho grandes problemas com a poluição, que seja próximo do campo e da praia”*.

Houve ainda citações com relação às categorias **movimento** e **não sabe**. **Movimento** foi comentado por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate referindo-se ao fato de que aprecia lugares dinâmicos, com movimento de pessoas e, a categoria **não sabe**, foi lembrada por 02 pessoas, sendo 01 (5%) na fazenda do Chocolate e outra no Camping das Pedras (5%), conforme ressalvas a seguir:

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – *“é preciso ter movimento”*.

(05) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, primário, aposentada – *“não sei, ter muitas flores”*.

(37) - Camping das Pedras, 23 anos, 3º grau, estudante – *“não sei”*.

Em seguida, foi perguntado às pessoas: “Para você o que é paisagem rural?” Sem sombras de dúvidas esta pergunta completa as questões anteriores, que procuraram identificar motivações e significados. Esta, por sua vez, traz à tona a questão da identidade,

ou seja, como as pessoas identificam a paisagem rural, tão visada atualmente pela mídia em todos os aspectos. As categorias identificadas encontram-se na Tabela 19.

Tabela 19- Identidade da paisagem rural (n=20)

Identidade	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	Sujeitos	%	sujeitos	%
Componentes naturais	Natureza	08	40	12	60	09	45
	Plantações	02	10	-	-	02	10
Componentes sociais	Infância	01	5	-	-	-	-
	Lazer	02	10	-	-	-	-
Componentes emocionais/afetivos	Paz	-	-	-	-	01	5
	Sossego	-	-	01	5	-	-
Componentes simbólicos	Lembrança	01	5	-	-	-	-
	Essência	-	-	01	5	-	-
	Linda	-	-	01	5	-	-
Lugar	Lugar simples	-	-	01	5	-	-
	Fazenda	-	-	02	10	08	40
Vida/espécie	Animais	02	10	01	5	-	-
Não sabe		03	15	01	5	-	-
Tudo		01	5	-	-	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Observando a tabela não há dúvida que a categoria mais citada é a **natureza**. Das 60 pessoas entrevistadas nas 03 propriedades, 29 pessoas reportaram-se a ela de várias formas e imagens, desde a concepção de paisagem rural como algo sublime, puramente natural, até com a clareza de quem sabe que é transformada pela ação humana. Desta forma, entendeu-se no trabalho duas referências aos componentes naturais: **natureza** e **plantações**. Quanto à **natureza**, foi citada na fazenda do Chocolate por 08 pessoas, totalizando (40%) das respostas; no Camping das Pedras, a maior expressão, foram 12 pessoas (60%) e na fazenda Pirahy o equivalente a 09 sujeitos (45%) das respostas, conforme os dizeres:

(01)- Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2º grau completo do lar – *“é a saída da poluição”*.

(09) - Fazenda do Chocolate, 49 anos, 3º grau, bancário – *“o mato, animais”*.

(11) - Fazenda do Chocolate, 50 anos, 2º grau completo, do lar – *“paz, tranqüilidade, convívio com a natureza”*.

(23) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, professora – *“um pouco de tranqüilidade, contato com a natureza”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau, esteticista – *“árvores, rios, casinhas de cipó”*.

(29) - Camping das Pedras, 32 anos, 2º grau, publicitária – *“paisagem rural é sentar na grama, árvores, plantas”*.

(48) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, farmacêutica, psicóloga - *“oposto da urbana, vegetação, animal, sossego”*.

(55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2º grau, do lar - *“brisa no rosto da gente, o mato, o cheiro do mato”*.

Plantações também foi outra categoria lembrada. Foram 04 pessoas; 02 (10%) na Fazenda do Chocolate e 02 (10%) na Fazenda Pirahy, ressaltando uma das funções básicas do campo, a produção de alimentos, como se percebe nas referências abaixo:

(05) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, primário, aposentada – *“lugar onde tem plantações arroz, feijão, cana”*.

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – *“um lugar que tenha plantação, estrada de terras”*.

(44) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, comerciante - *“a paisagem durante muito tempo foi plantação, agora a gente não vê mais”*.

(57) - Fazenda Pirahy, 38 anos, 2º grau, industriário - *“tudo isso que estamos vendo (...) eu tenho muitas lembranças de plantações, minha família tinha muita plantação de soja. Recordo muito disso”*.

Com relação aos componentes sociais, foram citados as categorias **infância** e **lazer**, ambas apenas na fazenda do Chocolate. A categoria **infância** foi comentada por apenas 01 pessoa (5%) ao passo que **lazer** foi destacado por 02 (10%) sujeitos, como se segue:

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – *“é a minha infância”*.

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3^o grau, aposentada - “*gosta, se sente bem, distrai*”.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3^o grau, professora - “*só lazer porque é monótono*”.

Os componentes emocionais/afetivos também foram lembrados, percebendo-se claramente duas categorias: **paz** e **sossego**, ambas destacadas por apenas 01 sujeito. **Paz** foi a resposta de 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy e **sossego** foi o destaque de 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras, como é notado abaixo:

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 2^o grau completo, aposentado - “*sossego, tranqüilidade, cavalo, charrete*”.

(53) - Fazenda Pirahy, 44 anos, 3^o grau, engenheiro - “*paz de espírito*”.

Já **lembranças**, **essência** e **linda** foram categorias entendidas como componentes simbólicos, sublinhados por 01 pessoa cada. **Lembrança** foi comentada por 01 sujeito (5%) na Fazenda do Chocolate; **essência**, por sua vez, no Camping das Pedras e, **linda**, foi outra categoria elegida também no Camping das Pedras, ambas equivalendo a 5% do total das respostas obtidas na propriedade (citação de 01 pessoa). As respostas são registradas abaixo:

(06)- Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira - “*lembranças do passado*”.

(30) - Camping das Pedras, 20 anos, 2^o grau incompleto, autônomo - “*essência*”.

(32) - Camping das Pedras, 62 anos, 1^o grau incompleto, micro-empresário - “*quase infinita, linda*”.

Para algumas pessoas, paisagem rural é um lugar simples ou uma fazenda. No caso da categoria **lugar simples**, houve somente 01 menção (5%) no Camping das Pedras. Já a categoria **fazenda** foi lembrada por 02 pessoas (10%) no Camping das Pedras e por 08 sujeitos (40%) na fazenda Pirahy, sendo nesta propriedade, uma das maiores expressões, ficando abaixo apenas da categoria natureza, conforme exemplo das falas a seguir:

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2^o grau completo, gerente de vendas - “*um lugar simples, casinha de madeira, cavalos, sem carros*”.

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3^o grau, administração hospitalar - “*é o curral, é o cavalo, cheiro de mato, simplicidade, arroz e feijão*”.

(46) - Fazenda Pirahy, 46 anos, 3^o grau, empresário rural - *“é isso aqui, cachaça, amigos, bate-papos, é o campo, abrir a porteira, ver o gado”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada - *“é uma paisagem rústica, muito verde, com animais tipo galinha, cavalos, casa simples, cachoeira”*.

(56) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3^o grau, aeroviária - *“isso que está vendo, árvores, mato, flores, pássaros, estrada de terra”*.

Outras pessoas reportaram-se aos **animais** (componente vida/espécie) para expressar a identidade de paisagem rural. Foram no total 03 pessoas, sendo 02 na Fazenda do Chocolate (10%) e 01 no Camping das Pedras (5%), como se segue:

(18) - Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2^o grau, do lar - *“é os pássaros, os bois, os cavalos”*.

(24) - Camping das Pedras, 50 anos, 2^o grau, construtor de máquina - *“pasto, animais”*.

Concluindo, 01 pessoa na Fazenda do Chocolate (5%) reportou-se a categoria **tudo** e 03 pessoas (15%) na mesma propriedade destacaram a categoria **não sabe**; o mesmo ocorreu com 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras, como exemplificações abaixo:

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar - *“paisagem rural não sei explicar como seria”*.

(13) - Fazenda do Chocolate, 52 anos, 2^o grau, aposentada - *“acho que é tudo”*.

(40) - Camping das Pedras, 30 anos, 2^o grau, vendedora - *“ah! sei lá, verde, mas não com muito bicho”*.

A fim de entender o real significado atribuído pelas pessoas à paisagem que as rodeiam, foi questionado: “olhe a paisagem à sua volta, o que mais chama a sua atenção?” As respostas foram categorizadas de acordo com os componentes apresentados na tabela que se segue:

Tabela 20 – Significado atribuído à paisagem (n=20)

Componentes	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Componentes construídos	Arquitetura	01	5	-	-	-	-
	Varanda	-	-	-	-	01	5
Componentes sociais	Visitação	02	10	02	10	-	-
Componentes naturais	Trilhas	01	5	-	-	-	-
	Natureza	-	-	01	5	-	-
	Paisagem	-	-	02	10	-	-
	Árvores	05	25	06	30	11	55
	Flores	01	5	-	-	01	5
	Ar	01	5	01	5	-	-
	Céu	-	-	01	5	01	5
	Sol	-	-	-	-	01	5
	Som	-	-	01	5	-	-
Componentes emocionais/afetivos	Liberdade	01	5	-	-	-	-
	Paz	01	5	02	10	01	5
Tudo		05	25	03	15	04	20
Nada		02	10	-	-	-	-
Não sabe		-	-	01	5	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Ao perguntar às pessoas o que mais lhe chamam a atenção na paisagem houve referências também aos componentes construídos e aos sociais, mais precisamente às categorias: **arquitetura**, **varanda** e **visitação**. No caso da categoria **arquitetura** foi citada por apenas 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate e, a categoria **varanda** também foi mencionada por 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy, como se segue nas falas abaixo:

(09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3^o grau, bancário – *“tem os estilos das casas, como foi os antepassados”*.

(48) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3^o grau, farmacêutica, psicóloga – *“varanda”*.

No que diz respeito à categoria **visitação**, entendida como componente social, foi lembrada por 04 pessoas, sendo 02 (10%) na fazenda do Chocolate e 02 (10%) na fazenda Pirahy, como exemplos a seguir:

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2^o grau incompleto, marceneiro – *“várias pessoas que vem visitar”*.

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2^o grau, serralheiro industrial – *“a alegria do povo”*.

Nos componentes naturais foram destacadas as categorias **trilhas**, **natureza** e **paisagem**, que indicam a satisfação com contatos diretos com a natureza. **Trilha** foi ressaltada por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate, **natureza** foi comentada também por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras e **paisagem**, sublinhada por 02 pessoas (10%) nesta última propriedade. O destaque às categorias segue abaixo em algumas exemplificações:

(01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2^o grau, do lar – *“as trilhas, o caminho”*.

(30) - Camping das Pedras, 40 anos, 3^o grau, autônomo – *“natureza”*.

(32) - Camping das Pedras, 62 anos, 1^o grau, micro-empresário – *“normalmente é a paisagem”*.

Ainda em relação aos componentes naturais não há dúvida que a categoria **árvores** foi uma das mais citadas na fazenda do Chocolate, 05 pessoas (25%) e, certamente, a mais expressiva no Camping das Pedras e na fazenda Pirahy, sendo a menção de 06 (30%) na primeira propriedade é de 11 sujeitos (55%), na segunda. **Flores** também foi mencionada por 01 pessoa (5%) tanto na fazenda do Chocolate, quanto na fazenda Pirahy. As referências às estas categorias estão dispostas abaixo:

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2^o grau, do lar – *“as árvores, o verde”*.

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar – *“o verde, a mata”*.

(17) - Fazenda do Chocolate, 67 anos, 1^o grau completo, aposentada - *“as flores”*.

(31) - Camping das Pedras, 39 anos, 3^o grau, securitário – *“verde, bastante verde”*.

(44) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, comerciante - “*as árvores floridas (...) as paineiras floridas me deixa apaixonada*”.

(56) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, aeroviária - “*essas árvores com flores é linda*”.

Com menor expressão, mas mencionadas de forma enfática como as outras categorias, destaca-se: **som**, **ar**, **céu** e **sol**. No caso da categoria **som**, foi lembrado por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras; **ar**, por sua vez, foi ressaltado por 02 sujeitos, 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate e outra no Camping das Pedras (5%); **céu** também foi lembrança de 02 pessoas, 01 (5%) no Camping das Pedras e outra na fazenda Pirahy (5%); por último, na tipologia humanista, a categoria **sol** foi mencionada por 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy.

(13) - Fazenda do Chocolate, 52 anos, 2º grau, aposentada - “*o ar daqui é muito bom*”.

(23) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, professora - “*som*”

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau, gerente de vendas - “*o céu*”.

(57) - Fazenda Pirahy, 38 anos, 2º grau, industrial - “*hoje eu vejo o sol que me dá o brilho da vida*”.

Liberdade e **paz** foram categorias compreendidas nos componentes emocionais/afetivos, sendo que a primeira categoria recebeu 01 menção (5%) na fazenda do Chocolate e a categoria **paz** foi lembrada por 01 pessoa (5%) tanto na fazenda do Chocolate quanto na fazenda Pirahy, já no Camping das Pedras foi destacada por 02 sujeitos (10%). As falas seguem abaixo:

(02) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar - “*liberdade*”.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3º grau, professora - “*paz*”.

(46) - Fazenda Pirahy, 46 anos, 3º grau, empresário rural - “*paz*”.

Por sua vez, a categoria **tudo** nos indica o quanto todo o conjunto da paisagem é significativo para algumas pessoas, sendo citada por 05 sujeitos (25%) na fazenda do Chocolate, por 03 (15%) no Camping das Pedras e por 04 pessoas (20%) na fazenda Pirahy, conforme algumas falas abaixo:

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3º grau, aposentada - “*o casarão, a natureza, o arvoredo*”.

(18) - Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2º grau, do lar - “*tudo chama atenção*”.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1^o grau, aposentado – “*o conjunto: plantas, flores, verdes*”.

(60) Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, professora – “*o contato dos verdes, as flores, este cenário, parece que estou mergulhada num quadro, os cavalos*”.

Para concluir, diante da questão obteve-se repostas que caracterizam a categoria **nada**, comentada por 02 pessoas (10%) na fazenda do Chocolate e **não sabe**, dita por 01 sujeito (5%) no Camping das Pedras. As assertivas informam a categorização:

(08) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 1^o grau, do lar – “*nada*”.

(35) - Camping das Pedras, 25 anos, 3^o grau, chefe de cozinha – “*não sei*”.

A próxima questão “O que lhe agrada na paisagem?” foi elaborada para verificar o valor afetivo atribuído pelas pessoas à paisagem que as rodeia. Os componentes, bem como as categorias, estão apresentadas na tabela 21.

Ao observar a tabela não resta dúvidas que a satisfação dos visitantes com a paisagem é visível, seja no que diz respeito a um único elemento paisagístico que lhe é especial, como sol, árvores, ar, morros, céu, animais, entre outros, seja em relação ao conjunto, as pessoas foram absolutamente explícitas quanto ao que mais apreciam. Com relação aos componentes sociais, foram citadas as categorias **pessoas**, **refeição** e **caminhar**. Referindo-se a categoria **pessoas** foi lembrada por 02 sujeitos (10%) na fazenda do Chocolate e na fazenda Pirahy e, por 01 pessoa no Camping das Pedras; a categoria **refeição** foi ressaltada por apenas 01 sujeito na fazenda Pirahy e a categoria **caminhar**, por 01 pessoa na fazenda do Chocolate (5%). As afirmações encontram-se abaixo:

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2^o grau, do lar – “*poder caminhar*”.

(09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3^o grau, bancário – “*o pessoal*”.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2^o grau, do lar – “*alegria das pessoas, da filha, do marido*”.

(48) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3^o grau, farmacêutica, psicóloga – “*recinto familiar*”.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3^o grau, funcionário publico - “*a refeição*”.

Tabela 21- “Valores afetivos” (n=20)

Componentes	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Componentes sociais	Pessoas	02	10	01	5	02	10
	Refeição	-	-	-	-	01	5
	Caminhar	01	5	-	-	-	-
Componentes naturais	Natureza	-	-	01	5	-	-
	Paisagem	01	5	-	-	-	-
	Árvores	01	5	04	20	-	-
	Ar	02	10	01	5	-	-
	Pôr-do-sol	-	-	01	5	-	-
	Morros	-	-	-	-	01	5
	Céu	-	-	-	-	01	5
	Flores	01	5	-	-	02	10
Componentes simbólicos	Paz	-	-	02	10	02	10
	Pureza	-	-	-	-	01	5
	Lembrança	-	-	-	-	01	5
Vida/espécie	Animais	01	5	01	5	01	5
Tudo		11	55	09	45	08	40
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05
Org. Vera Lúcia dos Santos

Tal como na tabela anterior, nesta também se verifica as categorias **natureza** e **paisagem**, compreendidas nos componentes naturais. Foram indicadas por apenas 01 pessoa (5%) sendo a categoria **paisagem** comentadas na fazenda do Chocolate e a categoria **natureza**, lembrada no Camping das Pedras, como segue as exemplificações:

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3^o grau, professora – “paisagem”.

(35) - Camping das Pedras, 25 anos, 3^o grau, chefe de cozinha – “a mata, a natureza”.

Prosseguindo com os componentes naturais também foram citadas as categorias **árvores**, **ar**, **pôr-do-sol**, **morros**, **céu** e **flores**, evidenciando o quanto a percepção das pessoas pode-se prender a elementos isolados no conjunto da paisagem. **Árvores** foi a lembrança de 01 sujeito (5%) na fazenda do Chocolate e por 04 pessoas (20%) no Camping das Pedras, a categoria **ar** foi ressaltada por 02 pessoas (10%) na fazenda do Chocolate e por 01 (5%) no Camping das Pedras. Nas falas abaixo ficou explícito o quanto as pessoas foram incisivas nas suas afirmações:

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – *“ah! o ambiente, o ar mais fresco”*.

(18)- Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2º grau, do lar – *“o ar fresco”*.

(23) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, professora – *“sombra de árvores”*.

(28) - Camping das Pedras, 45 anos, 2º grau, gerente de transportes – *“árvores, barulho do vento”*.

Dando prosseguimento às categorias pertencentes aos componentes naturais, **pôr-do-sol** foi citado por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras; as categorias **morro** e **céu** também foram lembrados por 01 sujeito (5%) cada na fazenda Pirahy, por último, a categoria **flores** foi citada por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate e por 02 (10%) na fazenda Pirahy. Os dizeres estão dispostos abaixo:

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1º grau, aposentado – *“o pôr-do-sol”*.

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3º grau, administração hospitalar – *“acho interessante os morros”*.

(53) - Fazenda Pirahy, 44 anos, 3º grau, engenheiro – *“céu limpo”*.

(55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2º grau, do lar - *“gosto muito de ver as flores”*.

(56) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, aeroviária – *“as flores”*.

Alguns sujeitos referiram-se às categorias que expressam seus sentimentos mais íntimos. Nesse caso, as pessoas foram taxativas em relação às categorias **paz**, citada por 02 pessoas (10%) tanto no Camping das Pedras, quanto na fazenda Pirahy; **pureza**, lembrada por 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy e **lembrança**, também sugerida por 01 pessoa (5%) nesta mesma propriedade. A seguir, os exemplos:

(34) - Camping das Pedras, 44 anos, 2º grau – *“a paz”*.

(45) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1^o grau, administrador rural – “*a pureza, transmite pureza*”.

(47) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 2^o grau, cultivadora de cogumelos – “*poder meditar, pensar e voltar atrás nos erros*”.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – “*é a sensação de ser unidade, de resgate da infância*”.

Os **animais** também foram lembrados por 01 pessoa (5%) em cada propriedade, sendo todas taxativas em suas afirmações, como se segue:

(06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira – “*animais*”.

Porém, sem dúvidas, de todas as categorias mencionadas, a categoria **tudo** é a mais expressiva em todas as propriedades alvo desse estudo. Na fazenda do Chocolate, foi à menção de 11 pessoas (55%), no Camping das Pedras foi o destaque de 09 sujeitos (45%) e na fazenda Pirahy a lembrança de 08 entrevistados (40%), como se observa abaixo:

(01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2^o grau, do lar – “*tudo*”.

(14) - Fazenda do Chocolate, 83 anos, primário incompleto, do lar – “*acho tudo bonito*”.

(24) – Camping das Pedras, 50 anos, 2^o grau, construtor de máquina – “*todo o visual*”.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2^o grau, técnico em turismo, esteticista – “*tudo, é um conjunto*”.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2^o grau, analista de qualidade – “*tudo, criações soltas, galinha solta e crianças soltas*”.

(51) - Fazenda Pirahy, 27 anos, 2^o grau, empresário - “*tudo que calma*”.

Em contrapartida à questão anterior foi questionado: “O que lhe desagrada na paisagem?”. Os resultados estão dispostos na tabela a seguir:

Tabela 22- “Manifestações Topofóbicas” (n=20)

Componentes	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		Sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Componentes construídos	Estrutura	-	-	02	10	-	-
Componentes sociais	Bebedeira	-	-	01	5	-	-
	Barulho	-	-	04	20	-	-
Componentes naturais	Nuvens	-	-	01	5	-	-
	Cheiro	01	5	01	5	-	-
Componentes simbólicos	Retorno	01	5	-	-	-	-
	Desrespeito	02	10	05	25	05	25
	Abandono	01	5	-	-	-	-
Vida/espécie	Insetos	-	-	-	-	03	15
	Carrapato	-	-	-	-	01	5
Nada		14	70	05	25	11	55
Medo		01	5	-	-	-	-
Não sabe		-	-	01	5	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Ao analisar a tabela observa-se que há grande satisfação com a paisagem, com a visita, enfim com o serviço oferecido nas propriedades, uma vez que a categoria **nada** é expressiva diante dos outros resultados. No entanto, outras categorias foram mencionadas e serão agora discriminadas. Em relação aos componentes construídos, foi citada no Camping das Pedras, a categoria **estrutura**, comentada por 02 pessoas (10%), como se segue:

(29) – Camping das Pedras, 32 anos, 3^o grau, publicitária - “*falta de papel higiênico no banheiro, tem que comprar se quiser*”.

(36) - Camping das Pedras, 40 anos, 3^o grau – “*o que está mal cuidado, falta iluminação a noite, paisagismo*”.

Quanto aos componentes sociais houve destaque para as categorias **bebedeira** e **barulho**, ambas salientadas no Camping das Pedras, por 01 sujeito (5%) e por 04 pessoas (20%), respectivamente. De certa forma estas categorias justificam-se no Camping das Pedras, já que, por ser uma área de camping, há movimento de pessoas que se divertem, podendo causar barulhos que, no entender de algumas pessoas, incomodam. As falas a seguir deixam clara tal assertiva:

(23) - Camping das Pedras, 39 anos, 3^o grau, professora – *“barulho das pessoas”*.

(24) – Camping das Pedras, 50 anos, 2^o grau, construtor de máquina – *“barulho, aranhas”*.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2^o grau, do lar – *“muita bebedeira”*.

Nos componentes naturais a categoria **nuvens** foi citada no Camping das Pedras, por 01 sujeito (5%) e, **cheiro**, comentado por 02 pessoas, sendo 01 (5%) na fazenda do Chocolate e outra (5%) no Camping das Pedras. As referências seguem abaixo:

(18) – Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2^o grau – *“o cheiro do xixi dos bichos”*.

(32) - Camping das Pedras, 62 anos, 1^o grau, micro-empresário – *“cheiro ruim”*.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2^o grau, gerente de vendas – *“as nuvens”*.

Houve referência também a categorias que nos remetem a uma compreensão simbólica da natureza, embora sendo categorias que deixam claro o desagrado das pessoas, como: **desrespeito** citado por 02 pessoas (10%) na fazenda do Chocolate e por 05 sujeitos (25%) tanto no Camping das Pedras, como na fazenda Pirahy; **retorno**, comentado por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate e a categoria **abandono**, também lembrada na fazenda do Chocolate, por 01 pessoa (5%). As falas, a seguir, destacam o desagrado das pessoas:

(01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2^o grau do lar – *“ter que ir embora”*.

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3^o grau, aposentada – *“algumas pessoas que não tem idéia ecológica, por exemplo, uma senhora do grupo tirou uma flor e isto me irritou”*.

(06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira – *“abandono, devido ao número de turistas devia cuidar mais”*.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1^o grau, aposentado – *“pessoas que não tomam conta da natureza”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau, esteticista - *“quando vejo descaso, o lixo”*.

(55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2º grau, do lar - *“quando eu vejo que o pessoal não cuida, passamos em uma trilha e vimos plásticos no chão. Tinha pessoa bebendo em uma cachoeira”*.

(57) - Fazenda Pirahy, 38 anos, 2º grau, industriário - *“a falta de consciência humana”*.

Houve referências também quanto ao incomodo que alguns animais provocam, como exemplo as categorias **insetos**, citada por 03 pessoas (15%), na fazenda Pirahy e **carrapato**, também lembrado na fazenda Pirahy por 01 pessoa (5%), como se observa nas falas:

(54) - Fazenda Pirahy, 56 anos, 3º grau, área comercial - *“carrapato”*.

(56) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, aeroviária - *“normalmente as moscas, pernilongo”*.

(60) - Fazenda Pirahy, 25 anos, 3º grau, professora - *“os pernilongos”*.

Como escrito anteriormente, a categoria **nada** é, visivelmente, a mais expressiva na fazenda do Chocolate, comentada por 14 pessoas (70%) e na fazenda Pirahy, sublinhada por 11 indivíduos, 55% do total de respostas. No Camping das Pedras, foi destacada por 05 pessoas (25%), sendo juntamente com a categoria **desrespeito**, as mais citadas.

Além da categoria **nada**, a categoria **medo** e **não sabe** foram citadas por 01 pessoa (5%) cada, respectivamente na fazenda do Chocolate e no Camping das Pedras. Segue abaixo as exemplificações:

(02) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar - *“nada”*.

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar - *“as descidas, as subidas, medo de cair”*.

(07) - Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1º grau, do lar - *“por enquanto nada”*.

(31) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, securitário - *“não há nada que desagrada”*.

(35) - Camping das Pedras, 25 anos, 3º grau, chefe de cozinha - *“não sei”*.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, funcionário publico - *“nada”*

(53) - Fazenda Pirahy, 44 anos, 3º grau, engenheiro - *“nada”*.

Com relação à preferência, em seguida as pessoas foram assim interrogadas: “qual é o lugar preferido aqui”? As respostas foram extremamente diversificadas, desde lugares

físicos, construídos, até uma árvore, uma mina d' água, uma sombra. De qualquer forma, esta pergunta complementa a anterior, no sentido de indicar não apenas a preferência das pessoas, mas também, os valores afetivos em relação à paisagem, sejam elementos construídos, sejam naturais.

Chama a atenção ao analisarmos a tabela 23 os componentes construídos citados, sendo predominantes no Camping das Pedras e na fazenda do Chocolate, exatamente as duas propriedades que apresentam as maiores alterações na paisagem natural. Desta forma, para algumas pessoas os elementos construídos sobressaem-se aos naturais, sendo citados: **moinho, capela, museu, casa-sede, quiosque, camping, chalé, piscina, chiqueirão, churrasqueira e sala**, todas categorias pertencentes aos componentes construídos, à infra-estrutura das propriedades. **Moinho** e **museu** foram comentados apenas na fazenda do Chocolate, uma vez que pertencem à infra-estrutura apenas daquela propriedade. No caso de **moinho** foi lembrado por 01 pessoa (5%) e **museu** foi o destaque de 02 indivíduos (10%). Como as propriedades datadas do período bandeirista possuem uma capela do santo devoto da família, a categoria **capela** foi citada por 02 pessoas, 01 (5%) na fazenda do Chocolate e outra, na fazenda Pirahy, conforme se observa nas ressalvas abaixo:

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar – “*gostei muito da capela*”.

(14) - Fazenda do Chocolate, 83 anos, primário incompleto, do lar – “*o moinho de fazer farinha, as casas de artesanato*”.

(17) - Fazenda do Chocolate, 67 anos, 1º grau, aposentada - “*todos foram bons, mais gostei do museu*”.

(42) - Fazenda Pirahy, 45 anos, 3º grau, engenheiro civil - “*uma capela na casa-sede*”.

Tabela 23 - "Lugares preferidos (n=20)

Componentes	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Componentes construídos	Moinho	01	5	-	-	-	-
	Museu	02	10	-	-	-	-
	Capela	01	5	-	-	01	5
	Casa-sede	-	-	-	-	02	10
	Quiosque	-	-	02	10	-	-
	Camping	-	-	01	5	-	-
	Chalé	-	-	03	15	-	-
	Piscina	-	-	02	10	-	-
	Chiqueirão	-	-	-	-	01	5
	Churrasqueira	-	-	01	5	-	-
	Sala	-	-	-	-	01	5
Componentes naturais	Trilha	-	-	01	5	-	-
	Mata	01	5	-	-	-	-
	Lago	04	20	-	-	-	-
	Sombra	-	-	01	5	-	-
	Mina d' água	-	-	-	-	01	5
	Árvore	-	-	-	-	01	5
	Cachoeira	-	-	-	-	02	10
	Pedras	-	-	01	5	-	-
Tudo	04	20	03	15	06	30	
Não	07	35	05	25	02	10	
Não sabe	-	-	-	-	03	15	
Total	20	100	20	100	20	100	

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Quiosque, camping, chalé, piscina, por serem elementos construídos que existem somente no Camping das Pedras, foram lembrados apenas nesta propriedade. Referindo-se ao **quiosque**, 02 pessoas (10%) foram categóricas na sua preferência; **camping** foi a lembrança de 01 pessoa (5%), por sua vez, a categoria **chalé** foi o destaque de 03 sujeitos (15%) e, por último, a categoria **piscina**, foi a ressalva de 02 pessoas (10%). A seguir, as ressalvas a estas categorias:

(24) – Camping das Pedras, 50 anos, 2º grau, construtor de máquina – *“aqui, no quiosque do fundão”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau, esteticista – *“gostei da área que tem chalés”*.

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2º grau, serralheiro industrial – *“o lugar onde eu estou – aqui no camping”*.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau, gerente de vendas – *“o meu chalé”*.

(39) - Camping das Pedras, 29 anos, 3º grau, monitora – *“da piscina com menos pessoas”*.

Finalizando as categorias pertencentes aos componentes construídos, a categoria **chiqueirão** foi lembrada por 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy; **churrasqueira**, por sua vez, foi comentada por 01 sujeito(5%) no Camping das Pedras e a categoria **sala**, o destaque de 01 indivíduo na fazenda Pirahy, conforme dizeres abaixo:

(29) - Fazenda Pirahy, 32 anos, 3º grau, publicitária - *“a churrasqueira”*.

(46) - Fazenda Pirahy, 46 anos, 3º grau, empresário rural – *“tenho, o chiqueirão da Concórdia, onde passei a infância”*.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, funcionário público - *“sala da refeição”*.

Elementos isolados da paisagem também foram citados e entendidos como componentes naturais, como as categorias **trilha** e **mata**, comentada por 01 pessoa (5%) tanto no Camping das Pedras como na fazenda do Chocolate; a categoria **lago**, também lembrada nesta propriedade, por 04 indivíduos, 20% do total de respostas, e a categoria **sombra**, destacada por 01 pessoa no Camping das Pedras, como se observa nas falas que se seguem:

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3^o grau, professora – *“o meio da mata, a tranqüilidade, devia ter uma rede”*.

(18) – Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2^o grau, do lar – *“gosto de ficar perto do lago vendo os peixes”*.

(32) - Camping das Pedras, 62 anos, 1^o grau, micro-empresário – *“gosto muito da sombra”*.

(33) - Camping das Pedras, 48 anos, 2^o grau, aposentado – *“fiz uma trilha onde tem uma visão geral para ver os rios e montanhas”*.

Ainda nos componentes naturais foram citadas as categorias **mina d' água**, **árvore** e **cachoeira**, todas na fazenda Pirahy, sendo **mina d' água** e **árvore** a referência de 01 pessoa (5%) cada e **cachoeira** lembrada por 02 pessoas (10%). Finalizando a tipologia humanista, a categoria **pedra** foi o destaque de 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras. As ressalvas abaixo comprovam as categorias mencionadas:

(34) - Camping das Pedras, 44 anos, 2^o grau, comerciante – *“as pedras”*.

(45) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1^o grau, administrador rural – *“a mina d' água vista na Fazenda Capoava”*

(53) - Fazenda Pirahy, 44 anos, 3^o grau, engenheiro – *“cachoeira”*.

(55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2^o grau, do lar - *“sim, ali perto da casa, tinha uma árvore com muitas orquídeas”*.

Interessante destacar que a categoria **tudo**, foi a mais expressiva na fazenda Pirahy, com a ressalva de 06 pessoas, 30% do total das respostas, como se nota nas afirmações abaixo:

(01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2^o grau, do lar – *“gostei de tudo”*.

(05) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, primário completo, aposentada – *“gosto de tudo”*.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1^o grau, aposentado – *“tudo é agradável”*.

(35) - Camping das Pedras, 25 anos, 3^o grau – *“gosto de todos os lugares”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – *“não, há vários que eu gosto, gosto da varanda, de andar a cavalo”*.

Já a categoria **não**, foi a maior expressão na fazenda do Chocolate e no Camping das Pedras, justamente as propriedades com maiores modificações na paisagem natural. Foram

07 referências na fazenda do Chocolate, totalizando 35% e 05 menções no Camping das Pedras, ou seja, 25% do total das respostas na propriedade. Ainda 03 pessoas (15%) na fazenda Pirahy afirmaram **não saber** indicar um lugar preferido. A seguir algumas referências a essas categorias:

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – “*não, é a primeira vez que venho*”.

(20) - Fazenda do Chocolate, 70 anos, analfabeta, do lar – “*quase não passeio aqui*”.

(30) - Camping das Pedras, 20 anos, 2º grau, autônomo – “*não*”.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau, analista de qualidade – “*acho que não dá ainda porque vou dar um passeio*”.

Finalizando a primeira parte do questionário, não poderia deixar de existir uma questão voltada para a satisfação das pessoas. Assim, foi perguntado: “*Pretende voltar? Por quê?*”. As respostas foram categorizadas conforme apresentação da tabela a seguir:

Tabela 24- “Satisfação com o lugar” (n=20)

Componentes	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Componentes sociais	Pessoas	01	5	-	-	-	-
	Família	01	5	01	5	-	-
	Organização	-	-	01	5	-	-
	Passeio	15	75	07	35	17	85
	Descanso	-	-	04	20	-	-
Componentes Simbólicos	Beleza	-	-	01	5	-	-
	Agradável	01	5	-	-	-	-
Componente emocional/afetivo	Gosta	-	-	06	30	02	10
Conhecimento		-	-	-	-	01	5
Não		02	10	-	-	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Apenas 02 pessoas na Fazenda do Chocolate foram incisivas ao afirmar que não pretendem voltar, que desejam conhecer outras propriedades. Os 58 sujeitos restantes reiteraram que sim, embora algumas pessoas também fizeram ressalvas que pretendem conhecer outros lugares.

Os motivos do possível retorno variam, desde ao grupo que viajam juntos, principalmente no caso dos idosos, na Fazenda do Chocolate, até devido à beleza do lugar. Desta forma, como componentes sociais foram citados as categorias **pessoas, família, organização, passeio e descanso**, sendo que a categoria **pessoas** foi comentada por apenas 01 sujeito (5%) na fazenda do Chocolate; **família** foi a lembrança de 02 pessoas, 01 na fazenda do Chocolate (5%) e outra (5%) no Camping das Pedras e, por sua vez, a categoria **organização**, foi o destaque de 01 indivíduo no Camping das Pedras. Abaixo, as respectivas categorias são explicitadas:

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3^o grau, aposentada – *“se tiver que vir com alguém da família sim, mas desejo conhecer outros lugares”*.

(06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira – *“sim, o movimento das pessoas, os animais”*.

(24) – Camping das Pedras, 50 anos, 2^o grau, construtor de máquina – *“sim, por causa da organização”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2^o grau, esteticista – *“sim, trazer a família”*.

Entretanto, a categoria **passeio** é sobejamente a mais expressiva nas três propriedades em questão, também entendida como componentes sociais. Além da categoria **passeio**, neste componente, há também a categoria **descanso**, salientada por 04 pessoas (20%) no Camping das Pedras. A seguir, algumas falas que evidenciam as categorias:

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3^o grau, professora – *“sempre a passeio é muito bom, morar não porque dá tédio”*.

(23) - Camping das Pedras, 39 anos, 3^o grau, professora – *“sim, porque descanso”*.

(37) - Camping das Pedras, 23 anos, 3^o grau, estudante – *“sim, é um lugar bom para descanso”*.

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3^o grau, administração hospitalar – *“várias vezes para passeio”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – *“sim, porque eu sempre volto para passeio”*.

A **beleza** do lugar, incluída nos componentes simbólicos, também foi lembrada por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras, como se segue:

(40) - Camping das Pedras, 30 anos, 2º grau, vendedora – *“sim, porque é muito bonito”*.

Ainda nos componentes simbólicos também houve referências à categoria **agradável**, citada por 01 pessoa na fazenda do Chocolate e a categoria **gosta**, por sua vez, entendida no componente emocional/afetivo foi sublinhada por 06 sujeitos (30%) no Camping das Pedras, e na fazenda Pirahy, lembrada por 02 indivíduos (10%), como os exemplos que se seguem:

(17) - Fazenda do Chocolate, 67 anos, 1º grau completo, aposentada - *“sim, por que é muito agradável”*.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2º grau, do lar – *“sim, por que eu gosto”*.

(29) - Fazenda Pirahy, 32 anos, 3º grau, publicitária - *“pretendo, por que gostei, a piscina, o sol e a sombra”*.

(55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2º grau, do lar - *“se tiver oportunidade sim, eu me senti bem aqui”*.

A categoria **conhecimento** foi citada por 01 pessoa na Fazenda Pirahy, conforme fala abaixo que esclarece que o objetivo da pessoa é conhecer não apenas o local onde é permitido o acesso dos visitantes, mas toda a propriedade:

(60) - Fazenda Pirahy, 25 anos, 3º grau, professora - *“sim, porque conheceria mais lugares, a fazenda inteira”*.

Como foi comentado no início da explicação desta tabela, 02 pessoas (10%) na fazenda do Chocolate afirmaram que não pretendem retornar à propriedade. Os motivos são esclarecidos nas suas falas:

(01)- Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2º grau, do lar – *“não, pretendo conhecer outras”*.

(09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3º grau, bancário – *“pelo almoço não”*.

Após analisar os resultados das 16 questões relativas às manifestações topofílicas na primeira parte do instrumento de medida, cabe aqui desenvolver uma análise das categorias encontradas. É importante, num primeiro momento destacar que, para compreendermos as manifestações topofílicas, embora não seja o sentimento mais forte na espécie humana, como nos afirma Tuan (1980), não basta nos prender ao momento presente. A topofília, compreendida como apego/afetividade a determinados espaços, lugares ou paisagens, é fundamental no aprofundamento dos vínculos entre as pessoas e os lugares geográficos, embora este não seja o único elemento, uma vez que acontecimentos e fatos marcantes também são responsáveis por elos topofílicos.

Sendo assim, as questões aqui apresentadas incitaram as pessoas a falar sobre sua **infância**, se possuíam um lugar secreto, quais as lembranças mais fortes, o que gostam de lembrar, buscando traçar um paralelo com a atual decisão de visitar uma propriedade rural.

Questionados a respeito do **lugar** onde passaram a infância foram várias as cidades e os lugares citados. No entanto, a categoria **sítio/fazenda** chama muito a atenção, uma vez que, num primeiro momento, pode ser um indicativo de retorno às origens, recebendo o maior destaque na Fazenda Pirahy que, por sua vez, das três propriedades, é a que menos apresenta modificações na paisagem, caracterizando-se por ser uma “autêntica” fazenda: comida preparada no fogão à lenha, varanda com redes e cadeiras rústicas, galinhas e cachorros soltos no terreiro, amplos pastos para a cavalgada, apenas, infelizmente não há produções agrícolas, já que a fazenda, hoje, está voltada para o turismo e para a criação de gado. Tudo indica que os visitantes que optam pela Fazenda Pirahy apreciam a rusticidade e a simplicidade do lugar, bem como as “prosas” contadas pelo arrendatário José Pacheco, que faz questão de receber todos os visitantes na sua varanda. Porém, inegavelmente, a maior porcentagem, nas três propriedades foi para a categoria **outras localidades**, como por exemplo, países, estados, ruas, cidades de várias regiões do país.

Em relação a um **lugar secreto** na infância, a grande maioria dos sujeitos afirmou que sim, com exceção da Fazenda do Chocolate, onde 50% dos sujeitos, ou seja, 10 pessoas falaram que não. Os que disseram sim, na Fazenda Pirahy e no Camping das Pedras, apontaram um lugar específico, ou melhor, uma cabana ou simples esconderijo. Na Fazenda do Chocolate, a categoria jardim de infância, pertencente aos componentes

construídos, recebeu maior atenção. Os componentes naturais (rios, árvores e bosques) não foram os mais citados, recebendo menções equitativas nas três propriedades.

Quanto às **lembranças** mais fortes da infância, não há dúvida, os componentes sociais foram sobejamente mais citados na Fazenda do Chocolate e na Fazenda Pirahy principalmente a categoria **família**. Aqui é interessante relacionar esta pergunta com a faixa etária, ou seja, a idade das pessoas entrevistadas nestas duas propriedades; ao contrário do Camping das Pedras, a grande maioria pertence à faixa de 41 aos 70 anos, sendo o total de 15 pessoas em cada propriedade, embora a faixa dos 41 aos 55 anos seja maior na Fazenda Pirahy, ao passo que Fazenda do Chocolate, é dos 56 aos 70. De qualquer forma tudo indica que, por serem pessoas mais maduras, muitas estão longe de seus familiares ou mesmo perderam um ente querido, justificando a referência à categoria família.

Os **componentes naturais**, mais uma vez, tiveram pouco destaque principalmente quando comparados aos componentes sociais e os simbólicos. No caso da Fazenda do Chocolate, nenhuma pessoa entrevistada referiu-se aos componentes naturais (rios, árvores, terra e seca). Já no Camping das Pedras, a categoria mais expressiva foi **brincadeira**, comentada por 45% dos entrevistados (total de 9 pessoas).

Completando esta pergunta foi questionado sobre o que mais **gostam de lembrar** obtendo-se praticamente as mesmas categorias das respostas anteriores, oscilando apenas algumas porcentagens. Porém, inquestionavelmente, a categoria **tudo** foi a mais lembrada nas três propriedades em questão. São pessoas que se referiram à infância, ou vários fatores que aconteceram nesse período. Ficou claro na análise das falas que havia um verdadeiro prazer em lembrar de algo bom que passou e que dá hoje, a essas pessoas, a alegria de dizer que viveram uma boa infância, de forma completa. Ao completar a análise destas questões pode-se afirmar que as categorias **família** e **brincadeiras** foram mais marcantes na infância dos entrevistados e que gostam de lembrar de tudo o que aconteceu nesse período.

Ainda, com relação aos acontecimentos topofílicos, mas voltando ao momento atual, ou melhor, **à visita à propriedade**, foi questionado o que veio à mente quando tomaram a decisão de visitar a propriedade, concluindo que a maioria dos inquiridos na Fazenda do Chocolate vieram até a propriedade por conta do **passeio**, em busca de ter um dia diferente. Talvez a idade seja, mais uma vez, um dos fatores que justifique as respostas. A maioria das pessoas entrevistadas na Fazenda do Chocolate são idosas que vieram em caravanas.

Aliás, das três propriedades alvo do estudo, a Fazenda do Chocolate é a única que oferece tal serviço, com guias preparados para acompanhar essas pessoas em passeios pela propriedade (algumas trilhas) consideradas de fácil acesso e percurso. São pessoas que buscam distrair-se, e, acima de tudo, acompanhar o grupo de amigos do qual faz parte. Durante o trabalho de campo percebeu-se que elas ficam horas e horas divertindo-se com o jogo de bingo, ao passo que, ir ao museu, por exemplo, pode ser considerado cansativo demais para alguns deles.

Assim, com certa surpresa, constatou-se que apenas uma pessoa na propriedade referiu-se à categoria **natureza**. Já na Fazenda Pirahy esta categoria juntamente com a categoria **fazenda** foram as que receberam maiores menções. No Camping das Pedras, por sua vez, a categoria **passeio** e **descanso** tiveram o mesmo destaque. Mais uma vez e para aprofundar esta análise é necessário reportar-se aos serviços oferecidos pela propriedade e a faixa etária dos entrevistados. No caso da Fazenda Pirahy, a maioria dos entrevistados, dos 41 aos 55 anos, tiveram suas infâncias em sítios ou fazendas e buscam a propriedade em busca do contato com a natureza e da própria fazenda em si, ou seja, seus atrativos: comida caseira, cavalgada e caminhada.

No Camping das Pedras, a faixa etária predominante é dos 26 aos 40, pessoas que residem nas cidades próximas, desempenham diversas funções no ambiente urbano e buscam a área de camping para o momento de lazer e descanso, ou seja, para o que, de fato, ele oferece, já que se trata de um empreendimento de lazer e entretenimento, localizado na paisagem rural.

Em seguida, procurando identificar a **afetividade** das pessoas com o lugar visitado, foi indagado o que mais estavam gostando e, dois fatos chamam a atenção com os resultados obtidos: o primeiro é o destaque à categoria **natureza**, principalmente na Fazenda do Chocolate e no Camping das Pedras. É importante lembrar que quando foram questionados sobre o que buscavam na Fazenda do Chocolate, a categoria natureza foi mencionada por apenas 01 pessoa, ou seja, mesmo não buscando, as pessoas apreciam a natureza encontrada, a preservação das matas, o contato direto com o meio rural.

Em segundo lugar, a categoria **tudo** também recebeu menções significativas, com exceção apenas para o Camping das Pedras, onde o destaque foi para as categorias **natureza** e **sossego/tranqüilidade**.

Ainda, nesta primeira etapa do instrumento de medida, perguntou-se às pessoas se pudessem escolher um **lugar ideal** para viver, onde seria. Os números alcançados são extremamente significativos do ponto de vista qualitativo, ou seja, a maioria dos entrevistados dividiu-se nas duas paisagens que acompanham a vida cotidiana, de um lado o **campo** e a **fazenda** (entendida como paisagem rural), de outro, as **idades** (paisagem urbana). É claro que nos dias de hoje essas duas paisagens estão cada vez mais próximas, uma vez que ambas são atingidas cotidianamente pelas transformações espaciais que derrubam as fronteiras geográficas, tanto no que diz respeito às funcionalidades, quanto ao modo de vida. Porém, na fala das pessoas, entre outras categorias sublinhadas como **montanha, praia, chalé e interior** estas duas categorias receberam maior atenção. Na Fazenda do Chocolate, **cidade** foi o maior destaque, sendo que alguns dizeres referiam-se à própria cidade em que moram, evidenciando forte elo topofílico. Aqui vale correlacionar com o tempo de moradia na cidade de origem dos entrevistados. Na Fazenda do Chocolate, 65% dos sujeitos, 13 pessoas, afirmaram residir na cidade onde moram atualmente há mais de 40 anos, justificando desta maneira suas respostas, uma vez que o fator tempo, como afirmado anteriormente é essencial no fortalecimento dos vínculos topofílicos.

No Camping das Pedras somando os sujeitos que apontaram **campo/fazenda** (total de 5 pessoas) com os que apontaram **chalé** (total de 04 sujeitos), já que as falas referentes a esta última categoria diz respeito a chalés construídos na paisagem rural, como é o caso do Camping das Pedras, a categoria **campo/fazenda** também se torna maioria, com o total de 45% das respostas, ou seja, 09 pessoas. No entanto, indubitavelmente na Fazenda Pirahy, a referência à categoria **campo/fazenda** é nitidamente maior totalizando 55% (11 pessoas). Tal como na analogia feita anteriormente, não dá para negar que a Fazenda Pirahy, dado as suas características tanto de acolhimento quanto de infra-estrutura, recebe pessoas, na maioria, realmente interessadas na vida rural.

Completando a questão anterior, ainda com a preocupação do compreender o significado que as pessoas atribuem à paisagem rural questionou-se **como seria** o lugar desejado. Mais uma vez as pessoas foram incisivas ao apontar um lugar específico, sendo que a categoria **sítio/fazenda** foi mais citada em todas as três propriedades.

Ao ler as respostas ficou nítido que as indicações na Fazenda do Chocolate referiam-se à vontade de possuir um espaço exatamente como o encontrado na propriedade,

evidenciando claramente um certo êxtase pela beleza da fazenda. Além disso, as pessoas que se reportaram à categoria **cidade** na questão anterior, diante desta questão dividiram-se entre as categorias **tranquilo, cidade pequena, lugar onde mora e movimento**. Já, os sujeitos do Camping das Pedras e da Fazenda Pirahy foram extremamente claros no sentido de desenhar um lugar com elementos próprios dos seus desejos, diferente dos cenários das duas propriedades em questão.

Em seguida foi perguntado o que é paisagem rural. Esta questão tem como finalidade completar as questões anteriores preocupadas em identificar motivações e significados, trazendo à tona a questão da identidade, ou seja, como as pessoas identificam a paisagem rural, tão visada atualmente pela mídia em todos os aspectos. Diante da tabulação dos resultados não restam dúvidas que a categoria mais citada é a **natureza**, entendida de várias formas e imagens, desde a concepção de paisagem rural como algo sublime e puramente natural, até a clareza que considera as transformações derivadas da ação humana. Porém, chamou a atenção a referência à categoria **plantações**, uma vez que apenas 04 pessoas do universo de 60 sujeitos reportaram-se a ela. Embora em um questionário qualitativo os números não sejam o fator mais relevante, por outro lado, este resultado aponta que uma das funções básicas do campo, a produção de alimentos, esteja ficando distante da mítica do cenário rural, não sendo um dos elementos mais significativos no imaginário coletivo. Tal concepção, de um lado, vêm ao encontro da multifuncionalidade da paisagem rural, isto é, o campo, realmente não produz apenas alimentos: cada vez mais está se responsabilizando por funções e atividades que, outrora, eram pertencentes apenas à paisagem urbana. Todavia, mesmo diante da multifuncionalidade, o campo não deixou de produzir alimentos, fato este, não tão significativo na percepção dos cidadãos que compõem os sujeitos desta pesquisa.

No que diz respeito ao que mais **chama a atenção na paisagem**, incontestavelmente, a categoria **árvores** foi uma das mais citadas na Fazenda do Chocolate e, a mais expressiva, no Camping das Pedras e na Fazenda Pirahy. As pessoas referiram-se aos diferentes tons de verde da mata como algo que realmente marca o cenário. **Tudo** também foi outra categoria expressiva, principalmente na Fazenda do Chocolate, indicando o quanto todo o conjunto da paisagem é significativo para algumas pessoas, considerando, inclusive, os componentes construídos, além das plantas, os tons de verde, os animais, entre outros.

Quanto ao que mais **agrada**, as respostas permitiram avaliar o valor afetivo das pessoas com relação não apenas ao passeio, mas com o ambiente encontrado, ficando nítido a satisfação dos visitantes, uns, devido a um único elemento paisagístico que lhe é especial, como sol, árvores, ar, morros, céu, animais, flores, pôr-do-sol; outros, em relação ao próprio conjunto ou uma atividade específica que foi desenvolvida na propriedade. Todavia, é inegável que, a categoria **tudo**, de todas as categorias mencionadas, foi a mais expressiva em todas as três propriedades alvo desse estudo, evidenciando o alto grau de satisfação dos visitantes.

Em contrapartida, em relação ao que **desagrada**, a categoria **nada** foi expressiva diante dos outros resultados, principalmente na Fazenda do Chocolate e na Fazenda Pirahy, evidenciando grande satisfação com o passeio. No Camping das Pedras as categorias **nada e desrespeito** obtiveram as mesmas menções. No caso da categoria **desrespeito**, a resposta envolve a atitude negativa de outras pessoas em relação ao meio ambiente, como o lixo nas trilhas, pessoas arrancando flores, rabiscos em árvores e matacões, o uso de bebidas em cachoeiras, enfim, como um sujeito desabafou: “A falta de consciência humana”. Vale dizer que esta categoria foi mencionada nas três propriedades, embora no Camping das Pedras, talvez pelo número elevado de pessoas que visitam a propriedade e pela própria característica do empreendimento, as pessoas foram equânimes quanto às categorias **desrespeito e nada**, ambas sendo responsáveis por 50% das respostas, ou seja, 05 sujeitos cada.

E o **lugar preferido**? Ao analisar o resultado o que mais chamou a atenção foi à referência na Fazenda do Chocolate e no Camping das Pedras, aos componentes construídos tais como: **moinhos, capela, museu, casa-sede, camping, quiosque, chalé, piscina, churrasqueira, entre outros**. Tal fato é explicado ao considerar que estas duas propriedades são empreendimentos voltados ao lazer, ou seja, sem dúvidas, são profundas as transformações na paisagem, embora a Fazenda do Chocolate mantenha preservadas as características da sua arquitetura original do período bandeirista. Este motivo também explica a maior expressão de categoria **não** nessas duas propriedades, ou seja, para a maioria das pessoas inqueridas na Fazenda do Chocolate e na Fazenda Pirahy não há lugares preferidos. Já, na Fazenda Pirahy a categoria **tudo** recebeu maior destaque no

sentido de que as pessoas apreciam todos os lugares, desde a varanda, até andar a cavalo em uma trilha.

Ainda na primeira parte do questionário, a fim de medir a satisfação das pessoas, questionadas sobre o seu possível retorno, apenas 02 pessoas na Fazenda do Chocolate foram taxativas ao afirmar que **não** pretendem voltar, mas apenas porque desejam, de fato, conhecer outras propriedades. O restante dos sujeitos ressaltou que **sim**, embora algumas pessoas destacassem que pretendem também conhecer outros lugares.

Quando questionados sobre os motivos do retorno, as respostas variaram desde a beleza do lugar até a necessidade de viajar em grupo, principalmente no caso dos idosos, na Fazenda do Chocolate. Entre as várias categorias arroladas, a categoria **passaio** distinguiu-se das demais devido ao grande destaque que recebeu nas três propriedades em questão. São pessoas que não escondem o desejo e a necessidade de passear em lugares que lhes dão prazer, seja pela beleza cênica, seja pelos serviços oferecidos.

Quanto aos **memes**, o que podemos destacar? Os resultados revelam que as manifestações topofílicas são riquíssimas em memes, uma vez que elas demonstram o significado das experiências, os valores e as atitudes que as pessoas atribuem à paisagem geográfica e, não há dúvida, a cultura permeia todas estas ações, através dos filtros perceptivos. Como salientado anteriormente memes não são apenas simples idéias que se propagam entre as gerações, mas são muito mais que isso, pois o alto valor da sobrevivência de um meme é resultado da sua grande atração psicológica, que fornece uma resposta plausível para questões que emergem de uma sociedade que busca soluções para suas variadas crises. Assim, a própria escolha pela visita ao campo já indica um meme que se replicou com sucesso acompanhando o avanço científico e tecnológico da sociedade que, mesmo se transformando em urbana, não se desvinculou do campo e de suas características singulares.

No questionário aplicado os memes permeiam todos os resultados, embora apareçam com todo o esplendor em três momentos: o primeiro, quando as pessoas foram incitadas a falar sobre as lembranças de infância e destacam com nitidez as categorias **brincadeiras** e **família**. É fato que as brincadeiras infantis mudam de uma geração para a outra, mas quando criança as brincadeiras, sejam quais forem, marcam o período, assim como o

contato com familiares, já que na infância jamais estamos sozinhos. O segundo momento, quando se questionou a afetividade das pessoas em relação ao lugar visitado e, mesmo declarando que o que as motivou a ir até a propriedade foi a possibilidade de **passeio** e **descanso** (meme muito evidente na nossa cultura atual), quando falam do que mais apreciam não hesitam em apontar a **natureza** encontrada, demonstrando que o contato com a paisagem lhes traz imenso prazer e satisfação. Ligado a essa questão, o terceiro momento foi diante da questão referente à paisagem rural, e, certamente, quando as pessoas são estimuladas a atribuir uma identidade à paisagem rural, a categoria mais citada é a **natureza**, ou seja, é um meme fortíssimo a idéia de que o campo simboliza a natureza pura, onde as transformações antrópicas são mais brandas, menos agressivas. Corroborando com esta assertiva chamou a atenção o fato de poucas pessoas referirem-se à paisagem rural relacionando-a com a produção agrícola, ou seja, a grande maioria fica extasiada diante da natureza conservada.

A fim de aprofundar esta análise elaborou-se a Tabela 25 que resume a frequência dos componentes relativos às manifestações topofílicas apresentadas nas tabelas 11 a 24, já discutidas. Nela é nítido os componentes que receberam maior destaque, evidenciando que a ida ao campo pode, para algumas pessoas, num primeiro momento, representar apenas um mero passeio, mas, quando se analisa os significados e experiências que permeiam esta atividade de forma mais íntima, nota-se que eles são extremamente enriquecedores do ponto de vista afetivo.

Tabela 25 – Frequência das categorias relativas às manifestações topofílicas (tabelas 09-24)

Componentes/ categorias	Tabela/Frequência																	
	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	total	%
Componentes naturais			13	5	6	12	2	24			33	34	16	3	12		160	18,05
Componentes construídos			4									2		2	18		26	2,93
Componentes emocionais/afetivos				8	5	1	26	7		6	2	5				8	68	7,67
Componentes simbólicos				16	6	2	7				3		6	14		2	56	6,32
Componentes sociais				19	19	35	21	9			3	4	7	5		47	169	19,07
Lugar	60	34	17	7	4	7	2	1	57	51	11						251	28,32
Tudo					20			13			1	12	28		13		87	9,81
Nada						3	2					2		30			37	4,17
Não sabe								2	2	2	4	1		1	3		15	1,69
Nenhum lugar									1								1	0,11
Movimento										1							1	0,11
Vida/espécie													3	4			7	0,79
Medo														1			1	0,11
Não															4	2	6	0,67
Conhecimento																1	1	0,11

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Observando a tabela síntese das manifestações topofílicas identificadas nesta pesquisa é necessário sublinhar alguns pontos. O primeiro é que ao tratar a **topofilia** a categoria **lugar** ganha destaque em relação aos outros componentes, embora estes também tenham muita importância. Tal resultado corrobora com a obra de Tuan (1980) quando deixa claro que o termo topofilia associa sentimento com lugar, chegando a ponto das pessoas sonharem com lugares ideais, e também, com a tese de Doutorado de Machado (1988) que, ao estudar as manifestações topofílicas concluiu que os componentes paisagísticos significantes, tanto naturais como construídos, podem ser isolados e identificados com facilidade, já que são evidentes nas falas dos sujeitos. Tal como a pesquisa desenvolvida por esta pesquisadora na Serra do Mar Paulista, nesta pesquisa os componentes construídos não são percebidos, nem valorizados, com a mesma intensidade nem com o mesmo valor dos componentes paisagísticos naturais. Porém, um dado chama a atenção neste estudo: os componentes sociais suplantam os naturais, fato explicado pelas questões aplicadas que

incitaram as pessoas sobre sua infância e lembranças mais fortes daquela época e, fundamentalmente, pela faixa etária dos inqueridos.

Manifestações Biofílicas/Biofóbicas

Inicia-se agora a análise das questões elaboradas para evidenciar as manifestações biofílicas/biofóbicas, num total de 05, sendo as seguintes: Gosta do amanhecer e do pôr-do-sol? O que sente ao ver ou tocar animais? insetos, aranha, escorpião? flores? pássaros? árvores? rios? Quando encontra sapos, cobras, insetos, como reage? Por quê? O que sente ao entrar na mata, ao fazer a trilha? Sente necessidade desse contato? Por quê?

Vale dizer que a categorização das todas as repostas referentes a essas questões se pautou na tipologia biofílica apontada por Kellert & Wilson (1993), quando definiram os termos utilitarista, moralista, negativista, simbólico, estética, dominionística, naturalista, humanista e ecológico-científico como válidos para a análise e compreensão do vínculo biofílico entre as pessoas e todas as manifestações da vida. Além da definição da tipologia biofílica os autores apresentaram a função de cada uma delas, que será aqui esclarecida, na medida que se for apresentando as categorizações, a fim de melhor se compreender a análise realizada.

A primeira questão “gosta do amanhecer e do pôr-do-sol?” identifica, sem dúvidas, o valor afetivo que as pessoas atribuem a esses dois momentos da natureza, conseguindo-se um resultado surpreendente quanto a valorização dada pelas pessoas, ou melhor 95% das respostas afirmaram gostar ou adorar o amanhecer e pôr-do-sol, embora poucas fizeram questão de destacar mais o pôr-do-sol ou, então, o amanhecer. Os resultados estão dispostos na tabela 26.

Tabela 26- “Valor Afetivo” (n=20)

Tipologia biofílica	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		Sujeitos	%	sujeitos	%	Sujeitos	%
Humanista	Adora	08	40	02	10	08	40
	Gosta	11	55	18	90	12	60
Não vê		01	5	-	-	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Observando a tabela, nota-se a tipologia humanista que, na concepção de Kellert e Wilson (1993) expressa sentimentos emocionais profundos a elementos individuais da natureza. A categoria **adora** foi destacada por 08 pessoas (40%) tanto na fazenda do Chocolate, quanto na fazenda Pirahy, ao passo que no Camping das Pedras, apenas 02 pessoas (10%) a citaram. Já a categoria **gosta**, não há dúvidas, foi afirmada pela maioria dos entrevistados nas três propriedades, sendo 11 menções (55%) na Fazenda do Chocolate, 18 (90%) no Camping das Pedras e 12 (60%) na fazenda Pirahy. Alguns exemplos constam abaixo:

- (04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3^o grau, aposentada – “*mais do pôr-do-sol*”.
- (06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira – “*adoro*”.
- (07) - Fazenda do Chocolate, 69 anos, 3^o grau, do lar – “*gosta do amanhecer*”.
- (10) - Fazenda do Chocolate, 49 anos, 3^o grau, professora – “*gosto, mas prefiro o pôr-do-sol*”.
- (30) - Camping das Pedras, 20 anos, 2^o grau incompleto, autônomo – “*amanhecer é mais bonito, pássaros cantando*”.
- (33) - Camping das Pedras, 48 anos, 2^o grau, torneiro mecânico – “*adoro mais o pôr-do-sol, amanhecer sempre estou dormindo*”.
- (38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2^o grau completo, gerente de vendas – “*gosto dos dois*”.
- (45) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1^o grau incompleto, administrador rural - “*adoro*”.
- (55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2^o grau, do lar – “*sim, é uma nova chance que Deus te deu*”.

Para terminar, vale ressaltar que 01 pessoa (5%) na Fazenda do Chocolate afirmou **não ver** o amanhecer e o pôr-do-sol, conforme fala abaixo:

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – “*eu não vejo*”.

A questão seguinte “o que sente ao ver ou tocar animais?” tem como objetivo central identificar o elo biofílico/biofóbico entre as pessoas e as outras formas da vida. As respostas estão categorizadas na tabela abaixo.

Tabela 27- “Vínculos com outros animais”(n=20)

Tipologia biofílica	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	Sujeitos	%
Humanista	Carinho	08	40	05	25	08	40
	Adora	02	10	-	-	-	-
	Natureza	01	5	-	-	02	10
	Pureza	01	5			02	10
	Segurança	01	5	01	5	-	-
	Sinceridade	-	-	01	5	-	-
	Bem-estar	-	-	01	5	-	-
	Companheirismo	-	-	01	5	-	-
	Ternura	01	5	-	-	-	-
	Sensibilidade	-	-	-	-	01	5
Simbólica	Paz	-	-	01	5	02	10
	Tranqüilidade	-	-	01	5	-	-
	Prazer	-	-	-	-	02	10
	Saudade	-	-	-	-	02	10
Estética	Maravilha	01	5	-	-	-	-
Negativista	Não gosta	02	10	-	-	01	5
	Depende	03	15	03	15	-	-
	Não sabe	-	-	02	10	-	-
	Medo	-	-	01	5	-	-
	Nada	-	-	02	10	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

No caso das respostas obtidas com a pergunta acima foi possível categorizá-las como: humanista, simbólica, estética e negativista. Como escrito anteriormente, a tipologia humanista simboliza sentimentos profundos que as pessoas desenvolvem em relação a

elementos individuais da natureza. Por simbólica os autores entendem como o uso da natureza para expressões metafóricas; estética, como o nome sugere, nos remete a beleza física (ideal) da natureza e, por último, a negativista, é expressa pelo medo, aversão ou mesmo alienação em relação a qualquer elemento da natureza.

A partir desta compreensão entendeu-se como humanista as seguintes categorias: **carinho, adora, natureza, pureza, segurança, sinceridade, bem-estar, companheirismo, ternura, sensibilidade e ligação**. Destas, visivelmente, a categoria **carinho** se sobressai em relação às demais, sendo citada na fazenda do Chocolate e na fazenda Pirahy por 08 pessoas cada, correspondendo a 40% respectivamente. No Camping das Pedras foi destacada por 05 sujeitos, ou seja, 25% do total de respostas. Os exemplos das falas seguem abaixo:

(06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira – *“vontade de pegar no colo”*.

(07) - Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1º grau, do lar – *“sinto uma coisa aconchegante”*.

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º ano primário, do lar – *“eu sinto muito bem, eu gosto de tratar deles”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau completo, esteticista – *“carinho, amo os animais”*.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2º grau, do lar – *“um carinho muito grande, principalmente pelo cachorrinho Bob”*.

(47) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 2º grau incompleto, cultivadora de cogumelos – *“carinho diferente do ser humano, eles querem o carinho da gente”*.

(54) - Fazenda Pirahy, 56 anos, 3º grau, área comercial – *“eu adoro, não consigo chegar perto e não tocar sinto amor, carinho”*.

Quanto às outras categorias entendidas como humanista, teve menções esparsas, sem índices elevados em nenhuma propriedade alvo do estudo. **Adora** foi lembrada por 02 pessoas (10%) na fazenda do Chocolate; **natureza**, por 01 sujeito na fazenda do Chocolate (5%) e por 02 pessoas na fazenda Pirahy (10%); **pureza**, também foi comentada por 01 pessoa na fazenda do Chocolate (5%) e por 02, na fazenda Pirahy (10%). Estas categorias estão discriminadas nas falas a seguir:

(02) - Fazenda do Chocolate, 71 anos, primário, do lar – *“adoro cavalos, alegria, amigo dócil; se pudesse teria muitos, vacas não”*.

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – *“adoro animais”*.

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, superior – Educação Física, aposentada – *“sinto a natureza, paz e vida”*.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau, analista de qualidade – *“eu acho que a natureza traduz muito o que está próximo de Deus”*.

(56) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, aeroviária – *“eu sinto uma pureza, uma coisa boa”*.

Arrolando ainda as categorias pertencentes à tipologia humanista, a **segurança** foi ressaltada por 02 pessoas, sendo 01 na fazenda do Chocolate e outra no Camping das Pedras, equivalendo 5% cada, **sinceridade**, **bem-estar**, **companheirismo** e **ligação** foram citados apenas no Camping das Pedras, por 01 pessoa cada (5%). **Ternura**, também foi lembrada por 01 pessoa na fazenda do Chocolate (5%) e, por último, a categoria **sensibilidade** comentada por 01 pessoa na fazenda Pirahy (5%). As exemplificações estão apresentadas abaixo:

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3º grau, pedagoga, professora – *“ternura”*.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1º grau completo, aposentada – *“animais nos rodeia, nos acompanha, temos que conviver com eles”*.

(30) - Camping das Pedras, 20 anos, 2º grau incompleto, autônomo – *“sinceridade”*.

(31) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, securitário – *“bem-estar”*.

(35) - Camping das Pedras, 25 anos, 3º grau, chefe de cozinha – *“companheirismo”*.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau completo, gerente de vendas – *“eu gosto muito, eu sinto uma certa ligação”*.

(53) - Fazenda Pirahy, 44 anos, 3º grau, engenheiro – *“sensibilidade, confiança”*.

Como simbólica foi compreendida as categorias **paz**, **tranqüilidade**, **prazer** e **saúde**. **Paz** foi citada por 01 pessoa no Camping das Pedras (5%) e por 02 na fazenda Pirahy (10%); **tranqüilidade** foi lembrada apenas no Camping das Pedras, por 01 pessoa (5%); **prazer** e **saúde** foram categorias destacadas somente na fazenda Pirahy, por 02 pessoas cada, correspondendo a 10% respectivamente, de acordo com as falas a seguir:

(36) - Camping das Pedras, 40 anos, 3º grau, representante técnico – *“paz”*.

(37) - Camping das Pedras, 23 anos, 3º grau, estudante – *“tranqüilidade”*.

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3º grau, administração hospitalar – *“sinto muita saudade, gosto muito de cavalos, boi”*.

(44) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, comerciante - *“eu sinto saudade da infância”*.

(45) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1º grau, administrador rural – *“animal passa o dom da paz, inocência”*.

(46) - Fazenda Pirahy, 46 anos, 3º grau, empresário rural – *“prazer, felicidade”*.

A categoria **maravilha** foi à única compreendida na tipologia estética, definida por Kellert & Wilson (1993) e destacada por apenas 01 pessoa na Fazenda do Chocolate (5%), como se segue:

(05) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, primário, aposentada – *“é uma maravilha”*.

Como negativista avaliou-se as seguintes categorias: **não gosta**, **depende**, **não sabe**, **medo** e **nada**, ou seja, são aquelas que expressam o medo, a aversão e a alienação. A categoria **não gosta** foi expressa por 02 pessoas na fazenda do Chocolate (10%) e por 01 na fazenda Pirahy (5%), já a categoria **depende** foi lembrada por 06 pessoas, sendo 03 (15%) na fazenda do Chocolate e 03 (15%) no Camping das Pedras. Somente no Camping das Pedras ocorreram as citações: **não sabe**, lembrada por 02 sujeitos (10%), **medo**, comentada por 01 pessoa (5%) e **nada**, também comentada por 02 pessoas (10%), conforme se observa nas falas que se segue:

(11) - Fazenda do Chocolate, 50 anos, 2º grau completo, do lar – *“bonito de longe”*.

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – *“eu não sou de contato com animal”*.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 2º grau completo, aposentado – *“não sei, tenho pouco contato com os animais”*.

(22) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau, vendedora – *“depende do animal”*.

(28) - Camping das Pedras, 45 anos, 2º grau, gerente de transportes – *“sei lá”*.

(29) - Camping das Pedras, 32 anos, 2º grau completo, publicitária – *“não sinto nada (...) é diferente”*.

(40) - Camping das Pedras, 30 anos, 2º grau, vendedora – *“não toco muito animais, dependendo do animal tenho medo”*.

(48) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3^o grau, farmacêutica, psicóloga – “*não tenho muito contato com animais*”.

Sabe-se que há situações ambientais que incitam o medo e a insegurança, discutidas por Wilson como sendo manifestações biofóbicas. Geralmente alguns animais nos dão esta sensação, devido, não há dúvida, a uma questão de sobrevivência. A fim de verificar a manifestação biofilia/biofobia em relação a outros elementos da natureza e dando prosseguimento à questão anterior foi questionado: “E insetos, aranha, escorpião?” Obteve-se as seguintes tipologias e categorias representadas na tabela 28.

Tabela 28 - “Vínculos com insetos, aranha, escorpião” (n=20)

Tipologia biofílica	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	Sujeitos	%	sujeitos	%
Utilitarista	Equilíbrio ecológico	03	15	04	20	01	5
Negativista	Arrepio	01	5	01	5	-	-
	Cautela	-	-	-	-	02	10
	Detesta	01	5	01	5	01	5
	Incômodo	-	-	01	5	-	-
	Mata	-	-	01	5	-	-
	Medo	08	40	06	30	02	10
	Nada	04	20	01	5	07	35
	Não gosta	02	10	02	10	06	30
	Pavor	-	-	03	15	01	5
Repulsa	01	5	-	-	-	-	
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Analisando a tabela a tipologia negativista aparece com expressiva citação através das várias categorias arroladas pelos entrevistados: **arrepio**, **cautela**, **incômodo**, **mata**, **medo**, **nada**, **não gosta**, **pavor** e **repulsa**, ou seja, são todas categorias que expressam o quanto esses animais não são desejáveis. Aqui vale lembrar que Wilson (2002) nos diz que as reações instintivas da biofobia são muitas vezes produzidas por situações e objetivos que eram vistos como perigosos pelos nossos antepassados, ao passo que facas, fios elétricos, automóveis e armas de fogo, por exemplo, embora sejam muito mais perigosos nos dias

atuais que os citados anteriormente, ainda não existem há tempo suficiente para produzir uma resposta automática na espécie humana. Assim, as pessoas referem-se a esses animais como se fossem verdadeiros inimigos, embora houve citações lembrando do **equilíbrio ecológico**, ou seja, não apreciam, mas reconhecem a importância e a utilidade deles para o equilíbrio do sistema ambiental. Estas falas foram enquadradas na tipologia utilitarista, defendida por Kellert & Wilson (1993) como a exploração prática e material da natureza. No total foram 08 referências, sendo 03 na fazenda do Chocolate (15%); 04 pessoas no Camping das Pedras (20%) e somente 01 sujeito (5%) na fazenda Pirahy, conforme exemplos que se seguem:

(05) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, primário, aposentada – *“se não mexer com eles, eles não fazem nada, mas é preciso não mexer com eles”*.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3^o grau, professora – *“mal necessário, mais longe de mim, é para o equilíbrio ecológico”*.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1^o grau completo, aposentado – *“não gosto, mas deixo porque é parte da natureza”*.

(45) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1^o grau completo, administrador rural – *“é preciso respeitar o espaço deles”*.

Em relação às categorias pertencentes à tipologia negativista, cita-se o **arrepio**, lembrado por 02 pessoas, sendo 01, na fazenda do Chocolate (5%) e 01, no Camping das Pedras (5%); a **cautela**, comentada apenas na fazenda Pirahy, por 02 sujeitos (10%) e **detesto** citada por 01 pessoa em cada propriedade, correspondendo a 5% em cada uma delas. Seguem-se as falas:

(01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2^o grau, do lar – *“arrepio”*.

(18) - Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2^o grau, do lar – *“eu detesto, principalmente a tarturana”*.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2^o grau, do lar – *“eu não gosto, detesto, tenho pavor”*.

(28) - Camping das Pedras, 45 anos, 2^o grau, gerente de transportes – *“arrepios”*.

(57) - Fazenda Pirahy, 38 anos, 2^o grau, industriário – *“cautela, respeito, principalmente os pequenos de tamanho”*.

(59) - Fazenda Pirahy, 51 anos, 2º grau, ator – *“único receio é o escorpião, aranha e sapos eu tenho em casa”*.

Incômodo e mato foram duas categorias, citadas por 01 pessoa cada, no Camping das Pedras, correspondendo a 5% cada uma delas. Abaixo, nota-se os dizeres:

(34) - Camping das Pedras, 44 anos, 2º grau, comerciante – *“incômodo, chateação”*.

(35) - Camping das Pedras, 25 anos, 3º grau, chefe de cozinha – *“se passar na minha frente, eu mato”*.

Sem sombras de dúvida a categoria **medo** foi a mais expressiva na fazenda do Chocolate e no Camping das Pedras, sendo 08 citações (40%) na primeira e 06, na segunda (30%). **Nada**, por sua vez, foi à categoria mais citada na fazenda Pirahy, no total de 07 sujeitos, 35% das respostas na propriedade, mas também foi lembrada por 04 pessoas (20%) na fazenda do Chocolate e por 01 (5%) pessoa no Camping das Pedras. Algumas referências a estas categorias estão dispostas abaixo:

(02) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – *“morro de medo”*.

(13) - Fazenda do Chocolate, 52 anos, 2º grau, aposentada – *“eu morro de medo”*.

(15) - Fazenda do Chocolate, 67 anos, primário, doméstica – *“nossa (.....) nem me fala nisso, meu filho foi picado pela aranha, quase morreu”*.

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – *“eu não sinto nada, sempre pesco no meio do mato”*.

(31) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, securitário – *“receio, medo, dependendo do inseto”*.

(32) - Camping das Pedras, 62 anos, 1º grau, micro-empresário – *“não tenho medo, trato com respeito”*.

(44) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, comerciante - *“sinto que tenho que sair rápido de perto, mas tenho medo”*.

(46) - Fazenda Pirahy, 46 anos, 3º grau, empresário rural – *“nada”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – *“não sinto medo, ver um isoladamente compõe o cenário rural”*.

(51) - Fazenda Pirahy, 27 anos, 2º grau, empresário - *“não tenho medo, criei uma caranguejeira”*.

Não gosta também foi expressivamente citada na fazenda Pirahy, totalizando 06 falas (30%), ao passo que na fazenda do Chocolate e no Camping das Pedras, foi comentada por 02 sujeitos (10%) em cada propriedade; **pavor** foi lembrado por 03 pessoas (15%) no Camping das Pedras e por 01 na fazenda Pirahy e, por último, a categoria **repulsa**, sugerida por apenas 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate. Alguns dizeres encontram-se exemplificados a seguir:

- (06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário, remalhadeira – *“não gosto”*.
- (07) - Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1º grau, do lar – *“repulsa”*.
- (29) - Camping das Pedras, 32 anos, 2º grau completo, publicitária – *“não gosto nem um pouco”*.
- (38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau completo, gerente de vendas – *“tenho pavor”*.
- (49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, funcionário público - *“não gosto (...) nem de cachorro e gato”*.
- (55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2º grau, do lar - *“ai, eu não gosto”*.

Prosseguindo na análise biofilia/biofobia, foi feita a mesma pergunta: “flores?”. As respostas foram categorizadas de acordo com as tipologias apresentadas na tabela 29.

As flores incitam sentimentos humanistas nas pessoas facilmente percebidos pela expressividade das categorias selecionadas. São sentimentos emocionais profundos e, na opinião de Kellert & Wilson (1993) esses sentimentos são importantes no estímulo à cooperação e a solidariedade, fundamentais no fortalecimento da relação entre pessoas, animais e a própria natureza como um todo.

Tabela 29- “Vínculos com as flores” (n=20)

Tipologia biofísica	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Humanista	Adoro	06	30	-	-	07	35
	Amor	01	5	01	5	-	-
	Paixão	-	-	-	-	01	5
	Natureza	01	5	-	-	01	5
	Gosta	05	25	12	60	07	35
	Carinho	01	5	-	-	-	-
	Pureza	01	5	-	-	-	-
Simbólica	Significado	01	5	03	15	01	5
	Vida	02	10	-	-	-	-
	Alegria	-	-	01	5	01	5
	Perfume	-	-	02	10	-	-
Estética	Beleza	01	5	-	-	02	10
	Lindo	-	-	01	5	-	-
Negativista	Não gosta	01	5	-	-	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Como humanistas compreenderam-se as categorias: **adoro**, **amor**, **paixão**, **natureza**, **gosta**, **carinho** e **pureza**, sendo que **adoro** e **gosta** foram as mais citadas. No caso da categoria **adoro**, foi sugerida por 06 pessoas na fazenda do Chocolate e por 07 sujeitos (35%) na fazenda Pirahy; a categoria **amor**, por sua vez, foi comentada por 02 sujeitos; 01 pessoa na fazenda do Chocolate (5%) e outra no Camping das Pedras (5%); **paixão**, enfatizada apenas por 01 pessoa na fazenda Pirahy (5%). As falas seguem abaixo:

(06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário, remalhadeira – “*adoro*”.

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar – “*eu adoro, rosa, cravo*”.

(19) - Fazenda do Chocolate, 40 anos, 1º grau, motorista – “*maravilhosas, sinto amor*”.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau completo, esteticista – “*amor*”.

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3º grau, administração hospitalar – “*adoro, faz parte da vida*”.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau, analista de qualidade – “*apaixonada, principalmente flor-do-campo*”.

(44) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, comerciante - “*adoro, flor para mim...adoro tudo*”.

Ainda com relação à tipologia humanista foram citadas as categorias **natureza**, por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate e na fazenda Pirahy; **gosta**, foi comentada por 05 sujeitos (25%) na fazenda do Chocolate, por 12 pessoas (60%) no Camping das Pedras, e, por 07 pessoas (35%), na fazenda Pirahy; **carinho** e **pureza**, ambas citadas apenas na fazenda do Chocolate, por 01 pessoa (5%) cada. A expressão destas categorias nota-se abaixo:

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3º grau, aposentada – “*é uma coisa linda, é pureza*”.

(09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3º grau, bancário – “*carinho*”.

(14) - Fazenda do Chocolate, 83 anos, primário incompleto, do lar – “*nossa! Acho lindo (...) é natureza*”.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1º grau completo, aposentado – “*eu gosto muito, tem muitas flores em casa*”.

(29) - Camping das Pedras, 32 anos, 2º grau completo, publicitária – “*gosto muito, não cuido, mas admiro*”.

(55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2º grau, do lar - “*sim, gosto de muitas flores*”.

(58) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3º grau, autônomo – “*gosto muito*”.

No que diz respeito à tipologia simbólica foram compreendidas as categorias **significado**, **vida**, **alegria** e **perfume** sendo que a categoria **significado** foi lembrada por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate, por 03 sujeitos (15%) no Camping das Pedras e por 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy. **Vida** foi expressa por 02 sujeitos (10%) apenas na Fazenda do Chocolate; **alegria**, comentada também por 02 sujeitos, 01 pessoa (5%) no

Camping das Pedras e outra na Fazenda Pirahy (5%); **perfume**, por sua vez, citado por 02 sujeitos (10%) no Camping das Pedras como se percebe nas falas abaixo:

- (01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2º grau, do lar – “às vezes prazer, às vezes tristezas, lembram vida e morte”.
- (02) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – “vida”.
- (26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2º grau completo, serralheiro industrial – “tem vários significados, a rosa, a flor de velório, a branca é paz”.
- (28) - Camping das Pedras, 45 anos, 2º grau, gerente de transportes – “perfume”.
- (30) - Camping das Pedras, 20 anos, 2º grau incompleto, autônomo – “cada uma indica um sentimento”.
- (46) - Fazenda Pirahy, 46 anos, 3º grau, empresário rural – “eu gosto, alegre os olhos”.

As categorias **lindo e beleza** expressam a tipologia denominada por Kellert & Wilson (1993) por estética, simbolizando a percepção da beleza física da natureza. Diante das outras tipologias já apresentadas, não obtiveram muitas citações, mas, não há dúvida, são extremamente importantes na compreensão de sentimentos como inspiração, harmonia, paz, segurança, entre outros, (Kellert & Wilson, op. cit.). A categoria **lindo** foi comentada por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras, **beleza**, foi lembrada por 01 sujeito (5%) na Fazenda do Chocolate e por 02 pessoas na Fazenda Pirahy (10%). Estas categorias foram expressas da seguinte forma:

- (10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, superior, professora – “beleza”.
- (40) - Camping das Pedras, 30 anos, 2º grau, aposentado – “lindo”.
- (42) - Fazenda Pirahy, 45 anos, superior, engenheiro civil - “beleza”.

Finalizando, na tipologia negativista, apenas 01 pessoa (5%) na Fazenda do Chocolate ressaltou a categoria **não gosta**, como se nota na assertiva abaixo:

- (16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – “eu não gosto”.

Em seguida perguntou-se: “pássaros?” As respostas encontram-se categorizadas como se segue na tabela 30.

Tabela 30 - “Vínculos com os pássaros?” (n=20)

Tipologia biofílica	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Humanista	Adoro	07	35	-	-	04	20
	Gosta	02	10	13	65	09	45
	Alegria	02	10	01	5	-	-
Simbólica	Paz	01	5	01	5	01	5
	Liberdade	03	15	05	25	04	20
	Harmonia	01	5	-	-	-	-
Estética	Beleza	03	15	-	-	01	5
	Encanto	-	-	-	-	01	5
Negativista	Não gosta	01	5	-	-	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

As categorias compreendidas na tipologia humanista **adorno** e **gosta**, foram, com certeza, as mais expressivas; **adorno** foi citada por 07 sujeitos (35%) na fazenda do Chocolate e por 04 pessoas (20%) na fazenda Pirahy, já, a categoria **gosta** foi lembrada por apenas 02 pessoas (10%) na fazenda do Chocolate; em compensação, foi a categoria mais citada no Camping das Pedras e na fazenda Pirahy, com 13 (65%) e 09 (45%) referências, respectivamente. Os exemplos encontram-se dispostos nas falas abaixo:

(05) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, primário, aposentada – “*adorno*”.

(08) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 1^o grau, do lar – “*adorno*”.

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar – “*adorno pássaro, papagaios, canários, periquitos, eu tenho dois em casa*”.

(31) - Camping das Pedras, 39 anos, 3^o grau, securitário – “*também, me dá prazer, gosto muito*”.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2^o grau completo, gerente de vendas – “*gosto*”.

(54) - Fazenda Pirahy, 56 anos, 3^o grau, área comercial – “*eu gosto muito, principalmente papagaio*”.

(55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2º grau, do lar - *“também gosto muito, tudo é natureza, eu tenho pássaros em casa”*.

Como simbólica foram compreendidas as categorias **alegria**, **paz**, **liberdade** e **harmonia**, sendo que a categoria **alegria** foi destacada por 02 sujeitos (10%) na fazenda do Chocolate e por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras; **paz** foi lembrada por 03 pessoas, uma em cada propriedade, correspondendo a 5% cada; **liberdade** foi ressaltada por 03 sujeitos (15%) na fazenda do Chocolate, por 05 pessoas (25%) no Camping das Pedras e por 04 sujeitos (20%) na fazenda Pirahy, e por último, a categoria **harmonia**, lembrada por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate. As falas demonstram as categorias arroladas:

(01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2º grau, do lar - *“harmonia”*.

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3º grau, aposentada - *“alegria, adoro ouvir pássaros cantar”*.

(13) - Fazenda do Chocolate, 52 anos, 2º grau, aposentada - *“tenho vontade de voar com eles”*.

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro - *“acho legal, mas solto”*.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2º grau, do lar - *“eu acho bonito, a liberdade, principalmente quando estão soltos”*.

(36) - Camping das Pedras, 40 anos, 3º grau, representante técnico - *“paz”*.

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3º grau, administração hospitalar - *“lindo, mas não preso”*.

(42) - Fazenda Pirahy, 45 anos, 3º grau, Engenheiro Civil - *“natureza, paz”*.

Beleza e **encanto** também foram destacadas e compreendidas como tipologia estética. As pessoas foram argutas ao afirmar o que, para elas, representam os pássaros. A categoria **beleza** foi citada por 03 pessoas (15%) na fazenda do Chocolate por 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy; já, **encanto** foi sublinhado por apenas 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy, como segue os exemplos:

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar - *“também é bonito”*.

(09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3º grau, bancário - *“beleza”*,

(45) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1º grau incompleto, administrador rural - *“encanto”*.

(48) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, farmacêutica, psicóloga - *“acho bonitinho”*.

Como na pergunta anterior, 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate afirmou não gostar de pássaros, conforme se observa a seguir:

(20) - Fazenda do Chocolate, 70 anos, analfabeta, do lar – “*não sou chegada*”.

Ainda em relação à biofilia/biofobia questionou-se: “árvores”? Tal como nas tabelas anteriores foi possível analisar as categorias de acordo com a tipologia biofílica apresentada por Kellert & Wilson (1993) e que estão relacionadas na tabela abaixo:

Tabela 31- “Vínculos com as árvores”? (n=20)

Tipologia biofílica	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		Sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Utilitarista	Sombra	01	5	03	15	01	5
	Interessante	01	5	-	-	-	-
	Ar	01	5	-	-	-	-
	Utilidade	-	-	-	-	03	15
	Segurança	-	-	-	-	02	10
Humanista	Gosta	04	20	12	60	05	25
	Adora	04	20	-	-	03	15
	Natureza	-	-	01	5	03	15
Simbólica	Vida	02	10	01	5	01	5
	Sossego	01	5	-	-	-	-
	Energia	01	5	-	-	-	-
	Essencial	-	-	01	5	01	5
	Tranqüilidade	-	-	01	5	01	5
Estética	Beleza	04	20	01	5	-	-
Negativista	Não gosta	01	5	-	-	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Além das tipologias já comentadas nas tabelas anteriores, nesta tabela algumas categorias foram analisadas de acordo com a tipologia utilitarista. Segundo Kellert & Wilson (1993) esta tipologia aufere uma exploração prática e material da natureza, tendo como função básica a questão da sustentação física e segurança.

Desta forma as categorias **sombra**, **interessante**, **ar**, **utilidade** e **segurança** foram citadas por pessoas que vêem uma utilidade prática das árvores, visando, obviamente o bem-estar humano. Assim, a categoria **sombra** foi ressaltada por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate, por 03 sujeitos (15%) no Camping das Pedras e por 01 pessoa na fazenda Pirahy; as categorias **interessante** e **ar** foram lembradas somente na fazenda do Chocolate, ambas por 01 pessoa (5%) cada; por sua vez, as categorias **utilidade** e **segurança** foram citadas apenas na fazenda Pirahy, a primeira, por 03 pessoas (15%) e a segunda, por 02 sujeitos. Exemplos destas categorias podem ser observados abaixo:

- (04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, aposentada – *“uma sombra amiga, uma paz”*.
- (16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – *“acho interessante”*.
- (17) - Fazenda do Chocolate, 67 anos, 1º grau completo, aposentada - *“ar puro”*.
- (26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2º grau, técnico, serralheiro industrial – *“gosto pela sombra, não em muita quantidade”*.
- (31) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, securitário – *“depende, se for sombra, sim”*.
- (48) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, farmacêutica, psicóloga – *“acho útil, bonitas”*.
- (50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – *“é como se fosse uma avó (.....) segurança (...) sempre esteve ali e vai estar”*.
- (55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2º grau, do lar - *“tem que haver árvores”*.

No entanto, as pessoas foram enfáticas ao expressar seus sentimentos com as categorias **gosta** e **adora**, sendo as mais expressivas. **Gosta** foi citada por 04 pessoas (20%) na fazenda do Chocolate, por 12 sujeitos (60%) no Camping das Pedras e por 05 pessoas na fazenda Pirahy (25%); **adora**, foi comentada por 04 sujeitos (20%) na fazenda do Chocolate e por 03 pessoas (15%) na fazenda Pirahy.

Além destas duas categorias, a categoria **natureza** também foi lembrada por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras e por 03 sujeitos (15%) na fazenda Pirahy.

As falas abaixo comprovam as referências às categorias supra citadas:

- (01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2º grau, do lar – “*gostoso estar embaixo de uma*”.
- (03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – “*também gosto muito*”.
- (07) - Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1º grau, do lar – “*adoro*”.
- (21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1º grau, aposentado – “*também gosto muito, gosto de olhar do terraço*”.
- (28) - Camping das Pedras, 45 anos, 2º grau, gerente de transportes – “*natureza*”.
- (49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, funcionário público - “*também gosto até de abraçar*”.
- (54) - Fazenda Pirahy, 56 anos, 3º grau, área comercial – “*eu acho que é completamente do campo, da natureza*”.

Diante da questão também houve respostas que exigiram uma análise simbólica, como as categorias **vida**, **sossego**, **energia**, **essencial** e **tranqüilidade**. A categoria **vida** foi sugerida por 02 pessoas (10%) na fazenda do Chocolate, por 01 sujeito (5%) tanto no Camping das Pedras quanto na fazenda Pirahy; **sossego** e **energia** foram lembrados apenas na fazenda do Chocolate, por 01 pessoa (5%) cada; já as categorias **essencial** e **tranqüilidade** foram citadas no Camping das Pedras e na fazenda Pirahy, cada qual com a referência de apenas 01 sujeito (5%). Os dizeres dos entrevistados seguem abaixo:

- (02) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – “*vida*”.
- (09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3º grau, bancário – “*sossego*”.
- (13) - Fazenda do Chocolate, 52 anos, 2º grau, aposentada – “*energia*”.
- (33) - Camping das Pedras, 48 anos, 2º grau, aposentado – “*essencial, sobre vivência*”.
- (40) - Camping das Pedras, 30 anos, 2º grau, vendedora – “*maravilhoso, tranqüilidade*”.
- (44) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, comerciante - “*eu gosto, sinto tranqüilidade*”.
- (45) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1º grau, administrador rural – “*vida longa*”.

Na tipologia estética **beleza** também foi lembrada por 04 pessoas (20%) na fazenda do Chocolate e por 01 sujeito (5%) no Camping das Pedras, como os exemplos que se seguem:

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar - “*eu acho bonito, se tiver flores é cheirosa*”.

(18) - Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2º grau, do lar – “*também é bonito, é gostoso*”.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2º grau, do lar – “*acho bonito, gosto*”.

A tipologia negativista mais uma vez foi lembrada na fazenda do Chocolate, com 01 pessoa (5%) afirmando não gostar de árvores, como se nota na sua fala:

(20) - Fazenda do Chocolate, 70 anos, analfabeta, do lar – “*não sou muito chegada*”.

A questão seguinte também aborda a relação biofílica/biofóbica, agora para “rios”? Obtendo-se as tipologias e respectivas categorias apresentadas na tabela 32.

Como tipologia utilitarista foi compreendida a categoria **esporte** citada por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras e por 02 pessoas (10%) na fazenda Pirahy, conforme exemplo das falas abaixo:

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2º grau, serralheiro industrial – “*bom, navegar e pescar*”.

(42) - Fazenda Pirahy, 45 anos, 3º grau, engenheiro civil - “*esporte, diversão, pescaria*”.

Porém, a grande maioria das categorias foi analisada como pertencentes à tipologia simbólica que expressam, na verdade, a variedade de sentimentos que os rios ensejam nas pessoas, sendo as seguintes: **alegria, paz, agitação, realização, liberdade, tranquilidade, pureza, lembrança, angústia, renovação, enigma e vida**. As categorias **alegria, agitação e realização** foram enunciadas apenas na fazenda do Chocolate, por 01 pessoa (5%) cada; **paz**, por sua vez, foi lembrada por 04 pessoas na fazenda do Chocolate (20%), e por 01 pessoa (5%) tanto no Camping das Pedras, como na fazenda Pirahy; **liberdade e tranquilidade** foram citadas apenas no Camping das Pedras, por 01 pessoa cada, equivalendo a 5% respectivamente. Abaixo segue as assertivas:

(02) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – “*alegria*”.

(09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3º grau, bancário – “*agitação*”.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3º grau, professora – “*paz*”.

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – “*eu me sinto realizado. Gosto demais de água*”.

(19) - Fazenda do Chocolate, 40 anos, 1º grau, motorista – “levando a tristeza embora”.

(30) - Camping das Pedras, 20 anos, 2º grau, autônomo – “liberdade”.

(36) - Camping das Pedras, 40 anos, 3º grau, representante técnico – “a vida tem uma tranqüilidade”.

(47) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 2º grau, cultivadora de cogumelos – “paz”.

Tabela 32 -“Vínculos com os rios” (n=20)

Tipologia biofílica	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		Sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Utilitarismo	Esporte	-	-	01	5	02	10
Humanista	Adora	03	15	02	10	03	15
	Gosta	05	25	12	60	07	35
Simbólica	Alegria	01	5	-	-	-	-
	Paz	04	20	01	5	01	5
	Agitação	01	5	-	-	-	-
	Realização	01	5	-	-	-	-
	Liberdade	-	-	01	5	-	-
	Tranqüilidade	-	-	01	5	-	-
	Pureza	-	-	-	-	01	5
	Lembrança	-	-	-	-	01	5
	Angústia	-	-	-	-	01	5
	Renovação	-	-	-	-	01	5
	Enigma	-	-	01	5	-	-
Vida	-	-	-	-	02	10	
Estética	Beleza	01	5	-	-	01	5
Negativista	Não gosta	04	20	01	5	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Ainda pertencentes à tipologia simbólica foram citadas as categorias **pureza**, **lembrança**, **angústia** e **renovação**, todas na fazenda Pirahy, indicadas por 01 pessoa cada (5%); **enigma** foi lembrada por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras e, por último, a categoria **vida**, sugerida por 02 pessoas (10%) na fazenda Pirahy. As afirmações encontram-se dispostas abaixo:

(40) - Camping das Pedras, 30 anos, 2º grau, vendedora – *“um enigma”*.

(45) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1º grau, administrador rural – *“pureza”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – *“sensação de que tudo passa, tudo o rio leva, é eterna renovação”*.

(55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2º grau, do lar - *“rio para mim significa vida”*.

(57) - Fazenda Pirahy, 38 anos, 2º grau, industriário – *“volume de água grande, lembranças de rios”*.

(60) - Fazenda Pirahy, 25 anos, 3º grau, professora - *“rio poluído, porque infelizmente é o que mais tenho contato, sensação de angústia pelo que fizeram”*.

Beleza também foi lembrada, por 01 pessoa (5%) tanto na fazenda do Chocolate, quanto na Fazenda Pirahy:

(18) - Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2º grau, do lar – *“pensa que está tudo poluído, mas é uma beleza”*.

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3º grau, administração hospitalar – *“é tão bonito, o barulho da água”*.

Finalizando 04 pessoas (20%) na fazenda do Chocolate e 01 sujeito (5%) no Camping das Pedras afirmaram não gostar dos rios. Conforme exemplos abaixo:

(08) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 1º grau incompleto, do lar – *“não gosto muito, tenho pavor”*.

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º ano primário, do lar – *“eu não gosto muito, quando pequena quase morri afogada, eu tenho medo”*.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2º grau, do lar – *“não gosto, tenho medo”*.

Em seguida, ainda para compreender a relação biofílica/biofóbica das pessoas em relação às outras manifestações da vida, perguntou-se: “Quando encontra sapos, cobras, insetos, como reage? Por quê?” As categorias são apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 33 – “Vínculos com sapos, cobras, insetos” (n=20)

Tipologia biofílica	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	Sujeitos	%	sujeitos	%
Dominionística	Normal	06	30	07	35	06	30
	Pegar	-	-	-	-	01	5
Negativista	Arrepio	01	5	-	-	-	-
	Cautela	-	-	-	-	02	10
	Espanta	-	-	01	5	-	-
	Desvia	01	5	-	-	-	-
	Distância	-	-	05	25	01	5
	Inimigo	-	-	01	5	-	-
	Nojo	-	-	01	5	01	5
	Medo	09	45	05	25	06	30
	Pavor	02	10	-	-	-	-
	Susto	-	-	-	-	01	5
	Não vê	01	5	-	-	-	-
	Não gosta	-	-	-	-	02	10
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Analisando a tabela observa-se além das categorias compreendidas na tipologia negativista, as categorias **normal** e **pegar**, aqui abordadas na tipologia dominionística. Esta tipologia é denominada por Kellert & Wilson (1993) como expressão de domínio da natureza, conquista ou mesmo controle físico, ou seja, são posturas claras no sentido de subjugar o ambiente. Desta forma a categoria **normal** foi salientada por 06 pessoas (30%) na fazenda do Chocolate, 07 sujeitos (35%) no Camping das Pedras e 06 pessoas (30%) na fazenda Pirahy, sendo nestas duas últimas propriedades, as maiores expressões. **Pegar**, também foi citado por 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy. As exemplificações estão apresentadas a seguir:

(07) - Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1º grau, do lar – *“não reajo, sinto que é coisa natural”*.

(09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3º grau, bancário – *“eu não tenho medo”*.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3º grau, professora – *“não reajo, só não mexer, eles estão no habitat deles”*.

(32) - Camping das Pedras, 62 anos, 1º grau incompleto, micro-empresário – *“normal, não ataco, faz parte do nosso cotidiano”*.

(46) - Fazenda Pirahy, 46 anos, 3º grau, empresário rural – *“é normal, cresci no meio disso”*.

(47) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 2º grau completo, cultivadora de cogumelos – *“não tem medo, mas prefiro não ter perto”*.

(51) - Fazenda Pirahy, 27 anos, 2º grau, empresário - *“gosto de pegar”*.

Na tipologia negativista, a categoria **arrepio** recebeu 01 menção (5%) na fazenda do Chocolate; **cautela** foi sugerida por 02 pessoas na fazenda Pirahy, a categoria **espanta** foi comentada por 01 pessoa (5%) no Camping das Pedras e a **desvia** foi lembrada por 01 sujeito na fazenda do Chocolate:

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3º grau, aposentada – *“eu desvio, a cobra eu chamo alguém, eu grito”*.

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar – *“sapo eu arrepio, eu tenho arrepio, só gosto de ver cobras”*.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1º grau, aposentado – *“espanta eles”*.

(55) - Fazenda Pirahy, 34 anos, 2º grau, do lar - *“com cautela, são animais peçonhentos e que não conhecemos muito”*.

Outra categoria mencionada é a **distância** lembrada por 05 pessoas (25%) no Camping das Pedras e por 01 sujeito (5%) na fazenda Pirahy, **inimigo**, foi destacado por 01 pessoa no Camping das Pedras; **nojo**, por sua vez, foi ressaltada por 01 pessoa (5%) tanto no Camping das Pedras, quanto na fazenda Pirahy, de acordo com as falas abaixo:

(22) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau, vendedora – *“procura manter a distância”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau, esteticista – *“eu só distancio, sem ser histérico”*.

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2º grau, serralheiro industrial – “*se você ver uma cobra os sentidos aguça (...) é um inimigo natural*”.

(29) – Camping das Pedras, 32 anos, 3º grau, publicitária- “*eu pulo, saio correndo, eu grito, por que tenho nojo*”.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – “*eu não gosto, por que são asquerosos, dá nojo, mas eles têm que ter o seu canto*”.

(56) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, aeroviária – “*eu procuro não chegar perto, sapo nem tanto, cobra nem chego perto*”.

Porém, entre todas as categorias citadas na tipologia negativista, não há dúvida, a categoria **medo** foi a mais citada na fazenda do Chocolate, com a menção de 09 pessoas (45%); no Camping das Pedras foi sugerida por 05 sujeitos (25%) e na fazenda Pirahy, por 06 pessoas (30%), sendo juntamente com a categoria **normal**, as mais expressivas. **Pavor**, também foi lembrada por 06 pessoas (10%) somente na fazenda do Chocolate; **susto** foi sublinhado por 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy; **não vê** foi dito por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate e, finalmente, a categoria **não gosta** foi reiterada por 02 pessoas (10%) na Fazenda Pirahy. Todas essas categorias estão exemplificadas logo a seguir:

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – “*tenho medo, não sei, tenho medo*”.

(08) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 1º grau, do lar – “*credo, Deus me livre*”.

(17) - Fazenda do Chocolate, 67 anos, 1º grau, aposentada - “*tenho pavor*”.

(20) - Fazenda do Chocolate, 70 anos, analfabeta – “*quase não encontro*”.

(27) - Camping das Pedras, 29 anos, 2º grau, do lar – “*eu grito, morro de medo*”.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau, analista de qualidade – “*cobra te assusta (...) mais nada que incomoda*”.

(48) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, farmacêutica, psicóloga – “*não gosto*”.

A fim de aprofundar a compreensão a respeito da biofilia e biofobia que as pessoas desenvolvem no meio em que vivem ou visitam, foi questionado: “O que sente ao entrar na mata, ao fazer a trilha?” As respostas estão dispostas na tabela a seguir:

Tabela 34- “Sentimentos em relação a entrar na mata, ao fazer a trilha” (n=20).

Tipologia biofílica	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Naturalista	Aventura	-	-	03	15	01	5
	Contato	02	10	01	5	01	5
Humanista	Adora	-	-	-	-	02	10
	Gosta	04	20	03	15	02	10
	Natureza	01	5	01	5	-	-
	Bem-estar	-	-	02	10	02	10
Simbólica	Alívio	-	-	-	-	02	10
	Liberdade	01	5	-	-	01	5
	Mistério	01	5	-	-	01	5
	Paz	02	10	05	25	03	15
	Prazer	-	-	02	10	02	10
Negativista	Medo	03	15	01	5	-	-
	Não sabe	04	20	02	10	01	5
	Não gosta	01	5	-	-	02	10
	Nada	01	5	-	-	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Pela primeira vez diante das repostas foi possível utilizar a tipologia naturalista proposta por Kellert & Wilson (1993), que simboliza uma satisfação feita de contatos diretos com a natureza. Assim, as categorias **aventura**, citada por 03 pessoas (15%) no Camping das Pedras e por 01 sujeito (5%) na fazenda Pirahy e, **contato**, mencionado por 02 pessoas (10%) na fazenda do Chocolate e por 01 sujeito (5%) tanto no Camping das Pedras como na fazenda Pirahy, indicam a relação das pessoas com a mata, conforme falas abaixo:

(02) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – *“ótimo contato com a natureza”*.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3º grau, professora – *“a mata fala com a gente”*.

(22) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau, vendedora – *“fiz uma vez, sei lá há adrenalina da aventura”*.

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2º grau, serralheiro industrial – *“a mata conversa com a gente, coloca o pensamento em ordem, uma paz interior”*.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau completo, gerente de vendas – *“eu acho aventura, gosto muito”*.

(54) - Fazenda Pirahy, 56 anos, 3º grau, área comercial – *“é o maior barato, quanto mais fechada melhor. Eu gosto de entrar a cavalo”*.

Como humanista foram citadas as categorias **adora**, **gosta**, **natureza** e **bem-estar**. **Adora** foi comentada apenas na fazenda Pirahy, por 02 pessoas (10%); **gosta**, por sua vez, foi citada nas três propriedades, sendo 04 menções (20%) na fazenda do Chocolate; 03 referências (15%) no Camping das pedras e 02 falas (10%) na fazenda Pirahy. **Natureza** foi lembrada por 02 pessoas, 01 na fazenda do Chocolate e outra (5%) no Camping das Pedras; por último nesta tipologia, foi destacada a categoria **bem-estar** por 02 pessoas (10%) no Camping das Pedras e na Fazenda Pirahy. Algumas referências a estas categorias são arroladas abaixo:

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3º grau, aposentada – *“gosto, uma delícia, frescura da mata”*.

(14) - Fazenda do Chocolate, 83 anos, primário incompleto, do lar – *“eu acho bonito a natureza que Deus deu”*.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1º grau, aposentado – *“gostoso, ar fresco”*.

(30) - Camping das Pedras, 40 anos, 3º grau, autônomo – *“bem-estar total”*.

(41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3º grau, administração hospitalar – *“adoro tão gostosa (...) cheiro da mata, piso na folha seca”*.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau, analista de qualidade – *“a comunhão, o bem-estar”*.

Sentimentos que expressam relações íntimas com a mata, também foram lembrados pelos inqueridos, tais como: **alívio**, **liberdade**, **mistério**, **paz** e **prazer**. **Alívio** foi

mencionado apenas na fazenda Pirahy por 02 pessoas (10%); **liberdade** e **mistério** foram categorias destacadas na fazenda do Chocolate por 01 pessoa cada (5%) e na fazenda Pirahy, também por 01 pessoa (5%) cada. **Paz** foi sublinhada nas três propriedades, na fazenda do Chocolate, por 02 pessoas (10%), no Camping das Pedras, por 05 sujeitos (25%) e, por 03 pessoas na fazenda Pirahy (15%); **prazer**, por sua vez, foi mencionado por 02 pessoas (10%) no Camping das Pedras e na fazenda Pirahy. Os dizeres estão exemplificados logo abaixo:

(11) - Fazenda do Chocolate, 50 anos, 2^o grau, do lar – *“buscar o desconhecido”*.

(17) - Fazenda do Chocolate, 67 anos, 1^o grau completo, aposentada - *“muito paz”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2^o grau, esteticista – *“muito bem, uma paz”*.

(45) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 1^o grau, administrador rural – *“sinto alívio da tensão da cidade”*.

(46)- Fazenda Pirahy, 46 anos, 3^o grau, empresário rural – *“uma delícia, uma sensação maravilhosa”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – *“é uma sensação de mistério (...) me encanta, é um lugar desconhecido”*.

(60) - Fazenda Pirahy, 25 anos, 3^o grau, professora - *“tranqüilidade, sensação de liberdade”*.

Medo foi mencionado por 03 pessoas (15%) na fazenda do Chocolate e por 01 sujeito (5%) no Camping das Pedras; **não sabe** foi sugerido por pessoas que nunca tiveram um contato direto com as matas, sendo 04 pessoas (20%) na fazenda do Chocolate, 02 sujeitos (10%) no Camping das Pedras e 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy. **Não gosta**, outra categoria pertencente à tipologia negativista, foi mencionada por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate e por 02 sujeitos (10%) na fazenda Pirahy; por último, a categoria **nada** também foi lembrada por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate. As expressões estão dispostas logo abaixo:

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2^o grau, do lar – *“morro de medo, sozinha não viria”*.

(06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira – *“sente um pouco de medo, apesar de gostar”*.

(12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar – *“nunca fui”*.

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – “*eu não faço*”.

(20) - Fazenda do Chocolate, 70 anos, analfabeta, do lar – “*nada*”.

(47) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 2º grau, cultivadora de cogumelos – “*nunca fiz*”.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3º grau, funcionário público - “*também não gosto*”.

Ao perguntar para as pessoas: “Sente necessidade desse contato? Por quê?”, a grande maioria das pessoas, o total de 53, afirmaram que **sim**. As sete pessoas que afirmaram **não** sentir necessidade do contato direto com a mata foram incisivas, não oferecendo maiores explicações. Foram os totais de 04 pessoas (20%) na fazenda do Chocolate, 02 sujeitos (10%) no Camping das Pedras e apenas 01 pessoa (5%) na fazenda Pirahy; ao passo que as que reiteraram que sentem necessidade de estar com a mata apontaram vários motivos tais como: prazer, alívio, distração, paz, entre outros, conforme se pode verificar na tabela abaixo.

Tabela 35 – “Valor atribuído ao contato com a mata”

Tipologia biofílica	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate (n=16)		Camping das Pedras (n=18)		Fazenda Pirahy (n=19)	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Humanista	Natureza	02	12,5	01	5,55	-	-
Simbólica	Alívio	01	6,25	06	33,33	10	52,63
	Descanso	02	12,5	-	-	-	-
	Distração	07	43,75	02	11,11	02	10,52
	Lembrança	02	12,5	02	11,11	01	5,26-
	Vida	-	-	-	-	02	10,52
	Paz	02	12,5	03	16,66	04	21,05
Negativista	Prazer	-	-	02	11,11	-	-
	Não sabe	-	-	02	11,11	-	-
Total		16	100	18	100	19	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

De acordo com a justificativa das pessoas diante da pergunta anterior, percebe-se que algumas apontaram a categoria **natureza**, sendo 02 pessoas (12,5%) na fazenda do Chocolate e 01 sujeito (5,56%) no Camping das Pedras, conforme as falas abaixo:

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3^o grau, aposentada - *“sim, com a natureza em geral, por que moro em cidade grande”*.

(09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3^o grau, bancário - *“sinto, natureza, calma inspiração”*.

Porém, sem sombras de dúvidas a maioria das respostas foram compreendidas na tipologia simbólica, indicando como alguns elementos da natureza são utilizados para expressões metafóricas, tais como: **alívio**, **distração**, **vida**, **paz**, **lembrança**, e outros. **Alívio** foi a categoria mais citada no Camping das Pedras, no total de 06 menções (33,33%) e na fazenda Pirahy, com 10 referências (52,63%), mas também foi indicada por 01 pessoa na fazenda do Chocolate. **Descanso**, por sua vez, foi sugerida apenas na fazenda do Chocolate, com a menção de 02 pessoas (12,5%). Observe as falas a seguir:

(11) - Fazenda do Chocolate, 50 anos, 1^o grau completo, do lar - *“sinto, de vez em quando é bom para o descanso”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2^o grau, esteticista - *“muito, o dia-a-dia é muito corrido, ajuda a se desestressar”*.

(33) - Camping das Pedras, 48 anos, 2^o grau, aposentado - *“muito, acho que é um relaxamento”*.

(42) - Fazenda Pirahy, 45 anos, 3^o grau, engenheiro civil - *“sim, para o equilíbrio, para centrar e voltar à realidade”*.

(57) - Fazenda Pirahy, 38 anos, 2^o grau, industriário - *“bastante, porque a gente precisa disso para aliviar o estresse, a vida na cidade é coisa concreta, a natureza é melhor para o homem”*.

Distração foi à categoria mais citada na fazenda do Chocolate, no total de 07 referências (43,75%), talvez explicado pelo fato que grande parte dos inqueridos é do grupo da melhor idade, que anseiam pela distração em lugares diferentes daqueles que estão habituados. Esta categoria também foi citada por 02 pessoas tanto no Camping das Pedras, quanto na fazenda Pirahy, correspondendo a 11,11% e 10,52%, respectivamente. **Lembrança** foi mencionada nas três propriedades, sendo 02 sujeitos (12,5%) na fazenda do

Chocolate e no Camping das Pedras (11,11%) e por 01 pessoa (5,26%) na fazenda Pirahy; **vida** foi lembrada por apenas 01 pessoa (5,26%) na fazenda Pirahy. As falas estão apresentadas abaixo:

(02) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – *“sinto, porque é gostoso e lembra a infância”*.

(06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira – *“sinto, para distração”*.

(13) - Fazenda do Chocolate, 52 anos, 2º grau, aposentada – *“como não? eu acho que depois que comecei a fazer turismo, minha vida mudou”*.

(30) - Camping das Pedras, 40 anos, 3º grau, autônomo – *“sinto por que já vivi na infância; é melhor voltar na infância”*.

(44) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, comerciante - *“sim, acho que faz parte da vida”*.

(46) - Fazenda Pirahy, 46 anos, 3º grau, empresário rural – *“nossa, e como! Não sei viver sem isso...não seria feliz”*.

Ainda pertencentes à tipologia simbólica foram citadas as categorias: **paz**, comentada por 02 pessoas (12,5%) na fazenda do Chocolate, 03 sujeitos (16,66%) no Camping das Pedras e por 04 pessoas (21,05%) na fazenda Pirahy, e **prazer** lembrada apenas no Camping das Pedras, por 02 pessoas (11,11%), como se segue nos exemplos :

(05) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, primário, aposentada – *“muita, porque dá muita paz”*.

(19) - Fazenda do Chocolate, 40 anos, 1º grau, motorista – *“sinto, porque sinto em paz com a vida, se liberta dos problemas”*.

(40) - Camping das Pedras, 30 anos, 2º grau, vendedora – *“acho que é bom, prazer de viver o novo”*.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2º grau, analista de qualidade – *“eu sinto porque acho que é uma paz de espírito”*.

Porém, 02 pessoas (11,11%) no Camping das Pedras reiteraram **não saber** o motivo que as mobilizam para ter contato com as matas, mesmo afirmando que sentem necessidade, como é observado na fala abaixo:

(37) - Camping das Pedras, 23 anos, 3º grau, estudante – *“sinto, o por que não sei”*.

As últimas questões da segunda parte do instrumento de medida, procuraram verificar a responsabilidade das pessoas diante da conservação ambiental e da preservação das espécies em extinção, destacando os sentimentos biofílicos e o vínculo com o mundo natural. Assim foi questionado: “Se você pudesse decidir, o que faria para preservar espécies em extinção?”. As respostas chamam a atenção, pois oscilam desde pessoas que dizem fazer tudo, até pessoas que acreditam que o maior responsável seja o governo. Todas as categorias estão dispostas na tabela 36.

Tabela 36- “Responsabilidade diante das espécies em extinção?” (n=20)

Tipologia biofílica/categorias	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Moralista	Zelar	01	5	01	5	-	-
	Conscientização	02	10	05	25	07	35
	Tudo	04	20	-	-	-	-
	Preservar	02	10	01	5	-	-
Utilitarista	Viveiros	01	5	01	5	02	10
	Colaboração	01	5	03	15	06	30
Negativista	Difícil	-	-	02	10	-	-
	Não sabe	03	15	02	10	03	10
Ecológico-científica	Biologia	01	5	-	-	-	-
Lei		04	20	05	25	02	10
Governo		01	5				
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Verificando a tabela apresentada observam-se categorias que se enquadram em atitudes diversas que as pessoas apontam como a solução para evitar a extinção de algumas espécies, desde a colaboração, o zelo, até a necessidade de elaborar leis mais rígidas e criar viveiros. No que diz respeito à tipologia moralista foram compreendidas as categorias **zelar**, **conscientização**, **preservar** e **tudo**, simbolizando o quanto essas pessoas interagem com outras formas de vida. **Zelar** foi lembrada por 02 pessoas, sendo 01 (5%) na fazenda

do Chocolate e outra (5%) no Camping das Pedras. Todavia, a categoria **conscientização** foi a mais expressiva na fazenda Pirahy, com 07 menções (35%); na fazenda do Chocolate foram o total de 02 falas (10%) e no Camping das Pedras, foi lembrada por 05 pessoas (25%). **Preservar** também foi comentado por 02 pessoas (10%) na fazenda do Chocolate e por 01 sujeito (5%) no Camping das Pedras e, por último, a categoria **tudo** foi mencionado por 04 pessoas (20%) na fazenda do Chocolate, no sentido de que fariam o possível para proteger as espécies, conforme as falas que seguem:

(02) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – *“faria até o impossível, porque Deus deixou”*.

(03) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2º grau, do lar – *“faria de tudo para não acontecer nada de mal”*.

(08) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 1º grau, do lar – *“conservar, é patrimônio histórico”*.

(09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3º grau, bancário – *“educação ambiental, ensinar o povo a preservar”*.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3º grau, pedagoga, professora – *“preservando a natureza”*.

(15) - Fazenda do Chocolate, 67 anos, 1º grau, do lar – *“eu zelava”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau, esteticista – *“uma campanha de conscientização”*.

(31) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, securitário – *“cuidaria das espécies”*.

Ainda como atitudes, na categoria utilitarista, foi citada a categoria **viveiros** por 01 pessoa na fazenda do Chocolate (5%); 01 sujeito (5%) no Camping das Pedras e por 02 sujeitos (10%) na fazenda Pirahy, são pessoas que acreditam que a única forma de salvar algumas espécies da extinção é deixá-las confinadas e livres da presença humana e a categoria **colaboração** citada por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate; por 03 indivíduos (15%) no Camping das Pedras e, sem sombras de dúvidas, uma das maiores expressões na fazenda Pirahy, com o total de 06 menções (30%), como se nota nas falas a seguir:

- (07) - Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1º grau, do lar – *“colaborar para não perder”*.
- (18) – Fazenda do Chocolate, 48 anos, 2º grau, do lar – *“eu ajudaria construir um lugar, não deixaria ninguém maltratar”*.
- (34) - Camping das Pedras, 44 anos, 2º grau, comerciante – *“colaboraria com o possível”*
- (36) - Camping das Pedras, 40 anos, 3º grau, representante técnico – *“fazia viveiros, criá-los de forma saudável”*.
- (42) - Fazenda Pirahy, 45 anos, 3º grau, engenheiro civil - *“criar parques de reserva, monitorar o público”*.
- (50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – *“nunca pensei nisso, mas ajudaria economicamente alguns projetos ecológicos sérios. Eu tenho preguiça, não ajudaria pessoalmente”*.
- (54) - Fazenda Pirahy, 56 anos, 3º grau, área comercial – *“se eu tivesse dinheiro, faria uma fundação que cuidasse dos animais que estão precisando”*.

Na tipologia negativista foram comentadas as categorias **difícil** enfatizada por 02 pessoas no Camping das Pedras (10%) e, **não sabe**, foi lembrada por 03 pessoas (15%) tanto na fazenda do Chocolate quanto na fazenda Pirahy e por 02 sujeitos no Camping das Pedras, conforme exemplificações abaixo:

- (21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1º grau, aposentada – *“é muito difícil, há políticas é muito difícil”*.
- (35) - Camping das Pedras, 48 anos, 3º grau, chefe de cozinha – *“não sei”*.
- (38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2º grau completo, gerente de vendas – *“a situação é difícil, dar orientações, criar um ambiente para proteger”*.
- (41) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3º grau, administração hospitalar – *“ah! não sei o que seria o melhor”*.

Há pessoas que acreditam que somente com uma formação acadêmica mais específica se evitará a extinção das espécies. Assim, na tipologia ecológico-científica, a categoria **biologia** foi citada por uma pessoa na fazenda do Chocolate (5%), como se segue:

- (04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3º grau, aposentado – *“se fosse mais nova faria Biologia para trabalhar nisso”*.

No entanto, para outras pessoas somente **leis** mais rígidas é que poderá resolver a gravidade do problema. Foram 04 menções (20%) na fazenda do Chocolate; 05 citações no Camping das Pedras e somente 02 (10%) na fazenda Pirahy. A categoria **governo** também foi lembrada por uma pessoa na Fazenda do Chocolate (5%), de acordo com as falas abaixo:

- (01)- Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2º grau, do lar – *“lei proibindo com mais rigor”*.
- (12) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, primário incompleto, do lar – *“eu mandava prender todo mundo, as pessoas pegam para judiar”*.
- (16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – *“em primeiro lugar o governo precisa dar mais atenção a essa parte”*.
- (23) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, professora – *“uma lei severa, só obedece quando meche no bolso”*.
- (60) - Fazenda Pirahy, 25 anos, 3º grau, professora - *“maior conscientização das pessoas através da conscientização ambiental, decisões políticas mais energéticas”*.

Em seguida, com a preocupação em verificar a opinião das pessoas quanto à importância de todas as espécies vivas, avaliando assim a valoração biofílica, foi levantada a seguinte questão: “Você é da opinião que qualquer espécie deva continuar viva? Por quê?”. Apenas 02 pessoas, 01 na fazenda Pirahy e outra na fazenda do Chocolate disseram que **não**. A pessoa da fazenda Pirahy ressalva a categoria não no sentido de que devemos deliberadamente provocar a extinção de algumas espécies. Na concepção desta pessoa há um ciclo natural, e assim, algumas espécies podem deixar de existir por pressão da própria natureza. Já, a pessoa da fazenda Chocolate, afirmou que algumas espécies realmente não devem existir devido aos malefícios que provocam, como, por exemplo, algumas plantas e animais. Estas e as outras respostas foram categorizadas de acordo com a Tabela 37.

Tabela 37 - “Valor atribuído às espécies vivas” (n=20)

Tipologia biofílica	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		sujeitos	%	sujeitos	%	sujeitos	%
Estética	Beleza	01	5	01	5	-	-
Simbólica	Deus	01	5	02	10	02	10
	Vida	10	50	06	30	05	25
Humanista	Natureza	03	15	02	10	01	5
Ecológico-científico	Equilíbrio ecológico	02	10	07	35	11	55
	Preservar	02	10	-	-	-	-
	Controle	-	-	02	10	-	-
Negativista	Não	01	5	-	-	01	5
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Como a pergunta realizada nos remete à valoração biofílica entre as pessoas e as formas de vida, foram utilizadas as tipologias formuladas por Kellert & Wilson (1993), mais precisamente as tipologias estéticas, simbólicas, humanista, ecológico-científico e negativista. **Beleza** foi a categoria compreendida na tipologia estética, citada por 01 pessoa (5%) tanto na fazenda do Chocolate, quanto no Camping das Pedras, conforme falas que se seguem:

(01)- Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2º grau, do lar – “*com certeza, é bonito conhecer os animais*”.

(22) - Camping das Pedras, 21 anos, 2º grau, vendedora – “*com certeza por que faz parte do mundo, beleza do Brasil*”.

Fica claro nas falas acima, que as pessoas que mencionaram a categoria **beleza** prenderam-se essencialmente à estética e não no valor intrínseco a toda forma de vida.

Na tipologia simbólica foram mencionadas duas categorias: **Deus** lembrado por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate e por 02 sujeitos (10%) tanto no Camping das Pedras, como na fazenda Pirahy; e a categoria **vida**, certamente a mais expressiva na fazenda do Chocolate, com a menção de 10 pessoas, 50% do total das respostas, também foi a ressalva

de 06 indivíduos (30%) no Camping das Pedras e de 05 sujeitos (25%) na fazenda Pirahy. Algumas falas com relação a estas duas categorias estão dispostas abaixo:

(05) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, primário, aposentado – *“sim, se tem vida. Vida é a melhor coisa do mundo”*.

(06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira – *“sim, por que é tudo de Deus”*.

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2º grau incompleto, marceneiro – *“sim, por que se veio aqui tem que ficar”*.

(21) - Camping das Pedras, 76 anos, 1º grau completo, aposentado – *“sim, é necessário, é feito por Deus, tem sentido e utilidade”*.

(34) - Camping das Pedras, 44 anos, 2º grau, comerciante – *“sim, por que eu também devo continuar vivo”*.

(51) - Fazenda Pirahy, 27 anos, 2º grau, empresário - *“sim, para que meus netos conheçam”*.

Na tipologia humanista, compreende-se a categoria **natureza**, lembrada por 03 pessoas (15%) na fazenda do Chocolate, por 02 sujeitos (10%) no Camping das Pedras e, por apenas 01 pessoa (5%), na fazenda Pirahy, como se observa nos exemplos abaixo:

(04) - Fazenda do Chocolate, 75 anos, 3º grau, aposentada – *“sim, por que a natureza é a melhor coisa do mundo”*.

(31) - Camping das Pedras, 39 anos, 3º grau, securitário – *“sim, por que é natureza deve ser preservada”*.

(54) - Fazenda Pirahy, 56 anos, 3º grau, área comercial – *“eu sou, faz parte da natureza, eles não tem maldade, não alterem, a gente é que altera”*.

Três categorias foram citadas enquadrando-se na tipologia ecológico-científico, que, de acordo com Kellert & Wilson (1993), possui como função primordial a busca do conhecimento e da compreensão sistemática da natureza, sendo as seguintes: **equilíbrio ecológico**, citada por 02 pessoas (10%) na fazenda do Chocolate, por 07 sujeitos (30%) no Camping das Pedras, e por 11 pessoas (55%) na fazenda Pirahy, com certeza, a categoria mais significativa nestas duas últimas propriedades; a categoria **preservar**, mencionada por 02 sujeitos (10%) na fazenda do Chocolate e, por último, a categoria **controle**, lembrada por 02 pessoas (10%) no Camping das Pedras. Algumas menções são apresentadas a seguir:

(09) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 3^o grau, bancário – “*sim, devemos preservar o que é nosso*”.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3^o grau, professora – “*sim, devido o equilíbrio ecológico, tudo tem uma causa, uma função*”.

(23) - Camping das Pedras, 39 anos, 3^o grau, professora – “*desde que tenha um controle*”.

(26) - Camping das Pedras, 47 anos, 2^o grau, serralheiro industrial – “*é complicado, se causa males para o ser humano. Mas a principio sim*”.

(39) - Camping das Pedras, 29 anos, 3^o grau, monitora – “*sim, por que todos são importantes para o ambiente, senão há desequilíbrio*”.

(46) - Fazenda Pirahy, 46 anos, 3^o grau, empresário rural – “*sim, claro, porque é a biodiversidade, cada espécie tem o seu papel*”.

(49) - Fazenda Pirahy, 62 anos, 3^o grau, funcionário público - “*sim, a não ser que seja ruim*”.

Como foi citado anteriormente, 02 pessoas afirmaram que **não**; 01 sujeito (5%) na fazenda do Chocolate, e outro (5%) na fazenda Pirahy. Abaixo estão as suas assertivas:

(07) - Fazenda do Chocolate, 69 anos, 1^o grau, do lar – “*não, porque tem espécies que podem continuar, outras não, por exemplo, algumas plantas e algumas pessoas*”.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – “*não, o ser humano não deve deliberadamente extinguir, mas há o ciclo natural, como os dinossauros, se extinguiram por conta do ciclo natural*”.

Como Wilson (2002) ressalta que as implicações da biofilia para a medicina preventiva são muito claras e que muitas enfermidades podem ser amenizadas ou mesmo evitadas a partir de uma ligação maior com a natureza, formulou-se a última questão com esta preocupação, ou seja, verificar a percepção das pessoas quanto ao vínculo saúde e mundo natural. Desta forma perguntou-se: “Você nota alguma ligação entre o campo e a saúde? Qual?”.

Com exceção de apenas 01 pessoa que não soube explicar, todas as outras afirmaram que sim, sendo a ligação explicada por vários motivos, desde o ar mais puro, até o contato com a natureza em si. As respostas foram categorizadas e estão apresentadas na tabela 38.

Tabela 38- “Vínculos entre o campo e a saúde”(n=20)

Vínculo com o mundo natural	Categorias	Propriedades					
		Fazenda do Chocolate		Camping das Pedras		Fazenda Pirahy	
		Sujeitos	%	Sujeitos	%	sujeitos	%
Humanista	Natureza	03	15	02	10	-	-
	Ar	06	30	07	35	06	30
Utilitarista	Saúde	09	45	07	35	06	30
	Terapia	01	5	-	-	04	20
Moralista	Tudo	-	-	04	20	04	20
Negativista	Não sabe	01	5	-	-	-	-
Total		20	100	20	100	20	100

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Observando as respostas nota-se claramente que as pessoas não tem dúvidas com relação à ligação existente entre a vida no campo, teoricamente mais tranqüila e saudável que a vida urbana, com a saúde, já que, o ar, segundo elas, é puro, sem poluentes, a comida mais saudável, o tempo, obedece outro ritmo. Porém, algumas pessoas destacaram que, mesmo com uma melhor qualidade de vida no campo, não são capazes de deixar as cidades que moram, seus ritmos e até mesmo, seu barulho. Assim, sempre que podem vêm até o campo, se sentem restabelecidas e prontas para a vida cotidiana nas cidades. Tal postura é facilmente percebida nas respostas de cada categoria.

No que diz respeito aos componentes naturais foram identificadas nas respostas duas categorias relacionadas à tipologia humanista: **natureza**, lembrada por 03 pessoas (15%) na fazenda do Chocolate e por 02 sujeitos (10%) no Camping das Pedras e a categoria **ar**, muito significativa nas três propriedades, comentada por 06 pessoas (30%) tanto na fazenda do Chocolate, quanto na fazenda Pirahy e por 07 indivíduos (35%) no Camping das Pedras, conforme exemplificações abaixo:

(01) - Fazenda do Chocolate, 61 anos, 2º grau, aposentada – *“com certeza, a saúde precisa da natureza, a pessoa sente muito a selva de pedras que é a cidade”*.

(06) - Fazenda do Chocolate, 54 anos, primário completo, remalhadeira – *“sim, devido ao ar, cheiro de eucalipto”*.

(36) - Camping das Pedras, 40 anos, 3^o grau, representante técnico – *“muito, ar puro, a vida em geral aqui, anda duas horas e não sente e em São Paulo, a gente anda quinze minutos e sente falta de ar”*.

(38) - Camping das Pedras, 36 anos, 2^o grau, gerente de vendas – *“sim, pela natureza, a pessoa do campo é mais saudável”*.

(43) - Fazenda Pirahy, 41 anos, 2^o grau, analista de qualidade – *“completamente, o próprio ar no campo, muito saudável”*.

(60) - Fazenda Pirahy, 25 anos, 3^o grau, professora - *“sim, as pessoas que moram no campo elas tem acesso ao ar puro, estão mais distantes das agitações da cidade”*.

Tal como a categoria **ar**, a categoria **saúde**, pertencente a tipologia utilitarista, também foi expressiva nas três propriedades, sendo, na verdade, a mais citada na fazenda do Chocolate, com o total de 09 menções, 45% do total de respostas, no Camping das Pedras, foram 07 citações (35%) e na fazenda Pirahy, 06 pessoas (30%) reportaram-se a ela. A seguir, alguns exemplos:

(02) - Fazenda do Chocolate, 65 anos, 2^o grau, do lar – *“melhor para a saúde, só que o campo envelhece, a cidade é mais conforto”*.

(10) - Fazenda do Chocolate, 60 anos, 3^o grau, professora – *“é mais saudável com certeza, mas sou mais apaixonada pelo barulho da cidade”*.

(18) – Fazenda do Chocolate, 48 anos, 3^o grau, do lar – *“eu acho que quem mora no campo tem mais saúde, vive mais tempo”*.

(25) - Camping das Pedras, 21 anos, 2^o grau, técnico em Turismo, esteticista – *“com certeza, se morar só na cidade, a pessoa fica debilitada”*.

(58) - Fazenda Pirahy, 58 anos, 3^o grau, autônomo – *“100%, é uma conexão direta, o campo devolve a energia e saúde”*.

Ainda na tipologia utilitarista, **terapia** também foi lembrada no sentido de que o campo oferece momentos de descanso e relaxamento, conduzindo as pessoas a um distanciamento da vida, às vezes, sem sentido, que levam nas cidades. Esta categoria foi mencionada por 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate e por 04 sujeitos na fazenda Pirahy (20%), como se notam nos dizeres abaixo:

(16) - Fazenda do Chocolate, 19 anos, 2^o grau incompleto, marceneiro – *“eu vejo, é uma terapia”*.

(50) - Fazenda Pirahy, 43 anos, pós-graduação, advogada – *“vejo total, no sentido que é importante preservar para a saúde, do ponto de vista psicológico”*.

(52) - Fazenda Pirahy, 28 anos, 3º grau, vendedora - *“sim, quantas pessoas vão para o campo para se tratar, não só doenças físicas, depressão, por exemplo”*.

(56) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, aeroviária – *“muita ligação, a tranqüilidade da mente que traz a cura para nossa saúde”*.

Algumas pessoas reportaram-se a categoria **tudo**, entendida no presente trabalho como pertencente a tipologia moralista, uma vez que não conseguiram distinguir apenas uma única ligação entre campo e saúde. Em outras palavras, para estas pessoas, o campo melhora a qualidade de vida em todos os aspectos, uma vez que se respira melhor, caminha-se tranqüilamente, a comida é mais saudável, o silêncio leva ao repouso da mente. Desta forma, 04 pessoas (20%) tanto no Camping das Pedras, como na fazenda Pirahy, referiram-se à categoria **tudo**:

(31) - Camping das Pedras, 39 anos, 3⁰ grau, securitário – *“muito, todas, sem poluição, disposição para andar”*.

(40) - Camping das Pedras, 30 anos, 2º grau, vendedora – *“todas por que é muito mais vida, respirar, tudo”*.

(44) - Fazenda Pirahy, 47 anos, 3º grau, comerciante - *“toda é qualidade de vida”*.

(47) - Fazenda Pirahy, 43 anos, 2º grau completo, cultivadora de cogumelos – *“todas as ligações”*.

(54) - Fazenda Pirahy, 56 anos, 3⁰ grau, área comercial – *eu vejo, eu sou muito naturalista, o alimento, a tranqüilidade, o silêncio, o ar puro”*.

Finalizando, apenas 01 pessoa (5%) na fazenda do Chocolate, afirmou **não saber** identificar uma ligação entre o campo e a saúde, como se segue:

(20) - Fazenda do Chocolate, 70 anos, analfabeta, do lar – *“não sei explicar”*.

Manifestações biofílicas/biofóbicas

Para se entender os resultados obtidos nesta segunda parte do instrumento de medida, torna-se importante focar que Wilson (2002), ao escrever sobre a biofilia destaca num primeiro momento, que não é difícil amar as outras espécies de vida quando as conhecemos de perto. Nesse âmbito podemos afirmar que as atividades relacionadas ao lazer em áreas conservadas/preservadas ambientalmente são extremamente importantes, pois podem ser um estímulo para um contato mais íntimo com outras formas de vida e, assim, proporcionar uma ligação emocional a elas.

Com base nesse pressuposto a segunda parte do questionário preocupou-se com as manifestações biofílicas/biofóbicas, iniciando com a questão sobre o amanhecer e o pôr-do-sol. Obviamente esta pergunta identifica o valor afetivo que as pessoas atribuem a esses dois momentos da natureza, conseguindo-se um resultado altamente expressivo: 95% das respostas afirmaram **gostar** ou **adorar** o amanhecer e o pôr-do-sol, embora, algumas fizessem questão de destacar mais um ou outro momento.

Em seguida, indagou-se a respeito do que as pessoas sentem **ao ver e tocar animais**, tendo como objetivo central identificar o elo biofílico/biofóbico existente entre os sujeitos e as outras manifestações da vida. A categorização das respostas utilizou a tipologia biofílica proposta por Kellert & Wilson (1993) quando diferenciam os valores: utilitarista, moralista, negativista, simbólico, estética, dominionística, naturalista, humanista e ecológico-científico como válidos para o entendimento e compreensão da relação biofílica entre as pessoas e todas as formas da vida.

Entre as várias categorias destacadas na **tipologia humanista**, nas três propriedades, visivelmente a categoria **carinho**, se sobressai em relação às demais, simbolizando o afeto que a maioria das pessoas possui em relação a eles. Não há dúvidas que essa empatia é um grande indicador da ligação biofílica, como afirma Wilson (2002) quando destacou os três graus de altruísmo evidentes nos sentimentos biofílicos: antropocentrismo, preocupado apenas com o bem-estar do homem; empatocentrismo, os direitos intrínsecos a nossa vida devem ser estendidos a cavalos, cães, chimpanzés e outros animais inteligentes pelo quais sentimos certo grau de empatia; por último, o biocentrismo, sentimento que reconhece o direito à vida de todos os organismos.

Aqui vale destacar, ainda, as categorias **não gosta, depende, não sabe, medo e nada**, entendidas na **tipologia negativista**, que segundo Kellert & Wilson (1993) expressam o medo, a aversão, ou alienação em relação a qualquer elemento da natureza recebendo maior destaque no Camping das Pedras, com o total de 40% das respostas, ou seja, 08 pessoas reportaram-se a elas. A menor porcentagem referente a estas categorias ocorreu na Fazenda Pirahy, com a indicação de apenas 01 pessoa dizendo não gostar de animais. Tal resultado vem ao encontro, mais uma vez, das similaridades da propriedade e dos serviços oferecidos, ou melhor, a maioria das pessoas que se dirigem a Pirahy tem interesse na prática da cavalgada, seu principal atrativo, sendo, portanto, pessoas que já possuem grande afeição pelos animais.

Porém, ao lado da biofilia têm-se a biofobia, ou seja, situações ambientais que incitam o medo e a insegurança, sentimentos ligados a alguns animais ou situações que, no passado, representavam perigo à nossa sobrevivência. Assim, a fim de medir a interação biofilia/biofobia e dando prosseguimento à questão anterior foi questionado sobre os insetos, aranha e escorpião. Analisando as respostas é evidente que a **tipologia negativista** teve expressiva citação através das várias categorias arroladas pelos sujeitos: **arrepio, cautela, incômodo, mata, medo, nada, não gosta, pavor e repulsa**, em outras palavras, são todas categorias que expressam o quanto esses animais são indesejáveis. No entanto, entre essas categorias arroladas as categorias **medo e nada** chamam a atenção, principalmente quanto comparadas à pergunta anterior. A categoria **medo** foi a mais citada na Fazenda do Chocolate e no Camping das Pedras, ao passo que a categoria **nada** foi a mais expressiva na Fazenda Pirahy, com pessoas referindo-se a ela no sentido de que respeitando o ambiente desses animais, certamente, eles não atacam.

Ampliando esta questão foi indagado quanto às flores, que, sem dúvida, trazem à tona sentimentos humanistas facilmente percebidos pela expressividade das categorias nas falas das pessoas. Vale sublinhar que, de acordo com Kellert & Wilson (1993) esses sentimentos são importantes no estímulo à cooperação e a solidariedade, fundamentais no fortalecimento da interação entre pessoas, animais e a própria natureza. Entre as categorias ficou evidente o destaque para **gosta e adoro**. No caso da categoria **adoro** foi a mais citada na Fazenda do Chocolate, com a menção de 30%, ou seja, 06 pessoas. No Camping das Pedras a categoria **gosta** foi expressivamente mais citada, com a referência de 12 pessoas

(60%) e, na Fazenda Pirahy, por sua vez, equiparou-se às categorias **gosta e adoro**, com 35% das citações cada, correspondendo a 07 sujeitos.

E quanto aos pássaros? Mais uma vez, as categorias compreendida na tipologia humanista **adora e gosta**, foram, certamente, as mais expressivas nas três propriedades. As pessoas foram incisivas nas suas respostas, não deixando dúvidas que os pássaros representam sentimentos simbólicos (paz, liberdade, harmonia); nos remetem à beleza e ao encanto da natureza; ou nos trazem alegria e afeição profundas.

Com relação às árvores, algumas menções referiam-se à categoria que possibilitaram a compreensão da **tipologia utilitarista** que, segundo Kellert & Wilson (1993) auferem uma explicação prática e material da natureza. Neste âmbito as categorias **sombra, interessante, ar, utilidade e segurança** foram mencionadas por algumas pessoas que vêem uma utilidade prática das árvores, visando, sem dúvidas, o bem-estar humano. Porém, a maioria foi absolutamente clara ao expressar seus sentimentos com as categorias **gosta e adora**, sendo as mais expressivas nas três propriedades, principalmente no Camping das Pedras, com a menção de 60% das respostas, ou melhor, 12 pessoas, demonstrando que as árvores representam um **meme** extremamente forte ao longo da evolução cultural e biológica do homem.

Quando questionados sobre a afeição pelos rios, a maioria das categorias foram analisadas como pertencentes à **tipologia simbólica** que expressam, acima de tudo, a variedade de sentimentos que os rios ensinam nas pessoas, como: **alegria, paz, agitação, realização, liberdade, tranqüilidade, pureza, lembrança, angústia, renovação, enigma e vida**. Por outro lado, tal como nas perguntas anteriores, a categoria **adora e gosta** receberam grande destaque principalmente no Camping das Pedras e na Fazenda Pirahy. Na Fazenda do Chocolate, embora a categoria **gosta** tenha sido a mais citada, outras duas categorias ficaram próximas a ela, sendo as categorias **paz e não gosta**. Esta última categoria recebeu maior indicação na Fazenda do Chocolate, de pessoas que afirmaram ter passado por experiências ruins com rios e, por este motivo, não os apreciam.

E a reação com sapos, cobras, insetos? Estes animais incitam a maioria das pessoas a desenvolver sentimentos relacionados à **tipologia negativista**, sobressaindo entre várias categorias, a categoria **medo**, principalmente na Fazenda do Chocolate. No entanto, diante das arguições duas categorias (**normal e pegar**) foram compreendidas na **tipologia**

dominionística, classificada por Kellert & Wilson (1993) como expressão de domínio da natureza, conquista ou mesmo controle físico, no sentido de subjugar o ambiente. Vale dizer que a categoria **normal** foi tão expressiva quanto a categoria **medo** na Fazenda Pirahy e, na Fazenda do Chocolate à menção a categoria **normal** foi um pouco inferior do que a recebida pela categoria **medo**. O que fica nítido na análise das respostas é que há dois extremos: de um lado, pessoas que reagem de maneira tranqüila diante desses animais, reconhecendo, inclusive, que estes animais são importantes para o equilíbrio ambiental; de outro, pessoas que admitem sentir muito medo e desejar se afastar deles rapidamente; em outras palavras, uma clara biofobia.

Sugestionados a falar sobre o que sentem ao **entrar na mata**, ao fazer a trilha, os resultados confirmam o **meme** forte que representam as árvores, uma vez que a maioria dos sujeitos, tanto no Camping das Pedras, como na Fazenda Pirahy destacou a categoria **paz** que é, sem dúvida, um sentimento que expressa uma relação íntima com a mata. Na Fazenda do Chocolate, as categorias **gosta e não sabe** receberam as mesmas menções (20% cada), totalizando 40% das repostas, ou seja, 08 pessoas reportaram-se a elas.

Estas respostas justificam a posição dos sujeitos nas questões seguintes, quando se questionou se sentem necessidade do **contato com as matas** e qual o motivo que os leva a ter essa necessidade. As mesmas pessoas que afirmaram **não saber** na questão anterior, já que nunca participaram de atividades em trilhas, responderam que não sentem necessidade desse contato, sobressaindo esta resposta na Fazenda do Chocolate. As que afirmaram sentir necessidade apontaram a categoria **alívio** como o verdadeiro motivo que as levam a ansiar por este momento. Assim, esta categoria foi a mais citada tanto no Camping das Pedras, como na Fazenda Pirahy, ao passo que na Fazenda do Chocolate, o grande motivo apontado pelas pessoas é a busca pela **distração**, pelo momento de lazer. Neste sentido vale reafirmar que tal postura talvez seja explicada pelo fato que grande parte dos sujeitos são idosos e, quando estão passeando, buscam a distração em lugares diferentes daqueles aos quais estão habitados.

As três últimas questões foram elaboradas para verificar a responsabilidade das pessoas diante da conservação e da preservação das espécies em extinção, bem como a percepção dos sujeitos em relação à qualidade de vida no campo, referindo-se basicamente à saúde. A primeira questão levantada foi sobre o que os sujeitos fariam para preservar

espécies em extinção, obtendo respostas que apontam extremos: de um lado, pessoas que dizem fazer tudo, de outro, pessoas que acreditam que o governo, através de leis mais rígidas, deva assumir a responsabilidade pela preservação das espécies.

Assim, a categoria **lei** teve expressivo destaque na Fazenda do Chocolate e no Camping das Pedras, sendo que, além desta categoria, nesta última propriedade, as pessoas também falaram da **conscientização** como sendo a única solução. Ainda na Fazenda do Chocolate, as pessoas também apontaram a categoria **tudo** no sentido de acreditarem que é necessário mobilizar todas as ações para que a natureza não sofra, mais ainda, com a extinção das espécies. Na Fazenda Pirahy a categoria **conscientização** foi o maior destaque. Vale correlacionar este resultado com o grau de escolaridade dos sujeitos que, certamente, influencia na cognição das pessoas, como filtro cultural. Nesta propriedade há o maior índice de pessoas com o curso superior completo e alguns com pós-graduação e todos apontaram a conscientização como o único meio de frear a destruição de outras formas de vida. **Colaboração** também foi outra categoria expressiva na Fazenda Pirahy, referindo-se àquelas pessoas que acreditam que, com ajuda financeira e com a construção de lugares apropriados, as espécies em extinção seriam salvas.

Em seguida para avaliar o biocentrismo das pessoas foi indagado sobre se qualquer espécie deva continuar viva e porquê. Apenas 02 pessoas afirmaram que **não**, sendo que uma delas referiu-se ao equilíbrio ecológico afirmando que há um ciclo natural e, assim, algumas espécies podem deixar de existir por pressão da própria natureza. A outra pessoa já opinou que algumas espécies realmente não devam existir, como por exemplo, alguns animais e plantas que causam malefícios à vida humana.

Quanto aos motivos apontados a categoria **vida** sobressaiu-se em relação às demais na Fazenda do Chocolate, com a afirmação das pessoas de que tudo que possui vida, logicamente, precisa viver e cumprir seu papel. No Camping das Pedras e na Fazenda Pirahy o destaque foi para a categoria equilíbrio ecológico, ou melhor, todas as formas de vida são necessárias ao ambiente a fim de que não haja desequilíbrios.

Por último, para verificar a percepção dos visitantes em relação ao vínculo saúde e campo foi perguntado a eles se observavam esta ligação ao visitar o campo e apenas 01 pessoa afirmou não saber explicar. Todas as outras sublinharam que **sim**, destacando-se visivelmente nas falas as categorias **ar** e **saúde**. Na Fazenda do Chocolate, a maioria dos

sujeitos afirmou que a saúde é, com certeza, privilegiada com a vida no campo, inclusive, favorecendo uma vida longa. No Camping das Pedras e na Fazenda Pirahy as respostas equipararam-se nestas duas categorias, ou seja, para algumas pessoas o ar puro é o que favorece melhor qualidade de vida no campo, para outras, a saúde é totalmente beneficiada, seja pelo ar, pela tranquilidade, pelos alimentos saudáveis. Assim, 95% dos sujeitos, ou melhor, 55 pessoas, não têm dúvidas que o campo proporciona melhores condições de vida que as cidades, porém, alguns afirmaram não ser capazes de deixar os lugares que moram, já que a vida no campo lhes parece monótona.

Dado a importância, vale a pena destacar os **memes** também nesta segunda parte do questionário, pois foram evidentes em vários momentos. Tal como na primeira parte desta pesquisa em que o meme fortíssimo é com relação à natureza quando se indaga a respeito da identidade da paisagem rural, nesta segunda parte todas as questões referentes aos elementos paisagísticos apresentam forte meme. As respostas altamente positivas a respeito das flores, dos pássaros, das árvores, dos rios, da sensação ao entrar na mata, ao fazer a trilha são indicativos que mesmo diante de todos os avanços tecnológicos que a sociedade moderna possui, o vínculo com esses elementos naturais persistem e replicam com sucesso em nossos valores culturais. Afirmando tal concepção quando se questiona sobre o que mais chama a atenção na paisagem, inegavelmente a categoria árvores foi expressiva nas três propriedades, mesmo cada uma apresentando elementos paisagísticos diferenciados, e quanto ao fazer a trilha, destaca-se a categoria paz, que, claramente, é um sentimento que confirma uma relação íntima com a mata. Desta forma, reconhecidamente, os elementos naturais representam meme que sobrevivem com sucesso, sendo um indicativo poderoso de que a conservação e a preservação ambiental podem não ser algo distante de nossos valores culturais. Tudo indica que a biofilia e a topofilia podem ser consideradas como o caminho mais curto para o alcance da conservação ambiental e da presença das espécies, isto é, a biodiversidade.

Finalizando esta etapa da pesquisa também se elaborou uma tabela visando a apresentar a frequência das tipologias biofílicas, a fim de aprofundar a análise dos dados obtidos.

Tabela 39- Frequência das tipologias biofílicas (tabelas 26-38)

Tipologia biofílica/categorias	Tabelas/frequência														total	%
	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38			
utilitarista			8			12	3				14		27	64	8,35	
naturalista									8					8	1,04	
Ecológico- científica											1	24		25	3,26	
estética		1		4	5	5	2					2		19	2,48	
simbólica		8		11	16	10	18		20	48		26		157	20,49	
humanista	59	37		44	38	32	32		17	3		6	24	286	37,33	
moralista											23		8	31	4,04	
dominionística								20						20	2,61	
negativista		14	52	1	1	1	5	40	15	2	3		32	144	18,79	
lei											11			11	1,43	
governo											1			1	0,13	

Fonte: Trabalho de Campo realizado no período de 27/02/05 a 03/04/05

Org: Vera Lúcia dos Santos

Analisando a tabela é evidente o destaque para três tipologias. A **humanista** está ligada a vínculos emocionais profundos em relação a elementos individuais do ambiente natural, tais como, rios, árvores, pássaros, flores, determinados animais, incitando o desenvolvimento de laços de cooperação e companheirismo em relação a esses elementos. Esta tendência biofílica está intimamente relacionada com a segunda tipologia de maior destaque na tabela, ou seja, a **simbólica**, que representa o uso da natureza como símbolo para expressar nossos sentimentos e sensações, facilitando a comunicação e o desenvolvimento mental na nossa espécie ao longo da evolução biológica e cultural. Porém, ao lado desses sentimentos positivos e simbólicos, por uma questão de sobrevivência e de defesa, a tendência **negativista**, terceira tipologia de maior expressão na tabela, é extremamente importante quando relacionada à evolução da nossa espécie no mundo natural, já que nos concede uma vantagem biológica diante de aspectos ameaçadores da

natureza. Assim, a tendência negativista simboliza a biofobia que, como nos diz Wilson (2002) é a companheira da biofilia.

Estas três tendências, por sua vez, não devem ser compreendidas apenas nas suas funções e significados. Na verdade, simbolizam **memes** fortíssimos que ao longo da nossa evolução biológica e cultural, têm sobrevivido às gerações e se replicado com sucesso. Independente da cultura, todos valorizam os elementos naturais e reconhecem a sua importância não apenas para a harmonia do ambiente, mas para nossa própria sobrevivência e qualidade de vida. Esse é o motivo que, muito provavelmente, mobiliza milhões de pessoas no mundo a procurar por áreas naturais a fim de adquirir o bem-estar físico. A medida que a sociedade avança em seus aparatos científicos e tecnológicos, alcançando certo nível de complexidade, as pessoas começam a sentir falta e apreciar a relativa simplicidade da natureza. Corroborando com esse posicionamento, Tuan (1980) lembra a epopéia de Gilgamesh, escrita na Suméria, nos final do terceiro milênio antes de Cristo. Tudo indica que esta epopéia seja o primeiro escrito a tratar dos valores da cidade e da natureza e nela, Gilgamesh era o senhor de uma rica e poderosa cidade, chamada Uruk. Apesar de possuir muitos bens materiais e desfrutar de amenidades refinadas, não se sentia feliz. Assim, resolveu procurar consolo na amizade de Enkidu, um homem do campo, rústico, praticamente selvagem, que comia capim com as gazelas e convivia com animais perigosos. Na epopéia de Gilgamesh não há, segundo Tuan (op. cit) uma descrição real da paisagem natural, mas é claro que as virtudes da natureza selvagem estavam personificadas em Enkidu.

Deste modo, seja na literatura, nas artes, ou na vida moderna é um meme fortíssimo a aliança entre campo e sentimentos de paz, alívio, tranquilidade, entre outros, que transparecem nitidamente na tipologia simbólica.

É necessário também chamar a atenção para as outras tipologias, pois mesmo com expressões menos frequentes, na pesquisa qualitativa ganha significados e nos incita a refletir sobre alguns pontos. No caso da tipologia **estética**, que de acordo com a hipótese biofílica de Wilson (1993), está entre os seus atrativos mais fortes da espécie humana, é preciso salientar que a proximidade desta tipologia com a simbólica é evidente e o próprio Wilson diz que o valor adaptacional da experiência estética da natureza está associado a sentimentos de paz interior, bem-estar psicológico, tranquilidade, entre outros, ou seja,

nesta pesquisa, esses sentimentos foram considerados apenas simbólicos, quando também pertencem ao estético, já que as tipologias não são rígidas, podendo ocorrer o trânsito de uma para a outra. Porém, afim da tabulação foi necessário considerar a fala dos inquiridos em apenas uma tipologia, mesmo sabendo que, muitas vezes, a interatividade com outra tendência é verdadeira.

A tipologias **naturalista**, **ecológico-científica** e **dominionística** também se aproximam, uma vez que estão relacionadas ao contato direto com a natureza, o conhecimento de seu funcionamento e, como resultado, o desejo de dominar e subjugar o mundo natural. Pode-se afirmar que diante das outras tendências, os **memes** relacionados a essas tendências ainda não são tão evidentes, uma vez que o domínio sobre o meio natural, a manipulação, o conhecimento científico estandardizado data de algumas centenas de anos. Antes que a agricultura e as aldeias fossem inventadas, as pessoas viviam em estreito contato com a natureza. Na verdade eram parte da natureza e os conceitos de mundo natural, áreas virgens ou paisagens naturais não faziam o mínimo sentido. Pode-se afirmar que é a partir do avanço da agricultura que há divisão entre áreas cultivadas, habitadas, transformadas e áreas virgens ou selvagens, ou seja, é algo recente diante da história evolutiva da nossa espécie.

Por último a tipologia **moralista** que se refere aos sentimentos fortes de afinidade, de respeito, de responsabilidade ética e até mesmo reverência para com o mundo natural, muito evidente em várias crenças indígenas, por exemplo, necessita ser estimulada nos dias atuais, para que nossas ações e atitudes diante da problemática ambiental sejam permeadas pela ética. Tudo leva a crer que o **meme** relacionado a esta tipologia que, por sua vez está intimamente ligada a uma visão holística da natureza, perdeu forças diante da abordagem científica reducionista, que nos levou a contemplar a natureza e valorizar seus elementos isoladamente, como se não fizessem parte de um todo altamente conectado. Este é, com certeza, um claro desafio que temos que enfrentar ao longo desse século, verdadeiro resgate a ser elaborado.

Pode-se, então, concluir afirmando que a busca pelo campo não significa simplesmente uma visita ou passeio, considerando os vínculos topo-biofílicos identificados neste capítulo?



Capítulo 4

Biofilia, Topofilia e Paisagem Rural

Biofilia, Topofilia e Paisagem Rural

Desde as luzes das primeiras cidades, a contraposição entre campo e cidade tem sido colocada como algo ligado à própria fisionomia e paisagem desses ambientes; de um lado, o desenvolvimento, o moderno, o ritmo alucinado, o saber; de outro, o sossego, o bucolismo da natureza, a ignorância e o atraso. São simbologias que representam paradoxos próprios da natureza humana e que, ao contrário do que muitos imaginam, não é algo da sociedade pós-moderna. Com o olhar voltado para um passado remoto, Corbin (1989) argumenta que desde o século XIII há queixas contra o ar de Londres, na Inglaterra, e que o tema da patologia urbana precedeu, em muito, ao que se desenvolveu na França, no final do Antigo Regime.

Assim, na chegada do século XVII, a aristocracia inglesa já buscava nos retiros do campo as alegrias compensadoras dos desgostos da cidade; o campo era mais bonito, uma vez que no ambiente urbano já havia a peste, o barulho, o caos e a poluição das fábricas movidas a carvão. Não podemos nos esquecer que, na Europa, as cidades do século XIX eram industriais e tanto as fábricas como os esgotos domésticos ficavam juntos às casas dos operários. Portanto, o aspecto negativo das cidades levava ao apelo do campo, que, na ocasião, apenas a aristocracia e a sua elegância tinham razões positivas para procurar.

A valorização do meio rural ou o fascínio pela sua paisagem surgiu juntamente com o crescimento das cidades e nos sentimentos de quem já estava afastado da sua realidade e dele começava a sentir falta, ou seja, na verdade os espaços geográficos eram bem distintos, considerando genericamente as funções do campo e da cidade. Em termos emocionais e afetivos, porém, esta separação nunca ocorreu de fato; há vínculos que unem esses espaços na busca e motivações das pessoas.

Ainda segundo Corbin (1989), as motivações que elegiam o campo como refúgio eram diversas. Primeiro, a função terapêutica, já que os cidadãos viam o meio rural cada vez mais como lugar de repouso e cura, idéia também estendida até o mar, ocorrendo o que o autor denominou “a invenção da praia”. Do mar esperava-se a cura de todos os males da vida urbana e o restabelecimento da harmonia do corpo e da alma. De modo análogo, os passeios no campo eram fortalecidos e estimulados pelas recomendações médicas que

salientavam o ambiente saudável do meio rural, o ar puro, o clima ameno para vencer o esgotamento físico causado pelo processo avassalador da urbanização.

Nota-se que aqui está um **meme** que vigora até os dias atuais, pois não há dúvida de que o campo é associado às condições ambientais agradáveis. Historicamente tal atitude resultou na construção, principalmente nas cidades serranas, de sanatórios e casas de saúde, deixando bem claro uma visão utilitarista do campo e de suas condições naturais. Além da saúde, buscavam-se também hábitos da moral e dos bons costumes, como reitera Williams (1989), uma terapêutica espiritual, associando a vida rural à religiosidade, chegando-se à concepção radical: “Deus fez o campo, o homem a cidade”.

Mas à medida que as cidades viabilizavam a acumulação primitiva do capital, resultando na Revolução Industrial, e o sistema capitalista passava a caminhar de mãos dadas com a industrialização, o campo deixava de estar protegido dos males urbanos e perdia o seu caráter de inocência. Na Inglaterra, nos finais do século XVIII, como afirma Silva (2000, p. 26)

o campo dos poetas e artistas, desprovido de tensões sociais, foi obrigado então a dar conta da desigualdade entre os assalariados rurais e os donos das mansões senhoriais, e a relação desses com o poder dominante. À cidade, por outro lado, reconhece-se o lugar das conquistas democráticas, do voto, da educação, dos sindicatos e do avanço de outras formas de organização social.

Nesse momento, as cidades passaram a ter uma posição utilitarista maior que o campo e este, por sua vez, a ser encarado no seu aspecto negativista, ou melhor como lugar do abuso, da ignorância, das pessoas acomodadas.

Há aqui um fascínio pela cidade, que, por sua vez, faz com que o campo seja visto com desprezo e preconceito. Até hoje, muitos metropolitanos olham o morador rural pela ótica acumulada de estereótipos, debochando muitas vezes do “caipira”. A respeito desta visão estereotipada, Graziano (2003) escreveu um artigo lamentando o fato de que, ainda hoje, a imagem rural seja relacionada ao atraso e o homem do campo seja ainda visto como o caipira, fato totalmente explícito nas festas juninas, onde as crianças lindas se vestem com roupas remendadas, chapéus de palhas desfiados, maria-chiquinhas nos cabelos, cavanhaques e bigodes postiços, imitando a caricatura do caipira. É claro que a brincadeira faz parte do folclore nacional, mas não dá para negar que, por trás dessa inocente atitude, lamentavelmente, há implícito um terrível preconceito contra o campo. Assim, esse

preconceito, na opinião de Graziano (op. cit, p. A2), “delimita, à priori, uma escala de valores denegridos: fazendeiro ainda é confundido com latifundiário; sitiante, com jecatatu; trabalhador rural com ignorante”.

Mas, como paradoxo é a palavra-chave quando se debruça sobre as paisagens urbana e rural, ao mesmo tempo em que as cidades são vistas com fascínio, começa a crescer o sentimento de solidão em meio à multidão, onde as pessoas vão se tornando “massa”, um sentimento que veio se agravando ao longo do século XX, chegando ao ponto do que Williams (1989) denomina de consciência angustiada. Assim, ao lado da visão utilitarista das cidades, a negativista começa a ganhar forças, exatamente como na aurora do século XIII na Inglaterra.

Nesse ínterim, o campo passa a ser percebido não apenas com a visão utilitarista de outrora, mas acima de tudo no seu aspecto simbólico, estético e humanista. O ar puro, o canto dos pássaros, o contato direto com a terra, os diferentes tons de verde da mata, o barulho da água nas cachoeiras, o contato com o animal numa cavalgada, trazem às pessoas sentimentos de paz, tranqüilidade e alívio. Em outras palavras, há uma clara conexão entre o rural e o urbano quando se consideram seus significados na satisfação dos nossos desejos. Vivemos nesses dois mundos, pois mesmo algumas pessoas declarando que não conseguiriam morar no campo, optam por passear nele ao invés das agitadas praias citadinas. Assim, a fronteira física e geográfica que existia entre esses dois mundos, no início desse século, está se desfazendo nitidamente. Estimulado em grande parte pelo atual processo de globalização, o esfacelamento das fronteiras é algo perceptível do ponto de vista geográfico, revelando novos valores e padrões, novas organizações sociais e formas de trabalho, assim como novas funções do espaço totalmente conectado em redes.

Agora, mais do que nunca, toma fôlego novamente o desejo de retorno ao campo, o qual, infelizmente, é entendido e analisado por muitos como se fosse uma simples demanda voraz por novos ambientes. Ou pior, muitos advogam que esse retorno é fruto de um trabalho planejado de marketing, que promove imagens paradisíacas da paisagem rural, levando uma multidão a buscá-las.

É claro que com os recursos tecnológicos de hoje e com a revolução ocorrida nos transportes e nas comunicações, esse retorno ao campo é viabilizado por profissionais que, muitas vezes, agem visando atender a objetivos imediatos. Assim, nasce o turismo atual

organizado numa tríade que envolve centenas de profissionais, especializados nas mais diversas áreas, tais como: organização de eventos, alimentos e bebidas, hospedagem, agências de viagem, guias turísticos, recreação, cerimonial, entre outros, com discursos prontos para encantar todas as pessoas vindas de diversas localidades e culturas e com anseios diferenciados. Isso não é uma crítica ao profissional de Turismo, muito pelo contrário, mais do que nunca eles são necessários, pois o turismo de hoje, certamente, não é mais aquele dos nossos viajantes da antiguidade, que vagavam por desígnio dos deuses e do destino, como nas epopéias de Gilgamesh e de Ulisses, nem tampouco aquele organizado por Thomas Cook, em 1841, quando convidou alguns colegas para um encontro sobre alcoolismo e acabou alugando um trem, praticando um agenciamento de viagem, sendo, por este ato, considerado o pai do turismo moderno.

Hoje o turismo se caracteriza pela sua agilidade, rapidez, conforto e, acima de tudo, pela capacidade de interagir as pessoas e levá-las a iniciar o passeio antes mesmo do embarque, já que os slogans, os agenciadores de viagem, as simulações dos pacotes turísticos na Internet incitam nas pessoas uma idéia de viagem, real ou imaginária, capaz de surpreender a fantasia humana.

Mas, para nós, nesta pesquisa o que realmente interessa é o que permeia esta realidade do passeio entre urbano e rural, seja ele real ou imaginário, pois como nos diz Guimarães Rosa, ao escrever Grande Sertão Veredas: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Desse modo, o que queremos saber é: quais os vínculos que interligam esses dois espaços, aparentemente dois mundos diferentes?

Ao iniciar esta pesquisa, muitas eram as dúvidas, poucas as certezas. Pode-se dizer que como certeza nós tínhamos em mãos o histórico da área de estudo e a organização das propriedades em uma associação rural a fim de receber visitantes; restava-nos saber: o que ocorre, de fato, com as pessoas que optam pelo passeio rural? Será que estão cansadas de viagens às praias e buscam um turismo alternativo, como alardeiam muitos especialistas no tema? Será que possuem uma real preocupação com as condições ambientais dos ambientes que visitam? Suas condutas frente à questão ambiental podem ser consideradas como positivas? Enfim, muitas eram as questões e, talvez, ao finalizar este estudo, muitas delas ainda permanecerão sendo, quem sabe, a mola propulsora para outras pesquisas.

No entanto, desde o início o presente estudo teve como preocupação primordial compreender o vínculo entre as pessoas e a paisagem rural sob um novo prisma, um novo olhar. Lançou-se na investigação das manifestações topofílicas, biofílicas e biofóbicas a fim de analisar e refletir a respeito dos reais motivos que, contemporaneamente, mobilizam milhões de pessoas em todo o mundo na busca por paisagens rurais e, tudo indica, essa busca deve se acentuar ao longo dos próximos anos.

Ao cabo dela, não há dúvida, entendemos que não caminhamos como máquinas robotizadas em direção às áreas naturais, programados pelos slogans e desejos dos empreendedores turísticos. Há no âmago da natureza humana uma profunda necessidade de ter contato com estas áreas, como a própria evolução histórica nos mostra; o homem, mesmo urbano, nunca deixou de admirar e buscar os espaços naturais, ora buscando a utilidade desses lugares, ora a paz espiritual. Tudo indica que está em nossa natureza biológica e cultural esta necessidade, que vai muito além do modelo econômico, do avanço científico e da tecnologia. Muda-se o olhar sobre estes ambientes, até mesmo suas funções, mas a necessidade é a mesma ao longo de milhões de anos, ou seja, como ressalta Wilson (2002, p. 166), “em alguma ocasião de nossas vidas – todo dia, para os naturalistas – ansiamos por um passaporte para um mundo paradisíaco. É uma imagem instintiva que nos vem à mente quando divagamos e também uma fonte de esperança”. O autor ainda completa que precisamos da natureza e, particularmente, de suas áreas naturais, pois são nelas que encontramos inspiração para um maior controle sobre nossa existência, caso contrário, sentiremos um grande vazio emocional.

Não dá para negar que muitas foram as transformações culturais ao longo de todos esses anos, mas os memes ligados à satisfação do contato com a natureza replicaram-se com sucesso. Ninguém é capaz de negar o prazer em ver uma árvore, um pássaro cantando, um rio seguindo seu percurso. Ao escolher visitar o campo, é evidente o laço biofílico com a natureza, tanto é que, mesmo aqueles que declararam vir simplesmente pelo passeio, não vacilaram em dizer que é a natureza o que mais lhes agrada, e mesmo aqueles que dizem não apreciar o cheiro dos animais, em seguida afirmam desejar retornar ao lugar. Essa relação se comprova quando questionados a respeito da interação campo e saúde e a grande maioria reconhece que as condições naturais encontradas no campo propiciam melhores condições de saúde e até mesmo vida mais longa.

Quanto à biofobia, tal como advogada por Wilson (1984, 1993, 2002), caminha ao lado da biofilia e, mesmo hoje, com todo o avanço científico e tecnológico, temos mais medo e até pavor de uma aranha, de uma cobra, de um escorpião, do que de um fio elétrico desencapado ou uma faca. Tal assertiva é extremamente verdadeira e chega a mobilizar pesquisadores da USP, do Centro de Neurociência Computacional, a pesquisarem, por meio de reproduções do cérebro no computador, a reação de pessoas que possuem fobias a determinados animais, em especial às aranhas. O Dr. Roper, coordenador da pesquisa, desenvolveu uma metodologia que consiste em fazer com que as pessoas observem duas vezes ao dia, por seis semanas, uma série de figuras que sutilmente lembram aranhas, tais como a catedral de Brasília, um cabelo rastafári, um guarda-chuva aberto, a sombra de um coqueiro, entre outros. De acordo com os resultados da pesquisa descrita por Westin (2005), o tratamento enfraquece as sinapses (conexões) entre os neurônios que ligam áreas no cérebro responsáveis pelas fobias (do tálamo à amígdala), no caso da aracnofobia, fazendo com que as pessoas aos poucos consigam se aproximar do animal. Curioso é observar o que Wilson expõe: certamente, as pessoas têm maior medo desses animais do que de materiais que podem colocar a nossa vida em risco, porque, na verdade, está registrado em nossa natureza biológica o risco que eles representavam aos nossos ancestrais. Aqui vale dizer, são memes fortíssimos que também se reproduziram com sucesso ao longo da nossa evolução. Ao incitar as pessoas a falarem sobre esses animais, o que lhes vem à mente é rápido e automático: medo, pavor, repulsa, nojo, arrepio; poucas são as pessoas que afirmam nada sentir e essas, no caso desta pesquisa, tiveram suas infâncias no meio rural, ou seja, nestas áreas o contato com esses animais é mais constante e até mesmo rotineiro.

Porém, é preciso salientar que as pessoas percebem a natureza em seus elementos isolados, não costumam traçar conexões com o todo simbiótico que ela realmente representa. Fica claro que essa concepção moralista da natureza precisa ser instigada na nossa sociedade atual, que acabou se distanciando dos valores de alguns povos que percebiam a natureza como manifestações de deuses respeitados. É evidente a forma compartimentada de olhar o natural, reforçada pela posição científica cartesiana que, logicamente, repercutiu não apenas na academia, mas nas atitudes e ações da sociedade contemporânea.

Por outro lado, a questão não é apenas a procura, o contato com áreas naturais, neste caso, com a paisagem rural. Aliada a esta procura é preciso identificar se as pessoas se sentem co-responsáveis pela conservação/preservação ambiental, pois assim poderemos acenar ou não com a possibilidade da atividade turística poder aliar-se à educação ambiental e, desta maneira, estimular condutas positivas em relação às áreas naturais. O que se notou claramente nesta pesquisa é que quanto maior o nível cultural, maior a convicção das pessoas de que somente através da tomada de consciência é que poderemos preservar espécies em extinção, deixando transparecer a alta valoração biofílica que as pessoas atribuem a todas as formas de vida. Aqui, cabe uma pergunta: todos reconhecem o valor da vida em todas as suas manifestações, mas, por que percebemos atitudes não positivas de algumas pessoas em lugares do campo? No caso da presente pesquisa, os próprios proprietários admitem que muitos jogam lixo, arrancam flores, rabiscam árvores e matações. Então, como explicar tais atitudes?

Muitos pesquisadores apregoam que as atividades de ecoturismo e turismo rural são estratégias para a educação ambiental, uma vez que, dado o contato dirigido de pessoas com o ambiente natural, há o estímulo para uma nova percepção ambiental. No entanto, na realidade sabemos que o fato de ter contato com áreas naturais e reconhecer que a tomada de consciência é o caminho para uma conduta positiva **no** e **para** o ambiente ainda não é o suficiente, “é como se o órgão do aprender não estivesse conectado ao órgão do fazer” (SOULÉ, 1997, p. 597). Esse fosso existente entre o saber e o fazer há muito vem angustiando cientistas e educadores, organizações não-governamentais e a própria sociedade civil. Como explicar, por exemplo, o fato dos Estados Unidos, um dos maiores poluidores do planeta, não assinar o Protocolo de Kyoto, quando naquele país existem os mais respeitados centros de pesquisa e pesquisadores de renome internacional que apontam para o cataclisma ambiental se não mudarmos nossa postura diante das questões ambientais? Como explicar a valoração que atribuímos à Amazônia se permitimos que, dia após dia, milhares de árvores venham ao chão?

É necessário olhar essas questões de frente e pensar profundamente na nossa pedagogia, porque é claro que estamos falhando em algum ponto. No caso da atividade turística no campo ou em áreas protegidas ambientalmente, embora seja nítido um vínculo topo-biofílico e a replicação de memes altamente importantes para o momento atual, ainda

é necessário considerar a natureza como parte de cada um. Como, então, proceder para alcançar esse objetivo? Será preciso apelar para a inteligência ou para as emoções das pessoas? Soulé (1997) apresenta três dimensões da mente envolvidas na nossa percepção da natureza que, sem sombra de dúvidas, necessitam ser compreendidas para que se avance nesta questão. Num primeiro momento está a dimensão da experiência, que se caracteriza por ser imediata e utilizar o aparato sensorio-neural do sistema nervoso. Apesar de ser imediata ela é rapidamente categorizada, analisada e interpretada na mente, em geral pelos órgãos límbicos e neocorticais do cérebro, atribuindo significados. Dependendo da intensidade das sensações, essas áreas do cérebro detonam respostas emocionais como alegria, medo, pavor, acompanhadas ou não por mudanças fisiológicas, como calafrios, sudorese, lágrimas, entre outros.

Outra dimensão apresentada por Soulé é a valorativa, dominada pela polaridade entre valores utilitários de um lado, e valores intrínsecos (espirituais, éticos, morais) de outro. É a função mental responsável pelos julgamentos e classificações que são parcialmente apreendidos em nossa vida, subsidiando, desta maneira, a nossa conduta. Assim, quanto à natureza, podemos julgá-la se é boa ou má, se necessito dela ou não.

Finalmente, a outra dimensão proposta pelo pesquisador é a científico-analítica, quando a mente percebe a natureza como fenômeno que precisa ser organizado e explicado, fazendo conexões e associações, concebendo os conceitos e as teorias. A esse respeito Machado (prelo) destaca: “o procedimento operacional padrão do intelectual é, portanto, discriminar, dissecar, simplificar, ordenar, controlar, prever, generalizar, reduzindo a variedade infinita das coisas e processos a um número manejável de categorias e a simplíssimos modelos, processos e partes”. Certamente trata-se de uma abordagem reducionista, que é capaz de responder a muitas questões de algumas áreas do conhecimento, mas não dá para negar que somente compreendendo o todo é que conseguiremos ampliar a visão que a abordagem holística exige. Desta forma, fazer ciência, informar a todos sobre a importância da biodiversidade, promover palestras, debates, congressos internacionais, na opinião de Soulé (1997) não basta, mais que isso, é ineficiente e insuficiente. É preciso lidar com as emoções, aprender a motivar, não através das más notícias, pois elas inibem o sistema límbico-emocional, mas com base em experiências agradáveis. Definitivamente é necessário motivar as pessoas e não

simplesmente informá-las, sob pena de conseguirmos apenas conscientizar neocorticalmente, ou seja, cognitivamente, mas sem produzir mudanças de atitudes. A esse respeito Soulé (1997, p. 597) afirma categoricamente:

a hipótese é de que se nossa pedagogia for puramente cognitiva, nossas chances de motivarmos uma mudança de valores e comportamentos são nulas. Não conseguiremos ensinar biofilia (ou seja, o amor a vida) às pessoas (WILSON, 1984), somente com argumentos econômicos e raciocínio ecológico. Precisamos providenciar para que eles tenham experiências límbicas, não apenas neocorticais.

Com relação à biofilia, o próprio Wilson (1984) ressalta que se trata de uma tendência que se manifestará melhor e de forma mais marcada se proporcionarmos ambientes apropriados para o desenvolvimento e para a vida, ou seja, se não for incentivada com experiências afetivas adequadas, a função da biofilia não terá seu pleno desabrochar.

Corroborando com esta posição de Wilson, Soulé (1997) argumenta que há estágios de desenvolvimento no treinamento do sistema límbico, visando estabelecer laços afetivos com a natureza e, infelizmente, fortalecer esse vínculo, no adulto, talvez seja tarde demais. Mas, não devemos perder as esperanças, com os avanços da tecnologia e o uso desses pela medicina, em especial na neurociência, já se vislumbra claramente uma integração do conhecimento entre as ciências biológicas, as ciências comportamentais e as ciências sociais, de forma que as emoções, o raciocínio, a cognição, o pensamento possam ser compreendidos não como elos isolados em nosso corpo, mas como uma perfeita conexão que faz parte do funcionamento do nosso cérebro.

Assim, ao pensar na conduta humana positiva em relação ao meio ambiente em todos os aspectos, não dá para negar que os recursos necessários, tanto econômicos, como científicos e tecnológicos, nós já possuímos. Porém, o nosso sucesso ou fracasso depende de uma visão ética que perceba a natureza não apenas nos seus elementos isolados, como identificados nessa pesquisa, mas acima de tudo como algo que faz parte de cada um de nós e que está inextricavelmente conectado em cada uma das suas partes. De qualquer forma, somos otimistas e, mais do que acreditar na ciência, é preciso acreditar nas pessoas e na sua capacidade criativa de superar as dificuldades, tal como Wilson (2002, p. 208) lembra: “uma civilização capaz de intuir a existência de Deus e iniciar a colonização do espaço

certamente encontrará um meio de salvar a integridade deste planeta e as formas de vida magníficas que ele abriga”.

Palavras Finais

O momento que vivenciamos testemunha vários fenômenos, processos, crises e dúvidas para a humanidade. De um lado temos a ciência e seu desenvolvimento, de outro, milhões de pessoas morrendo de miséria e fome; de um lado, as cidades e a modernidade, de outro, o campo e suas vicissitudes: riqueza, turismo, produção, mas também conflitos, dificuldades econômicas e perdas de safras. São muitos os paradoxos, os sentimentos de ganho e de perda. No entanto, entre todas as mudanças visíveis nessa entrada de milênio, uma é inegável: há uma nova maneira de encarar e de valorizar o ambiente no qual vivemos.

Partindo dessa premissa, a presente tese corrobora com estudos já desenvolvidos, principalmente com Machado (1988, 1996) e Souza Jr. (2001) e, acima de tudo, com os escritos de Wilson (2002), que nos chama para a urgência do despertar da biofilia. Não há dúvida que se trata de um conceito profundo, juntamente com a biofobia, e sua compreensão é, de fato, extremamente importante para nossa interação **no** e **para** o meio ambiente. Vale dizer que causa certa estranheza que se tenha demorado tanto para investigá-la e, por esse motivo, esse estudo é um pequeno passo. Agora, mais do que nunca se deve debruçar sobre ele, traçando paralelos não apenas com a topofilia, conceito amplamente conhecido e entendido, mas também com a topofobia que, neste estudo, não foi investigada.

Para a Geografia Humanista, preocupada com os aspectos mais subjetivos da vida humana e as interações entre as pessoas e a natureza, seus sentimentos e idéias, fica a certeza de que mais um passo foi dado, abrindo um atalho, quem sabe, para uma exploração de novos caminhos, mas sempre somando aos já trilhados, pois como nos diz Machado (1996, p. 151):

o caminhar faz a trilha.



Bibliografia

Bibliografia

ALMEIDA, Joaquim Anécio; BLÓS, Wladimir. “O marketing do turismo rural e o desenvolvimento sustentável”, In: ALMEIDA, Joaquim Anécio, FROELICH, José Marcos, RIEDL, Mário (orgs.) **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papirus, 2000, pp. 75-84

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. “Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais”, In: Del Rio, Vicente; Oliveira, Livia de (org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos/SP: UFScar, 1996, pp. 97-120.

ASSOCIAÇÃO PRÓ-DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE ITU – Prótur, www.itu.com.br/protur, coletado em 22/01/05

BARBOSA, Yacarim Melgaço. **O despertar do turismo: um olhar crítico sobre os não-lugares**. São Paulo: Aleph, 2001.

BOFF, Leonardo. “O ecocídio e o biocídio”, In: SADER, Emir. **Sete pecados do capital**. (org.), Rio de Janeiro: Record, 2000.

BOFF, Leonardo. “Ecologia Social: pobreza e miséria”. Artigo de Opinião, disponível em: www.leonardoboff.com, 2002, acesso em 08/04/05, às 17:50hs.

BUEY, Francisco Fernández. “Crisis ecológica y ética medioambiental”, In: Ética y Filosofía política-A. Disponível em: www.upf.es/uec/buey/etica-a/tema3>, acesso em 05/04/05, às 17:58 hs.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do rio Bonito**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1964.

CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro: políticas públicas**. Jaguariúna, SP: EMBRAPA Meio Ambiente, 2000, volume 04, 176 p.

CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro: uma análise estadual – sul, sudeste e centro-oeste**. Jaguariúna, SP: EMBRAPA Meio Ambiente, 2000, volume 03, 218 p.

CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro: uma análise nacional e regional**. Jaguariúna, SP: EMBRAPA Meio Ambiente, 2000, volume 01, 185 p.

- CASCINO, Fábio. “Pensando a relação entre educação ambiental e ecoturismo”. In: SERRANO, Célia, et. alli (orgs.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2000, pp. 189-206.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Círculo do livro/ Editora Cultrix, 1982.
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.
- CAPRA, Fritjof. **Sabedoria incomum**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CARVALHO, Roberto Machado. “Povoamento da região de Itu: índios, colonizadores e jesuítas”, In: ZEQUINI, Anicleide (et. alli), **Panorama histórico-geográfico do Vale Médio Tietê: 500 anos de Brasil**. Itu (SP): Ottoni Editora, 2000, 130 p.
- CARLON, Robert L. “Property rights and incentives in the preservation of species”, In: NORTON, B. G. **The preservation of species: the value of biological diversity**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1988, pp. 255-267.
- CASTANHEIRA, Paulo. “A inserção da atividade turística na exploração agropecuária”. In: OLIVEIRA, Cássio Garkalns de Souza et. alli.(ed.). **Turismo no espaço rural brasileiro – Anais 3^o Congresso Brasileiro de Turismo Rural**. Piracicaba: FEALQ, 2001.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: CIA das Letras, 1989.
- DARDEL, Eric. **L’homme et la terre: nature de la réalité géographique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.
- DORST, Jean. **Antes que a natureza morra: por uma ecologia política**. São Paulo: Edgard Blucher, EDUSP, 1973.
- DUBOS, René. **Um animal tão humano: como somos moldados pelo ambiente e pelos acontecimentos**. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- ECO, Humberto. **Viagem na irrealdade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ESTEVES, Márcio César. “O Sebrae-SP e o turismo rural no Estado de São Paulo”. OLIVEIRA, Cássio Garkalns de Souza et. alli.(ed.). **Turismo no espaço rural brasileiro – Anais 3^o Congresso brasileiro de turismo rural**. Piracicaba: FEALQ, 2001.

- FLEISCHER, Aliza; FELSENSTEIN, Daniel. “Support for rural tourism: does it make a difference”? Great Britain: **Annals of tourism research**, vol. 27, n. 4, 2000, pp. 1007-1024.
- FOLADORI, Guillermo. “Sustentabilidad ambiental y contradicciones sociales”, In: **Ambiente & Sociedade**, ano III, n. 5, 2^o semestre de 1999, pp. 19-34
- GADAMER, H.G.; Vogler, P. **Nova antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural**. São Paulo: EPU, EDUSP, 1977, 313p.
- GRAZIANO, Chico. “Preconceito contra o campo”, In: **Jornal O Estado de S. Paulo**, Espaço Aberto, p. A2, 24 de junho de 2003.
- HEEMANN, Ademar. **Natureza e ética: dilemas e perspectivas educacionais**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1945.
- IAC- INSTITUTO AGRONÔMICO, www.iac.sp.gov.br, coletado em 20/01/05.
- IANNI, Otávio. **Uma cidade antiga**. Campinas: Área de Publicação CMU/UNICAMP, 1996, 140p.
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, “Perfil do municípios brasileiros”, www.ibge.gov.br/, acesso em 20/01/05, as 15:00 hs.
- IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo. **Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo**. São Paulo, 1981.
- KELLERT, Stephen R. “The biological basis for human values of nature”, In: Kellert, Stephen R.; Wilson, E. O. (eds.). **The biophilia hypothesis**. Washington, DC: Island Press, Shearwater Books, 1993, pp. 42-69.
- KOTLER, P. **Administração de marketing**. São Paulo: Zahar, 1980.
- KRIPPENDDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.
- KURZ, Robert. **O colapso da modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- LIMA, Luiz Cruz. (org.). **Da cidade ao Campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza:UECE,1998.

- LÓPEZ, Álvaro. “Turismo rural con participación sobre bases reales”, In: **ANAIS**, IV Congresso Internacional sobre turismo rural e desenvolvimento sustentável, Joinville: Instituto Brasileiro e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/Ielusc, 2004
- LOWENTHAL, David. “Geography, experience and imagination: towards and geographical epistemology”. In: **Annals of the Association of American Geographers** **51**, 1961.
- LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge, MA; MIT, Press, 1960.
- MACHADO, Alcântara. **Vida e morte do bandeirante**. São Paulo: Martins Editora, 1955.
- MACHADO, Lucy M. C. P. **A Serra do Mar Paulista: um estudo de paisagem valorizada**, IGCE, UNESP, Rio Claro, 1988. (Tese de Doutorado)
- MACHADO, Lucy M. C. P. “O homem no meio ambiente”; In: **Caderno de Filosofia e Ciências Humanas**, ano III, n. 4, abril/ 1995.
- MACHADO, Lucy M. C. P. “Paisagem Valorizada: a Serra do Mar como espaço e como lugar”. In: Del Rio, Vicente; Oliveira, Livia de (org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos/SP: UFScar, 1996, pp. 97-120.
- MACHADO, Lucy M. C. P. **Rastreamento um itinerário geográfico: relato de uma trajetória acadêmica**. Texto que sistematiza a produção científica, Livre-Docência, 1997.
- MACHADO, Lucy M. C. P. “Cognição ambiental, processo educativo e sociedades sustentáveis”, In: **Revista Faz Ciência**, vol. 5, n.1, Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2003.
- MACHADO, Lucy M. C. P. “Paisagem Cultural”, In: AMORIM, O. B.; KOZEL, Salette; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas em Geografia Humanista e Cultural**. Belo Horizonte: PUC/MG, (prelo)
- MAMEDE, Vera Sylvia de Matos Dourado. “Participação e desenvolvimento do turismo local”, In: MARTINS, José Clerton de Oliveira. (org.), **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Roca, 2003
- MARIN, Andréia Aparecida. **Percepção ambiental e imaginário dos moradores do município de Jardim/MS**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Programa da Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, 2003. (Tese de Doutorado)

- MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2001.
- MATURANA, Humberto; Varela, Francisco. **Autopoiesis and cognition: the realization of the living**. Dordrecht: D. Reidel, 1980, 140p. (Boston Studies In the philosophy of science, v.42)
- MONBEIG, Pierre. **Pionners et planteurs de São Paulo**. Paris: Librairie Armand Colin, 1952.
- MOURA, Carmem Lúcia Ludovice. **Guia rota dos bandeirantes**: São Paulo: Divino Espírito Santo Editora, 2004 (Coleção Guias Históricas e Turísticas), 82 p
- MUSEU PAULISTA, “A Convenção Republicana”, www.mp.usp.br, acesso em 16/01/05, às 16:00 hs.
- NARDY FILHO, Francisco. **A cidade de Itu**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1928.
- OLIVEIRA, Lúcia de. “Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica”. **Revista Geografia**, vol. 2, n. 3, 1977, pp.61-72.
- OLIVEIRA, Lúcia de. “A percepção da qualidade ambiental”, In: **A ação do homem e a qualidade ambiental**, Câmara Municipal de Rio Claro, ARCEO, 1983.
- OLIVEIRA, Lúcia de. “Percepção e representação do espaço geográfico”, In: Del Rio, Vicente; Oliveira, Lúcia de (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos/SP: UFScar, 1996, pp.187-212.
- OLIVEIRA, Lúcia de; MACHADO, Lucy Marion C. P. “Percepção, cognição, dimensão ambiental e desenvolvimento com sustentabilidade”. In: Vitte, Antônio Carlos; Guerra, Antônio José Teixeira. (orgs.). **Reflexões sobre a Geografia Física no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, pp. 129-152.
- PELLEGRINI Filho, Américo. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1993.
- PINHEIRO, José Q. “Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor”, In: **Revista Estudos de Psicologia**, v.2, n.2, pp. 377-398, 1997.
- PINTO-CORREIA, Teresa. “A multifuncionalidade da paisagem rural”, In: **Jornal Pessoas e Lugares**, II série, n. 16, jan/fev.2004, disponível em: www.leader.pt, acesso em 10/01/05, às 14:00 hs.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. “Educação Ambiental: criação de saberes e projetos participativos”. In: **Anais** – I Encontro sobre percepção e conservação ambiental: a interdisciplinariedade no estudo da paisagem, OLAM – Ciência e Tecnologia, vol.4, n.1, Rio Claro/SP, abril/2004, pp: 201-213.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1975, 390p.

RELPH, Edward. C. “As bases fenomenológicas da Geografia”, In: **Revista Geografia**, v. 4, n. 7, pp. 1-25, Rio Claro, 1979

REVISTA ACAMPAMENTO. **Publicação Moderna especializada em caça, pesca, campo e náutica**, CURY, Armando (org.), n. 61, São Paulo, s/d.

RIBEIRO, Gustavo Lins; BARROS, Flávia Lessa de. “A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo”. In: SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, Heloísa Turini. (orgs). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Campinas (SP): Papirus, 1997.

RODRIGUES, Adyr A. B.(org.), “Desafios para os estudiosos do turismo”, In: **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo, Hucitec, 1999, 2. ed.

RODRIGUES, Arlete Moysés. “Desenvolvimento sustentável e atividade turística”, In: RODRIGUES, Adyr A. B.(org.) **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo, Hucitec: 2000, 2. ed., pp. 42- 54.

RODRIGUES, Murilo Rogério. **O problema do abastecimento público de água em Itu/SP: uma abordagem geográfica com ênfase nos aspectos climatológicos**. IGCE: Trabalho Final de Curso, 2003.

ROSENDAHL, Zeny; Corrêa, Roberto Lobato. (orgs.) **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: Ed: UERJ, 2001

RUSCHMANN, Doris van de M. “O turismo rural e o desenvolvimento sustentável”, In: ALMEIDA, Joaquim Anécio, FROELICH, José Marcos, RIEDL, Mário (orgs.) **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papirus, 2000, pp. 63-73.

RYBCZYNSKI, Witold. **Vida nas cidades: expectativas urbanas**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem á província de São Paulo**. São Paulo: Martins Editora, 1945, 2. ed.

SAAE- SERVIÇO AUTÔNOMO DE ÁGUA E ESGOTO DE ITU; DGA- DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA APLICADA, **Relatório de Atividades**, FUNDUNESP, UNESP: Rio Claro, 2000

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Edições Afrontamento, 2001, 12.ed. (coleção Histórias e Idéias)

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000, 4. ed., 174 p.

SANTOS, Vera Lúcia dos; MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. “A crise ambiental na sociedade atual: uma crise de percepção”, In: **Revista Estudos Geográficos**, Rio Claro, n.2, v.2, dez./2004, pp.81-86, endereço eletrônico: www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm

SILVA, Gislene. **O imaginário rural do leitor urbano: o sonho mítico da casa no campo**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2000, Tese de Doutorado.

SILVA, Gislene. **O imaginário rural do leitor urbano: o sonho mítico da casa no campo**, In: **Revista Comunicação em Agribusiness& Meio Ambiente**, vol. 1, n. 1, novembro de 2004, endereço eletrônico: www.agricoma.com.br/rev1artigogislenesilva.htm, acesso dia 05/02/05, às 16:30 hs.

SILVA, M. F. da. **Impactos ambientais do ecoturismo: o caso de Bonito – MS**. Curitiba: UFPR, 2002, 202 p. (Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento)

SOULÉ, Michael E. “Mente na biosfera; mente da biosfera”. In: Wilson, E. O. (org.). **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SOUZA JR, Ângelo Martins de. **Cognição ambiental e paisagem relictual: o Parque Estadual de Campos de Jordão**. Rio Claro: IGCE/UNESP, 2001. (Tese de Doutorado)

SOUZA, Marcelino de; SANTOS, Eurico de Oliveira; ALMEIDA, Joaquim Anécio. “Turismo rural: para além da geração de emprego e renda”, In: **ANAIS**, IV Congresso Internacional sobre turismo rural e desenvolvimento sustentável, Joinville: Instituto Brasileiro e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/Ielusc, 2004

STRUMINSKI, Edson. “A ética no montanhismo”, In: **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: UFPR, n. 7, jan/jun/2003, pp. 125-134.

- TALAVERA, Agustín Santana. “O rural como produto turístico: algo de novo brilha sob o sol?”. In: Serrano, Célia, et. alli (orgs.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2001, pp.151-170.
- TELLES, Gonçalo Ribeiro. “A Paisagem é tudo”, In: **Jornal Pessoas e Lugares**, II série, n. 16, jan/fev. 2004, disponível em: www.leader.pt, acesso em 10/01/05, às 14:00 hs.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: CIA das Letras, 1988.
- TROPPEMAIR, Helmut. **Biogeografia e Meio Ambiente**. UNESP: Rio Claro, 2002, 5^o ed.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
- TUAN, Yi-Fu. **Landscapes of fear**. New York: Pantheon; Oxford: Blackwell's, 1980
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- TULIK, Olga. “O espaço rural aberto à segunda residência”. In: Lima, Luis Cruz (org.) **Da cidade ao campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza:UECE, 1998.
- TULIK, Olga. **Turismo rural**. São Paulo: Editora Aleph, 2003. (Coleção ABC do Turismo).
- ULRICH, Roger S. “Biophilia, Biophobia and natural landscapes”, In: Kellert, S. R.; WILSON, E. O. (eds). **The biophilia hypothesis**. Washington, DC: Island Press, Shearwater Books, 1993, pp.73-137.
- URRY, John. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 1999, 2. ed.
- VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.
- VENTUROLI, Thereza. “Dez mil anos de amizade”, In: **Revista Veja**, ed. 1881, ano 37, n. 47, 24/11/2004, pp. 114-123.
- VITTE, Antônio Carlos. “Modernidade, técnica e subjetividade nas relações homem-natureza”. In: **Anais – I Encontro sobre percepção e conservação ambiental: a interdisciplinariedade no estudo da paisagem**, OLAM – Ciência e Tecnologia, vol.4, n.1, Rio Claro/SP, abril/2004, pp:110-119.
- WARD, Bárbara; DUBOS, René. **Uma terra somente**. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

WARD, Peter. **O fim da evolução:** extinções em massa e a preservação da biodiversidade. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

WESTIN, Ricardo. “Sem ter contato com aranha, o fim da fobia”. **Jornal O Estado de S. Paulo**, Caderno Vida &, p. A18, 23 de abril de 2005.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILSON, Edward Osborne. **Biophilia**. Cambridge: Harvard University Press, 1984, 157 p.

WILSON, Edward Osborne. **Da natureza humana**. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1981, 263 p.

WILSON, Edward Osborne. “Biophilia and the conservation ethic”, In: In: Kellert, S. R.;

WILSON, E. O. (eds). **The biophilia hypothesis**. Washington, DC: Island Press, Shearwater Books, 1993, pp. 31-41.

WILSON, Edward Osborne. **Diversidade da vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 427 p.

WILSON, Edward Osborne. **O futuro da vida:** um estudo da biosfera para a proteção de todas as espécies, inclusive a humana. Rio de Janeiro: Campus, 2002, 242 p.

WILSON, Edward Osborne. **A unidade do conhecimento:** consiliência. Rio de Janeiro: Campus, 1999, 321 p.

WILSON, Edward Osborne. **Naturalista**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, 368 p.

WRIGTH, Anne. “Guidelines for field studies in environmental perception”. **Technical notes 5**, Paris: UNESCO, 1977.

XAVIER, Lucy da Silva Sá. **Turismo rural no vale do rio Aquidauana, Pantanal sul-matogrossense:** proposta metodológica para análise qualitativa da demanda turística. Rio Claro: CEA, 2000. (Dissertação de Mestrado)



Anexos

INSTRUMENTO DE MEDIDA

Propriedade:

I - CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

Sexo: M F

Idade:

Escolaridade:

Ocupação profissional:

Cidade em que mora:

Há quanto tempo?

É a primeira vez que vem a fazenda? Sim Não Quantas vezes?

Já frequentou outras fazendas? Sim Não

II- TOPOFILIA/ PREFERÊNCIAS

a) Geral

1. Onde passou a infância?
2. Tinha um lugar secreto?
3. Quais as lembranças mais fortes daquela época?
4. O que gosta de lembrar? Por quê?

b) lugar

5. Quando tomou a decisão de visitar este lugar, o que lhe veio à mente?
6. O que busca aqui?
7. Você gosta daqui?

8. O que mais gosta? Por quê?
9. Se pudesse escolher um lugar ideal para viver, onde seria?
10. Como seria?
11. Para você o que é paisagem rural?
- 12- Olhe a paisagem a sua volta, o que mais chama sua atenção?
- 13- O que lhe agrada?
- 14- O que desagrada?
- 15- Tem lugar preferido aqui? Quais?
- 16- Pretende voltar? Por quê?

III- MANIFESTAÇÕES BIOFÍLICAS/BIOFÓBICAS

a) lugar

- 17- Gosta do amanhecer e do por-do-sol?
- 18- O que sente ao ver e tocar animais?
- 19- Insetos, como aranha, escorpião? Flores? Pássaros? Árvores? Rios?
- 20- Quando encontra sapos, cobras, insetos, como reage? Por quê?
- 21- O que sente ao entrar na mata, ao fazer a trilha?

22- Sente necessidade desse contato? Por quê?

b) geral

23- Se você pudesse decidir, o que faria para preservar espécies em extinção?

24- Você é da opinião que qualquer espécie deva continuar viva? Por quê?

25- Você vê alguma ligação entre o campo e a saúde? Qual?

PROPRIETÁRIOS

Caracterização do sujeito:

Sexo: M F

Idade:

Escolaridade:

Sempre residiu no campo?

Relacionadas ao histórico da propriedade:

Há quanto tempo adquiriram a propriedade?

Qual o tamanho?

Quais as atividades já desenvolvidas?

Atualmente quais as atividades desenvolvidas?

Há quanto tempo a propriedade recebe visitantes e ou turistas?

Qual a procedência da maioria?

Por que decidiu abrir a propriedade a visitantes e turistas?

Quanto aos visitantes/turistas, na sua opinião o que mais apreciam na paisagem rural?

Por quê?

Na sua opinião quais os motivos que levam as pessoas a passear/visitar o campo?

Relativo a pesquisa:

P/ você o que é paisagem rural?

O que ela significa?

Olhando a paisagem a sua volta, o que mais lhe chama a atenção? Por que?

Têm lugares preferidos aqui? Quais? Por quê?

Como você defini a vida no campo?